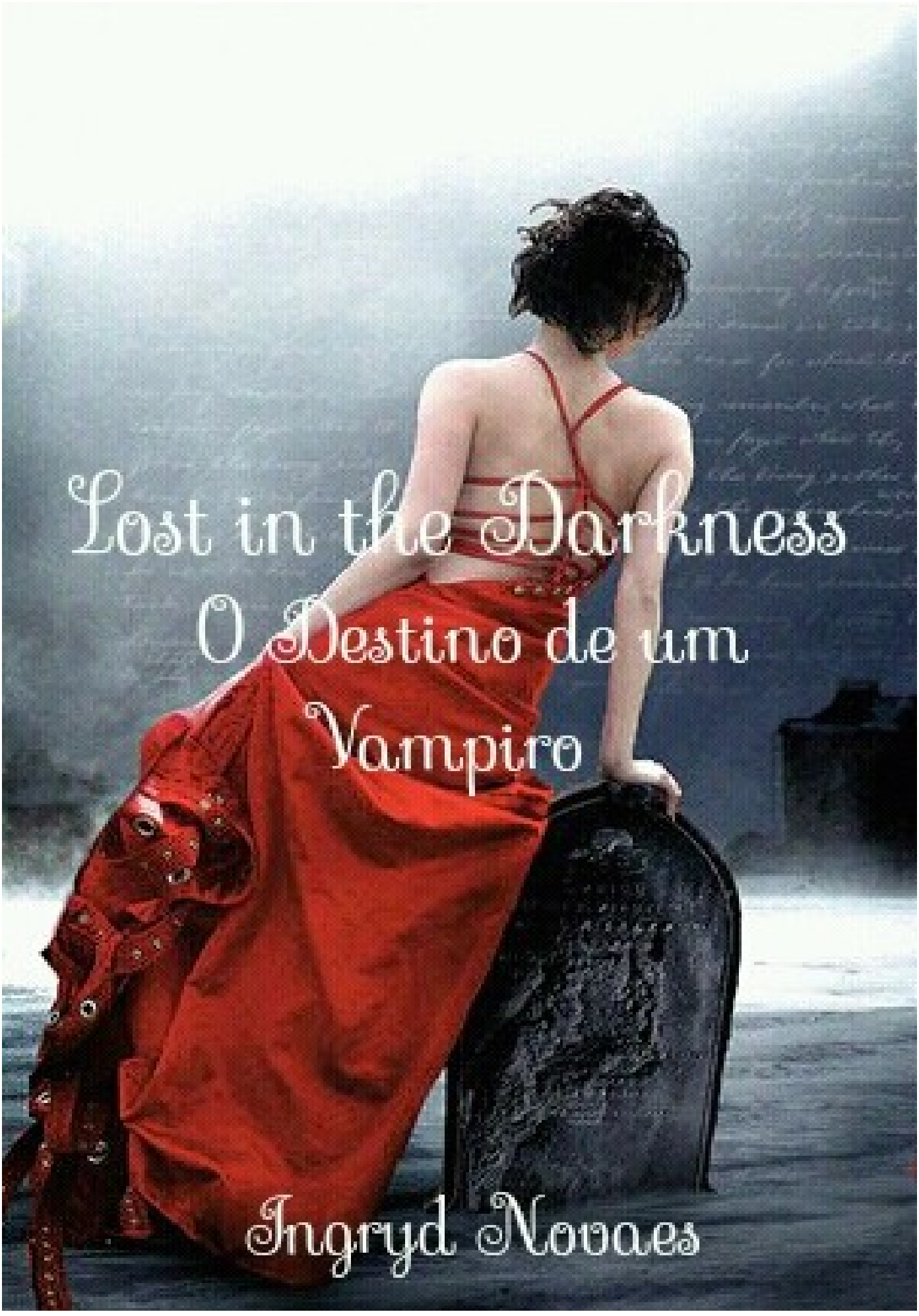
Lost in the Darkness
O Destino de um Vampiro
Ingryd Novaes

O Destino de um Vampiro

~•~♥~•~

Lost in the Darkness - Vol. I
O Destino de um Vampiro

Ingryd Novaes

Edição exclusiva - 2012

Prólogo

Medidas Desesperadas

EUROPA - MURALHA, 1485

Ele corria o mais rápido que seu corpo suportava. Não podia simplesmente desistir. Arfava de medo só em pensar que já poderia ser tarde demais. Sentia no fundo de seu ser que ela deveria ficar com ele, era o certo a fazer. Ela o queria e o sentimento era recíproco. O destino dos dois estava dependendo dele. Suas almas correspondiam um ao outro. Os Deuses podiam ver isso, não podiam? Ele não sabia a resposta.

Só sabia que ela era tudo o que tinha. Não sobraria mais nenhuma razão para viver se a perdesse.

Correu por entre as vielas escuras e com cheiro de esgoto, pulou muros de todas as alturas, correu por cima do telhado das casas deixando moradores irritados para trás... Tudo para poupar o tempo, mas precisava apressar-se mais. Aumentou a velocidade até o ponto em que as pessoas curiosas que o observavam só vissem o borrão de sua figura encantadora. Não ligou para as pessoas. Que olhem!, pensou ele com raiva. Nenhum deles seria capaz de entender o que ele sentia de qualquer modo, pois não possuiam alma como Dave. Jamais conheceriam o amor. Eram uma casca vazia de sentimentos puros e verdadeiros. Eles diriam adeus à suas esposas sem pestanejar quando enjoassem da cara delas, mas Dave sempre amou uma única mulher. Não podia deixá-la partir sem lutar por ela.

Eles se conectavam de um jeito que só em olhar no fundo dos olhos um do outro, sabiam o que estavam pensando. Se comunicavam tão facilmente... Ela pertencia a ele, não ao homem que a levava para o altar.

Lembrou então do dia em que se conheceram e dançaram juntos pela primeira vez. Era a festa feita pelo Imperador, para comemorar o retorno de sua deusa.

Anita havia retornado no corpo da filha de um camponês que vivia em um vilarejo mais ao sul. Saulo fora buscá-la como era dever do filho do imperador. Ele acabou apaixonando-se por ela no momento em que a viu e, momentos antes da comemoração, revelou a Dave, seu melhor amigo, que a jovem deusa lhe roubara o coração. Saulo, como todo vampiro nobre, assim como Dave, possuia alma. Ele não sabia se ela lhe concederia a mão em matrimônio, mas tendo em vista o apoio de seu pai, o Imperador, não teria porquê recusar.

Quando ela desceu a escadaria de mármore polida, naquela noite de festa, o salão voltou suas atenções à ela. Foi então que Dave a viu e, como se sentisse a força de seu olhar, ela virou suas íris azuis translúcidas para ele. Seus olhos se prenderam para nunca mais se separarem.

Saulo a cortejou durante toda a festa, mas ela mal o ouvia, pois procurava o homem que lhe chamara a atenção e do qual nem o nome sabia.

Encontrou-o próximo a uma das portas laterais que davam para o jardim, chamando-a para ir com ele. Inventou uma desculpa qualquer para se livrar de Saulo e foi em busca do desconhecido.

— Perdida, jovem dama? — perguntou ele. Ela entrou em seu jogo de cortejo, timidamente feliz.

— Sim, oh, doce cavalheiro. Poderia oferecer-me sua ajuda? — indagou ela, erguendo as sobrancelhas finas e delicadas.

— Claro. — Dave sorriu. — Vamos caminhar a beira do lago e assim, a senhorita me conta como veio parar no meio da sociedade vampira. Queira acompanhar-me, minha deusa.

— Sob a condição de não me chamares de deusa, eu decerto aceito seu convite — murmurou ela com um sorriso doce nos lábios.

— E qual seu seria seu nome?

— Anita Blair.

— Sou Dave Thorton e é uma honra desfrutar de sua compania esta noite.

Eles calaram-se por fim e caminharam até a beira do lago de águas cristalinas à luz da lua em sua fase crescente. Dave reparou na beleza de Blair. Seu rosto era pequeno e oval, de feições suaves e angelicais. Pele clara e um cabelo negro de um brilho violeta surpreendente, como se uma luz roxa incidisse constantemente sobre ele. Seus olhos eram azuis translúcidos e cheios de mistérios sobre sí mesma, com uma aura de benevolência e integridade. Ela definitivamente era a reencarnação da deusa Anita, protetora dos vampiros.

Ela tambem reparou na beleza de Dave. Em seu cabelo preto de um escuro frio, em sua pele levemente pálida, em seus olhos negros com a tão conhecida borda vermelha dos vampiros que desaparecia completamente conforme a vontade, em seus braços fortes, sua maneira cadenciada e segura de andar... Eram tantos os detalhes daquela criatura perfeita que ela só conseguiu ficar olhando para ele, e quando percebeu que ele também a observava, desviou os olhos envergonhada.

— Nunca viu um vampiro assim tão de perto, não é? — perguntou Dave curioso. — Como descobriu quem você é?

— Eu, durante toda minha vida, sabia que os vampiros existiam e meu pai, rigoroso, exigiu que eu guardasse este segredo — começou ela. E a súbita vontade de desabafar a compeliu a falar mais. — Ele sabia quem eu era, a deusa das lendas... Meu pai casou-se com uma vampira, por isso sabia de tudo. O vilarejo não acreditava na existência desses seres sombrios, mas sabiam que feiticeiros existiam. Havíamos os visto certo dia. Foram expulsos do vilarejo imediatamente. Uma vizinha foi nos visitar em uma noite de lua nova e bisbilhotanto uma coisa e outra, encontrou um livro um tanto suspeito e achou que minha família pertecia à uma hera de bruxos, feiticeiros, ou algo parecido com isso. Acabaram queimando um humano inocente e uma vampira. Mataram meus pais em praça pública e me obrigaram a assistir enquanto os queimavam... Foi horrível — falou Blair com a voz chorosa. Sentiu-se aliviada por finalmente poder conversar sobre aquele assunto doloroso com alguém. Ainda era difícil lembrar-se dos dias que seguiram os acontecimentos.

— O que aconteceu depois?

— Prenderam-me na masmorra que eles mantiam. Chamaram um grupo de estudiosos forasteiros para estudarem sobre mim, descobrir o que eu "podia" fazer. Assim que eles conseguissem algo, mandariam me matar. Antes disso, Saulo buscou-me e tirou-me de lá. Serei eternamente grata a ele.

Dave sentiu uma pontada de ciúme. Saulo a pediria em casamento e ela aceitaria em forma de agradecimento, ele sabia. Não poderia permitir que ela se apaixonasse por seu melhor amigo, a queria para sí. Sentiu dor por trair Saulo, mas não conseguia resistir à força que o prendia à ela. Puxou-a para seu corpo e dançaram à beira d'água. A lua iluminando-os magestosamente. O amor nasceu em pleno outono.

O vestido vermelho com rendas pretas de Blair esvoaçava conforme giravam. Pareciam flutuar, os pés mal tocavam o chão. O vento soprou em seus rostos. Beijaram-se silenciosamente e sorriram, cúmplices um do outro.

Os sinos da igreja tocaram, tirando Dave de seus devaneios, trazendo-o para o momento presente. Escancarou a porta de madeira esculpida a mão e olhou para as pessoas presentes na igreja e para Blair ao lado de Saulo no altar. Estava tão linda vestida de branco que Dave se imaginou alí ao lado dela. Ela sorriu brevemente ao vê-lo, mas sua feição passou para preocupação ao ouvir as palavras de Dave.

— Eu reinvidico Blair em matrimônio, propondo uma disputa de posse com Saulo Ignoro, seu atual noivo.

Saulo sorriu, mascarando a mágoa no fundo de seus olhos castanhos.

— Aceito. E que o melhor sobreviva.

Capítulo 01

Olhos Vermelhos

"A não realidade era escura e não doía tanto."
Amanhecer - Stephenie Meyer

Estados Unidos - Denver, Séc. XXI

— Isso não está funcionando — avisou Emily, sentada ao lado de Sônia. Sua cadeira estava tão inclinada na direção da dela, que Sônia se perguntou como ela ainda não dera de cara com o chão.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou Sônia, virando o rosto para a frente novamente e olhando para o palco, procurando algum erro na peça improvisada que assistiam na aula de teatro.

— Bom, observe mais a srta. Margaret e menos o Andy Duval, sim?

O tom de cumplicidade e humor na voz de Emily não deveria irritar Sônia, mas irritava. Ela sabia que Andy era o garoto mais espetacular que conhecia — gentil, atlético e engraçado — e sabia que Emily queria vê-los juntos. Porém, era esse o problema.

Porque era tão obviamente clichê o que aquilo parecia: uma melhor amiga fazendo seu papel de intermediária em um romance entre dois adolecentes que rumava a trágicos problemas e lágrimas desesperadas no fim do dia. Um clássico na vida juvenil, e isso a irritava. Não queria ser mais uma das garotas que foram abandonadas pelo garoto do time de futebol que saíra com a patricinha do colégio no lugar dela, muito menos o assunto mais comentado nos corredores durante o intervalo entre as aulas. Ela era diferente, sabia disso, e sabia que não deveria se envolver com aquele tal de

Andy porque o estranho de seus sonhos/pesadelos viria algum dia. Agarrava-se desesperadamente à essa esperança.

Mas ainda assim era difícil não se sentir atraída por ele.

Mesmo assim, desviou sua atenção da peça — de Andy — e focou na srta. Margaret após um leve suspiro entediado. A professora da aula de teatro tinha cabelos ruivos, pele cinzenta e enrrugada, mas ainda parecia jovem em seus quarenta e sete anos. Escondia todos os seus pensamentos atrás dos óculos meia-lua. Seu rosto estava sereno, neutro.

— Ela parece normal para mim — disse alguns segundo depois, após cuidadosa análise.

— Ainda bem que eu sou melhor observadora do que você. Preste atenção, Sônia. Não está vendo que ela está apertando o lóbulo da orelha?

— E o que isso tem a ver?

— Hello! — Emily praticamente cantou em seu sussurro baixo. — Ela é mestra na arte de atuar, logo sua expressões não condizem com o que ela de fato está sentindo. Porém, para minha sorte, o corpo precisa se espressar de alguma forma. E ela sempre fica mechendo na orelha quando está insatisfeita com algo.

— E isso é importante por quê...? — instigou Sônia, induzindo Emily a continuar.

— Porque eu sempre reajo mal quando algo que eu faço para a aula dela não é bem aceita. Você sabe que sou louca por teatro, eu precisava de algo que me ajudasse a me preparar para o que a srta. Margaret vai dizer. Às vezes, ela não é lá muito educada, sabe...

— Então isso significa que Andy e todos os outros estão... encrencados?

— Eu não colocaria nesse termo, mas pode ser esse também.

Com outro suspiro, Sônia voltou a olhar para o palco. Andy estava vestindo uma roupa de época, encontrada as pressas no acervo do teatro. Interpretavam "A Megera Domada", de Shakespeare. E pelo modo como a srta. Margaret parou a peça pela metade, Sônia diria que Emily acertara no que dissera.

— Parem! Está ridículo. Brittany, você não tem vocação para essa aula, nem sei porquê está aqui — reclamou ela.

— Ah, eu sei porquê ela está aqui. Para fazer par com o Andy — acrescentou Emily, para só Sônia ouvir.

— E mais... Laura, esse seu texto está... despresível! Tem certeza de que leu realmente a obra de Shakespeare? Porque pelo seu improviso, eu diria que não. E Andy, você se salvou querido, meu parabéns — finalizou a srta. Margaret.

— Ah não, até ela tem uma queda pelo Andy? Ela sabe que romances entre professores e alunos não são nem um pouco aceitáveis, né? — exclamou Emily.

Sônia revirou os olhos.

— Se acalme, ela só está elogiando o único que foi bem sucedido nessa palhaçada toda. Não procure maldade onde não tem, Emily.

— Sônia, não sei como você resiste. Há uma fila de garotas esperando Andy convidá-las para sair e você sequer se candidata?

— Pra quê eu faria isso? Não sou do tipo que corre atrás de homem.

A professora dispensou os alunos naquele momento. Sônia e Emily se levantaram de onde estavam sentadas, com suas mochilas no ombro.

— Poxa, obrigada pela parte que me toca!

— Desculpe, Emily. Se você quer um namorado, lute por um, mas não me jogue em cima de ninguém porque você acha que é o melhor para mim. Se Andy se interessar por mim, vai ser sem nenhuma influência alheia, tipo da minha melhor amiga, e sim por uma decisão que ele mesmo tomou.

Com um resignado suspiro, Emily aceitou os termos de Sônia, o que fez com que ela relaxasse a postura.

Mais a frente, no corredor empilhado de pessoas, um garoto negro, em sua cadeira de rodas, seguiu em direção à Sônia, parando quando chegou perto o suficiente das duas e as acompanhando para o almoço. Seu cabelo ralo e olhos escuros davam a Kevin uma beleza não comum, já que, no norte, a maioria das pessoas eram de pele e olhos claros, acompanhados de cabelos também claros, assim como os de Emily.

No verão passado, ela cortara seus longos e loiros cachos, deixando-os bem curtos. Agora, ela só ia aparando-os, matendo o corte. Já estavam na altura dos ombros, combinando com seus olhos amanteigados.

— Isso não é vida! Estou pensando seriamente em trazer a comida da minha mãe para cá. Qualquer coisa é melhor do que essa gororoba que estão servindo na cantina — resmungou Kevin.

— O que houve dessa vez? — perguntou Sônia.

— Ah, o diretor mudou o cardápio da semana outra vez. E isso está deixando as coisas cada vez piores. Eu passei em frente ao refeitório, e em vez de uma fila de gente querendo comprar o almoço, eu encontrei foi uma fila pra sair de lá. Nem quero imaginar o que há dessa vez.

— Pois eu imagino por você — disse Emily. — Que tal uma porção de frutos do mar bem mal cozinhados e horrivelmente temperados? Ou melhor, uma suculenta picanha que ficou pronta à três dias?

— Não diga uma coisa desas, Ems. Você sabe que eles não podem fazer isso!

— Eu sei, Sônia, mas é o que o gosto aparenta. É tão difícil mudar o cardápio, deixar as coisas mais saudáveis, sem que o gosto fique parecendo comida vencida que estava na promoção?

Diante do improvável e deplorável tema da vez, Sônia acabou rindo daquela conversa absurda. Era completamente ridículo discutir sobre a alimentação servida pela escola quando havia uma lanchonete no outro lado da rua. E foi para lá que os três — Sônia, Emily e Kevin — foram almoçar e aproveitar a última pausa do dia. Daqui a algumas horas, eles estariam livres para ir para casa e combinarem algo para fazerem mais tarde. Um cinema, um mini-campeonato de jogos de tabuleiro na casa de Emily, ou uma festa perto do riacho... Não importava, o dia estava lindo para ficar em casa e surtar como Sônia costumava fazer. Hoje, ela queria se divertir. Os problemas pessoais, enfrentaria depois.

~•~♥~•~

O carro corria em alta velocidade, o sol batendo de encontro contra o vidro escuro. Há muito tempo, ele perdera o medo de andar no sol; mais uma vantagem de se possuir uma alma. Mesmo assim, comprara o carro com os vidros fumês mais escuros que encontrara. Era impossível negar que só os meros raios solares o incomodavam por dentro, como se estivesse na mira de uma arma

que não o machucaria.

Já havia resolvido tudo desde que saira da muralha. Ele era um dos poucos que sabiam se virar no mundo humano sem que precisassem recorrer a alguma coisa extra para orientá-los. Acabou aprendendo o modo como os humanos viviam e agiam em grupo ao decorrer dos anos enquanto procurava uma forma de trazê-la de volta. Ele sucumbiu ao tempo e a angústia quando não encontrou nada.

Ah, o momento em que pensou que estava tudo perdido! Seu amor por ela era tão forte e avassalador... Agora ele tinha uma missão a cumprir com êxito e o mais rápido possível. A última coisa que ele queria era deixar Saulo muito tempo com Blair.

Há séculos, decidiram parar com aquela maldita disputa — de que adiantava? Ela caira no Sono de Pandora — de onde poucos conseguiam voltar. Mas, diante de seu retorno eminente, os ciúmes retornaram com mais força. Ele a salvaria e ela seria dele para sempre — era o que ele repetia a sí mesmo.

O toque conhecido causou um estranho impácto em seu coração, quase como se já soubesse quem era.

E tinha razão.

Ele pegou o celular no bolso de sua calça jeans. Ele estava vestido feito um adolescente, com sua blusa pólo e seus... óculos escuros — pelo menos até se alimentar. Depois de anos de experiência, ainda era complicado controlar a aparência estando com fome.

— Alô — disse Dave. — O que houve, Karina? Ela está bem? — Ele se preocupava com ela, estando assim tão longe e sem poder vê-la.

— Olá, Dave. Eu estou bem, obrigada por perguntar — disse Karina, retoricamente.

— Desculpe. Como vai, Karina? Tudo bem com você? — Dave disse as últimas palavras com ênfase.

— Agora melhorou.

— E ela?

Do outro lado da linha, um suspiro de desistência.

— Está na mesma. Saulo está com ela, fazendo sabe-se lá o que.

— Como assim? — falou ele, muito lentamente, controlando-se para não freiar o carro bruscamente e fazer a volta.

— Eu não sei, estou ligando para avisá-lo. Ele pediu aos empregados para trazerem toalhas, uma faca de prata e pedrarias, um pouco de sangue do estoque pessoal dele... e velas.

— O que ele pretende?

— Jura que você não se lembra do que acontece quando um vampiro quer usar esses materiais?

Então Dave sabia o que estava acontecendo, o que Saulo queria. E quem se importa? Ele mesmo não pensara nisso anos atrás?

Só que ele se importava.

Condená-la a essa vida só para que ela retornasse era muito egoísta. Uma deusa não podia viver como seus suditos, sequer se misturando com eles. Por anos e anos, ela fora idolatrada, mas somente aqueles com alma puderam conhecer sua face encantadora.

Ela não poderia ser transformada sem sua alma para rendê-la depois.

— Pare ele agora! Se necessário, arrebente a porta. Isso não pertubará o sono dela.

— Tudo bem.

A linha ficou muda, com aquele bipe irritante indicando o fim da chamada.

Se fosse possível, Dave pisaria ainda mais no acelerador, mas o carro já estava no máximo da velocidade.

Dave estava perto de seu destino.

~•~♥~•~

O sol não estava tão forte quando Sônia chegou em casa. Seu moletom fora suficiente para proteger sua pele dos raios solares. Já na sala, ela largou a mochila no chão, próximo ao sofá, abaixou o capuz e puxou o moletom de seus braços, deixando-o cair lentamente.

O silêncio era ensurdecedor. Não havia ninguém em casa. A mãe provavelmente fora buscar Kelly e suas amigas na escola, que ficava a míseras quatro quadras de casa, e levá-las as costumeiras compras de sexta-feira. Elas nunca a chamaram para esses programas em família e amigos. Não que ela quisesse ir. Só era importante se iludir em pensar que se importavam com ela. Que apesar dela não ser a garotinha perfeita que nem Kelly, tinha alguma importância.

Mas acreditar nisso exigia um esforço tremendo. Era mais fácil ignorar.

Diante do vazio da sala, pegou a mochila e subiu para o quarto, trancando-se lá dentro. Não passou pela cozinha, como costumava fazer. Ainda estava cheia do almoço que comera na lanchonete junto de Emily e Kevin.

Não queria surtar, mas precisava. Era viciante o modo como se sentia melhor estando no mundo das ilusões, embora ela o achasse assustador quando era pequena. Sua adorável loucura sem sentido. Não tinha esse tipo de sonho há muito tempo, ele havia voltado recentemente. Ficara amedrontada no início, mas agora, aquele tipo de psicose havia ganhado um cunho completamente diferente.

Caiu no tapete felpudo cinza de seu quarto, e em seguida deitou-se confortavelmente sobre ele. O teto pareceu girar e cair em um ângulo estranho. Olhou para os lados e de repente não estava mais em seu quarto.

Havia pessoas elegantemente vestidas ao seu redor e a cumprimentavam educadamente, fazendo-lhe uma reverência. A maioria dos casais dançavam e giraravam trocando de par de tempos em tempos. Vestidos esvoaçantes roçavam no piso de mármore polído, saltos marcavam os paços. Tudo muito bem cronometrado.

Foi então que Sônia sentiu aquela presença familiar atrás dela, mas não se virou. Ficou tensa e com o pulso acelerado. Era medo misturado com intensa curiosidade e fascínio. As mãos dele se fecharam em torno das dela, guiando-a para um canto mais afastado do salão.

— Não deveria estar aqui com você, mas fico feliz quando estou em sua companhia — sussurrou ele em seu ouvido.

— Também fico — assegurou ela. Hesitou por um breve momento, mas depois expôs a dúvida que martelava em sua cabeça. — Que lugar é este?

— Esqueceres? — surpreendeu-se ele.

— Não responda uma pergunta com outra — repreendeu ela.

— Algumas perguntas não precisam ser respondidas. Só... sinta a resposta, mesmo que não a conheça. Um dia, irá saber.

Então ele virou-a de frente para sí, trazendo-a para seu peito. Conduziu-a em uma dança lenta e envolvente. No meio de tantas pessoas vestidas para um baile, sentiu-se em casa — sentimento há muito esquecido.

E como sempre, o rosto de seu acompanhante era incerto, indefinido. Mas seus olhos eram e sempre seriam os mesmos. Aquela borda vermelha, os cílios grossos e ascendentes... Foram aqueles olhos que a conquistaram a princípio, mas agora, mesmo sem vê-lo por completo, ela sabia: ele era diferente de todos os garotos que já conhecera, de uma maneira inteiramente diferente.

E isso era encantador.

Então o sonho deu uma guinada estranha. Estava envolta em sombras, dentro de um círculo de fogo com chamas altas e perigosas. Gritou, buscou por ele. E nada viera de volta. Estava sozinha no meio do grande vazio de sua própia mente.

E da escuridão, três palavras abafadas a assustaram mais do que se tivessem sido gritadas.

— Você me roubou.

Acordou assustada e gritando a plenos pulmões, como a louca que era. Se sua família estivesse em casa...

Ficou aliviada ao ver que estava tão sozinha agora quanto quando chegou. Não conseguia sequer pensar no que sua mãe faria se descobrisse que voltara a ter surtos psicóticos.

Nunca voltava bem quando vinha daqueles surtos, nunca era ela mesma. ao mesmo tempo que era. Uma sensação estranha possuía seu corpo, como se ela estivesse vivendo em um outro tempo. Parecia outra pessoa às vezes, completamente diferente e igual ao mesmo tempo. Esse sonho havia terminado de uma forma aposta ao casual, e ela sequer sabia o porquê.

Ainda tonta, ficou sobre seus pés e andou com dificuldade até o banheiro. Olhou a sí mesma, no espelho; seu rosto pequeno emoldurado por cabelos negros com aquele estranho e bonito reflexo avermelhado, seus lábios rosados, seus olhos azuis de uma transparência invejável, sua pele clara... E mesmo reconhecendo cada traço de sua pessoa, não se sentia a vontade com o que via.

Era como se seu cabelo, que começava liso na raiz e ia ganhado leves cachos nas pontas, seus olhos, sua boca... Como se nada daquilo fosse realmente seu, embora a pertencesse de fato.

Era uma estranha para sí mesma.

Ligou a torneira e encheu a banheira de água gelada. Enfiou-se dentro dela, de roupa e tudo, afogando-se, deixando-se ser levada pelo esquecimento. Fechou os olhos, e segurou os ar em seus pulmões.

Emergiu rapidamente após alguns minutos, ofegante. Mas não foi falta de ar que a fez retornar, e sim os olhos escuros emoldurados por uma sinistra borda vermelha que a assustaram. Podia jurar tê-los vistos logo acima d'água. Com medo, olhou ao redor no banheiro e agradeceu mentalmente por não encontrar nada fora do comum. O exterior estava na mesma que a três minutos atrás, era seu interior que precisava de ajuda. Mas isso não significava que ele quisesse.

Lentamente, foi se acalmando, normalizando a respiração. Saiu da banheira e se livrou das roupas molhadas, deixando-as jogadas no piso do banheiro, e enrrolou-se em uma toalha limpa e seca.

No quarto, abriu o armário e tirou uma muda de roupas limpas, ainda com cheiro de amaciante. Nada muito complicado, só uma regata básica, com uma camisa de mangas por cima que marcava suas curvas e uma jeans. Ficou descalça mesmo, sentindo os pelos do carpete cinza sob seus pés.

Pegou a toalha novamente e secou seus cabelos que perdiam quase toda aquela vermelhidão quando molhado. Com a escova, somente desembaraçou e deixou que se ajeitassem sozinhos, dando à ela, um charme natural.

Sentou-se na escrevaninha e ligou o computador.

A maior parte de seus amigos estavam online nas redes sociais, mas ela só queria falar com uma pessoa;

Marco Hussett.

Pai — escreveu ela, feliz por finalmente conseguir contato depois de semanas sem trocarem uma palavra.

Oi, minha filha — respondeu ele. — *Como está? As coisas estão bem por aí?*

A mamãe e Kelly sairam, o senhor sabe. Sexta-feira.

Ah, claro. Havia me esquecido disso.

E comigo... — Sônia hesitou por um breve momento. *Diga a verdade*, disse a sí mesma. — *Aqueles surtos que eu costumava ter quando pequena... voltaram.*

Marco levou mais tempo do que de costume para escrever.

E como você tem agido?

Faço o que o senhor sempre me aconselhou a fazer. Fico deitada enquanto aguardo o sonho acabar — não era mentira. Sônia só omitiu o fato de que gostava de estar no mundo das ilusões de vez em quando. Fazia mais sentido do que realidade.

E tem melhorado? — perguntou Marco.

Não, a frequência é mesma. Sempre.

Estão mais frequentes então?

Sim. Não precisa mais se preocupar, papai. Já sou bem grandinha para saber quando é e quando não é real. — Sônia suspirou e voltou a digitar. — *Parece até uma viagem no tempo, sabe? Eu percebo isso pelas coisas que vejo, no modo das pessoas se vestirem... Não é ruim, exatamente. Só não é normal, mas tudo bem.*

Não se preocupe, vai melhorar. — assegurou Marco. — *Mudando de assunto... Lembre sua mãe de pegar a Carrie no aeroporto amanhã.*

Ela chega que horas? — a ansiedade cresceu dentro de Sônia.

Por volta das duas da tarde. Cheguem no mínimo meia hora antes, o.k.? Eu nunca sei o que acontece com esse horários. Alguns voos se adiantam, outros atrasam...

Pode deixar, eu aviso.

Cuide-se.

O senhor também. Estou com saudade — escreveu ela com sinceridade.

Também, minha filha. Logo, voltarei para casa, e você poderá passar uma temporada comigo. O que acha?

Maravilhoso — Sônia sorriu.

Te amo, minha filha.

Idem!!!!

Rsrs, até logo.

Tchau, pai.

E Marco ficou *off-line*. Sônia suspirou, e se perguntou se demoraria muito para seu pai voltar

para a cidade.

Como empresário, seu pai viajava muito e nunca ficava mais do que algumas semanas uma cidade. Como resultado disso, não possuia endereço fixo, e isso era uma lástima. Privava Sônia da pessoa que ela mais amava e de quem mais sentia falta. Seu pai a entendia melhor do que ela a sí mesma, e isso era surpreendente.

Mas para seu alívio, Carrie chegaria amanhã. Sua melhor amiga se voltaria para Denver e continuaria na mesma escola que ela. Seria recebida em sua casa, onde ficaria por mais ou menos três meses, até que sua mãe voltasse das férias prolongadas. E depois, seria a vez de Marco tirar férias do trabalho e voltar. Elas se mudariam para a casa que ele compraria, e tudo ficaria bem.

Era o que desejava.

~•~♥~•~

Três batidas muito irritadas na porta não pertubaram Saulo. Ele queria fazer uma coisa, planejara vencer sobre Dave. Mas agora, olhando o rosto sereno de Blair... Vendo o vazio em seu rostinho pequeno... Nem mesmo a curva que aparecia sempre que ela ria e que agora estava ausente, ou o brilho de seus olhos azuis, até mesmo o reflexo violeta que seus cabelos negros costumavam exalar... Nada disso tinha mais vida. Blair nunca parecera tão morta quanto agora.

Saulo só entendeu que estava chorando quando uma de suas lágrimas sangrentas caiu na pele pessegosa de Blair. Ele se iludiu, pensando ter visto um leve tremular em suas pálpebras, mas sabia que era mentira. Naquele estado, Blair jamais conseguiria se mexer.

E quanto ao seu plano idiota, parou na metade do caminho. Chegara a cortar a palma da própia mão, mas não teve coragem de derramar seu sangue na boca de Blair.

Ela iria querer isso?, perguntou ele a sí mesmo. Só espero que aquele idiota do Dave faça algo de útil dessa vez e traga ela de volta pra mim.

— Não se preocupe, meu amor. Dave vai dar um jeito de salvá-la. Você vai ficar bem. E se ele falhar, eu dou o meu jeito — assegurou ele, falando para a quase-morta Blair Marshall.

As batidas aumentaram ainda mais. Com mais força e mais intencidade, como se quisessem derrubar a porta.

— Por favor, Sr. Saulo, abra a porta. Não pode fazer isso com Anita! Sr. Saulo! Dave está muito irritado, já sabe o que está acontecendo. Será proibido de vê-la se não sair agorinha daí! Sr. Saulo Ignoro, não estou brincando. É melhor você sair — avisou karina, com um forte sotaque britânico.

Saulo levantou-se da cadeira, que estava perto da cama, para abrir a porta de madeira que fora forrada por belos detalhes em ferro.

Karina entrou, passando por ele feito um furacão. Apressou-se em chegar a Blair e cheirar seu pescoço. Seu sangue ainda estava puro.

Girando o vestido verde escuro renascentista que usava, virou-se para Saulo com um olhar exasperado.

— Vamos conversar no jardim e deixar a deusa Anita ter seu sono em paz — disse ela.

Saulo não teve escolha, a não ser acompanhá-la. Entendiado, seguiu-a pelos corredores.

Era impressionante o quanto vampiros gostavam de ferro. Em todos os cantos, sejam paredes, vidraças ou portas de alvenaria, sempre havia algum detalhe muito bem trabalhado em ferro puro.

No meio do caminho, encontraram uma das serviçais do castelo. Karina pediu a ela que trouxesse uma toalha banhada em água gelada para Saulo e assim, o corte em sua mão, feita pela faca de prata, desapareceria.

O jardim era um espaço amplo, cheio de flores vermelhas, brancas, roxas, azuis... Todas as variedades de flores que pudessem se adaptar ao solo. As favoritas do reino eram as tulípas e as orquídias, pelo simples fato de que eram elas que Blair mais amava.

Todos sentiam falta de Anita.

Demorou anos para que a deusa dos vampiros retornassem em mais uma reencarnação, e mais alguns anos até que se tomasse conhecimento de seu retorno. Foi sem igual a alegria dos vampiros ao saberem que a deusa fora encontrada. Para quem não podia sentir nada de bom, o amor voltado para Anita era uma contradição.

— O que você estava pensando? — perguntou Karina. Sua voz era de puro assombro e repreenção ao mesmo tempo. — Não tem ideia do que faria a ela se a transformasse agora? Ela está sem a alma, Saulo. Dividida entre dois mundos. Isso jamais aconteceu, não sabemos das consequências!

— Amo Anita, jamais faria mal algum a ela — Saulo tentou defender-se, mas não tinha argumentos tão fortes quanto os que Karina tinha.

— Sei que a ama, mas nós não podemos correr nenhum risco quanto a Blair! Ela é a nossa deusa, reencarnação de Anita. Sabe o quão zangado nosso povo ficaria se algo acontecesse a ela? E mais, se ela virasse uma vampira agora, eles fariam perguntas! Se eles descobrirem que pretendemos matar a nova reen...

— Nem sei como se importam! — resmungou Saulo, interrompendo Karina. — São um bando de cascas vazias.

— Eles podem até não ter sentimentos, afinal, não possuem alma, mas... Ela é importante, sabe disso. Anita deu a vida para nos proteger. É mais do que nosso dever retribuir. Ela nos amou e cuidou de nós quando todos os outros deuses pretendiam nos exilar. Não somos seres que fiquem exatamente a vontade de servir de escravos para eles, não é?

— Não precisa me contar nada, já sei a história.

— Mas às vezes, você parece esquecê-la. Você já não vê mais Blair como a deusa Anita, portetora dos vampiros, e sim como a mulher com quem você quer se casar desesperadamente porque teme que seu melhor amigo fique com ela — acusou Karina, disparando palavras sem pensar no quanto elas poderiam machucar.

— Dave não é mais meu melhor amigo. Ele roubou o afeto dela de mim. Eu a ví primeiro — novamente, Saulo tentou defender-se. Mas quanto a isso, ele não se importava em convencer ninguém porque acreditava firmemente no que dizia.

— E ela também o viu, mas não foi por você que ela se apaixonou. Essas coisas acontecem, Saulo. Cuide dela como é seu dever, como filho do imperador, e depois que Dave cumprir a missão dele, Blair estará de volta e então...

— E então meu pai seguirá com os planos de casamento — interrompeu ele.

— Não! Deixe que ela escolha. Foi por causa desse casamento idiota que ela ficou assim para começar. É necessário um grande conflito sentimental para cair no Sono de Pandora — disse Karina, relembrando do momento em que Saulo entrara pela porta do castelo, todo ensanguentado após a

batalha de disputa. Blair deve ter achado que Dave morrera e então, dividida entre tantos sentimentos, se entregara a única coisa que daria a ela um pouco de paz — o Sono de Pandora.

— Sinto muito, mas jamais deixarei Blair livre para Dave. Ele me traiu, e agora me verá como marido da mulher que ele ama.

Saulo saiu batendo o pé, irritado. Ele tinha tomado aquela decisão no momento em que a conhecera. Agora, era uma questão de honra. Roubaram algo que ele declarara posse, e pretendia recuperá-la. Era dono de seus afetos. Blair não poderia sequer dirigir a palavra para aquele infeliz do Dave a partir do momento em que eles subissem no altar novamente.

Mas primeiro, o idiota tem que cumprir sua missão.

~•~♥~•~

O celular tocou baixo, soando pelo cômodo quase vazio. Sônia abriu os olhos lentamente, se vendo no escuro total do quarto.

Já anoiteceu?, perguntou ela a sí mesma.

Virou o rosto de lado e olhou o relógio na mesinha de cabeceira. Sete horas da noite. Estava cedo para Sônia dormir. Seu breve cochilo fora apenas para recuperar as forças que havia perdido ao surtar. Essa era a parte que ela odiava.

O celular tocou novamente.

Espreguiçando-se, tateou a cama, em busca do aparelho. Não fazia muito tempo, sua mãe em uma atitude surpreendente, se lembrara do aniversário de Sônia e dera a ela um daquele celulares modernos com nomes complicados do qual nem se importara de decorar. Se o aparelho funcionasse, já era suficiente. É claro que a atidude da sra. Hussett fora algo a ser levado em consideração. Talvez ela se importasse com Sônia mais do que deixava transparecer. Mesmo assim, ainda havia todo um abismo entre as duas. Parecia até que pertenciam a mundos diferentes...

— Alô? Que foi Kelly? — resmungou ela. Sua irmã sempre ligava para perguntar coisas totalmente desnecessarias e absurdas.

— Oi, maninha — cumprimentou ela, ligeiramente desagradável. — Mamãe quer saber se você quer se encontrar com a gente aqui. Estamos na praça de alimentação do shopping, com o tio Érick — disse ela, a voz fina de causar inveja e qualquer cantora.

— Não, obrigada. Acho que vou ficar em casa mesmo. — Se Érick estava lá com elas, já era motivo suficiente para colocar mais do que trinta quilômetros de distância entre os dois.

— Ah, o.k., então.

— Espera, o papai disse que o voo da Carrie chega às duas da tarde. Avise logo a ela.

— Pode deixar. Tchau.

Sônia se segurou para não jogar o telefone no outro lado do quarto. Sabia que Kelly não daria recado nenhum a mãe, porque odiava Carrie por motivos tão fúteis e sem fundamento que não faziam o menor sentido. Não que perder o quase namorado para a melhor amiga da irmã fosse algo do tipo sem sentido, mas que não era segredo para ninguém que Kelly não gostava dele de verdade. Então pra quê a birra? Era o que Sônia se perguntava todos os dias.

O celular voltou a tocar.

— O que é agora? — resmungou ela, mas parou quando viu quem era no identificador de

chamada. — Oi, Emily.

— Amiga, você não sabe o que está perdendo! Vem agora para o Monte, por favor!

— O que foi? — Além da voz de Emily, Sônia conseguiu distinguir um alto barulho no outro lado da linha, como vozes elevadas e uma batida contagiante... Música?

— Está tendo meio que uma reunião do pessoal do médio e seus amigos aqui. Está super divertido. Faça um favor para sua vida social e apareça, tipo assim... Agora!

— Tá, tudo bem. Já estou indo — falou apressada.

Sônia pegou sua bolsa pequena na mesinha e passou a alça por cima da cabeça. Descendo as escadas, pegou a chave do carro e saiu.

Seu carro não era tão chamativo, ou caro como o da mãe. Kelly já procurava em artigos esportivos o modelo que compraria já que em um ano, ela tiraria a carteira. Estava animada como Sônia nunca vira.

O modelo popular de seu carro fora a melhor maneira que achou para deixar claro para toda a vizinhança que ela não era tão posuda quanto a mãe. Que não gastava tanto dinheiro como a mãe. Que não era como a mão e fim de papo. Funcionou até certo ponto. A maior parte dos vizinhos gostava do jeito dela, as poucas pessoas que não aceitavam esse estilo mais simples eram aqueles que faziam parte do círculo social em que a mãe e kelly viviam.

Meia hora depois, estacionou o carro perto de uma árvore grande e de galhos longos, mais afastado dos outros veículos. Desceu e travou as portas, guardando a chave em seu bolso. Pegou a tão familiar e usada trilha na floresta, encaminhando-se para o Montinho.

O Montinho fora o nome dado por seus colegas de classe para o lugar perto do riacho em que eles faziam festas, reuniões, jogavam algum tipo de esporte... Sempre tinha algo legal para se fazer lá. Era disso que Sônia precisava: se distrair.

— Emily — chamou Sônia, gritando o nome dela.

Emily estava perto da fogueira, montada de qualquer jeito. Conversava animadamente com Todd, um garoto que jogava com Andy no time de futebol, e um garoto que ela não conhecia.

Aproximou-se mais e prendeu a respiração quando olhou nos olhos do garoto novo.

— Sônia, este aqui é o Dave Thorton, amigo de Todd. Acabou de chegar na cidade — explicou Emily.

Ele sorriu educadamente, analisando Sônia de cima a baixo.

— É um enorme prazer conhecê-la — disse ele.

— Igualmente — sussurrou Sônia.

O coração dela disparava, suas mãos suavam. Posia jurar que ele lhe era familiar... Não, ela tinha certeza, já o conhecia de certa forma. Mas de onde?

— Todd, me mostra onde eu pego mais um pouco dessa bebida. Está maravilhosa — pediu Emily, levantando o copo de plástico que segurava.

Era óbvia a tentativa dela de deixar Sônia e Dave sozinhos, mas não protestou porque não conseguia falar. Sentiu-se intrigada, pois simplesmente não conseguia lembrar de onde o havia visto, e engasgada ao mesmo tempo. Eles sairam deixando-os alí, na beira da fogueira.

Sônia queria ignorá-lo, mas não conseguia. Era atraída por ele de todas as formas imagináveis. O que era aquilo que invadia seu corpo assim, tão repentinamente?

— É bom finalmente conhecer você — disse ele, baixo demais.

E por um momento, Sônia pensou ter visto um leve vislumbre de vermelhidão nos olhos escuros daquele rapaz esbelto.

Os olhos vermelhos de seu sonho/pesadelo.

Capítulo 02

Apenas Conhecidos

"Você fez uma cama para sí mesmo no buraco mais escuro,
e convenceu-se de que essa não é a razão
pela qual você não vê mais o sol."
When in rain - Paramore

— Você fala isso como se já nos cenhecessemos — surpreendeu-se. No fundo, não estava assustada. Aquele leve vislumbre se fora tão rápido quanto viera. Mas estava intrigada e todo seu corpo ficou envolvido por uma aura de surrealidade.

Isso porque, mesmo sem conhecê-lo, ela sabia; Dave era surreal. En- cantadoramente surreal.

— Nunca a ví em minha vida, juro — disse ele, com um sorriso e levantando a mão direita, como testemhunhas fazem em tribunais. — Mas seus amigos falaram muito de você. Principalmente a Emily. Eu percebi quando ela ligou para você.

— Hmm — resmungou baixinho. Não adiantava, mesmo que Emily prometesse que não daria uma de cupido, ela dava. Era a natureza dela, era isso que fazia dela uma amiga tão boa. Ela se preocupava de verdade, e Sônia adorava isso nela.

Mas não significava que ela quizesse que a amiga lhe conseguisse um namorado.

Logo um garoto lindo e surreal que nem Dave! E desconhecido, principalmente desconhecido, pensou ela.

Mas ela olhou para ele com seus olhos de lince. Observou seu cabelo escuro, sua pele parcialmente pálida à luz da lua, os viciantes olhos negros, seu queixo anguloso e formato de rosto escultural... Não conseguiu desviar o olhar.

Não fique secando ele!, reclamou a sí mesma. Ficou espantada com a facilidade com qual se deixou levar pela maluquisse de Emily. Não olhe para ele, seja educada, mas não dê brecha a ele! Vou matar a Lily.

— Então, novo na cidade? — perguntou ela, virando o rosto e puxando assunto na fraca tentativa de esconder dele, seu rosto corado de vergonha. Não que ele fosse entender o porquê de seu contrangimento.

— Sim, acabei de chegar. E então o Todd já liga do nada, me chamando para uma festa e... Bom, não posso dizer exatamente que estou cem por cento, mas... Descobri muito recentemente que esta pequena reúnião pode ser bem mais útil do que eu imaginava... — respondeu, piscando para Sônia.

Ela ficou ainda mais vermelha, arregalando os olhos e segurando uma tosse que quase saiu de sua

garganta.

Ele riu de sua expressão assustada.

— Desculpe, era brincadeira. É que sua amiga não é assim, tão discreta sabe?

Que droga, ele sabe! Por que a Emily não consegue atuar nessas horas?

— Você percebeu, não? — suspirou em desistência.

— Não tinha como não perceber.

— Ela é assim mesmo, principalmente comigo. Foi mal.

— Ela é engraçada, um pouco pelo menos — ressaltou com outra risada. — É uma boa pessoa. E pelo que ví, ela está aproveitando para ficar um pouco sozinha com o Todd.

Sônia olhou para a direção que Dave apontava e viu sua melhor amiga se afastando com Todd da multidão, indo para uma parte mais reservada a beira do bosque. Sônia arfou de susto ao vê-los de mãos dadas, depois, em uma crise de riso, precisou se segurar em uma árvore para não cair.

E tudo porque Emily se virou para ela em um pedido mudo de socorro.

— O que foi? — perguntou Dave, segurando o riso e parecendo encantado com o bom humor evidente nas feições de Sônia.

— Acho que teve o efeito contrário — respondeu ela, rindo a intervalos não exatamente regulares. — Emily queria nos deixar sozinhos e agora quem está sozinha com o Todd é ela. Ela não parece lá muito feliz.

Dave voltou a observar Todd e Emily, constatando que Sônia tinha razão.

— Bom, o que você quer fazer?

— Ajudar Emily antes que eles façam algo que ela não queira, porque alguém vai sair literalmente machucado, e não vai ser ela.

Sônia desencostou-se da árvore e abriu caminho entre as pessoas que se balançavam no rítimo da música. Dave a seguiu. Ficou surpresa ao constatar isso, pois haviam acabado de ser conhecer, mas logo percebeu a idiotice de seus pensamentos. É lógico que ele a seguiria, não fora apresentado a mais ninguém. Devia estar se sentindo deslocado no meio de tanta gente, assim como ela se sentia às vezes. Ou talvez não.

Quando se virou para ele novamente, para fazer-lhe uma pergunta qualquer, viu que ele já não a seguia mais. Procurou-o por entre as pessoas e o encontrou conversando com Brittany, a melhor amiga de Kelly.

Que ótimo, pensou ela com ironia, voltando para sua missão de resgate.

— Todd, acho que Dave quer falar com você — disse Sônia apressadamente ao se aproximar. — Emily, eu acho que ví o Kevin por aqui em algum lugar. O que acha de...

— Sim! Vamos procurá-lo — interrompeu ela rapidamente. — Até mais, Todd.

Emily pegou o braço de Sônia com força, praticamente correndo dalí. Sônia não conseguiu segurar o riso.

— Qual é a graça? — perguntou Emily irritada.

— Qual é a graça? — repetiu Sônia sarcasticamente. — A graça está na seguinte frase: o feitiço virou contra o feiticeiro. Não queria que eu ficasse sozinha com Dave? Olha só quem quase arranjou um namorado!

— Não diga essa palavra! Ah, meu Deus! Eu não acredito que tive que aturar o papo furado daquela criatura! Que... uhg!

Hmm... Ela tá com raiva. Ela sempre fica assim quando está perto de alguém que ela gosta e não que admitir...

Emily colocou as duas mãos, uma de cada lado da cabeça, como se pudesse expulsar as lembranças daquele acontecimento. Inspirou e expirou com força, tentando tirar qualquer reação que ela pudesse ter tido com aquele ato insano.

— Calma, já passou. Eu já lhe tirei de lá antes que você matasse o menino!

— É por essas e outras que você é minha melhor amiga. Obrigada! — disse Emily com fervor.

— Tudo bem. Mas eu falei sério quando disse que eu ví o Kevin por aqui. Vamos procurá-lo.

— Claro!

~•~♥~•~

Dave observava Sônia de longe. Ela era tão linda e tinha os mesmos olhos azuis translúcidos de Blair. De leves cachos negros, porém o cabelo possuia aquele reflexo avermelhado, e não violeta. E a pele era tão pessegosa e encantadoramente macia. Tem que ser ela. Tem que ser, repetia sem parar.

Mas não se sentia aliviado em encontrá-la. Pelo contrário, sentia-se angustiado. Algo dentro de sí mesmo o dizia que era errado o que ele pretendia fazer. Não pode ser assim, era cruel demais...

Mas era a vida de Blair que estava em jogo. Era ela! A única mulher que ele amara na vida, a que fez com que seu coração encontrasse um motivo mais forte para bater além de mantê-lo um morto-vivo. Era aquela a quem ele tinha devoção; sua deusa. A deusa das histórias vampíricas que as crianças escutavam, a deusa de os salvara da escravidão e tortura eterna por parte dos deuses...

Aquela que o fez trair seu melhor amigo.

Aquele familiar enjoo no estômago sempre que pensava em Saulo voltou a incomodá-lo. Sempre o tratara como a seu irmão, e agora eram inimigos mortais. Se odiavam até a última gota de sangue em suas veias. E ambos sentiam que Blair valia cada sentelha de mágoa que guardavam.

Dave não tinha direito de ficar magoado, não fora ele que acabara apunhalado pelas costas, mas mesmo assim... Ninguém esquecia uma amizade de séculos assim, de uma hora para outra. Nem mesmo depois de mais de meio milênio.

Voltou a olhar para ela. O que era aquilo? Aquela sensação de se sentir em casa depois de anos perdido? Aquele sentimento de finalmente reencontrar a luz depois de tampo tempo vivendo nas trevas?

Ele estivera preso a imagem de Blair por todos esses anos e agora, quando finalmente saira para o mundo novamente, ainda por Blair, ele perde aquela necessidade de estar com ela porque viu uma garotinha que tem meros traços semelhantes a dona de seu coração?

Que mundo era aquele? Dava voltas e mais voltas, e no fim... nada. Estivera esperando algo mais daquela menina, e agora já a conhecia, via que ela era perfeitamente comum, assim como ele já fora um dia. Não mais do que uma humana muito bonita, mas que era mais especial do que qualquer pessoa nesse festa ridícula. E mesmo assim, sabendo que seu amor por Blair era tão mais forte do que qualquer outra coisa, ele hesitava.

E sabia, não seria naquela noite que aconteceria o que teria de acontecer. Não hoje. Ele precisava esclarescer algumas coisas antes.

Mas não perderia a menina de vista. Enquanto Emily ligava para Sônia, Dave gravara o número

•×•×•×

mentalmente.

Bom, pelo menos o contato com a garota, ele não perderia.

Sim, Blair já passara anos naquele sono infernal. Poderia aguentar mais um ou dois dias. Dependia de Dave determinar a hora para aquele desastre acabar.

Ou não.

~•~♥~•~

— Kevin, lhe procurei por todos os lados. Onde estava? — perguntou Emily, gritando e rindo ao mesmo tempo, se é que aquilo era possível. — Quase sofremos um acidente mais cedo. Sabe o Todd...

— Correção; Emily quase sofre um acidente mais cedo, porque foi metida demais e decidiu interferir na vida dos outros — interrompeu Sônia.

Kevin, confuso, olhou do rosto de uma para a outra e depois suspirou.

Sua pele negra ganhara um tom dourado por conta da fogueira. Algumas garotas passavam por ele e assim que viam a cadeira de rodas, desviavam o olhar, como se ele nem estivesse alí. Já planejava ir embora quando as duas pessoas daquela escola que falavam com ele sem pena chegaram. Bom, ele ficou feliz por isso.

— Deixe-me adivinhar, Sônia. Emily tentou dar uma de cupido para cima de você, mas o efeito "amor eterno" se voltou contra ela de uma forma um tanto... insatisfatória? — murmurou ele.

— Como você sabe? — indagou ela.

— Ela já fez isso comigo uma vez, e garanto, foi pior do que qualquer coisa que tenha acontecido hoje. A menina que ela me apresentou era uma chata, que não conseguia nem olhar na minha cara.

— Emily, você devia parar de fazer isso! — repreendeu.

— Sônia, eu só quero vê-los felizes. Tenhou eu culpa, se a pessoas agem feito idiotas? — resmungou cruzando os braço, e depois arragalou os olhos, acabendo de perceber que se esquecera de alguma coisa. — Um minutinho, o Dave não era um chato, não é? Por que se aquele lindo alí for um chato, o mundo inteiro é!

— No dia que beleza for sinônimo de educação, eu me atiro da primeira ponte que encontrar... E não, ele foi um doce de pessoa. Aí, eu tive que partir em missão salva-vidas porque minha amiga se jogou no mar e esqueceu de levar a boia junto — Sônia disse com um humor sarcástico.

— Você queria ter passado mais tempo com ele? — ofegou Emily, parecendo prestes a dar uma "dancinha da vitória". — Não se preocupe, damos um jeitinho nisso imediatamente.

Emily fez menção de se virar, mas foi parada por Sônia.

— Não, Lily! Tenho certeza de que ele está muito ocupado agora. Deixa pra lá, ok?

— Por que? Com quem? — perguntou sua amiga, confusa e de testa franzida.

Sônia cruzou os braços em seu peito.

— Ví ele conversando com a Brittany. Deixe ele lá, não vale a pena sequer chegar perto daquela falsa de duas ou mais caras por causa de um garoto que eu mal conheço.

— Mas ele é O garoto. Não é apenas qualquer um. A única coisa que me surpreendeu foi ele ser amigo do Todd. Porque gente: é o Todd!

— Não tem ninguém com a Brittany — observou Kevin.

Sônia olhou para a mesma direção que Kevin olhava e Emily fez o mesmo. Brittany, de fato estava sozinha, o que era muito estranho porque, para a garota mais popular da escola ficar sozinha, era necessário um esforço tremendo. Ela estava sentada em uma tora de madeira, colocada perto do fogo. Seu cabelo loiro e liso até a cintura balançava com o vento que vinha do sul. Mas seu semblante era triste. Olhava para as pessoas e desviava o olhar.

Sônia podia jurar ter visto uma lágrima escorrer pelo canto do olho esquerdo de Brittany, quando Andy passou por ela de mãos dadas com Jennifer, a melhor amiga eleita dela.

— Oh, não — suspirou Sônia, alto o suficiente para seus amigos ouvirem.

— O que foi? — perguntou Emily.

— Outro clássico drama adolescente. Sua melhor amiga rouba o garoto de quem você gosta.

— Do mesmo jeito que houve com a Kelly?

— Não. A diferença é que a Brittany realmente gosta do Andy e que foi a melhor amiga dela quem a traiu, não a da irmã. Vou lá. Já volto.

Emily e Kevin observaram Sônia se afastar, assim como Dave também observava escondido pelas sombras das árvores do outro lado da fogueira, longe dos olhos humanos.

Infiltrando-se mais uma vez no meio da multidão de adolescentes que dançavam, bebiam e conversavam, Sônia, dessa vez, ia tentar ajudar alguém de quem ela não gostava, mas se sentiria melhor se soubesse que era diferente de todo mundo se fizesse algo que ninguém mais faria.

— Ei, você — chamou ela. — Tá tudo bem, Brittany?

— O que você quer? — perguntou agresiva. Os olhos castanhos, antes tristes, estavam assassinos agora.

— Só saber se precisava de ajuda.

— E pra que eu iria quere ajuda de alguém como você? — perguntou sarcástica e violenta com as palavras.

Ela é bonita e nem um pouco educada. Tá aí a prova, Lily!, pensou ela.

— Porque sua melhor amiga, aparentemente, arranjou coisa melhores pra fazer. Tipo... Dar em cima do garoto por quem você está apaixonada.

— O quê?

— Eu não sou assim tão cega quanto essas pessoas que estão aqui. Eu vejo, sabe? — disse delicadamente, pacificadora. Estava alí para ajudar, não piorar tudo.

— Eu não gosto de ninguém! — vosciferou Brittany. — Saia daqui!

— Eu só queria ajudar.

— Não preciso de sua ajuda, nem da de ninguém. Saia!

— É melhor mesmo. Acho que perdi meu tempo aqui — disse Sônia. Virou-se e andou um passo para frente, até se lembrar de uma coisa que ela queria dizer a Brittany a muito tempo. — Sabe Brittany, são nossas atitudes que dizem quem somos, não as pessoas com quem andamos, ou o modos como nos vestimos. Continue dessa maneira que você é e só terá falsidade perto de você quando realmente precisar de alguém.

Dito isso, voltou a fazer seu caminho para longe da fogueira.

~•~♥~•~

"São nossas atitudes que dizem quem somos, não as pessoas com quem andamos, ou o modos como nos vestimos."

Essa frase não saía mais da cabeça de Dave. Sua audição era ótima e conseguira capturar cada palavra que saíra da boca de Sônia naquela noite. E agora, deitado em sua cama, descansando, lembrava de cada coisa que descobrira em poucas horas, estando no mesmo ambiente em que ela estava.

Sônia, além da beleza evidente, era simples de modo geral. Não era nada parecida com as garotas que estavam naquela festa. A maioria fora de saia, ou vestidos curtíssimos! Ela fora de calça jeans e camisa com mangas. As garotas pegaram carona com os meninos de time de futebol, ela fora com o própio carro. Algumas caíam de tão bêbadas, ela não ingerira uma única gota de álcool.

E tratava aquele cadeirante como uma pessoa tão normal quanto ela, como se ele não tivesse necessidades especiais. Como se ele não fosse diferente do resto.

Que grande droga!, resmungou Dave. É justo matar uma possoa tão boa assim?

Queria poder tacar a cabeça na parede várias vezes, para acordar sua mente para o verdadeiro motivo de estar alí. E realmente o teria feito, se não soubesse que provavelmente destruiria a casa toda.

Essa era uma parte ruim de ser um vampiro com alma. Quando precisa se expressar de alguma forma, tem que ter muito cuidado para não se expor e acabar chamando a atenção de feitceiros. Não, tudo o que ele menos precisava era uma gerrilha no meio de uma missão.

Mas suspirar não aliviava seu estado de confusão, só o deixava mais irritado. E nunca é bom deixar um vampiro irritado.

Dave sentiu quando seu rosto começou a se deformar, mostrando sua verdadeira forma. Seus caninos cresceram, seus olhos arderam quando aquela vermelhidão surgiu e de repente, o quarto inteiro se tornou um morte de preto e vermelho. Era assim que ele enchergava quando estava com fome.

E estava faminto de fato.

Rapidamente, levantou da cama e pulou pela janela. A rua estava deserta a essa hora e a lua já estava baixa.

Tic, tac — era o tempo passando, um relógio antigo badalava ao longe. Dave tinha duas horas antes do amanhecer para achar uma presa e se alimentar.

Correndo pela calçada, usando sua audição aguçada para localizar sons pela rua, procurou alguém cuja vida ele pudesse tirar para satisfazer a sua própia. Ele matava para sobreviver. Não era essa a lei do mais forte?

E qual era o mal em abater seres humanos? Eles mesmos não matavam? Não somente a sí próprios, mas ao animais para se alimentar.

E, como uma tentativa de respeito e justica que Dave nunca se deixou perder, ele jamais se alimentara de alguém vegetariano. Mas se alimentaria esta noite se essa fosse a primeira pessoa que ele encontrasse.

Saltos ecoaram nas ruas, e Dave se escondeu sob a sombra de um prédio alto e escuro, ficando invisível na madrugada escura. A neblina que pairava como uma cortina sob o chão o ajudava se esconder e as nuvens de chuva que cobriam a lua vez ou outra também.

Era uma mulher. Estava bem vestida, usando uma saia azul marinho e uma camisa social branca.

Seu cabelo castanho liso ia até a cintura. Poderia ser tanto uma simples secretária, até mesmo uma advogada.

Bem, isso não importava agora. Ela era a presa dele.

Seguiu seus paços discretamente a príncipio, sem levantar suspeita. Em seguida começou a andar mais rápido, e a mulher, percebendo sua aproximação, acelerou a caminhada também. Ele podia ouvir o coração de sua vítima saumentar o rítmo dos batimentos: era o medo que corria pelas veias cheias do doce nectar que ele queria provar. Dave subiu no telhado de uma casa, vigiando-a por cima. A mulher, inocente, suspirou aliviada ao ver não havia ninguém atrás dela.

Dave pulou e parou bem na sua frente.

A mulher quis gritar, mas Dave tapou sua boca com a mão.E ela, assustada gemeu em tom implorativo. Dave não se sensibilizou.

— Escute, estou com fome, tenho que me alimentar. O problema não é você, nada do que vou fazer é sua culpa. Você só estava no lugar errado, na hora errada — disse ele.

Expôs seus dentes e mordeu o pescoço da vítima, com força suficiente para perfurar a pele. A pobre vítima não precisava sentir ainda mais dor do que já sentia.

O sangue desceu quente por sua garganta, fresco. Saciando a ansiedade que assolava seu estômago. Vampiros estavam sempre com fome. E conforme o líquido lhe dava satisfação, ele sabia, a mulher estava cada vez mais fraca, sentido-se desfalecer aos poucos.

Continuou sugando a vida da mulher, mas parou quando ela disse:

— Por favor, meus filhos... Eles só tem a mim — choramingou ela.

Dave suspirou.

Pegou um pano em seu bolso e colocou no pescoço da jovem. Havia lágrimas nos olhos dela.

Olhou diretamente em seus olhos e entrou em sua mente, acessando sua memória. Ela de fato tinha dois filhos, de cabelos escuros, amadeirados como os dela. Em suas lembraças, eles sorriam. Dave suspirou novamente. Aproveitou que já estava na memória da mulher e apagou os últimos minutos, deixando a imagem de uma picada de cobra e colocando-se como o cara que a salvara. Não queria se tornar o herói, mas se eles se encontrassem por acaso futuramente, ela poderia ter vislumbres do que acontecera. Era mais fácil e seguro se colocar na mente dela em uma situação diferente, do que sair dela inteiramente.

Pegou a mulher nos braços, sentindo que ela ia desmaiar. Levou-a para o hospital, correndo, deixando apenas o borrão por onde passava. Diminuiu a velocidade quando se aproximou do prédio branco e verde. Não se demorou muito. Deixou-a aos cuidados dos médicos e enfermeiras, saindo em seguida.

Ainda estava com fome. Teria que encontrar outra pessoa para se alimentar, percebeu ele com nojo de sí mesmo novamente.

Partiu, correndo de um jeito que mais parecia estar voando.

~•~♥~•~

Sábado.

Foi a primeira coisa que Sônia percebeu ao acordar no dia seguinte. A segunda coisa, era que já passava das dez da manhã. E que sua mãe provavelmente nem sabia que deveria ir ao aeroporto

hoje.

Droga, resmungou levantando-se da cama. Ou melhor, tropeçando no endredom que estava jogado no chão. Arrastou-se para o banheiro e apressou em se arrumar. Com a escova, tentou concertar o desastre que seu cabelo se tornou após a noite agitada e de sonhos esquisitos. Escovou os dentes rapidamente, largando a pasta de dente em um canto qualquer da pia, e com uma liga, prendeu seu cabelo no costumeiro rabo de cavalo na nuca, deixando seus cachos sobre seu ombro esquerdo. Desceu as escadas, quase tropeçando novamente, mas felizmente conseguiu se agarrar ao corrimão a tempo.

Encontrou sua mãe na sala, sentada no sofá ao lado de Érick.

Esse sujeito aqui de novo?, pensou ela com raiva. Érick era o namorado de sua mãe a seis meses. Tinha um cabelo loiro escuro, mas muito liso para ser um visual maravilhoso. Era branco de olhos verdes, e parecia jovem para os trinta e poucos anos. Havia algo nele que Sônia não gostava e nada tinha a ver com a aparência.

Não viu Kelly em parte alguma, devia estar no quarto.

— Acordou tarde hoje, Sônia. O que fez ontem a noite para lhe deixar tão cansada assim? — sondou a mãe, Lídia, olhando-a de cima a baixo.

— Nada, se comparada a você — respondeu, olhando sugestivamente para Érick.

— Ahh, não comece — pediu sua mãe, arrastando as palavras.

— Não disse nada. Mas vou dizer, e não tem nada a ver com esse assunto infeliz do qual prefiro esquecer. — Sônia suspirou, evitando olhar para Érick e focando sua atenção em Lídia. — Papai pediu para lembrá-la que Carrie chega hoje.

— É mesmo. Com tantas preocupações, ia me esquecendo desse fato.

Preocupações? Como que? Você não faz nada, pensou novamente.

— É para buscá-la às duas da tarde, mas papai disse que era melhor chegar meia hora antes.

— Seu pai, sempre controlador... Uhg.

Sua mãe levantou incomodada, e foi para a cozinha beber um copo d'água, Sônia presumiu.

— Então, Sônia, como vão os estudos? — perguntou Érick, sorrindo e tentando puxar assunto. Sônia precisou se segurar para não vomitar.

— Escute, você sabe que não gosto de você por um motivo que desconheço... Então, para salvá-lo de minha irritação, vamos combinar o seguinte: eu não existo pra você e você continua não existindo pra mim, ok?

Ele pareceu não saber o que responder. Não que Sônia tenha dado a ele essa chance.

— Ótimo! Adeus, estranho — despediu-se indo para a cozinha preparar algo para comer, deixando Érick estático, paralisado como uma estátua. Uma estátua com cara de idiota.

Abriu a geladeira, sabendo que sua mãe observava cada passo que ela dava desde que entrara na cozinha. Tentou agir da maneira mais discreta possível, mas sua mãe era um pouco mais esperta do que Sônia incorretamente julgara.

— Você está com olheiras — observou ela, mas mais parecia uma acusação, uma prova a ser mostrada, como se já não estivessem mais na cozinha, e sim em um tribunal. — Você dormiu até tarde... Por que está com olheiras? — continuou Lídia lentamente.

— Não tenho culpa se meu corpo não percebeu que dormi o suficiente para não ter esses círculos escuros embaixo dos olhos — Sônia tentou ser sarcástica.

— Ou talvez seu corpo seja mais inteligente do que você quando quer me enganar.

Sônia suspirou. Mais cedo ou mais tarde, sua mãe saberia do que estava acontecendo. Só que isso não significava ela quisesse contar.

E também nem precisava, pois Lídia já sabia.

— Voltou a ter ataques?

Ataques? Eu acho que ter surtos é bem diferente do que ter ataques...

— Por que se preocupa tanto? — perguntou irritada.

— Porque sou sua mãe. Se isso não é motivo o suficiente, então me diga o que é — a forma com que Lídia a olhou foi, preocupada e intimidadora ao mesmo tempo.

— Eu não quero que você se importe comigo. Nunca fez isso antes, não comece a fazê-lo agora.

Lídia suspirou audivelmente, parcialmente abalada quando disse:

— Filha, não feche a porta pra mim — pediu.

Sônia sabia que a frase "não feche a porta pra mim" não significava o ato em sí. Mas algo mais profundo, algo que tinha relação com o envolvimento entre mãe e filha que nunca tiveram.

Elas nunca foram próximas, não como sua mãe era com Kelly. Aquilo poderia parecer apenas ciúmes para quem olhasse do lado de fora, mas não era. Sônia não era dona de ninguém pra ter ciúmes!

Mas o evidente abandono da mãe com ela fora suficiente para abrir uma fenda, separando as duas. E aquele buraco ia ficando cada vez mais fundo. Aquilo já parecia um abismo.

Sônia sentia que tinha levado um soco no estômago.

— Eu nunca fechei a porta. E provavelmenre nunca vou fechar — disse. Se virou para a Lídia, para olhá-la nos olhos. — Mas também nunca vou convidá-la pra entrar.

Suas palavras a atingiram, ela pôde perceber isso pelo modo como sua mãe engoliu fundo. E em sua voz trêmula quando disse:

— Por que? Não me quer com você?

— Querer? — Sônia franziu a testa, olhando para o chão. — Eu queria. Mas não posso — voltou a olhar para sua mãe, acusatoriamente. — Você devia ter entrado quando teve chance. Quando eu era criança e não tinha a chave da fechadura, ou voz para expulsá-la. Você conseguiu a confiança de Kelly, ela conta tudo para você. Pode falar com ela quando quiser, mas não comigo. Porque eu não confio em você.

Sua mãe arfou.

Sônia se virou para terminar de aprontar seu café da manhã, ignorando Lídia e com todas as forças, tentando ficar o mais serena possível.

E qundo terminou, pegou a bandeija e se preparou para sair da cozinha, mas, já na porta, virou-se e disse:

— A maioria dos adolescentes preferem compartilhar segredos com os amigos, e não com os pais como deveria ser. Sabe o porquê disso? — ela inclinou a cabeça para o lado, ainda encarando Lídia. — Porque os amigos conseguem ouví-los. Podem até julgar, mas ainda assim... Os entendem melhor do que a própia família, pois não estam presos a conceitos concebidos pelos adultos, com toda sua moral forjada e seu maldito certo e errado. É por essas e outras razões que, às vezes, desejo uma forma de não me tornar adulta nunca! Não conseguria conviver com isso.

— Nunca mais diga isso! — repreendeu a mãe, com os olhos arregadalos em uma reação

exagerada.

— É o que penso — Sônia deu de ombros, sem se abalar. — E você pode tentar roubar minha opnião e substituí-la por outra, mas só conseguirá se eu for tola o suficiente para deixar. E isso eu não sou.

Por fim, saiu da cozinha, deixando sua mãe paralizada próxima da geladeira.

~•~♥~•~

— Vadia! Traíra! Como pôde? — gritou ela novamente, para ninguém. Resmungava mais para sí mesma repetidas vezes. Ora num choro sem som, ora irritada. — Idiota, idiota, idiota! É isso o que eu sou! Jamais confie em ninguém, com diz mamãe. Por que eu não a escutei? Ah, sim... Porque sou uma grande, grande idiota!

Pegou um dos travesseiros de pluma e com a força que tinha, conseguiu rasgá-lo ao meio. Apenas um pegueno rasgo, mas ao balançar raivosamente o travesseiro, acabou espalhando todas as plumas pelo quarto até que a fronha ficasse completamente vazia. Vosciferava e ameaçava o vazio, sem para um minuto sequer. Grunhia tão alto que nem ligou se ouviriam sua histeria.

Estava descabelada, amarrotada, virada do avesso... Não dormira nada. Um minuto sequer da noite inteira.

Atravessou o quarto repetidas vezes, com máximo da raiva que podia, até que se entregou ao choro por fim. Era simplesmente deprimente vê-la naquele estado.

Duas batidas meio tímidas na porta chamaram sua atenção.

— Querida, o que aconteceu? — perguntou sua mãe novamente, a voz suave e cheia de preocupação.

— Mãe, por favor, vá embora! Não quero falar — disse, tentando se controlar.

— Tudo bem! — resmungou. Depois ouviu sua mãe suspirar. — Kelly está aqui.

Brittany parou por um momento.

— Deixe ela subir.

Abriu a porta do quarto para que sua amiga entrasse, fechando-a em seguida.

— Vim o mais rápido que pude. E pelo seu tom de voz quando me ligou, imagino que temos assuntos para tratar — disse Kelly.

Ela olhou para Brittany, achando-a meio louca. Era o que sua aparência demonstrava pelo menos.

— Sim, temos. Jenny tem sérios problemas — começou ameaçadoramente.

Kelly largou sua bolsa na cama, sentando-se em seguida e olhando para a amiga, séria, de testa franzida e pernas cruzadas.

— O que foi? Jennifer? — perguntou confusa. As três eram amigas desde muito tempo.

— Você não estava ontem na festa, mas sua irmã estava. — Brittany arqueou uma sobrancelha. — Depois você dá um recado meu a ela? Ótimo — Brittany mal parecia escutar Kelly.

— Teve festa no Montinho ontem? — surpeendeu-se Kelly.

— Sim, lhe mandei um sms avisando — comentou distraída

— Meu celular descarregou.

Ela olhou para Brittany que continuava a andar em círculos pelo quarto.

— Jennifer ficou com o Andy, sendo que ela sabe que eu gosto dele. Não acha que isso é traição?

— ela começou a disparar uma série de acusações. — Apunhalada pelas costas no mínimo? Aquela vadia...

A irmã de Sônia parecia chocada, mas se controlou, dizendo:

— Com certeza.

Brittany, vendo que Kelly concordava com ela, disse:

— Então você pode me ajudar.

~•~♥~•~

Sônia desceu as escadas de banho tomado, cabelo decentemente arrumado, preso na nuca, e usando roupas cheirando a amaciante com essência floral... Era um cheiro de que gostava especialmente. Suspirou, aspirando o doce perfume que sua roupa exalava. Isso a acalmava ao mesmo tempo que a entristecia. Rosas tinham cheiro doce, porém melancólico, que instigava solidão e a fazia pensar em um passado que não existia. Em seus estranhos sonhos/pesadelos.

Encontrou Kelly na metade da escada.

— Não ví você hoje, onde estava? — perguntou simplesmente por perguntar, parando para falar com a irmã. Deveria esperar uma resposta daquelas, tipicamente rebeldes.

— Não lhe devo satisfação da minha vida — soltou Kelly, cheia de ácido nas palavras.

O cabelo encaracolado de Kelly estava solto como sempre estava, abaixo da escápula. Loiro mel, com mechas claras e outras escuras, no tom caramelo... Uma mistura resultada de várias idas ao salão de beleza com a mãe. A pele dela era pessegosa como a de Sônia, mas um pouco mais para o branco do que para o marfim.

Ela parecia cada vez mais perfeita para Sônia. Sempre que ela a via, Kelly estava cada vez mais bonita.

— Posso passar, ou vou ter abrir caminho? — disse sarcástica, indicando que Sônia lhe obstruia a passagem.

— Desculpe — pediu, encolhendo-se de encontro a parede para que ela pudesse passar. Mas ela parou ao seu lado e olhou para Sônia, parecendo subitamente mais alta, levando em conta de que Sônia era mais velha.

— Brittany pediu para que eu lhe desse o seguinte recado, apesar de que eu não entendi bem porque — começou Kelly, olhando Sônia por cima. — Não a parte sobre o recado, eu sei perfeitamente o que lhe dizer... Mas, porque ela falaria com você? Não é ridículo? — comentou rindo.

Foi a gora d'água.

— Dê logo o recado! — irritou-se Sônia.

— Tudo bem, ela disse: "Você não viu nada, não sabe de nada, não vai falar nada. A festa foi ótima, e todos se divertiram. Nada além disso, entendeu?" — disse Kelly, com a testa franzida. — Algo assim. Ela disse que você ia saber exatamente sobre o que ela estava falando.

— Ah, e eu sei — falou mais baixo, distraída.

— Ótimo — suspirou. — Isso foi uma indireta para você esquecer, seja lá o que for, certo?

— Acho que sim.

— Acha? Pessoas sem opnião...

Kelly subiu a escada rindo, como se sua irmã fosse a maior idiota.

Sônia se segurou para não segui-la.

Na sala, suspirou aliviada ao ver que Érick havia ido embora. Por alguma razão, aquele cara a incomodava demais. Ela não confiava nele e, de certo modo, sentia medo só de estar no mesmo ambiente que ele. Não sabia ao certo, mas um instinto que aflorara desde que o vira ordenava que ela se mantesse afastada. Como se ele fosse perigoso. Muito perigoso.

Encontrou-se com Lídia na sala, como combinado.

Sua mãe pegou as chaves — do carro e da casa, saindo pela porta logo após Sônia.

Era estranho e desconfortável ao mesmo tempo, estar no carro com a mãe. Fazia muito tempo que elas não saiam juntas para algum lugar, mesmo que por obrigação ou falta de opção. Estar nesse ambiente fechado e apertado com Lídia a deixava tensa e insegura. Principalmente agora, depois da conversa na cozinha.

O percurso até o aeroporto não foi demorado, não havia transito, ou qualquer outro imprevisto que as atrazassem. Foi até mais tranquilo do que Sônia imaginara. Exceto pelo seu estado cauteloso.

O avião que Carrie pegara estava vinte minutos adiantado, o que era ótimo, porque quanto mais cedo ela chegasse, mais cedo iam embora e mais cedo Sônia se afastaria da mãe.

O coração de Sônia bateu desesperadamente quando o cabelo cheio de mechas castanhas em todos os tons de Carrie se destacou entre os vários rostos no salão de desembarque. Ela correu para abraçar a melhor amiga, — na verdade uma delas — envolvendo-a em um abraço sufocante. Entre risos e frases saudosas, ela se afastaram um pouco para olhar melhor uma a outra.

Carrie vestia um jeans justo, com uma regata verde e uma jaqueta de couro azul-marinho. Seu cabelo estava solto, com algumas mechas espalhadas por seu rosto. Ela parecia mais alta do que Sônia lembrava. Sete meses fizeram mais diferença em Carrie do que anos fizeram em Sônia. Ela ainda parecia a mesma garota que escapulira de casa para assistir à um filme que seria lançado nos cinemas em plena madrugada, mas Carrie estava diferente. Parecia mais... esbelta, bonita. Mas forte também.

E assustadoramente madura.

— Oi, que bom que você voltou. Achei que meu pai nunca mais fosse te devolver — brincou Sônia.

Carrie riu levemente, os olhos aguçados, analizando cada aspecto de sua amiga sem que ela percebesse.

— Seu pai foi maravilhoso. Não tenho como agradecer. Aquele curso era tudo o que eu precisava!

— E então? — começou, puxando a alça de uma das malas de Carrie enquanto esta, pegava a outra. — Decidiu se vai seguir a carreira de empresária?

Carrie a encarou, séria e com uma das sobrancelhas arqueadas.

— Terminei meus estudos extras agora, graças a esse curso que o sr. Marco Hussett, seu pai, me proporcionou. E, no momento, estou mais interessada em novidades, fofocas e tudo o que uma garota tem direito de ver e saber ao retornar para a cidade onde nasceu. Chega de falar de assuntos curriculares, pelo menos por hoje, por favor... — disse ela, fazendo uma careta de quem não anguenta mais.

— Tudo bem. Reunião feminina na casa da Emily? — sugeriu, levantando uma das sobracelhas.

E depois, colocou em pauta os pontos positivos sobre o tema. — Assuntos em dia, um bom filme acompanhado de um balde de pipoca e tudo ao que uma garota tem direto! Como novidades, fatos engraçados e todos os melhores acontecimentos dos últimos sete meses que você perdeu.

— Isso é que são boas vindas — aprovou Carrie, saindo do aeroporto e encontrando Lídia na calçada, esperando-as com a porta do passageiro aberta.

Ao rever Carrie, sentimentos estranhos a dominaram. Sônia não sabia bem ao certo, mas era como se quisesse proteger a amiga. Como se ela tivesse a responsabilidade de protegê-la. E o que a assustou foi que se lembrou de que também havia sentido isso quabdo viu Dave na noite anterior e só se dera conta agora. Mas Carrie a distraiu quando começou a falar sobre os detalhes da viagem que acabara de fazer e no cara bonitinho que lhe fizera companhia durante o voo.

E ao pensar no seu retorno, lembrou-se de Alysson, saudosa. Só faltava ela para ficar tudo perfeito. Todas estariam reunidas, assim que sua outra melhor amiga também voltasse.

Capítulo 03

Ignorada

"O oposto de amor não é o ódio,
mas a indiferênça"
Érico Veríssimo

— Ahh — gritou Emily, arregalando os olhos ao ver Carrie na porta de sua casa. — Que saudade!

Sônia não contara nada sobre o retorno de Carrie porque sabia o quanto Emily adorava surpresa. Emily desceu as escadas da varanda aos pulos, louca para fazer o que vinha desejando a muito tempo.

Abraçou Carrie com força, tamanho era sua saudade. Podiam se falar por telefone, se ver pela internet com o auxilio da web can, mas nunca seria tão bom quanto tê-la por perto e dizer o que de fato sentia.

Saudade, preocupação, afeto... Era tudo uma mistura, formando um único sentimento: amor. Para aquelas três garotas, o amor era a mistura dos sentimentos humanos que estavam focados em uma determinada pessoa, em determinada situação. Diferentes tipos de amor, para diferentes pessoas. Cada um tinha sua parte guardada e reservada para sí. E não importava o quanto se sentisse abandonado, sempre seria amado. Pelo menos por uma pessoa.

Elas queriam acreditar em alguma coisa que não tivesse sido provada, que elas mesmas pudessem criar e definir. Escolheram a única coisa que o ser humano jamais poderia descriminar exatamente.

Porque não importa quantas pessoas surjam com as mais diferentes definições, nunca chegaria nem perto da verdade desconhecida, porque ela era exatamente isso: um enorme ponto de interrogação.

— Nossa, desse jeito vou ficar com ciúme — brincou Sônia, fazendo bico e cruzand os braços.

— Ah, qual é? — devolveu Carrie, segurando o riso e se acomodando ao abraço lateral de Emily para olhar para Sôna. — Nós sabemos que o ciúme não existe em seu dicionário

— Ah, é verdade. Quase que eu esqueço — devolveu ela, irônica.

— Vamos entrar ou ficar aqui fora, pulando feito loucas? Os vizinhos são muito bisbilhoteiros, sabiam?

Se entreolharam e em seguida, não conseguiram controlar a gargalhada.

— Então entrem! Preciso convidar? — Emily disse, ainda rindo.

— Não, Lily. Não precisa — sussurou Carrie tão baixo, enquanto as outras duas entravam, que ninguém a ouviu.

— Vamos, fiquem a vontade. Minha casa também é a casa de vocês.

Lídia já havia ido embora, levando a mala de Carrie para casa, deixando-a com a bolsa e a mochila com as coisas que ela precisaria para passar a noite na casa de Emily junto de Sônia. Algumas horas não seriam suficientes para Emily e esta já começava a pensar que a noite tão pouco o seria.

Carrie passou pela soleira da porta lentamente, sorrindo sarcástica com sua piada secreta, e olhou para todos os lados, vendo que a casa continuava exatamente como se lembrava.

A poucos passos da porta, havia uma porta a esquerda que dava na cozinha. Em frente, tinha-se a sala de estar e de jantar e uma porta para o jardim. A direita, a escada que dava nos quartos... Um toalete logo depois da porta da cozinha... Era impressionante como as coisas não mudavam nesse lugar.

Bom, quanto a isso, ela tinha outros planos, outros palpites.

Sônia virou-se para ela e sorriu.

— E então, o que acha? — perguntou animada.

— Que essa cidade está precisando de uma sacudida — sorriu Carrie. — Cuidaremos disso amanhã.

— Opa! Festa! Estou dentro — disse Emily trazendo três latas de soda na mão e entregando uma para Sônia e outra para Carrie.

Abriram o lacre e ergueram as latas, como um brinde.

— Às incríveis mudanças que estão por vir — disse Carrie, segura das própias certezas.

— Às incríveis mudanças — Sônia e Emily falaram igualmente.

As trés latinhas se encontraram no ar, selando o futuro.

~•~♥~•~

Na segunda-feira, Sônia acordou feliz e bem disposta. A festa domingo a noite se resumiu à um encontro com os amigo em geral. Um encontro bem barulhento de amigos. Os pais de Emily iam viajar e liberaram a casa para comemorar o retorno de Carrie com os dez amigos que ela escolhera para saberem de sua chegada e nos quais confiava que não espalhariam essa notícia por aí. Pelo

menos até que ela quisesse que a cidade soubesse.

Carrie sempre fora apegada a entradas espetaculares.

E para garantir o impácto da situação, resolvera que passaria o dia em casa. Já se expôra o suficiente. Era hora de deixar as coisas se acalmarem e então ela estaria pronta para revelar para toda a escola que sua estadia fora da cidade havia chegado ao fim. Conversara com Kelly também, sobre o assunto, fazendo-a prometer que não diria nada para a amiga, Brittany.

Sônia se perguntou como ela conseguiu esse milagre.

Depois de tantas decisões e acontecimentos, Sônia iria voltar para a escola, se encontrar com Emily e Kevin e agiria normalmente, como se fosse só mais um dia comum e chato na vida de um adolescente. Aturaria os professores irritantes e se encantaria com as aulas que mais amava. Tudo isso, fingindo que Carrie não estaria jogada em sua cama, comendo sabe-se lá o que, esperando-a chegar.

Era seu primeiro dia promagamado. O primeiro de sua vida que fora realmente inteiramente progamado, como uma rotina, com hora para começar e terminar. Quanto a isso, estava ansiosa por testar. Experimentar uma nova mudança.

Colocando seu moletom favorito, da cor vinho com flores desenhadas em cobre, e pegando a mochila, desceu a escada dando uma passada rápida pela cozinha para pegar uma maçã na fruteira e sair sem dar uma palavra com ninguém. Riu por isso, pois fora proposital. Teria problemas mais tarde, mas quem disse que ela se importava?

O dia já parecera tão lindo antes?, perguntou ela a sí mesma.

O sol estava lindo, brilhante. Vibrante como o bater das asas de um beija-flor. O céu azul límpido, as nuvens de chuva haviam desaparecido, o que fez Sônia sorrir. Não havia brisa alguma, o que era uma lástima, mas não ligou. Não seria a ausência de uma brisa que a deixaria triste hoje.

Olhou pelos lados, afim de ver algo que a agradasse, mas só viu as casas em cores claras e bem cuidadas. Todas naquele mesmo estilo americano típico que chegava a ser casativo. Grama verde na entrada, uma garagem do lado esquerdo, dois andares e um tapete Welcome.

Isso a fez bufar, mas não se deixou irritar assim tão cedo. Se as pessoas queriam ser bonecos iguais, que fossem. Vivam em seu mundo sem graça, pensou ela. Quando completasse dezoito anos, iria morar sozinha e aí sim, ela mostraria o que era ter uma casa diferente. Riu consigo mesma diante dessa ideia e das mais variadas possibilidades.

Não percebeu quando começou a cantar. Ou melhor, cantarolar enquanto andava pela rua. Uma música que ela nunca ouvira, que nem letra tinha. Era só uma melodia mais clássica e adorável, doce como um pedaço de chocolate.

Assustou-se quando uma borboleta passou raspando por seu nariz. Depois riu novamente, sentindo-se como uma tola.

Na calçada da escola, ela olhou a construção.

Era um prédio de tijolos vermelhos e antigos, porém conservados. Havia uma grande porta de madeira, metros a frente, depois de todo um terreno coberto por grama e com algumas árvores para fazer sombra em dias de sol, toda esculpida e com vidraças simples. As janelas eram todas de vidro e venezianas amarelas, algumas estavam abertas no andar de cima.

Sônia avistou Emily conversando com alguem de quem ela não conseguiu ver o rosto, pois sua amiga estava empatando sua visão. Andou em diração a Emily até que uma voz atrás dela a parou.

~•~♥~•~

Uma maldita buzina a despertou. Ela resmungou e voltou a cobrir o rosto com o travesseiro, tentando abafar o som e recuperar o sonho perdido. Não adiantou. Então, mais desperta a cada segundo, sentou-se na cama de repente e percebeu:

Uma busina me despertou?, estranhou ela. Era a primeira vez que isso acontecia, porque no geral, carros não saíam buzinando ás seis e meia da manhã. Sua irmã a acordava antes que qualquer pessoa estivesse pronta para ir ao trabalho.

Em um surto de entendimento, ela olhou para o relógio no visor do celular e gritou:

— Sônia!

~•~♥~•~

Saulo bebeu mais um gole do uísque de que se servira. Estava sentado na cadeira de madeira entalhada, com uma mesa vernizada diante de sí. Já havia horas que havia perdido a conta de quantos copos bebera, de quantas garrafas esvaziara. E não importava. Por um momento, apenas por um momento, desejou não possuir alma. Queria poder não sentir.

Aquela aflição o destruía por dentro. Aquela impotência o mantia preso àquela cadeira. Tanto fazia se ele estava do lado dela ou não. Simplesmente não importava, não valia. Ele não podia fazer nada.

Mas Dave podia.

Atirou o copo que segurava na parede do outro lado da sala, cheio de uma fúria homicida. O pouco conteúdo que aquele copo ainda continha se espalhou pelo carpete, manchando-o.

Então mais calmo, porém não menos infeliz, olhou para a lareira acesa. Ah, como queria se jogar naquele fogo! Se morresse, seria tão melhor... Ninguém sentiria sua falta de qualquer modo! Mas de nada adiantaria, o fogo não o machucaria. Seria uma carícia quente, nada mais. A morte não viria tão fácil, nem rápido o suficiente.

Chorou e gemeu de desespero. Ele a amava! Queria salvá-la e não deixar sua vida nas mãos de seu inimigo, dependendo dele; outro que também disputava seu coração. Mas não tinha escolha. Saulo nunca teve.

— Não acha que já chega? — perguntou Karina sarcasticamente, encostada na porta de maneira superior, o que era uma mentira. Mas ela gostava de se sentir mais austera do que o filho do Imperador.

— Não sei... Um pouquinho mais? — perguntou ele, meio bêbado.

— Precisa parar com isso. Está assustando os empregados.

— Bom, com isso, não me importo — ressaltou Saulo.

— Se isso chegar aos ouvidos de seu pai...

— Não vai! Eu pago... suborno todos. Compro o silêncio deles — disse abrindo os braços como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Isso não alterou a expressão serena de Karina.

— Eles tem mais medo de seu pai, do que de você. E eu acho que você concorda com eles, certo? — suspeitou ela, arqueando uma sobrancelha.

Por que na maioria das vezes que uma mulher fala, elas estão certas? Que saco!

— Vá embora! — vosciferou ele, aos gritos insanos. — Eu não me importo com mais nada! Nada!

— Sabe que isso é mentira. Existe uma coisa com a qual você se importa e muito — disse ela, delicadamente, o que era raro.

Saulo precisou se apoiar na mesa para não cair.

— Mas de que adianta eu me importar? — indagou ele, apenas um sussurro. — Se no fim, não vai ser pra mim o primeiro abraço dela. Se quando acordar, ela vai correr para os braços de outro... De Dave.

Seu rosto se contorceu em uma carranca de choro. Isso tirou Karina de sua posição. Ela o abraçou, e ele se entregou a seus braços, deixando-se cair no chão, e liberou as lágrimas que prendia a tanto tempo.

As gotas vermelhas e espessas caíram no vestido de Karina, deixando as evidências daquele ato vergonho para um vampiro.

Era tão estranho assim que um vampiro chorasse?

~•~♥~•~

Ela olhou para ele, estática, como se tivesse sido hipnotizada por sua beleza... Estava todo de preto, desde o jeans até a grossa jaqueta de couro, que tinha dois bolsos na frente e várias correntes. Ele parecia um motoqueiro, só faltava a moto e o capacete estiloso. Aquela visão arracou um suspiro de Sônia.

Dave sorriu gentilmente, desencostando-se da árvore e andando lentamente até ela. Sônia se sentiu em um daqueles filmes em que a mocinha conhece o mocinho enquanto ele anda em câmera lenta em direção a ela. A declaração daquele fato deveria deixá-la irritada — outro clichê, mas não. Estava feliz em vê-lo, apesar de ser um grande imprevisto no seu dia progamado.

Esqueceu-se de Emily instantaneamente.

— É bom revê-la — disse ele a troco de nada, com aquele sorriso lindo no rosto.

— É bom pra mim também — gaguejou ela um pouco. Respirou fundo para se acalmar. Sacudiu a cabeça levemente, tentando se desvencilhar do estado de confusão mental que nublou parcialmente seus pensamentos. — O que faz aqui?

Ele olhou para aquele vinco na testa dela, sinal de confusão e sorriu mais ainda.

— É de se esperar que eu tenha que estudar, certo? Afinal, eu me mudei para cá, mas ainda não terminei o médio — comentou ele, um meio sorriso no canto direito de sua boca.

— Vai estudar aqui? — o coração de Sônia palpitou mais rapidamente.

— Sim, vou. Espero que não seja nenhum problema pra você. Vamos acabar nos esbarrando mais vezes por aí — era surpreendente como Dave parecia ter a habilidade de fazer com que Sônia ficasse nervosa de uma maneira completamente diferente da casual.

— Não, não. Problema algum.

— Ótimo.

Sônia precisou piscar algumas vezes para entender o que estava sentindo. Ela estava mais contente como fato de que encontraria Dave mais vezes por aí do que realmente queria admitir, até

para sí mesma. Apertou firmemente o fichário em seu peito, como um escudo contra os própios sentimentos.

— Bom, eu acho que eu vou andando — disse ele.

— Quer ajuda? É uma escola bem grande, pode ser confuso — disse ela, prestativa. Mas a verdade era que queria passar o máximo de tempo possível com aquela pessoa que lhe despertou novos e estranhos sentimentos.

— Bom, eu... — ele coçou a cabeça, parecia constrangido. — Eu já tenho uma guia.

— Quem? — indagou Sônia, desapontada. Uma sensação de raiva misturada com perda a invadiu.

— Dave! — chamou uma voz aguda que Sônia conhecia bem. Ela prendeu a respiração e disse:

— Kelly, você...

— Vejo que já se conheceram... — disse a irmã, se aproximando dos dois. — Bom, poderão conversar depois. Dave, pode me esperar alí na portaria? Só quero dar uma palavrinha com minha irmã — Kelly estava linda com sua roupa cara que ela não costumava usar para simplesmente ir a escola. Sônia podia adivinhar o real propósito por trás daquela roupa.

— Claro — disse ele educado. Despediu-se de Sônia, e foi para o local que Kelly o mostrara.

Kelly virou-se para Sônia, que reconheceu o rancor em seu olhar.

— Sua trapaceira — gritou Kelly em um sussurro. — O que pensa que está fazendo?

— Do que você está falando?

— Querendo roubar a atenção de Dave só para sí? — grunhiu Kelly. — Pois saiba que eu não permitirei! Eu o ví a mais tempo do que você. Só pra você saber, eu o encontrei naquele dia no shopping com a mamãe em que você não quis ir. Teria passado mais tempo com ele, não fosse o Todd.

— Eu não estou tentando roubar ninguém!

— Pensa que sou idiota? Você deveria ter me acordado hoje já que mamãe não podia! Sabia que ela sairia cedo demais para me acordar — acusou ela, a fúria estampada em sua face. — Qual era seu plano? Me atrasar para a escola para que você se tornasse a melhor amiga de Dave? Pois eu lhe digo: não vai funcionar.

— Em primeiro lugar: não estou interessada em Dave — aquilo não era exatamente verdade. — Em segundo: só não a acordei hoje de manhã para lhe ensinar uma lição. Da próxima vez que eu lhe pedir para dar um recado a mamãe, você dê! E terceiro: você já não é bem grandinha para acordar sozinha? Arranje um despertador!

Sônia e Kelly sabiam de qual recado falavam — a chegada de Carrie.

— Eu me esqueci! — Kelly tentou defender-se.

— Jura? Ah, pois nesse caso... Esqueci-me de lhe acordar hoje de manhã também — disse Sônia, irônca.

Sônia deu as costas para Kelly, que estava cheia de raiva.

Procourou Emily onda a havia visto esta manhã, mas ela já não estava mais lá. Andou por uns bons vinte minutos, até que já não podia mais. A aula logo começaria e ela ainda teria que passar na secretaría para pegar os panfletos sobre o baile de inverno que a escola ofereceria e distribuílos entre os alunos. Tarefa da qual não queria cumprir, mas que era obrigada. No mês passado, ela quase cabulara aula e agora tinha que prestar serviços a escola, uma forma de castigo, ou punição.

Ela se esquecera daquilo até aquele momento. Caso não tivesse visto o cartaz na porta de uma das salas de aula, não teria se lembrado dessa atividade extra. Mais um imprevisto em seu dia progamado.

Andou irritada, bufando a intervalos regulares, em direção a secretaria. Suas botas batiam pesadamente no piso do corredor, anunciando sua chegada. O rosto da secretária virou-se para ela, primeiramente surpresa por vê-la alí, em seguida, com compreensão.

Nem precisaram trocar palavra alguma. A secretária pegou os panfletos que estavam guardados dentro de um móvel marfim escuro e entregou-os a Sônia que pegou-os com um sanafão. Sorriu sarcasticamente para a mulher e saiu para sua aula.

Entrou na sala, ainda irritada, e sentou-se em sua cadeira ao lado de Kevin. Ele olhou para ela, e percebeu seu estado de espírito. Resolveu ficar em silêncio.

Sônia sabia que não deveria ficar irritada pela atividade extra que deveria fazer. Fora errado o que tentara fazer, e agora, pagava pelo seu erro. Foi então que a verdade surgiu em sua mente e ela custou a aceitá-la, até que a admitiu por fim.

Não estava naquele estado por não ter encontrado Emily, ou por ter que distribiuir aquele panfleto idiota. Estava irritada porque sabia que Kelly estava com Dave em vez dela.

Ah, não acredito, ironizou ela. Eu não posso estar... Era só o que me faltava! Eu não estou com ciúme de Dave Thorton! Não estou! Respira...

Assistiu a aula sem realmente vê-la. Queria estar em outro lugar, queria ser outra pessoa. Queria...

Queria surtar.

Era sua única válvula de escape que realmente funcionava, por mais que a odiasse.

Os sonhos/pesadelos sempre eram de mesmo cunho. Começavam com aquele cara de olhos vermelhos, que a tratava bem demais para ela acreditar, deixando-a presa a ele e terminavam com alguma ameaça enquanto ela estava perdida, completamente sozinha na escuridão. O problema era justamente esse; ela sabia que estava sozinha, mas ainda assim, aquela voz chagava até ela, assustando-a. Vinha de muito longe, não necessariamente dentro dela, mas de um lugar mais distante. Era real demais para ter sido obra de sua mente.

Era sua psicose atacando. Por mais louco que fosse, Sônia acreditava que era real, ela sentia. Mas então, a dúvida surgia e ela não sabia o que fazer.

Pensou mais sobre aquela frase que ouvira da última vez; você me roubou. O que isso queria dizer? O que significava? Sônia podia fazer muita coisa errada para tentar descobrir quem ela mesma era, mas roubar? Isso jamais fizera e nem faria. Era demais, até para ela.

Todos tem um limite, até mesmo a pessoa mais desequilibrada do mundo.

No fim da aula, Kevin finalmente lhe dirigiu a palavra.

— O que aconteceu? — Aquela simples pergunta fez Sônia se esquecer completamente do sonho/pesadelo, e voltar a pensar em Dave.

A criatura de olhos avermelhados.

— Nada demais. Como sempre, meus problemas se resumem ao fato de que sou uma pessoa decadente e... Kelly.

— Sorte a minha que eu não tenho irmãos — comentou Kevin, em tom sério.

— Isso, faz inveja! É bom que me distrai. Ah, esquece. Tenho trabalho a fazer — resmungou

Sônia. Ela estava guardando o material na mochila e sua mão deu de encontro com os panfletos. Ela ergueu-os, e entregou um a Kevin.

— Baile de inverno. Que situação mais deprimente para um cadeirante — suspirou ele.

— Ei, calma. Você vai neste baile idiota conosco. Ou o que? Acha mesmo que vamos permitir que você perca? Emily nunca deixaria.

Kevin sorriu emocionado.

— Vocês são as melhores amigas que alguém como eu pode ter. Mas já tenho compromisso. Reuniã familiar na casa do lago. Obrigado mesmo assim.

— Eu amo você! — Sônia sorriu delicadamente. — Vamos? Tenho muitos panfletos para entregar nos próximos... cinco minitos. Que lugar melhor do que um corredor lotado de gente para me ajuda a me livrar desses papeis idiotas?

— Bora! Eu ajudo.

Sônia pegou a cadeira de rodas de Kevin e o empurrou porta a fora, para o corredor.

Kevin tornou essa chatisse a experiência mais engraçada que Sônia poderia imaginar. Parecia um feirante vendendo mercadorias pelo modo como chamaram a atenção. Sônia praticamente dançava com a cadeira de rodas de Kevin enquanto ele gritava:

— Sei que os adolescente odeiam bailes, mas meninos, façam este sacrifício, por favor. As nobres damas não podem ficar desacompanhadas, não é mesmo? E meninas... colaborem com os garotos, afinal, eles se sacrificam por vocês! Vamos, não vai doer. É só um baile, nada mais...

As expressões que Kevin fazia — de sofrimento, de contentação... — nos momentos certos e o tom de sua voz eram tão engraçados que Sônia riu ainda mais. Os adolescentes pegavam aqueles pedaços de papel com gosto, e pareciam realmente interessados. Só Kevin era amigo suficiente para pagar um mico daqueles e ainda conseguir sair bem na fita. Quando todos os panfletos foram entregues, o sinal tocou novamente, indicando que os alunos deveriam ir para suas salas.

Sônia viu Dave de relance, enconstado na parede do outro lado do corredor comprido. Ele não parecia feliz. Seu olhar ia dela para Kevin e para ele novamente, para a maneira que ela se inclinava para ele.

Dave se virou e saiu andando pelo corredor, os ombros meio encurvados.

~•~♥~•~

Sônia se jogou na cama e ficou olhando para o teto rosa claríssimo. Rosa não era uma cor da qual ela gostasse muito, mas sua mãe mandara pintar seu quarto daquela cor antes que ela pudesse protestar. Pelo menos era uma cor tão neutra quanto branco e a acalmava. Mas ela ainda era apaixonada pelo vermelho sangue. Havia algo de extremamente tentador naquela cor. Seria pelo reflexo de seu cabelo? Não, aquilo não era razão suficiente.

Carrie entrou no quarto sem bater na porta. Seu cabelo estava ainda mais castanho, pois estava molhado e um pouco mais abaixo dos ombros. Seus olhos verdes musgo sondaram Sônia e sua aparência abatida.

Sentou-se na cama dela, cruzando as pernas e perguntou:

— Está tudo bem?

— Sei lá — murmurou Sônia.

— Você parece tão... pra baixo — observou Carrie, franzindo a testa.

— Obrigada por declarar o óbvio — suspirou. — Sou uma pessoa de- cadente. Estou constantemente para baixo. Com algumas raras excessões.

Carrie suspirou resignada e deitou-se ao lado de Sônia.

— Está fazendo o que?

— Olhando pro teto.

— Isso não é divertido — observou Carrie, franzindo a testa novamente.

— E não é pra ser.

Ela olhou para Sônia de novo, e suspirou mais uma vez.

— Tudo bem. Despeje. Como foi o dia?

— Chato e decepcionante — respondeu. Sônia se perguntou como fora de uma manhã feliz para essa depressão.

— Por que decepcionante.

— Porque eu havia programado um dia normal e chato, como sempre, porém com algumas mudanças para o fim do dia, como você aqui por exemplo. Nada saiu como planejei.

Carrie a olhou de soslaio.

— E de novo, eu digo: despeje.

— Ocorreram imprevistos. Primeiro, um cara que eu conheci a pouco tempo vai estudar na escola e Kelly parece ser muito amiga dele. Segundo, eu havia esquecido de que deveria entregar panfletos sobre o baile de inverno e por isso acabei chegando atrasada em uma aula, o que nunca havia acontecido antes. Levei uma bronca do professor. Por fim, a Emily sumiu. Não a ví o dia inteiro. Isso foi estranho. Tudo fora do planejado.

— Uau. Espere... Processando informações... Emily, baile e um cara novo... com a sua irmã... Opa! — Carrie sorriu animada, sentando-se.

Sônia olhou para Carrie, surpresa por sua reação. O que ela vira?

— Que foi? — perguntou, confusa.

— Estou presenciando um milagre aqui, é isso? Você com ciúme? — exclamou Carrie.

— Não tenho ciúme! — mentiu ela, sentindo como se tivesse acabado de ser descoberta. — Do que você está falando, afinal?

— Do carinha lá...

— Ele tem nome e é Dave. E não tenho ciúme dele! — gritou Sônia, arregalando os olhos azuis.

— Hum, sei.

Sônia pegou um travesseiro e jogou na cara da amiga, começando uma disputa, meio que de brincadeira, que serviu para distraí-la por alguns poucos minutos.

— Bom, pelo menos uma coisa eu aprendi hoje — disse Sônia a troco de nada e voltando a olhar para o teto.

— O que?

— Dias progamados não podem existir, porque imprevistos acontecem.

~•~♥~•~

Sônia tentou falar com Dave no dia seguinte, quando o encontrou na aula de inglês. Ele disse um

oi e depois se virou para a professora que nem havia começado a aula ainda. E ficou assim o tempo todo... Nos corredores, no almoço, nas aulas que compartilhavam... Uma ou duas palavras no máximo. Parecia que ele a evitava a todo custo. Sônia se perguntou se isso tinha relação com a cumplicidade que ele a vira ter com Kevin, mas essa era uma ideia ridícula. O cara mal a conhecia, não se importaria com ela.

E... se ele não se importava com ela, também não estaria interessado, estaria?

Mas ele fora tão educado quando falara com ela antes. Por que aquela mudança súbita agora? Kelly tinha participação nisso?

Eram tantas perguntas. Sônia não sabia quais eram de fato importantes ou sequer relevantes naquele caso. O surgimento de novos sentimentos a confundiam. Mas de uma coisa estava certa: não poderia se afastar daquele cara misterioso. Ela não esquecera daquele vislumbre de olhos avermelhados que tivera no Montinho.

E estava certa de que havia algo mais que ela deveria saber.

— Dave — tentou ela novamente. Era hora da saída, os alunos se amontoavam na portaria. Ela conseguira o máximo de privacidade que podia alí, ficando não mais do que cinco metros da multidão.

Dave se virou para ela, e suspirou.

— O que foi, Sônia? — seu semblante não era agradável.

— Eu fiz alguma coisa?

— Não sei, me diga você.

— Por que tem me evitado? — disparou ela, temerosa pela resposta.

— Não quero pertubá-la.

— Porque me pertubaria? — perguntou surpresa. — Isso soa meio ridículo, não acha?

— Não tão ridículo assim. — Dave suspirou. — Olha, não tenho tempo pra isso.

Ele estava capisbaixo, evitando olhá-la nos olhos.

— Não quer mais falar comigo, é isso? Porque se for, por favor, me diga logo.

— Estou... confuso. Por favor, entenda — pediu ele.

— Confuso? Com o que? Eu é que tenho o direito de me sentir assim. Você nunca mais falou comigo, e até agora, não ví razão para tanto.

— É que... algumas coisas estão acontecendo. Preciso ficar sozinho, para entendê-las. Um dia, prometo, um dia saberá. De um jeito, ou de outro. Mas saberá — disse, parecendo muito triste com esse fato. O coração de Sônia se apertou.

Ele deu as costas, deixando-a com várias interrogações em mente.

Capítulo 04

Chamada perdida

"É como um desses sonhos ruins
quando você não consegue acordar."
I don't believe you - Pink

— Ei, calma. Vai ficar tudo bem — disse Emily, encorajando Sônia a sorrir um pouco. Não gostava de admitir, mas sua própia fraqueza fazia com que a amiga fosse a única coisa em que podia se apoiar — o pilar que a sustentava quando suas própias pernas perdiam as forças.

Elas estavam na praça de alimentação de um shopping lotado, em um belo e ensolarado dia de domingo, comendo o que pudesse convencer o estômago de ambas de que não precisariam de alimento nenhum nas próximas três horas. Um pacote completo de hambúrguer, batata frita e refrigerante com direito ao molho picante de pimenta e um brinde idota sem motivo de comemoração.

Sônia estava mais abatida por esses dias do que ela poderia imaginar estar um dia. Se, duas semanas atrás, tivessem lhe dito que ela estaria exatamente do jeito que está agora, certamente teria dado uma resposta bastante inteligente para o metido a adivinho e marchado para longe do dito cujo. E aqui estava ela, sentada em uma daquelas mesas prateadas ridículas, apoiando o queixo nas mãos finas e delicadas. Completamente apática. Até o ato de simplesmente respirar lhe parecia um grande esforço.

Ela se auto declarava uma pessoa decadente porque adorava cores fúnebres e temas do tipo, e somente ela faziam com que seu humor melhorasse a ponto de ignorar sua adorável psicose. Amava tudo que tivesse a ver com aquela sombriedade e ar nebuloso que lhe confundia a mente e lhe enaltecia a alma. Desde músicas a mais assustadora das literaturas. Mas ela nunca havia ficado deprimida, de fato decadente, do jeito que estava agora. Piorando cada vez mais.

E tudo por causa de um garoto.

Nunca mais falara com Dave. Ele até a procurara algumas vezes, tentando ser educado, mas era ela que o ignorava desta vez. E isso a destruía por dentro. Odiava ficar longe dele, por mais absurdo que parecesse. Ela mal podia acreditar que sentia saudades de algo que não possuia. Ele não era dela.

Não. Ele não era dela. E isso a deixava triste.

Que sentimento era aquele? Não era amor, nem paixão, sequer atração. Pelo menos, não ainda, já que não tivera tempo suficiente para conhecê-lo melhor. Agora, longe dele e de sua aparência hipnotisante, podia pensar melhor e tranquilizar a sí mesma ao repetir várias vezes que não estava apaixonada pelo novato. Mas sentia em seu âmago uma necessidade tremenda de estar perto dele, de vê-lo, de... protegê-lo. Era algo mais parecido com devoção do que qualquer outra coisa. E ela sentira o mesmo por Carrie, como se ela e Dave tivessem algo em comum que despertava em Sônia, esse sentimento de carinho e cuidado extremos.

— Eu não tenho tanta certeza, Lily — suspira ela, erguendo os olhos apáticos para a amiga e voltando a abaixá-los, retorcendo o canto da boca. — Isso é tão estranho, me confundi demais. Eu... simplesmente não consigo entender o que sinto. Não consigo entender a mim mesma!

— Acha que está apaixonada por ele? — o tom de voz de Emily mudara drasticamente. Passara da preocupação para entusiasmo em questão de segundos. Seus olhos pareciam cintilar com uma alegria não reprimida. Tudo o que Emily queria era que Sônia não atravessasse a vida sozinha, sem alguém com quem compartilhar.

— Não! — negou Sônia, corada. — Pelo menos ainda não. É algo menos profundo do que amor romântico, mas não menos forte do que ele. É como se eu tivesse o dever de cuidar dele, sabe?

Entende?

— Não, não sei. Ainda acho que é amor — Emily deu um meio sorriso, a mente transbordando possibilidades. — Meu plano deu certo — completou ela, satisfeita.

Sônia bufou.

— Não, não deu. Se tivesse realmente dado, eu não estaria aqui, nesse estado.

— O amor dói.

— Queria saber porquê — Sônia estreitou os olhos, intrigada.

— Porque é difícil, envolve muitas questões... sociais — Emily lutou para achar a palavra certa.

— Quer dizer que é culpa da sociedade? Que é por causa dela que venho sofrendo esses dias? — perguntou Sônia cétita.

— Mais ou menos. Isso não é de hoje e você sabe — suspirou entediada. — Isso vem desde que o homem resolveu inventar a moeda, o que dividiu o mundo em classes sociais, que proclamou leis absurdas e explorou o ser humano, tornado-o uma piada mundial... Não me entenda mal, mas quando eu digo piada, não falo no sentido há, há há. Falo no sentido de que tudo se resume a economia, a dinheiro. As pessoas pensam na conta bancária do futuro ao se casarem. Como se isso fosse o que define o caráter das pessoas.Lembra o que você me disse sobre "beleza, sinônimo de educação"? É maios ou menos isso. Todas essas coisas que vemos na aula de história também. As guerras existem e a maioria é motivada pela moeda ao qual o homem tanto anseia e blá, blá, blá...

Sônia viu certa razão nas palavras de Emily. Ou toda razão era mais adequado? Sua cabeça dava voltas e mais voltas, como um pião, sem parar um só minuto. Processava o que sabia e o que acreditava, buscando respostas para perguntas incoerentes. A verdade sobre sí mesma estava naquele meio, tinha que estar. Não podia ser só uma adolescente que queria ser diferente, parar de ser a sombra da irmã mais nova e não viver os mesmos dramas que outros, podia?

Ela sabia que era mais do que apenas isso. Sentia que era algo tão maravilhoso que certamente era incompreensível.

Não se achava gananciosa só porque queria um pouco mais, nem individualista por querer fazer diferente. O mundo parecia seguir uma estética só, compartilhavam um pensamento só, muito embora outras ideias surgissem. Achavam que só existia uma verdade e criticavam quem achava outra vertende. Ela mesma não era criticada pela mãe? O maldito falso moralismo do mundo e seus tabus "rompidos"...

Revirou os olhos e olhou ao redor, para o ambiente bem iluminado e limpo.

Haviam várias mesas na praça de alimentação, algumas cobertas por toalhas com os logotipos das lojas gravados no centro. Marcas famosas, as mais adoradas por todo mundo. Gosto esse que certamente foi influenciado pela propaganda exagerada... Ela percebeu isso, e no mesmo momento olhou para o própio prato.

Vou virar vegetariana, pensou ela contendo um riso.

A maior parte das pessoas comiam o mesmo tipo de comida — gordurosa e cheia de carboidratos e açúcar em excesso. Poderia apostar, naquele instante, que metade daquelas pessoas possuiam diabets e nem sabiam. A população americana tinha um índice de diabédicos e hipertensos assustador. Isso poderia ser invertido se cada um cuidasse da própia boca e do própio corpo. Será que eles não se tocavam que era bom maneirar no sal e açúcar de vez enquando, só pra garantir?

Sônia sabia: eles nem se importavam com isso, enquanto não soubessem se estavam doentes ou

não. Ignorar lhes parecia a saída mais fácil, do que se preocupar sabendo da verdade.

A maioria das pessoas só se importam com alguma coisa quando ela está alí na sua frente. Caso contrário, ignoram que ela pode acontecer se não tomar cuidado: uma vista limitada.

— Vamos? — chamou Sônia. Emily terminou ligeiramente de tomar seu refrigerante light e levantou, pegando algumas poucas sacolas na cadeira vazia ao lado da dela.

— Para onde vamos agora? — perguntou ela, levantando as sobracelhas louras e curvadas.

— Para... sei lá. Não tenho rumo certo, não — respondeu Sônia, balançando a cabeça. — Mas... Que tal uma livraria? Ah, deixa pra lá. Já tenho muita coisa por ler em casa.

— Que tal... roupas novas? — animou-se.

— Não, você já está levando uma loja inteira.

— Exatamente. Mas você não está levando nada — ressaltou Emily, a voz empolgada.

Era verdade. Sônia só tinha sua bolsa surrada nas mãos.

— Pode ser — aceitou com um suspiro.

— Então, lojistas que se preparem. Vamos esbanjar!

— Nada de consumismo desenfreado! — riu Sônia.

~•~♥~•~

Dave estava acordado a pouco mais de uma hora e seu telefone já tocara mais de vinte vezes. Sabia quem era e o que queria com ele. Estava na cidade a não mais de duas semanas. Uma hora ou outra, eles teriam que cobrá-lo. E Saulo já não mais confiava nele, só precisava de uma desculpa, por mais fútil que fosse, para odiá-lo ainda mais.

Dave não precisava ser odiado ainda mais.

O ódio de Saulo era antigo e Dave parecia já ter se acostumado à ele, mas havia uma mágoa que o detruía de uma forma que ele mesmo jamais julgaria possível. Fora ele o traídor, logo era justo que tivesse se tornado a fonte inesgotável de ódio de seu ex-amigo, Saulo. Mas ainda era duro admitir para sí mesmo que descera tão baixo.

E pior era saber que faria tudo novamente. Porque nada mais importava, tudo perdia o sentido, quando Blair sorria para ele. E Dave desejava ver aquele sorriso novamente mais do que desejava estar com ela. Se ele não tivesse tentado impedir o casamento, ela teria tido uma vida confortável ao lado de Saulo.

Mas então, hoje, estaria morta.

Expulsou essa ideia da mente com todo o nojo pelo fato de tê-la pensado. Porém, o telefone voltou a tocar, e junto desse pensamento que acabara de se livrar, lembrou de sua missão.

Sônia.

Aquele nome girou em sua cabeça, lançando farpas em seu âmago e chamas em seu coração, aquecendo-o. Ele se apegava àquele sonho de cabelos vermelhos tanto quanto podia. E não era porque ela, de certa forma, era a Blair, mas porque ela era ela. Tudo o que ele um dia amou em Blair estava em Sônia. Toda aquele benevolência e devoção.

Não se falaram mais durante os últimos dias e ele ficou desolado com isso. Causou dor a sí mesmo ao ver a dor que causara nela. Decepcionou tanto a ela quanto a sí própio. Fora uma interminável e difícil semana.

E mais: uma criatura tão frágil quanto ela precisava ser protegida, não destruída.

O celular voltou a tocar.

Dave suspirou olhando para o quarto, para as paredes verdes-água, para a cama imensa colocada bem no centro, dividindo o quarto ao meio. Olhou para o tapete persa logo a frente e para a cômoda após este, local onde o telefone estava e tocava sem dar-lhe sossego.

Levantou-se da cadeira resignado e suspirando, perguntando-se se algum dia aquilo faria sentido em sua morte-vida, porque ultimamente tudo andava estranho, até para um cadáver. Pegou o aparelho preto entre as mãos contendo a vontade de jogá-lo do outro lado do quarto e espatifá-lo no chão impermeável.

— O que é? — perguntou fazendo uma carranca de desgosto e tentando ao máximo disfarçar sua voz irritada, para uma não mais do que respeitosa e minimamente educada.

Do outro lado da linhda, Saulo não hesitou uma fração de segundo a mais do que o necessário para responder.

— Por que está demorando tanto? — perguntou. Estava nervoso como sempre. E muito, muito impaciente. Parecia que desde que Blair caíra no Sono de Pandora, ele não fizera outra coisa a não ser ficar nervoso.

— Essas coisas levam tempo — disse Dave, sereno e apaziguador.

— É tempo demais — reclamou do outro lado da linha.

— Preciso ganhar a confiança dela primeiro.

— Pois faça isso rápido! Essa espera está me matando. — Não era comum Saulo falar dos própios sentimentos com Dave e certamente não o fazia propositalmente agora.

— A mim também — suspirou ele, franzindo a testa. — Mas acredite, de uma forma ainda pior do que a sua.

— O que está querendo insinuar? Que você a ama mais? — perguntou Saulo desacreditado e com certo tom sarcástico na voz.

— Você não entenderia — disse Dave devagar, lembrando-se do riso de Sônia naquela noite no Montinho.

A vontade de vê-la era imensa. Tão grande que chegava a sufocar. Sabia que seria impróprio e muito confuso se fosse fazer-lhe uma visita. E como ótimo perseguidor que é, já sabia onde ela morava. A culpa era o único sentimento que o prendia alí, exatamente onde estava em seu quarto. Fizera Sônia sofrer.

E o mais intrigante era a pergunta que ele se fazia todos os dias: por que ela sofria por ele? Seu coração batia mais acelerado ao imaginar as possibilidades de resposta.

— Não posso crer... — disse Saulo, chamando a atenção de Dave novamente.

— O que foi? — distraído.

— Por que hesita tanto? — o tom de voz de Saulo mudara. Passou de irritado para desconfiado. — Sequestre-a e pronto.

— Não sei se... posso fazer isso... — somente a menção de tal ideia lhe causava arrepios.

— Você não está... Há, há, era só o que me faltava!

Saulo riu sarcástico e irônico. Parecia contente, contudo. O que era muito raro e deixava Dave tenso.

— Do que você está falando? Enlouqueceu?

— Quem enlouqueceu foi você, meu caro não amigo. Blair vai adorar saber que você ama outra — riu novamente.

— Isso não é da sua conta! E eu não a amo! — negou Dave com fercidade.

— Mentindo para sí mesmo? A que ponto chegamos... — comentou ainda rindo.

— Não posso amá-la, e você sabe. Blair é tudo pra mim.

— Não é mais. E boa sorte matando a mulher que você ama. Boa sorte mesmo! Por que, você sabe, né? Terá de matá-la, não importa o quê.

— Saulo...

— Se não tirar a vida dela, outra pessoa o fará. Tenho dito — encerrou mais sério.

A linha ficou muda de repente, Saulo desligara.

Dave estava em dúvida. Como ele não percebera o própio cunho de seus sentimentos e, no entento, Saulo, do outro lado do mundo, conseguiu ver o que ele mesmo não sabia? Percebeu, por tanto, que a vida dos outros sempre é mais fácil de ser decifrada do que a própia. Os sentimentos camuflam as coisas mais óbvias, nos levando para um caminho completamente diferente. E ainda há a auto-negação...

Os sentimentos levaram Dave até alí, mas não fora inteiramente dele a decisão de ter partido para encontrá-la.

O destino pregou uma peça em ambos os lados. E agora, vinha a agonía da indecisão, ele sabia.

Naquele momento, ele se deixou perder nas profundesas de seu própio ser, nas escuridão de sua alma, buscando respostas enterradas. Respostas que pudessem explicar o que ele sentia, o que deveria fazer.

Mas as coisas nem sempre são tão óbvias, repetiu para sí mesmo.

~•~♥~•~

Saulo ria diligentemente enquanto andava pelas ruas do território, dentro da enorme Muralha. Havia casas simples demais para o mundo moderno, algumas tinham palha no lugar de telhas, e os tijolos não eram tão resistentes. As mulheres ainda se vestiam com vestidos que batiam nas canelas, de mangas longas e que eram tão simples quanto suas casas. Alguns nem bordado tinham. As mais velhas, ou melhor, casadas, usavam toucas na cabeça, escondendo seus cabelos, pois só podem mostrá-los ao marido, a não ser que este permita que fiquem soltos.

A rua era íngrime e de paralelepípedos bem calçados, de modo que cavalo algum machucaria o casco naquelas pedras toscas. Algumas carroças estavam jogadas na calçada, para descarregar mercadoria que consistia em... sangue roubado que abastecia todo a população vampírica que alí morava. Os poucos que não se acharam fortes o bastante para enfrentar o mundo lá fora.

Saulo estava rindo enquanto andava e observava tudo isso, cumprimentando os moradores que educadamente se curvavam quando ele passava. Era dessa forma que mostravam respeito a ele, e era essa a única maneira de demonstrar que conhenciam e entendiam a hierarquia que os cercavam.

O motivo de seu sorriso irônico? Dave, claro. Se apaixonara pela moça idiota que seria sacrificada para trazer Blair de volta. Ela morreria, Blair retornaria para se casar com ele e Dave ficaria sozinho. Era o que desejava a tempos, com brindes a mais. Sentia-se vitorioso, mesmo sem ter recebido o título ainda.

Quase tenho pena dele, pensou irônico novamente.

Mas ele sabia. Dave era fraco demais para machucar quem ele amava, e isso tirou o sorriso de seu rosto. Era por isso que ele estava alí, para garantir o retorno de Blair. E lembrando essa parte da personalidade de seu inimigo, sentiu raiva, pois em nenhum momento desde que Blair surgira, Dave levara seus sentimentos em consideração. Talvez eles nunca tenham sido amigos de verdade afinal.

Entrou na taverna e pediu uma tequila para o bar man, ou seria bar vampire? Olhou para os lados e viu o estabelecimento quase vazio. Aquela hora da tarde, não havia muito movimento.

Satisfeito, inclinou-se para o bar vampire e sussurrou:

— Tenho um servicinho para aquele seu amigo fazer.

~•~♥~•~

Sônia estava encolhida no canto do quarto, tremendo violentamente. Seu sistema nervoso estava abalado com as imagens que acabara de presenciar. Fora tão real... Será que era tudo de fato criação de sua mente?

E estava bem melhor horas antes. Fora a escola, assistira todas as aulas, conversara com as amigas e ajudou Kevin com um trabalho de biologia. Chegara em casa, tomou um banho relaxante e sentara-se a mesa para servir-se de picanha mal passada, da qual ignorou, testando seus novos hábitos alimentares, arroz de soja e outras coisas a mais.

E minutos depois, escapuliu do almoço porque sabia que estava prestes a romper em mais um surto.

Havia visto, dessa vez, aquele mesmo lugar; escuro, dentro de um círculo de fogo que era contraditoriamente frio, perdida e confusa. Assustada, gritara a plenos pulmões, sem receber a resposta que esperava. E aquele aviso soava em sua mente novamente.

— Você me roubou.

Fora diferente, porém. Era como se uma outra pessoa se comunicasse com ela, amedrontando-a. Era isso; a intenção era mais assustá-la do que avisá-la a modo de ameaças.

— Vai pagar por me tirar tudo o que tinha. Devolverá tudo o que me pertence — havia dito a voz sombriamente, vindo de lugar nenhum.

Aquilo a assustou tanto que acordou tremento e com frio, como se tivesse sido congelada por dentro e os filetes de gelo saíssem por sua pele, umedecendo o ambiente que a cercava. E era por essa razão que sua janela estava fechada, as cortinas abaixadas, encolhida e protegida na penumbra de seu quarto. Onde, apesar da escuridão repentina, ela se sentia segura. Era familiar, particular, algo só dela e que ela conhecia melhor do que ninguém.

Onde não poderiam machucá-la.

Um sonzinho irritante a tirou de seu conflito interno. Ela olhou, primeiro assustada, depois confusa, para seu quarto, procurando a origem do som. Enchugou seu rosto úmido e fungou, respirando fundo. Levantou-se, ainda que cambaleante, até sua escrevaninha onde seu telefone tocava e vibrava, prestes a cair no chão.

Olhou o visor; Desconhecido, estava escrito. Levou o fino e sensível aparelho a orelha e disse:

— Quem fala?

— Seu pior pesadelo está prestes a se tornar realidade — falou uma voz masculina ameaçadora.

Segundos foram suficientes para que o pavor aparecesse, forte como um touro e inquebrantável.

O bipe indicou o fim de chamada e Sônia quase derrubou o celular no chão, de tanto que sua mão tremia.

O medo se instalou em cada micro elemento de seu ser. A adrenalina corria por seu corpo como se ela estivesse em uma maratona, quente e devastadora. Corroía cada mínima flepa de paz que seu corpo ainda sustentava. Sua respiração ficou falha e depois ofegante. Ela queria chorar, precisava chorar. Gritar ou entrar em desespero, para aliviar aquela sensação de insegurança, receio.

Transtornada, andou em círculos pelo quarto, ainda tentando se acalmar e fazer o máximo de silêncio possível, já que sua mãe, Kelly e Érick ainda estavam lá embaixo, aproveitando sua vida perfeita.

Calma, está tudo bem, disse a sí mesma.

Mas não estava. Quem era aquela pessoa que telefonara pra ela? E como ele sabia de seus pesadelos? E pior: o que ele queria dizer com "vão virar realidade" ?

Sônia sentiu um enjoo tremendo ao perceber que aquilo não parecia uma simples ameaça. E que tipo de ameaça é simples?

Seu coração estava prestes a sair pela boca.

Durante todo o dia, ela pensou no que aquilo poderia significar. E à noite, o sono não veio, deixando-a acordada e de olho na janela, procurando quaquer indício que se mostrasse perigoso.

~•~♥~•~

No dia seguinte, dentro do banheiro feminino, Sônia olhou para a lista de chamadas no seu celular. Haviam quatorze chamas perdidas indentificadas como Desconhecido. Ainda estavam ligando pra ela, seja lá quem fosse essa pessoa, não estava deixando-a em paz.

Ela havia colocado o celular no perfil silencioso, e durante a aula, cada vez que o aparelho vibrava, seu coração disparava. E o desespero devia ser evidente em seu rosto, porque os olhos de Dave não se desgrudaram do rosto dela durante a aula de psicologia inteira. Isso fora mais do que o suficiente para deixá-la ainda mais nervosa.

Dave ainda tentara segui-la depois que a aula terminou, mas Sônia não queria lhe dar explicações, então se escondera no único lugar em que nenhum homem que tivesse o mínimo de respeito entraria. Era por isso que ela estava no banheiro feminino. Encarou seu reflexo no espelho. Estava com olheiras embaixo do olhos, causadas pela noite não dormida. Pálida, os lábios esbranquiçados e quebradiços. Poderia facilmente se passar por alguém anêmica. Com os ombros encurvados, ela abaixou a cabeça e fechou os olhos com força.

Ela nunca parecera tão doente. Nem mesmo quando estivera doente.

Um grupo de garotas do primeiro ano entrou no banheiro, falando alto e rindo das bobagens sem sentido que diziam. Sônia não queria escutar a felicidade da vida alheia. Ela não queria ser tão diferente da maioria? Pois bem, agora estava apavorada por conta de um telefonema misterioso e uma promessa assustadora: "seu pior pesadelo está prestes a se tornar realidade". Pegou a mochila e jogou de qualquer jeito em suas costas, marchando porta afora.

Ela não estava preparada para o que aconteceria a seguir.

Se ela soubesse que ele a esperava do lado de fora da porta, teria montado acampamento dentro

de um dos boxes do banheiro até que ele fosse embora e ela estivesse livre pra ir. Mas ele estava lá, glorioso e lindo. Alguma mechas de seu cabelo preto como breu caiam sobre seus olhos, dando um certo charme a sua figura encantadora.

Os olhos escuros dele a observaram cuidadosamente, depois se estreitaram preocupados. Ele se aproximou dela, tão perto que Sônia pôde sentir a respiração dele bater de encontro a seu rosto. Se o corredor estivesse lotado, estaria soando assobios por conta de tanta proximidade.

— Você está bem? — perguntou ele, com a testa lisa e perfeita franzida.

Fazia tanto tempo que Sônia não ouvia sua voz cadenciada e surpreendentemente macia, como se fosse de seda! Apesar disso, ela agiu como se não estivesse acontecendo nada, ignorante.

— Por que isso lhe interessa? — perguntou ela arrogantemente.

— Bom, seu bem estar é algo importante pra mim — disse ele, contraditóriamente calmo.

Uma doce e cálida nuvem de calor acalmou o coração de Sônia, porém, não desfez sua fachada irritada.

— Isso ainda não responde o porquê. Por que a minha vida é importante pra você? O que lhe interessa nela que faz com que você não me deixe em paz?

— Sinceramente, não posso responder — suspirou. — Mas me preocupo com você mesmo assim. E isso não é tão terrivel assim, é? — disse Dave com ironia.

— Eu queria poder resolver minhas coisas sozinha, sem ajuda de ninguém. Estou cançada de todo mundo se meter em meus problemas — retrucou fechando a cara.

— Está com problemas? — perguntou ele preocupado e Sônia não fez menção alguma de que iria responder. — Deveria ficar feliz, pelas pessoas se importarem tanto com você. Isso significa que você é amada.

— Ou que as pessoas são um bando de bisbilhoteiras sem nada melhor para fazer.

Sônia se virou, mas Dave agarrou-lhe o braço, forçando-a a olhá-lo.

— Gostaria que você fosse pelo menos educada, sim? — grunhiu ele.

— Prefiro a má educação a fingimento. Soa mais verdadeiro assim.

Sônia puxou o braço de uma vez, mas Dave a segurava de um jeito firme que a impedia de se livrar da mão dele.

— Solte-me! — ordenou ela com a voz fraca. E contrariando todas as crenças de Sônia, Dave a soltou. Ela ficou surpresa com a delicadeza com que ele o fez.

— Queria que retornassemos ao nosso comportamento anterior.

— Acho que não é possível. Fiquei muito boa em lhe ignorar — não era exatamente uma mentira. Talvez meia verdade.

— Isso não está fazendo bem a nenhum de nós e você sabe — disse ele, intenso e com os olhos tão brilhantes quanto a lua que nasceria dalí a algumas horas.

Sônia se surpreendeu com a revelação de Dave. Ela não sabia que ele também ficara incomodado com aquele afastamento. Um sentimento forte tomou conta dela, apagando qualquer outra sensação.

— Você não está feliz, está? — perguntou ela, a voz mais suave, um sussurro.

— Não.

A intencidade do olhar de Dave prendeu Sônia no chão. Ela não podia fugir do que sentia, pois todos seus instintos a pediam que cuidasse dele, mas também não queria admitir antes que ele o fizesse. Algum súbito receio enfiado no fundo de sí mesma, há muito esquecido.

— Desculpe se a evitei. Andei muito confuso por esses dias, e até hoje não sei ao certo o que devo fazer, mas de uma coisa tenho certeza: se eu insistir em ignorá-la, vai ser pior depois.

— Então está tentando me pedir desculpas? — Sônia o encarou, franzindo a testa.

— É, apesar de que eu não sei fazer isso muito bem — respondeu ele franzindo a testa também, soltando um meio sorriso.

— Está perdoado. Em troca, peço perdão também.

— Ah, você não fez nada demais. Sua ignorância, na verdade, me ajudou a tomar algumas decisões.

— Nesse caso, então... De nada — sorriu ela, depois gargalhou amavelmente, encantando Dave secretamente.

Eles riram, conversando por mais alguns minutos, até que Sônia se lembrou de que tinha marcado com Emily e Kevin na lanchonete. Despediram-se com um abraço, e Sônia sentiu que havia deixado algo de sí com aquela pessoa extraordinária.

~•~♥~•~

Dave estacionou o carro na frente de casa. Não se importou em deixá-lo alí. Era uma rua afastada do centro, mais isolada, pouquíssimas casas ao redor. Perfeito para um vampiro.

Abriu a porta de casa, satisfeito. Conseguira falar com ela novamente sem se magoarem. Estava se aproximando dela de uma forma perigosa, tanto para sí mesmo, quanto para ela. Se ele se apaixonasse por ela, estaria colocando ambos em risco. Mas se a matasse, estaria se destruindo. Era impossível negar o sentimento mútuo que compartilhavam.

Parou quando fechou a porta, tenso. Todos seus músculos se retesaram e sua respiração saiu mais errática. Seus instintos o mandaram ficar atento. Não estava sozinho alí, havia mais alguém.

Sentiu-se vigiado, sabia que estava sendo de fato observado. O cheiro do visitante atingiu-o no rosto, deixando êxtasiado e surpreso.

Não pode ser, pensou. Mas o que...?

Ela apareceu na sala. Sua roupa era justa demais, tanto a calça de couro quanto a blusa cinza que usava, tão diferente do vestidos que costumava vestir. Dave não sabia se ficava chocado, surpreso ou ambos ao mesmo tempo, pois a vinda dela para a cidade era algo inteiramente não previsto nos planos dele.

— Olá, Dave — disse a visitante.

Capítulo 05

Bilhetes Assassinos

— Karina? É você? Mas... O que faz aqui? — perguntou Dave, gaguejando um pouco, pois fora

pego de surpresa pela chegada repentina da amiga. Precisou piscar algumas vezes, certificando-se de que não estava imaginando nada. Depois soltou um sorriso de satisfação, feliz por ela estar alí.

E também preocupado por ela estar alí.

— Oi, Dave. Também estou feliz em te ver — disse ela com a voz indignada e um sorriso irônico no rosto, uma das sobrancelhas arqueadas. Era perceptível o tom bricalhão e meio irritado na voz dela.

— Desculpe — Dave sorriu.

Ele correu para abraçar a velha amiga, que de velha não tinha nada, a não ser a idade. Se conheceram muito depois de Blair aparecer em sua vida, daquela forma tão repentina e inesperada. Eles ficaram tão amigos que Dave conhecia cada minúscula célula da personalidade de Karina, mas pouco sabia de seu passado que ela escondia tão severamente.

Karina sempre fora impetuosa e dona do própio nariz, mas em geral, se abstia de problemas e se fazia de austera, assim como todo vampiro nobre. Seu cabelo castanho escuro caia em ondas grossas, chegado próximo à sua cintura fina e delicada, de quadris arredondados e um salto alto para elevar sua altura. Seus grandes olhos escuros, que puxavam mais para o marrom terra do que o ocre, estavam bem atentos as feições de Dave.

Ela era esperta, sabia que algo se passava dentro de Dave e também sabia que ele não queria contar nada. Além do mais, o estado de confusão era óbvio, relfetido em sua ações. Em sua maneira indecisa e insegura de andar perto dela, nas palavras gaguejadas que ele soltava sem nexo algum, em seus olhos que não paravam de piscar rapidamente...

Principalmente em sua testa franzida.

— Foi mal, vir assim, sem avisar... Mas recebi uma missão repentina. Eu tinha que vir aqui para... — Karina hesitou, não tendo muita certeza de como falar sobre aquele assunto com Dave.

Dave levantou os olhos do chão, cauteloso, e ficou tenso, prendendo sua respiração e se preparando para a bomba que sabia viria.

Eles se cercaram por todos os lados, todos, pensou ele com dificuldade para respirar.

Era como se todo seu corpo e sua intuição estivessem lhe revelando o verdadeiro motivo do aparecimento de Karina alí, antes mesmo que ela lhe contasse. Já não estava mais tão feliz, o contentamento de minutos atrás fora esquecido na agonía do momento.

— Eu realmente sinto muito, Dave, — começou ela lentamente — mas Saulo me ordenou que eu viesse aqui... para apressá-lo — soltou ela por fim, fazendo com que Dave desabasse no sofá, e voltasse seus olhos para o chão. — Ele já não suporta mais esperar! E, creio eu, que seja melhor você acabar logo com isso. Pensei que queria Blair novamente, mas pelo tanto que lhe conheço e pelo seu estado de espírito, posso afirmar que nem mesmo você tem certeza disso. Pelo menos, não mais...

Karina se deixou cair no sofá a frente de Dave, torcendo os dedos. Não estava nervosa, talvez um pouco preocupada. Ela conhecia bem a dor de temer perder quem se ama. Estavam separados por uma mesinha de centro com um jarro de flores quase murchas no meio.

Com um, ou dois suspiros indefinidos, ele tentou engolir o bolo em sua garganta. Era hora de dizer tudo, até para sí mesmo.

— Karina... Acha que depois de tantos anos, de quinhentos anos amando a mesma mulher, eu poderia apaixonar-me por outra? — perguntou, murmurando inseguramente.

Karina olhou-o diretamente, sem piscar.

— Não sou a melhor pessoa para discutir esse campo com você, mas posso dizer que tudo pode acontecer. Afinal, vampiros existem, não é mesmo? — disse ela categoricamente.

— Mas a nossa existência foi um acidente de percuso, não acho que conte.

— Você veio aqui para matá-la, a tal garota. Por anos e anos, procurastes uma solução para o problema de Blair. E agora que finalmente a encontrou, hesitas porque temes estar apaixonado por ela. Não sei quanto a você, mas isso me parece um acidente de percurso — Karina torceu o canto direito da boca e cruzou os braço, segura do que falava. — O amor é um acidente de percurso — disse ela mais baixo, seus olhos fora de foco, em um lugar distante, um tempo diferente...

— Na maior parte do tempo, eu me recuso a admitir que sinto algo por ela, levando em questão que tenho que matá-la — disse Dave, alheio ao estado de Karina. — Mas é só me aproximar dela... Que tudo muda. Eu me esqueço de quem sou e o que devo fazer. Você não tem ideia do quanto isso me despedaça por dentro.

A voz de Dave se tornou rouca no final, algo doloroso de se dizer.

Karina voltou o olhar para ele, com pena, mas nada comentou sobre sua dor. Insistiu em lembrá-lo de sua tarefa, pois assim, estaria cumprindo a dela própia.

— Mate-a o mais rápido possível — falou secamente, fazendo com que Dave a encarasse horrorizado.

— Não posso fazer isso! Você não a conhece!

— E que outra coisa sugere? — ela arqueou as sobrencelhas, desafiadora.

— Não faço a menor ideia. Nunca lidamos com algo desse tipo antes. Mas matá-la está definitivamente fora de questão — Dave apoiou a cabeça nas mãos, desolado.

— Está se esquecendo do imperador. Ele vai querer explicações. Está se esquecendo de Saulo também. Se duvidar, ele mesmo vem aqui para cumprir o serviço.

Dave se levantou instantaneamente, ameaçadoramente feroz. Seus caninos cresceram por instinto defensivo. Seus olhos queimavam...

— Se ele encostar um dedo nela, eu arranco um a um, até não sobrar mais nada! — vosciferou.

Pegou um vaso transparente em cima de uma das prateleiras de mogno e o atirou do outro lado da sala. O vaso espatifou-se no chão, soando como uma chuva de cristais.

— Calma, precisa se concentrar em achar uma solução que satisfaça ambas as partes. Quebrar vasos não o ajudará em nada, muito menos a ela — Karina sequer piscou com a atitude de Dave. Sua voz soou harmoniosa e calma demais para o momento, como quem comenta o clima por falta do que dizer. Mas seu olhos estavam sérios, encarando Dave diretamente, sem pestanejar.

— Não posso permitir que nada aconteça a ela, Karina — a voz chorosa de Dave não foi suficiente para comover Karina. Em assuntos como esse, ela se portava fria e indiferente. — Não a conhece, não sabe o quanto ela meche comigo. E olha que eu só falei algumas vezes com ela. Mas eu sei como ela é, eu a vigio, escuto as conversas que ela tem, o modo como se comporta. Ela é benevolente e educada, simples e cuidadosa, assim como Blair era. Mas é mais corajosa, tem senço de justiça e é tinhosa quando teima com algo. É uma pessoa decidida na maior parte do tempo...

Karina arqueou as sobrancelhas de forma impiedosa.

— Então é isso? Está apaixonado pela imagem de Blair que você vê nela? Assim que a matar e Blair voltar, não se lembrará de que essa garota existiu. Problema resolvido — disse como se fosse

óbvio.

— Não é assim! Ela é benevolente e íntegra, tanto quanto Blair foi, mas elas não são nada parecidas. Tanto emocional quanto fisicamente. O rosto pode até ter um ou dois traços semelhantes, mas eu poderia dizer isso de qualquer pessoa sem envolver questões sobrenaturais. E quanto a personalidade, bom, acho que já falei o suficiente para lhe dar uma ideia.

— Estamos falando de um caso sobrenatural ao extremo — Karina afirmou. — Uma pessoa não pode ser dividida em duas e nos iludirmos em achar que isso é totalmente normal!

— E nessa nossa maldita vida, o que é normal? — comentou Dave com um sorriso sarcásticl, seus olhos brilhavam, mesmo que inexpressivos.

E ele soube, naquele momento, que já não importava o que os de maior poder dissessem — estava decidido.

~•~♥~•~

Seu coração batia descompensado. Como estava feliz!

Fechou a porta do quarto e se deixou encostar nela com um suspiro. Colocou uma mão na testa e sorriu abobalhadamente desacreditada. Depois começou rir, se achando muito tola. Mas quem se importa?

Apenas um filete de raio solar entrava em seu quarto, penetrando pela fresta da cortina rosada e floral, deixando o espaço em uma penumbra clara. Graças a esse pequeno fio iluminado, a poeira ficou visível, ondulando no ar, atemporal. O clima era exageradamente doce, como um pedaço de chocolate.

Sua mochila escorregou por seus ombros sem que ela se desse conta disso. Sônia caminhou mais rápido do que um paço normal e mais devagar do que uma corrida lenta, seguindo para o banheiro. A primeira coisa que viu foi o piso branco e parcialmente úmido. Lá, apoiou as mãos na pia e olhou seu reflexo.

Como estava diferente.

Esta manhã, fora para a escola abatida após uma noite sem traquilidade e sem sono. Agora, chegando em casa, ela parecia outra pessoa. As olheiras ainda estavam alí, mas ela parecia menos pálida, ligeiramente corada e desacreditada em tudo o que havia acontecido. Seus olhos mortos, sem vida, se transformaram e duas orbes brilhantes como estrelas e seu súbito bom humor era tamanho, que ela riria de qualquer bobagem que lhe dissessem ou motrassem.

Tocou o própio rosto, a pele quente e macia. Ainda sentia aquela sensação de aconchego que tivera enquanto estava, durante pouquíssimos segundos, nos braços de Dave. Fora um abraço de despedida, que provavelmente não tinha um significado profundo. Mas Sônia duvidava muito disso, agora que Dave lhe revelara que nutria sentimentos por ela também. No fim, a ilusão sempre era mais doce, aceitável.

Era uma adolescente apaixonada, como qualquer outra garota. Daquelas que olhavam anos na frente quando nem tinham algo concreto no presente. E naquele momento, naquelas circuntâncias, Sônia, pela primeira vez, não se importou em ser comum. Seu coração pulsava de pura felicidade e tudo o que ela queria era sentir aquela alegria mais um pouco. Antes que a não realidade a invadisse sem permissão.

Afinal, não se pode ser diferente nem original o tempo todo, pensou ela com um profundo suspiro de satisfação.

Retirou a roupa que usava e se enfiou embaixo do chuveiro, deixando a água levar todo e qualquer resíduo ruim do dia para que sua alma e seu coração absorvesse os bons — todos aqueles relacionados a Dave.

No fim do banho, enrolou os cabelos em uma toalha branca e seca, e vestiu uma roupa leve de algodão. Pretendia passar o dia deitada, sonhando e torcendo para que aquilo tivesse um significado maior do que dois meses de namoro.

Mas o que estava dizendo?

Ele não confirmara nada, não disssera nada do tipo e ela já estava se achando comprometida? Não importa, concluiu. Ao menos por hoje, ela seria uma adolescente como qualquer outra: sem surtos, sem sonhos/pesadelos estranhos e terrivelmente angustiantes, sem...

Sem telefonemas anônimos.

No instante em que pensou naquilo, seu celular retornou a tocar, desfazendo toda a magia. Ela não era normal, não era comum e tinha surtos de vez em quando. E um estranho na sua cola, prometendo que iria transformar seu pior pesadelo em realidade.

Pegou o celular entre os dedos finos e frágeis, sentindo que o tremor começava a invadir seu corpo. Olhou o indentificador de chamada e suspirou aliviada ao ver que não era um Desconhecido.

Era Alysson!

Assim como Carrie, Alysson saíra da cidade de repente com o pretexto de fazer um curso extra, este fora dado pelo tio de Sônia. Foi então que ela se deu conta de que suas duas melhores amigas de três, — Carrie, Emily e Alysson — foram fazer um curso extra fora da cidade e que fora pago por alguém de sua família. No caso de Carrie, pelo seu pai Marco; já Alysson, pelo seu tio Ruiz.

Mas que fato curioso, comentou consigo mesma.

E alegre novamente, pôs o telefone no ouvido, pronta para ouvir a voz da amiga que a meses não via.

— Olá, mi amore — cantou uma voz hiperativa do outro lado da linha.

— Aly, não acredito! Estava com tanta saudade — falou, o sentimento se tornando ainda mais forte ao ouvir a voz aguda e delicada da amiga.

— Ah, eu sei que sou demais!

— E muito modesta também — observou rindo. — Essa era a hora em que você devia dizer que também tinha saudades minhas, mas tudo bem.

Sônia sempre adorara as brincadeiras de Alysson, pois ela era uma das poucas pessoas que conseguiam animá-la realmente. Não importava o motivo, o que a deixara pra baixo, Sônia se descobria capaz de sorrir, mesmo quando isso parecia impossível.

— Você sabe que eu te amo, né? Tipo, amigas de infância são...

— Inseparáveis e insubistituíveis — completou Sônia, revirando os olhos ao lembrar do juramento feito quando tinham oito anos. Parecia algo ridículo na época, clichê como Sônia gostava de apelidar. Mas com o passar do tempo, isso se mostrou muito importante. Uma prova da eterna amizade entre elas, do imortal sentimento que todas compartilhavam.

— Muito bem. É ótimo saber que você não esqueceu. Eu ficaria muito magoada se você tivesse apagado nosso juramento da memória — murmurou Alysson fazendo uma voz um pouco infantil

propositalmente.

— Ah, pois se é assim... estou muito magoada porque você se esqueceu de mim e não me ligou uma vez sequer desde que foi embora — Sônia arqueou uma das sobrancelhas e fez um bico meigo fom os lábios, mesmo sabendo que Alysson não podia ver.

— Ah, quanto a isso, tenho minhas defesas! No instituto, eles confiscam os celulares, dizem que afetam... não sei o quê... e interferem diretamente no aprendizado.

— Ah, é espertinha? E como a senhorita está falando comigo, ein? — sondou, desconfiada.

— Simples: não estou mais no instituto — declarou Alysson.

— Como assim? — ofegou surpresa. — Eu achei que o curso só terminaria no próximo verão.

— E vai terminar só no próximo verão. Eu é que estou indo pra casa mais cedo.

— Não me diga que está voltando! Sério? — perguntou Sônia empolgada e ansiosa para revê-la.

— Sim, estou — era quase palpável o sorriso na voz de Alysson. — Logo estaremos juntas... As quatro: eu, você, Emily e Carrie — confirmou.

Sônia sentou-se na cama, um peso nas costas. Não pelo retorno de Alysson, mas ficou subitamente fatigada diante da ansiedade e espectativa quanto a ele.

— Mas o que aconteceu para você voltar tão cedo? — era um fato estranho. Alysson sempre fora a mais inteligente das quatro e poucas vezes se recusava a aprender mais. Ela era movida a informações.

— Ah... Problemas... Não quero comentar.

— Tudo bem. A que horas posso pegar você no aeroporto? — solidariamente, Sônia se ofereceu.

— Não estou voltando de avião. Comprei um carro!

— Nossa. Parabéns e bem vinda as ruas, nova motorista — brincou ela, entre risos. — Ainda tem medo de voar?

— Até que a morte nos separe!

— Carrie voltou sábado passado — comentou Sônia, sorrindo para o vazio ver.

Alysson riu.

— Perfeito! Estão todas aí. Nos reunimos na sua casa, ou na da Emily, assim que eu voltar. Depois eu ligo confirmando o dia e a hora. Ainda tenho assuntos pendentes aqui.

— Combinado. Vou esperar, então. Beijos.

— Se cuida — disse Alysson mais séria.

Quando a linha ficou muda, Sônia deixou o celular cair no colchão, completamente envolvida de uma aura doce e hipnotizante. Completamente desacreditada, ela levantou ainda entorpecida.

Sônia olhou para as janelas e, num rompante, abriu as cortinas magestosamente, deixando o sol entrar por completo. O fim do inverno se aproximava — e só o mero pensamento daquela palavra a lembrou do baile sem graça que tivera que divulgar pelos corredores da escola. Era somente impressão, ou, agora que havia voltado a falar com Dave, aquele festa rídicula que a escola promovia todo ano já não parecia mais tão tediosa?

Fosse o que fosse, ela estava perplexa diante de tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo.

~•~♥~•~

Alysson suspirou impotente, olhando para a mata do lado de fora da janela com vidraças

quebradas. Estava dentro de um barraco velho, todo de madeira que parecia estar se degradando rapidamente. O cheiro do apodrecimento avançado era forte dentro do cubículo — apenas um lugar aparentemente insignificante onde era seguro passar a noite.

A lua estava brilhante no céu, austera, com ar de ignorante para a situação em que Alysson se encontrava. Fazia pouco mais de três horas que desligara o telefone após sua conversa com Sônia e ainda não se esquecera das palavras que trocaram.

Se ela soubesse...

Sentiu os olhos lacrimejarem com as lágrimas que não vinham mais. Seu queixo tremeu e ela se forçou a morder o lábio para contê-lo. Era desesperador estar no meio de uma confusão e não poder fazer nada para resolvê-la. Sabia que não podia sair dalí, por hora, mas tudo o que queria era que seu time voltasse logo e assim ela teria duas pessoas a menos com que se preocupar.

Estavam fugindo vergonhosamente. Alysson descobrira, há algum tempo, o que era e o que existia a mais no mundo que era desconhecido dos humanos. E descobrira também que sua melhor amiga corria sério risco. Para não participar da morte dela, ela fugira, levando seus companheiros consigo — os amigos mais fiéis que conseguira em tempos.

E eles estavam lá fora, fazendo sabe-se lá o que para cobrirem os rastros deixados para trás.

Ela queria ter ido com eles, ajudá-los. Mas foram dois votos contra o dela mesma. Democraticamente, a maioria prevaleceu. Por que aquilo tinha que funcionar justo agora?

Seu rosto se iluminou ao ver que Joseph e Richard haviam voltado, saindo das sombras da floresta fechada. Correu desesperadamente, quase arrancando a porta velha e mal cheirosa das dobradiças ao abrí-la sem cuidado nenhum. Avançou ainda mais rápido ao ver seu caminho livre para ir até eles e abraçá-los confortadoramente. Eles faziam essa loucura por ela, porque eram uma família a partir do momento em que fizeram o pacto de fidelidade. Serão uma família não consaguínea pelo resto da vida.

— E então, conseguiram? — perguntou ela, temerosa.

— Claro! Somos profissas. Não é como se nunca tivessemos feito isso antes — confirmou Joseph com certo tom irônico e brincalhão de sempre.

— Pare de brincar com assuntos sérios! — repreendeu Richard. Em seguida, voltou sua atenção para Alysson. — Conseguimos, mas pode ser que só funcione por pouco tempo.

— Não importa, é melhor do que nada. Deve durar até o fim do ano letivo certo?

— Sim — respondeu ele, incerto.

— É mais do que o suficiente. Nesse meio tempo, encontraremos outro jeito.

— Mas qual? Já reviramos todos os pergaminhos e não há nada que possa protegê-la — disse Joseph.

— Há sim — disse Alysson, uma ideia surgindo de repente. — São vocês dois que não sabem onde procurar.

— O que quer diser? — Richard franziu a testa. — O que sugere?

— Me entregue o relicário.

Richard colocou o pequeno colar cor de cobre mesclado com vinho escuro nas mãos de Alysson. A correntinha fez um som baixo ao cair em cima do pingente do tamanho de um polegar.

— Ruiz possui uma série de pergaminhos, tenho certeza de que há algo mais forte do que isso — declarou segura do que dizia, fazendo com que seus amigos assentissem.

E juntos, salvariam Sônia das garras vampirescas que a queriam morta. Eles salvariam a deusa de seus inimigos, uma contradição assustadora, mas que fazia mais sentido do que matá-la a sangue frio.

~•~♥~•~

No dia seguinte, Sônia percebeu assim que amanheceu, que hoje não haveria sol. Estava nublado, o tempo fechado, escuro. O céu cinza, repleto de nuvens, parecia sombrio e nebuloso, fazendo com que um mal pressentimento se abatesse sobre ela. Franziu a testa e colocou as mãos sobre o própio coração, respirando fundo. Debaixo das cobertas parecia mais seguro, mas hoje é dia de aula. Uma terça-feira em que não chegaria na escola sozinha, Carrie a acompanharia dessa vez, retomando a rotina anterior.

A rotina dela, pelo menos. Sônia não tinha rotina para Carrie seguir.

Chutou o endredom para que saísse de seu caminho. Foi para o banheiro e meia hora depois, saía de banho tomado, cabelo arrumado e dentes escovados. Puxou uma muda de roupas para frio do armário. Uma calça jeans mais grossa, uma blusa de mangas na cor verde, um casaco de lã e sua capa de chuva coral.

Desceu as escadas e encontrou Carrie toda atrapalhada, preparando seu café. Estava mais nervosa do que noiva entrando na igreja.

— Mas o que foi, Carrie? — perguntou. Metade dela achava graça e isso estava presente em seu meio sorriso. A outra metade estava espantada ao ver a amiga em tais condições, e isso estava evidente em seus olhos arregalados.

— Vamos chegar atrasadas hoje, não me culpe.

— Está cedo — observou Sônia.

Carrie se aproximou dela, os olhos expressivos. Segurou os ombros de Sônia e a encarou fixamente, sem nunca desviar o olhar.

— Nós não vamos sair daqui até que seja tarde o suficiente para todos os alunos da nossa classe estarem nos corredores e não no jardim — falou ela.

Sônia entendeu na mesma hora.

— Ah, impácto, né?

— Ninguém está me esperando. Quero causar uma entrada triunfal — disse Carrie, balançando as mãos teatralmente, o que recordava Emily.

— Vai ser difícil com essa chuva vindo.

Carrie inclinou a cabeça pro lado e pareceu distraída.

— Ela está mais para oeste, não vai chegar aqui antes das duas horas da tarde — disse cheia de certeza.

— Como você pode saber?

— Apenas confie em mim.

Sônia olhou para Carrie, desconfiada. Depois de uns segundos, deu de ombros, desistindo de tentar entender alguma coisa.

Sentou-se em uma cadeira e tratou de se servir, lentamente já que, segundo a amiga, chegaria o mais tarde na escola. Enquanto se alimentava, observou Carrie andando pra lá e pra cá. Ela comia

enquanto andava, aliás, mal parecia comer.

Na verdade, Sônia nem se lembrava de ter visto a amiga comer alguma coisa desde que chegara.

— Você está bem? — perguntou preocupada.

— O que? — Carrie não entendera o que Sônia queria dizer.

— Você está estranha.

— Ótima.

O toque do celular de Carrie distraiu-as. Levantou-se e pegou o telefone, se afastando de Sônia para atender.

Sônia seguiu-a discretamente, sem que a amiga percebesse.

— Você está bem?... Certo. Quando vem?... Tudo bem... Ela está bem... Sente sua falta, óbvio! Laços de sangue... Eu faço a minha parte... Não importa. Ela ficará segura... Muito bem. Adeus, sr. H.

Ela ouviu a amiga dizer coisas que não faziam sentido sem a outra parte da converça, — e duvidava muito que fizesse, mesmo com a parte oculta — mas algo disse a Sônia que ela fazia parte daquela equação. E ela não sabia porquê se sentia parte daquele diálogo, ela só... sentia. E não tinha certeza do que aquilo significava.

Saiu de perto, parando de ouvir. Não queria escutar, já tinha problemas misteriosos, não precisava de mais um.

Seus sonhos nunca receberam explicação qur a satisfizesse, as crises iam e vinham. Acreditava que por causa deles, era tão negligenciada pela mãe. Não era a filha perfeita e saudável que ela queria.

Quando pequena, fora diagnosticada como psicótica, pois tinha uma ideia fixa de que seres sobrenaturais existam e que tinham planos de matá-la. A medida que ia crescendo, essa ideia ia se tornando cada vez mais absurda e ela deixou de acreditar nisso. Se aquele universo não influenciava tanto sua vida, embora uma pequena parcela de Sônia acreditasse naquela loucura, ela não podia ser tão psicótica assim, podia?

Agora, eram somente aqueles olhos vermelhos que a incomodavam. Aqueles olhos escuros com bordas avermelhadas que eram tão familiares a ela. E com a chegada de Dave, a confusão se ampliou. Ele era tão familiar quanto aqueles olhos.

O que estava acontecendo?

~•~♥~•~

Os rostos de seus colegas se viraram assim que elas passaram pela portaria. Sônia olhou assustada para todos, odiando que os holofotes que estavam em cima de Carrie se viraram pra ela também. Ela se afastou mais para o canto da parede, deixando a amiga passar gloriosa. Tudo pareceu se suceder em câmera lenta.

Era como o retorno da rainha. Carrie sempre chamara atenção por onde passava, mas isso nunca esteve tão claro como agora. Todos os olhares estavam focados nela, as bocas abertas dos meninos indicavam que estavam perplexos diante das mudanças.

Então não fora só Sônia que percebera que a amiga parecia mais bela do que nunca.

Carrie continuou seguindo pelo corredor, até que desapareceu em uma das salas de aula. O corredor, que até então ficara em silêncio, de repente ficou muito barulhento — pessoas fofocando sobre o retorno da "rainha" e comentando o que Brittany, que de certa forma a substituíra, iria fazer a respeito.

— Sônia! — alguém a chamou. Ela sorriu ao perceber quem. Virou-se de frente pra ele, o garoto que ocupava sua mente de um jeito que Andy nunca fez.

— Dave, oi — sorriu, colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

— Que bom que você veio. Achei que faltaria hoje.

— Não sou do tipo que falta aula. Acredite, até mesmo esse bando de matéria chata é mais fácil do que ficar em casa sozinha — comentou ela.

— Verdade. Ficar sozinho nunca é bom.

Sorriu. Era a primeira vez que alguém concordava com ela sobre isso.

— Quer ajuda? — Dave se ofereceu ao perceber a pilha de livros que Sônia levava além da mochila.

— Sim, obrigada — aceitou ela, entregando a mochila a Dave. — Amiga que é amiga, ajuda a outra a ter sua entrada triunfal — acrescentou, referindo-se a alguns livros de Carrie que ela levava entre os braços.

— Você é amiga daquela garota que entrou agora? — perguntou ele surpreso.

— Sim. Nos conhecemos a muito tempo.

Eles pararam na porta da sala que Carrie entrara minutos antes e Dave devolveu a mochila de Sônia, com uma expressão estranha no rosto.

— Eu... tenho que ir. Te vejo depois.

Ele saiu pelo corredor, deixando Sônia para trás, confusa e se perguntando se ele iria ignorá-la de novo.

Piscou os olhos para sair de sua breve confusão mental e entrou na sala, tomando seu lugar ao lado de Carrie.

— E então, o que acha? — perguntou ela a Sônia.

— Sua... entrada foi perfeita.

— Só isso?

— O que mais quer que eu diga? Todos lhe olharam espantados. Os meninos com admiração e as garotas com inveja. É mais do que o suficiente, não?

— Sim, é.

Ficaram caladas, ambas confusas. Carrie não entendeu porquê a amiga ficara tão fechada de uma hora pra outra, e Sônia estava preocupada com a questão de Dave, sempre tão inconstante.

Ele bem que podia ser decidir de uma vez, pensou com raiva.

No fim daquela aula, Sônia se dirigiu ao armário no corredor para fazer a troca de material. Pegaria o livro de física, mas quando abriu a portinha de matal com um zunir desagradável, um pequeno pedaço de papel caiu aos seus pés. Ela o apanhou e antes que pudesse ler, Dave chegou por trás surpreendendo-a com um abraço.

— Ei, desculpe pela maneira que agi hoje. Eu só... — nesse momento, ele viu o pedaço de folha azul nas mãos de Sônia. — O dia dos namorados passou e sempre tem alguém que chega atrasado.

— Ei, não diga isso! Nunca recebi nenhum bilhetinho se quer saber — afirmou ela, corando

fortemente.

Abriu o bilhete e assim que leu-o, ofegou. Engoliu seco e uma lágrima caiu de seu olho esquerdo, depositando-se na folha e umidecendo o papel.

" SÔNIA,

FICO TRITE POR IGNORAR MINHAS LIGAÇÕES. TALVEZ SEJA HORA DE AGIR MAIS DRASTICAMENTE. NÃO SE PREOCUPE, O PIOR QUE POSSO FAZER É MATÁ-LA. MAS MINHA CRIATIVIDADE NÃO ME DEIXA MUITO SEGURO DESTA AFIRMAÇÃO, FIQUE CIENTE.

ASS.: DESCONHECIDO"

— O que foi? — perguntou Dave, preocupado.

Ela não podia disfarçar, esconder ou desmentir seu estado apavorado. Ele estava perto e perceberia qualquer diferença em seu tom de voz, na profundidade de seu olhar, em suas mão suadas...

Nesse caso, só lhe restava uma saída;

— Dave, — começou ela com a voz embargada — preciso te contar uma coisa.

Capítulo 06

Percepções

"É quando as coisas boas ocorrem de modo inesperado
que percebemos o quão útil a incerteza pode ser."
Ingryd Novaes

— Então está me dizendo que você vem recebendo ameaças de alguém misterioso? — perguntou Dave, a testa franzida de preocupação. Seus olhos analizavam o rosto de Sônia minuciosamente, como se quisesse encontrar traços de medo e removê-los à força.

Estavam sentados em uma das mesas do pátio, sozinhos, conversando sobre um assunto aterrorizador enquanto os outros estudantes jogavam vôlei, conversavam e se divertiam, alheios ao sofrimento de Sônia. Ela nunca se sentira tão sozinha em toda sua vida, nem tão assustada. Sua psicose fazia mais sentido do que aquilo.

A mesa era redonda, de tampo verde e muito afastada da roda central do espaço aberto, logo, quase nunca era utilizada. Perfeita para uma conversa como aquela.

Sônia levantou o olhar, deixando de encarar o chão para ver Dave.

— Sinto muito estar jogando isso pra você, mas... — começou ela. Precisou engolir fundo para continuar. — Eu não sei o que fazer, pra quem falar... Minha mãe diria que é apenas uma brincadeira de adolescente, trote... Meus amigos... não tenho certeza se quero envolvê-los nisso. Eu nem deveria

envolver você...

Ela estava quase chorando.

— Shii — reconfortou ele. — Tudo bem.

Dave passou o braço ao redor de Sônia e ela escondeu o rosto no pescoço dele, deixando algumas lágrimas cairem. Quando o peso se tornou demais para suportar, o abraçou com mais força, como se ele de repente fosse um apoio ao qual podia recorrer, de onde ela podia tirar forças. De uma forma ou de outra, era a ele quem ela queria recorrer todo esse tempo.

Sentiu que a mão direita dele lhe acariciava as costas ao mesmo tempo que a mantinha perto. Tão perto quanto ela queria estar. Podia sentir o cheiro adocicado e forte que Dave exalava. Era puro, como se ele tivesse sido banhado pelos raios de sol e convertido em rosas primaveris. Por mais triste que ela estivesse neste dia nublado, Dave tinha o talento de acalenta-la em seus braços, que encaixavam-se perfeitamente em torno dela.

— Por favor, peço que não se sinta culpada ao me contar isso. Quem sabe, talvez, eu possa ajudá-la?

Ela olhou para ele, desnorteada.

— Me ajudar? Dave, eu não faço ideia de quem seja!

— Hmmm — murmurou Dave, pensativo. — Conhece alguém que tenha algo contra você? — sondou.

Sônia pensou por um momento. Tempos atrás, ela diria que Brittany poderia fazer algo do tipo, mas agora ela estava mais focada em Jennifer. Sabia disso, pois ouvira uma conversa entre ela e a irmã, Kelly, meio que sem querer. Não, Brittany era uma opção descartada, uma ideia completamente ridícula se comparada ao tamanho da gravidade do problema.

Mas a única pessoa que ela já havia chegado a considerar como inimiga era ela!

Suspirou decepcionada e se sentindo um enorme fracasso. Inútil.

— Não, Dave. Não tenho inimigos — murmurou ela, desviando o olhar.

— Ah, tenho certeza de que está errada — falou ele, baixinho.

— Por que?

— Todos temos algum inimigo, Sônia. Todos, sem excessão — disse ele firmemente. Depois, deixou a voz mais leve. — E sabe porquê? Porque o ser humano, ao longo dos anos, despertou o que havia de pior em sí, alguns se esqueceram da bondade que tinham. Foram corrompidos e não se importam, sequer tentam voltar a ser o que eram. Desse modo, sempre vai haver alguém invejoso o suficiente para fazer mal a outra pessoa para se sentir superior.

— Então está querendo dizer que eu sou o alvo de alguém que quer ser superior a mim? — perguntou Sônia, incrédula.

— É uma possibilidade. E existem pessoas que fazem o mal porque gostam de fazê-lo. Outra possibilidade — ressaltou ele.

— Eu não entendo. Não realmente. O que foi que eu fiz? — indagou confusa.

— Às vezes, não é o que você faz, mas quem você é — sussurrou Dave em um volume tão baixo que Sônia não entendeu nada.

— Desculpe-me, o que disse?

Dave suspirou.

— Vamos pra aula. A srta. Margaret ficará com raiva se você chegar atrasada.

Ele a soltou, deixando uma sensação de vazio onde seus braços haviam estado.

— Tudo bem — Sônia pegou a mochila e levantou-se junto de Dave, mas parou e ficou de frente pra ele novamente. — Espere, como sabe que minha próxima aula é teatro? — perguntou desconfiada. Ou melhor, surpresa.

— Foi só um tiro no escuro — disse ele, com um sorriso tão deslumbrante que Sônia não duvidou de suas palavras.

Andaram juntos pelo corredor, ainda conversando. Mas como Sônia não queria mais pensar sobre o assunto "Desconhecido", resolveram falar sobre coisas banais como o filmes favoritos, ou músicas.

Sônia acabou descobrindo que havia muito mais em comum entre eles do que poderia ter imaginado. Ambos adoravam filmes de vampiros como Van Helsing, ou Nosfeteratus. De músicas, gostavam do rock americano e músicas clássicas da era vitoriana.

— Existem um filme que é muito bom. Não sei se você conhece, é de 2002... Acho que o nome é Possessão. Dois jovens se apaixonam enquanto investigavam a vida de um poeta vitoriano, Ash. Ele era o tipo de marido perfeito, segundo os estudioso, mas um rapaz encontra indícios, cartas, que indicam o contrário. Então ele, na companhia de uma moça, refaz os paços do poeta, na tentativa de descobrir a verdade — disse Dave.

— Nossa, eu não ví esse filme. Mas vou procurar. Despertou meu interesse, sr. Thorton, meus parabéns —sorriu ela.

— Que tipo de interesse? — Dave sorriu, travesso, fazendo com que Sônia corasse.

Desconsertada, repreendeu-o:

— Dave!

— Obrigado, srta. Hussett — disse ele por fim, referindo-se ao elogio que ela lhe fizera, o que a deixou mais aliviada após encerrarem aquela insinuação constrangedora.

Chegaram na porta do auditório da escola e pararam. Sônia olhou para trás para se despedir de Dave com um aceno. Ele sussurrou um até logo e deu as costas.

Ao sentar-se em uma das cadeiras de cor vermelha, seu coração ainda batia irregularmente.

~•~♥~•~

Dave praticamente voou para longe dalí. Seu coração estava prestes a explodir, mas não era porque havia falado com Sônia e se aproximado ainda mais dela, conquistando sua confiança. Era de medo. Medo por ela e unicamente por ela.

O inimigo a havia encontrado e queria matá-la, disso tinha certeza. Ele não podia permitir que tirassem dele, a pessoa que fez sua humanidade renascer. Era a única coisa da qual tinha certeza naquele momento.

Seus pés corriam em alta velocidade, mal tocando o chão. Corria pelo bosque que rodeava algumas partes de cidade. Cercado pelo verde, sentia- se mais ele mesmo. Era a natureza pura e ele fazia parte dela.

Um acidente de percurso.

Não era hora de relembrar como os vampiros foram criados. Sequer era hora de pensar se estava amando-a ou não. Só tinha que descobrir uma maneira de protegê-la. Precisava encontrar o enviado

para fazer aquilo que ele não teve coragem de cumprir e dar um fim nisso.

Mas sua mente insistia em voltar àquela quem ele amou primeiro: Blair.

Como ela estaria? Saulo lhe fazia companhia naquele momento?

Não tinha como ele saber, pois Karina estava alí com ele, vigiando os passos dele e não de seu ex-melhor amigo.

Aquela palavra ainda doía: ex. Traiu-o, sabia disso, e merecia todo o despreso que Saulo lhe reservava. Mas ainda não conseguia aceitar, mesmo depois de tanto tempo em que seu amigo já não falava com ele.

E tudo por causa de uma mulher.

Muralha - Europa, séc. XV

Eles corriam como loucos e riam descaradamente. Ambos estavam vestidos em trajes própios para a atividade — calça de couro, uma galante blusa branca, o colete, botas... Caçavam a mesma presa.

Era seu jogo preferido. O pobre javali corria apavorado enquanto Dave e Saulo o cercavam, preparando uma emboscada. Estavam mais interessados em se provocarem do que pegar o animal.

— Não está com nada, Saulo. Acho que precisa praticar mais — provocou Dave, investindo no animal que correu desesperado.

— Chama isso de profissional? Eu vou lhe mostrar o que significa ser mestre na arte de caça, meu bom amigo — prometeu Saulo, habilmente lançando-se de encontro com o pober javali, mas este fora mais rápido e desviou-se do golpe. Saulo deu de cara com a terra.

Dave esqueceu-se do animal, dando uma longa e sarcástica risada ao ver o estado em que Saulo se encontrava, sujo de terra. Saulo, por sua vez, sentou-se rebaixado, mas segurando o riso, pois tinha um plano diabólico em mente. Levantou uma das sobrancelhas e encarou Dave com um meio sorriso no rosto, fazendo com que sua risada parasse no mesmo instante e Dave se tornasse cauteloso.

Dando um paço para trás, Dave mal teve tempo de se defender quando Saulo pulou em cima dele, derrubando o no chão também. Ambos ficaram sujos de terra, contudo, riam de sí mesmos e um do outro.

— Pois eu acho que nenhum do dois é profissional — disse Blair, aproximando-se dos dois. Estava de braços dados com o Imperador Ferdinando, olhando-os de cima com um doce sorriso no rosto. O Imperador ria do filho e de seu melhor amigo. — O objetivo deste jogo é capturar o animal, não brigar entre sí para ver quem fica mais sujo de terra.

Blair se abaixou, e com um lenço e tirou o máximo de terra do rosto dos dois, enquanto ambos gargalhavam.

— Estávamos nos divertindo, Blair — defendeu-se Saulo.

Após um breve riso, Blair falou:

— Sim, estou vendo. E tenho certeza de que as lavadeiras também verão.

Levantaram-se todos. Saulo passou o braço pelo ombro de Dave, e bagunçou seu cabelo com a outra mão.

— O que fazemos agora? O javali fugiu, somos um bando de fracassados — disse ele.

Dave sorriu, e puxou uma corrente, quase invisível entre a grama verde.

— Fale isso por você — gabou-se Dave.

E no outro extremo da corrente, uma surpresa: o javali fora capturado por uma armadilha inteligentemente elaborada e silenciosa.

— Acho que temos o vencedor de hoje — declarou o Imperador.

Eles eram amigos de verdade naquela época.

Dave se recordou do banquete que ofereceram para os humanos que viviam próximos à Muralha. Eles nunca comeriam aquele javali, eram vampiros. Apenas Blair aproveitou algo daquele animal, junto de outros humanos convidados, que conheciam seus segredos e eram adoradores de Anita.

Chega!, gritou ele para sí mesmo. Nada de lembranças, de voltar ao passado, isso dói demais. Preciso me precoupar com Sônia e falar com Karina.

Voltou a correr, e em poucos minutos, chegava em casa. Seu J5 estava estacionado na garajem, do jeito que deixara. Quase não usava o carro. Se era para andar pela cidade, era preferível ir à pé. Era mais rápido e libertador.

— Karina! Karina, desça já! Temos problemas — anunciou ele, escancarando a porta e voltando a fechá-la com força.

— Dave, o que foi que houve? Não esperava vê-lo tão cedo — disse ela, descendo as escada em um paço humano normal, de quem não tem pressa, austera.

Dave começou a andar de um lado para o outro, com as mãos na cabeça — atitude de quem está desesperado. E tudo o que Karina fez foi suspirar e se jogar no sofá, cruzando as pernas e esperando ele começar a despejar tudo.

— Sônia vem recenbendo ameaças — declarou ele.

— De quem? — A expressão de Karina não se demoveu um centímetro.

— E você acha que eu sei? — zombou irritado. — Se eu já soubesse, essa pessoa já teria morrido.

— Quando começou?

— Ela disse que à alguns dias, não muitos.

— Hmm. Depois que você chegou na cidade então.

Dave parou de andar.

— Karina, o que quer dizer? — indagou lentamente, como se suas palavras fossem letais.

— Alguém sabe do segredo de Sônia. Alguém a quer morta tanto quanto você queria. Mas tenho a mera impressão de que essa pessoa pretende ir até o fim, diferente de você.

Hmm... Então Karina acha o mesmo que eu, pensou ele.

Dave poderia ter sido espancado e não sofreria mais do que agora.

— Não, não. Você suspeita que...

— Um vampiro.

Dave então se lembrou de mais uma coisa. Uma coisa que percebera esta manhã, mas que não se lembrara até agora.

— Existe outro vampiro na cidade e eu sei quem é — afirmou.

— Quem? — perguntou Karina.

~•~♥~•~

O estranho de chapéu e golarinho branco desceu do táxi. Vestia um terno de alfaiataria verde musgo opaco muito moderno e seu charmoso bigode com as pontas elevadas arrancou suspiros das vizinhas bisbilhoteiras. O motorista pegou suas malas e levou-as para a varanda.

Com a bengala, que era mais um enfeite do que necessidade, o estranho andou elegantemente em direção a porta da frente. De queixo erguido e nariz empinado, ele não olhou para os lados. Decidido, subiu os poucos degraus de madeira com seus sapatos sociais pretos e retirou do bolso, a chave da casa ainda com o chaveirinho ridículo da imobiliária. Destrancou a porta, e as dobradiças reclamaram após muito tempo paradas. As casa era antiga, mas tinha todo um aspecto moderno chique e pomposo. Ele vira um pequeno balanço na varanda, suficiente para duas pessoas e dentro da casa, vários móveis cobertos por lençóis brancos de linho. Não importava muito, não pretendia ficar por muito tempo na cidade.

Entrou, e pensou consigo mesmo o quanto aquele dia nublado havia sido conveniente. Deixou uma gorjeta para o mostorista que saiu apressadamente pela porta, com medo daquele estranho.

Ele era bonito sim, em seus trinta e poucos anos de aparência. Mas exalava perigo por todos os poros.

Sorriu sarcásticamente para sí mesmo.

Era hora de trabalhar.

~•~♥~•~

Carrie chegara em casa com Sônia ao seu lado. Ria abertamente, para quem quisesse ver. Jogou a capa de chuva no cabideiro atrás da porta, seguida de Sônia. Estavam ensopadas pela chuva que caia. Percebeu que sua amiga Sônia olhou para o relógio antigo na parede e depois voltou seus olhos para ela.

— Como você sabia? — perguntou admirada.

— Sobre o quê? — perguntou Carrie se fazendo de inocente.

— A chuva. Você disse que não iria cair antes das duas da tarde e agora são três e meia.

— Hmmm — os olhos de Carrie se transformaram em uma fenda enquanto ela pensava em uma resposta. — Intuição.

— Não pode ser apenas isso — acusou Sônia.

— Ou talvez possa.

Com um sorriso estampado rosto, Carrie voltou a pegar a mochila e levantou um cartão vermelho, mostrando-o para Sônia. O papel tinha uma textura fina e quando Carrie o abriu, um cheiro de rosas se espalhou pelo ar.

— "Adoro seu sorriso e seu olhar encantador, por favor, vá o baile comigo e eu lhe prometo meu amor" — leu ela em voz alta, para que a amiga escutasse.

Sônia parecia incredula.

— Quem escreveu isso nunca leu uma poesia de verdade — constatou ela.

— Provavelmente não, deve ter vindo da internet. Jovens! Tanta preguiça de fazer as coisas sozinhos.

— Fala isso como se fosse velha — zombou.

— Eu posso ser jovem, mas isso não significa que não sou criativa. Eu me dou trabalho, sabe?

— De quem é? — perguntou logo, escorando-se no sofá e olhando para Carrie.

— Do Maurício. Você ainda é afim do Andy? O Maurício é o melhor amigo dele. Vai que...

— Não! Eu não preciso de outra Emily em minha vida.

Carrie deu uma breve risada.

Sônia rapidamente subiu as escadas, indo se refugiar no quarto.

Carrie subiu mais lentamente, cada degrau rangento sob seu peso. Ah, qual é! Não sou gorda, pareço um palito, pensou ela com desgosto. Seu salto dava uma leve cambaleada cada vez que ela sustentava seu peso em uma única perna enquanto depositava seu pé no próximo degrau.

Ela tinha horror a escadas, principalmente quando estava usando saltos.

Sua roupa era basicamente um jeans rasgado nos joelhos, uma moderna blusa com decote em V e uma jaqueta de couro com algumas correntes balançando. Nada comum em uma escola, por isso a escolhera — para chamar atenção para sí.

Entrou no seu quarto de hóspedes, neutro como uma pena. Branco, com uma cama box em lençóis também brancos, e com detalhes azuis, bem na metade do quarto, do lado esquerdo. Uma estante de madeira vernizada, com uma TV Led e um som portátil. Havia um banheiro particular que ficava do lado oposto à cama. Havia dois criados-mudos, um da cada lado, com um abajur em cima. E em frente à porta, as janelas com cortinas creme.

Chato, pensou ela.

Cores neutras não faziam seu estilo. Ela gostava de cores escuras, sombrias... Desde o vermelho gritante até o preto mais assustador. Aquilo sim fazia sentido pra ela.

Entrou no banheiro, todo coberto de azuleijos brancos e pequenos. Tomou um banho rápido e trocou de roupa, vestindo um vestido verde piscina com vários traços bordados em preto. Secou o cabelo castanho repleto de mechas, depois passou o baby-lis, deixado cachos arrumados no lugar daquele liso sem graça. A maquiagem foi forte; sombra esfumada, rímel e tudo mais.

Haveria reúnião no Montinho mais a noite, queria estar preparada para voltar à sua vida de antes e também cumprir sua missão.

Quando saiu do banheiro já pronta, levou um susto. Havia um rapaz alto encostado na parede ao lado sua janela aberta. Janela essa da qual tinha certeza estar fechada quando ela chegou do colégio.

— Quem é você e o que faz no meu quarto? — O coração de Carrie ficou mais rápido, batendo descontroladamente. E então, sua intuição a mandou correr.

Ela sabia o quão importante era seguir sua intuição.

Correu para a porta em um piscar de olhos, e quando abriu-a, outro susto. Uma mulher, um pouco mais baixa do que ela, mas ainda mais pedante, a empurrou para dentro e fechou a porta atrás de sí.

— Vai a algum lugar, querida? — perguntou a mulher, sarcástica.

Estava cercada dos dois lados, as saídas bloqueadas.

— Quem são vocês? O que querem comigo? — perguntou ela assustada. Em outras circuntâncias, teria lutado para se defender, mas algo lhe dizia que não ia adiantar.

E tinha razão.

Os olhos dos dois começaram a se avermelhar, uma borda ao redor da íris. As veias no cristalinos

também ficaram mais vermelhas e inchadas, e os dentes se afastaram para que os caninos pudessem crescer.

Carrie se sentou na cama e cruzou as pernas, austera e segura de sí.

— Vampiros — constatou ela. Os olhos de Carrie também se avermelharam, e os dentes cresceram, como o dos outros dois. Isso não pareceu assustar os visitantes.

— Sim, e pelo visto você também é — disse a mulher. Ela andou a passos largos e sentou em uma cadeira com encosto.

— Carrie é seu nome, certo? — perguntou o homem, ainda encostado perto da janela, olhando-a fixamente. Ela tinha a impressão de tê-lo visto antes.

— Então sabem meu nome e onde moro. Mas não sei nada sobre vocês. Podem se apresentar ou vai rolar uma briga entre estranhos? — ironizou Carrie.

— Se vai, ou não, rolar uma briga, depende de você e do que quer aqui — falou a mulher.

— Sou Dave e essa é minha amiga Karina — disse o homem, Dave, impaciente.

— O que querem de mim?

— informações — respondeu Karina. — O que faz na casa de Sônia Hussett?

— Por que eu falaria para vocês? E o que vocês querem com ela?

O homem, muito ameaçadoramente lento, desencostou-se da parede, aproximando-se perigosamente de Carrie. Sua expressão era de quem não estava para brincadeiras, ou jogos de ironia. Assassino é uma palavra que o descreveria bem.

— Somos mais velhos e mais fortes e estamos em maior número. Não é você quem vai fazer perguntas aqui — assegurou Dave.

Carrie suspirou resignada e desistindo.

— Estou aqui para cumprir uma missão — falou finalmente.

— Que missão? — A voz de Dave ficou mais dura, mais impactante.

— A de proteger Sônia Hussett — Carrie apenas sussurrou.

— Você quer protegê-la? — perguntou Dave, surpreso. Estava desnorteado na verdade, como se houvesse perdido o rumo e encontrado outro completamente diferente. Ele claramente esperava encontrar uma assassina, não protetora.

— Sim, protegê-la.

— Quem lhe designou essa missão? — perguntou Karina, desconfiada.

— Podem me responder só uma coisinha primeiro? — pediu Carrie timidamente.

— Depende — esquivou-se Dave.

— O que vocês querem com ela?

Foi Karina quem respondeu, surpreendendo Dave.

— Basicamente o mesmo que você.

Carrie sorriu diabolicamente e disse:

— Já ví que vamos nos dar muito bem juntos.

Capítulo 07

O Vizinho

"A vida não passa de um sonho."
Os sofrimentos do jovem Werther - J. W. Goethe

A folha fez um estalinho mínimo ao ser virada. Sônia estava deitada de bruços, suas pernas balançando no ar. Vestira um short e uma blusa de moletom para ficar mais confortável. Tentava a todo custo se concentrar nas palavras impressas nas páginas amareladas pelo tempo, mas estava inquieta demais. E isso dificultava as coisas.

A conversa com Dave mais cedo deixara claro a ela que eles eram compatíveis, mas mesmo com essa confirmação, se sentia insegura. Ele era tremendamente familiar e aqueles olhos vermelhos jamais sairam de sua cabeça.

As cortinas fechadas deixaram o quarto com pouca luz, um ambiente perfeito para um de seus surtos.

No som, tocava uma das músicas clássicas que ela mais gostava e por motivos desconhecidos, ela a lembrava de algo... Uma dança sem dúvida, a tempos atrás, quando ela era mais do que a sombra da irmã.

Não percebeu, mas o livro caiu de suas mãos, encontrando o chão com um baque surdo, sua cabeça caiu levemente para o lado, seu cabelo cobrindo seu rosto. Seus olhos se umideceram e uma lágrima escapou pelo canto esquerdo. Sua face se contorceu e ela caiu no sono.

Repentinamente, ela estava em um quarto lindo. Uma cama com um magnífico dóssel estava bem no centro, sobre um tapede feito a mão. Havia vários móveis espalhados pelo quarto, todos de madeira com algo que ela reconheceu como pedrarias. Um toucador estava posto no canto do quarto, perto da janela com as cortinas grossas e pesadas fechadas. As paredes eram de pedra em formatos retangulares que se encaixavam perfeitamente.

O quarto era iluminado por velas em castiçais pendurados nas paredes. As chamas eram suficientes para ambientalizar o quarto, deixando-o aconchegante.

Mas não para Sônia. Ela estava terrivelmente incomodada, como se não fosse seguro estar alí. Ela se sentia uma intrusa, como se estivesse bisbilhotanto algo que ela não deveria xeretar. Porém, não se moveu, ficando plantada onde estava próxima a porta.

De trás do toucador, uma linda mulher saiu. Vestia um vestido azul-anil com rendas em um tom mais escuro. Sua pele era pessegosa, e incrivelmente radiante. Seu cabelo era de um preto profundo, que contrastava com sua pele corada, e possuia um reflexo violeta deslumbrante. Era ondulado perto das pontas e vinha liso da raiz, divinamente encantador. Os fios alcançavam sua cintura.

E então ela virou-se, ficando de frente para Sônia. O rosto era pequeno e oval e possuia toda uma aura de inocência. Mas os olhos azuis eram familiares demais. Ela via seus própios olhos refletidos nos dela.

Uma figura entrou pela janela, afastando a cortina para entrar. Ele ficou de costas para Sônia, impossibilitando-a de ver seu rosto. Ereto e austero, não havia outras palavras que pudessem descrever melhor sua postura. Vestia uma roupa elegante, digna de cavalheiros do século XV.

A mulher sorriu quando o viu.

— Meu amor — disse ela, correndo para abraçá-lo. Sua expressão era de quem estava emocionada. Ela aconchegou o rosto em seu peito enquanto ele a puxava para mais perto. — Pensei que já não vinhas. Minha angústia foi tão grande quando pensei que tinha me abandonado.

— Amo-te, jamais esqueças. Nunca lhe deixaria a minha espera. Estou aqui para você. Prometa-me, lembrarás disso quando... — a voz do rapaz ficou embargada. A mulher passou a mão no rosto dele, como quem enchuga uma lágrima caída.

— Sempre — disse ela. Deram-se as mãos, e juntos, foram para a janela. Iriam sair.

Mas o homem virou o rosto em direção a Sônia, na verdade, olhando através dela, pois não tinha como vê-la alí. Foi por pouco tempo, mas o suficiente para Sônia capturar-lhe o rosto na mente.

Dave.

Acordou, tremendo e segurando um grito. Seu coração estava acelerado, martelando em seus ouvidos de forma ensurdecedora. Olhou para todos os lados, constatando que estava sozinha. Havia se passado apenas alguns poucos minutos, mas pareciam ter sido horas.

Ainda cambaleante, Sônia se levantou, apoiando as mãos na parede até ter certeza de que tinha equilíbrio suficiente para andar.

Abriu a porta do quarto lentamente e olhou para o corredor vazio. Estava prestes a sair quando uma sensação familiar a tomou por completo. Ela sempre sentia isso quando Dave, aquela pessoa em seu sonho, estava por perto. Olhou para a porta do quarto de Carrie e ouviu o som do chuveiro ligado.

Desceu a escada de dois em dois, chegando na sala logo abaixo. Percebeu que uma das fotos no móvel, atrás do sofá, estava abaixada. Ajeitou-a no mesmo instante e viu a sí mesma no retrato.

— Estranho — sussurrou para sí mesma, pensativa.

Viu então a própia sombra no chão, projetada pela luz fluorescente que acendera, e acompanhada de outra. Eram duas... pessoas... quando ela achara estar sozinha na sala?!

Com um pulo, virou-se assustada e arfando, vendo que não tinha ninguém atrás de sí. E no chão, somente sua sombra, sem a outra de segundos atrás, que fazia-a companhia.

— Estranho — repetiu novamente. Colocou uma das mãos na cabeça, pressionando. — Devo estar enloquecendo. Minha mãe vai ficar feliz, finalmente poderá me internar como a louca psicótica que sou.

Foi para a cozinha, pegar um copo d'água para acalmar-se. Viu um bilhete em cima do balcão, endereçado a ela. Não se demorou muito alí. Voltou correndo para a segurança de seu quarto, e abriu o bilhete com o coração saindo pela boca.

"TE VEJO EM BREVE.
ASS.: DESCONHECIDO"

As lágrimas cairam de forma lastimável pelo seu rosto contorcido em uma expressão assustada.

~•~♥~•~

— Sr. Ignoro! — chamou uma voz que ele conhecia. Desviou seus olhos da lua que nascia para o ser encapuzado atrás dele. Estava na beira do lago que certa vez, ele sabia, Blair e Dave dançaram...

e se beijaram.

— E então? — perguntou ansioso. Suas sobrancelhas se ergueram, tamanha era sua curiosidade.

— Até a próxima lua nova. É o prazo máximo. Mas não se afobe, ele detesta atrasar o serviço — disse o homem que acabara de chegar, ainda ofegante, como se tivesse vindo correndo ao encontro de Saulo, para dar-lhe o recado. Ele tinha um porte grande, musculoso e uma cara de tacho deprimente.

— Ótimo — disse ele com uma risada de escárnio, dirigida para alguém que nem naquele continente estava. — Tem certeza de que o serviço será feito?

— Com essa recompensa no meio? Não há possibilidade dele falhar — assegurou o homem.

— Muito bem — aprovou.

— Mais alguma coisa, meu senhor?

Saulo sorriu malignamente.

— Sim. Quero me assegurar de que seja bem recompensado pelo seu silêncio, se é que me entende.

— Nossa, obrigado senhor. Eu não esperava por isso — o homem parecia subitamente mais feliz.

— Mas é claro que esperava — esnobou Saulo. Revirou os olhos de forma despretenciosa e ordenou que o homem se aproximasse.

Ele o fez, esperando uma generosa gorjeta.

Saulo se aproximou, tomando o rosto do sujeito entre as mãos e olhando-o diretamente nos olhos.

— Aprecio sua colaboração e sempre me lembrarei daquele que ajudou um membro da realeza — disse com uma sinceridade da qual seus olhos zombavam.

Com toda sua força, Saulo apertou a cabeça do pobre rapaz, que gritou devido a dor. Um alto estalo soou audível quando o crânio rachou. Os dentes de Saulo cresceram assustadoramente e a borda rubra ao redor da íris apareceu. Mordeu o infeliz, envenando-o — uma das poucas formas de se matar um vampiro. Ao sentir o líquido letal correndo por suas veias, o rapaz se contorceu furiosamente, tentando desvencilhar-se do aperto esmagador em que Saulo o mantinha imobilizado. Mas aos poucos, suas forças se esvairam e ele já não pôde mais lutar.

Saulo torceu o pescoço dele e o deixou cair. Do bolso, tirou um esqueiro e acendeu um cigarro, tragando e soprando a fumaça, deixando uma desagradável cheiro de tabaco no ar.

— Sem pontas soltas — murmurou ele para o cadáver a seus pés. Pegou uma estaca escondida no bolso interno de seu paletó, enfiando-a no corpo do infeliz. Quase ao mesmo tempo, a pele foi murchando e minutos depois, apenas o pó ocupava o lugar em que o vampiro morrera.

~•~♥~•~

Dave se vestia para a pequena festa que haveria logo mais, na qual encontraria Sônia. Havia acabado de sair da casa dela, após uma longa conversa que tivera com Carrie. Entrara sorrateiro, pronto para matá-la, pois pensava que era ela quem ameaçava a vida de sua amada. Mas saira de lá com uma nova aliada, e isso fora um alívio.

O alívio só não fora maior porque não descobrira quem era o inimigo, quem ele deveria matar. Mas uma coisa era certa: encontraria o ser Desconhecido e o faria sofrer. Só assim poderia respirar tranquilo novamente.

As paredes verdes de seu quarto nunca pareceram tão enjoativas. Sentia um embrulho terrível no estômago que não poderia ser fome, pois acabara de se alimentar, deixando outra vítima de "picada de cobra". Era sua intuição alerta, pressentindo algo do qual ele não conseguia decifrar.

Franziu a testa, desgostoso.

O problema das intuições é que elas nunca são claras.

Tomou uma decisão súbita. Pegando a jaqueta de couro no braço da poltrona, Dave correu para o corredor e bateu na porta do quarto de Karina.

— Karina! Se apronte! Temos uma festa para ir hoje à noite.

~•~♥~•~

Sônia descia as escadas lentamente. Seu cabelo preso na nuca e seus cachos avermelhados sobre o ombro. Usava uma calça jeans escura e que se ajustava ao seu corpo, uma camiseta branca, uma jaqueta vermelha e sapatilhas Annabella. Não passou maquiagem, sua pele já era branca e as maçãs de seu rosto naturalmente rosadas. Sem falar nos olhos azuis.

Encontrou Carrie se olhando no enorme espelho pendurado na parede da sala. Ela usava um belíssimo vestido verde-água, sapatos com salto na cor dourada e seu cabelo ficara cheio de grossas e divinas ondulassões. Já Kelly estava sentada no sofá, lixando as unhas, perfeitamente ignorante. Usava um vestido roxo berrante, mas que caía bem em sua pele clara.

— O espelho do seu banheiro não foi o suficiente? — zombou Sônia, sorrindo para a amiga. O vestido dela caia como uma luva em seu corpo repleto de curvas.

— Só estou dando os toques finais, sabe? — disse ela, sorrindo de volta e colocando um par de brincos dourados. — Vamos no seu carro?

— Claro. A não ser que prefira ir a pé... — brincou ela.

— Deus me livre!

— Eu lhe aconcelho a retirar o salto. Esqueceu-se que o piso lá não é o que chamamos de... plano? O salto vai acabar afundando — comentou Kelly, ainda ignorante.

— O que é ótimo — disse Carrie, fazendo com que Sônia franzisse a testa de confusão. — Uma perfeita desculpa para perder o equilíbrio e cair nos braços do meu príncipe encantado... — retrucou, piscando os olhos repetidas vezes.

— Vocês são tão infantis — falou Sônia, enfatizando o "infantis".

— Olha só, a adulta falando — murmurou Kelly, cruzando as pernas e se recusando a olhar Sônia diretamente.

— Qual é o seu pro... — Sônia foi interrompida por uma buzina no lado de fora da casa. — Ah, não. Se for o Érick, eu juro que me atiro da ponte!

— Poupe-se o trabalho, eu mesma lhe empurro.

Fingindo que não ouvia a irmã, caminhou para a porta, abrindo-a e ficando de frente com um estranho. Ele usava um chapéu e roupa de alfaiataria com riscas finas na cor verde. Tinha uma bengala em uma das mãos e uma xícara na outra. Seu bigode se remecheu quando o estranho sorriu docemente. Por algum motivo, a frase " As aparências enganam" soou pela mente de Sônia, não fazendo o menor sentido.

E não havia nem sinal do carro que poderia ter emitido a buzina.

— Olá princesa! — disse ele. Havia algo na voz dele que despertava lembranças sem nexo em Sônia, como algo que ela não gravara na memória. — Muito prazer, sou Nicholas de LaDuque. Eu... me mudei agora a pouco e... bom, não tive tempo de fazer compras no mercado. Você tem um pouco de açúcar que possa me arranjar?

Ele se mostrava educado, mas mesmo assim, Sônia se manteve cautelosa. Pegou a xícara das mãos dele e pediu que ele aguardasse. Foi a cozinha, mas não demorou muito a voltar, pegando o que ele lhe pedira rapidamente.

E rindo consigo mesma, pensou qual o sentido de se pedir açúcar emprestado se não o devolveria depois. As pessoas nunca se lembravam de devolver o que haviam pedido.

Entregou a xícara nas mãos do sr. Nicholas e sorriu amigavelmente, despedindo-se e fechando a porta.

A única coisa que Carrie disse foi:

— Sinistro.

— Completamente — concordou ela. O melhor que poderia fazer era fingir de que nunca havia visto aquele homem esquisito.

Uma segunda buzina distraiu-as momentaneamente, e mais uma vez no dia, abriu a porta.

Havia um J5 preto parado junto ao meio-fio. Sônia passou de confusa para pasma quando Dave saiu pelo lado do motorista e sorriu para ela. Ele chegou mais perto, seu cheiro de rosas primaveris enaltecendo o ar.

— Dave, o que faz aqui? — perguntou Sônia, lutando para não gaguejar.

— Vim buscá-la para a festa, o que mais? Eu prometi que iria cuidar dde você e aqui estou eu, fazendo meu papel — disse ele, com um sorriso de felicidade por conseguir pegá-la de surpresa.

Já Sônia, segurava o sorriso.

— Eu ia levar minha amiga comigo... — disse ela, envergonhada. Isso não afetou o sorriso no rosto de Dave.

— Sem problemas, vamos todos juntos...

— Dave? — Kelly apareceu na porta, surpresa e interrompendo o que Dave dizia. Olhou-o de cima a baixo e suspirou. Sem dúvida, ela o achava atraente, caso contrário, não se esforçaria tanto para lhe chamar a atenção.

— Olá, como vai, Kelly? — respondeu ele educado, não mais do que isso.

— Querido, veio me buscar? Mas que gentil!

Kelly obviamente não ouvira a primeira parte da conversa. Saiu pela porta e pegou o braço dele, olhando superiormente para Sônia.

— Espero que se divirta na festa, irmanzinha — desejou ela e Sônia detectou um tom de zombaria em sua voz perfeita.

Carrie surgiu ao lado de Sônia e olhou para o recém-chegado e para Kelly, com um sorriso presunçoso no rosto. Sussurrou em seu ouvido, só para ela ouvir.

— Mais atirada, impossível — disse.

— Ah, na verdade, Kelly — Dave parecia um pouco desconcertado enquanto se livrava do aperto de Kelly. — Eu vim buscar a Sônia... Mas você pode ir conosco se isso não for um incômodo...

Dave olhou para Sônia, indeciso sobre o que fazer em uma situação constrangedora como aquela. Sônia tratou de responder rapidamente, evitando tranparecer o quanto se divertia.

— Claro que pode ir, irmanzinha — devolveu o mesmo tom de zombaria, comemorando internamente.

— Não, obrigada! — Kelly respondeu duramente, soltou o braço de Dave na mesma hora e entrou violentamente.

Ele parecia não saber o que dizer.

— Desculpe por isso, Dave — pediu Sônia.

— Não se preocupe. Eu não tenho irmãos... mas praticamente adotei uma — disse ela olhando para o carro. — Ela também me irrita às vezes — riu ele.

Do carro, uma mulher linda saiu. Possuia um cabelo castanho escuro que caia em ondas grossas em suas costas, alcançando sua cintura. Dona de curvas bem marcadas pela calça e blusa escura e, quando ela se aproximou o suficiente para Sônia observar mais de perto, olhos quase da mesma cor que seu cabelo.

— Olá, sou Karina Figueredo, amiga de infância e irmã de coração de Dave — disse ela com um sorriso não mais que simpático.

Carrie aceitou-a rapidamente, saindo pela porta e abraçando-a como se fosse velhas amigas. Sônia não conhecia esse lado largado de Carrie, pois ela não costumava abraçar desconhecidos como se tivessem divido o berçário.

— Muito prazer — disse Carrie, animada.

— Olá, sou Sônia.

— Sônia, nossa! — ofegou Karina. — É muito bom finalmente conhecê-la. Dave não parou de falar sobre você desde que cheguei.

Dave, discretamente, cutucou Karina e esta, piscou para ele. Sônia baixou os olhos quando viu isso, sentindo algo muito bom tomar conta dela.

— É melhor irmos. Nesse rítimo, só chegaremos amanhã de manhã — brincou Dave, rindo.

Educadamente, Dave abriu a porta do carro para que Sônia entrasse no banco da frente junto dele. Atrás, Karina e Carrie conversavam sem poupar o volume da voz, rindo vez ou outra. O carro avançou rapidamente pela estrada naquela noite escura.

~•~♥~•~

Nicholas sentou-se no único móvel da casa do qual ele se deu ao trabalho de retirar o lençol que o cobria. Sorria sinistramente, todo seu corpo vibrava. Ah, como teve vontade de enfiar seus dentes no pescoço daquela garota insignificante!

Mas resistiu. Só porque sabia o quanto era importante manter a garota viva até que a hora certa chegasse. O primeiro passo havia sido dado, os próximos eram só meros detalhes. Não precisava de toda aquela ansiedade, afinal já marcara a data.

Tomou bons goles do sangue que estava em sua taça, apaziguando o desejo, a fome dentro de sí. Ele não se importava com quem tinha que matar, só queria receber a recompensa depois do serviço. Mas se os outros vampiros que não tinham segundos interesses com a morte da garota soubessem o que o estava tramando a pedido do império...

Bom, o problema não era dele. Mas suspeitava que Saulo teria sérias dores de cabeça se o assunto vazasse. Uma chantagem eterna, era o que Nicholas pretendia fazer. Talvez se instalasse em

algum lugar de que gostasse, sem precisar mais trabalhar. Viver as custas de Saulo não parecia uma ideia ruim.

A não ser a parte que ele era alguém da realeza.

Suspirou, entediado. Não queria sair para caçar, estava acostumado que a caça viesse a ele, logo esse seria um tempo desperdiçado se ele resolvesse ir atrás de alguém para amedrontar. Depois cuidaria disso.

Mas por hora, contentou-se com sua taça de sangue e o crepitar na lareira.

O fogo o inspirou sobre diferentes formas de matar a garota para que o ritual fosse feito. Com um leve balançar de seu punho, uma pequena chama se desprendeu das demais indo parar um pouco acima das mãos de Nicholas, flutuando, até que ele fechou a mão e a chama se extinguiu.

Sim, ele poderia assustá-la com seus poderes sobrenaturais de vampiro. Seria divertido ver sua expressão de menininha assustada. Era aquele pavor que o nutria, era dele que ele se alimentava. O sangue lhe dava saciedade, mas era o medo alheio que o deixava mais forte.

Tomou mais um gole, enquanto pensava em formas macabras de cometer o assassinato de Anita.

~•~♥~•~

Ele estacionou o carro, sentindo Sônia segura ao seu lado. Ao longe, com sua visão apurada, avistou a enorme fogueira que alguém havia acendido.

Fogo, pensou ele.

Ouviu as portas do carro se abrirem e só então percebeu que ele ficara momentaneamente paralizado. Sônia desceu e ficou do lado de Carrie que logo tratou de seguir Karina, mas não antes de sussurrar um "vai fundo" como incentivo.

Sônia arregalou os olhos e corou violentamente, fazendo com que Dave a admirasse secretamente. Ele estava apaixonado por ela, já não era mais capaz de negar, sequer duvidar de seu amor. Mas a dúvida se estava ou não traindo Blair ainda permanecia.

Andou ao lado dela vagarosamente, sem falar nada. O silêncio se instalou, mas não de uma forma desagradável. Era até mesmo tranquilizante, pois assim ele podia vigiá-la sem a culpa de estar se intrometendo demais. Queria cuidar dela, mas podia apostar pelo seu ar de independência que ela não aprovaria muito facilmente todo aquele cuidado. Um pouquinho talvez, mas muito? Seria demais para ela.

E de repente, surgiu um assunto sobre o qual conversarem.

— Aquele Desconhecido voltou a se comunicar com você? — perguntou Dave, interessado.

Percebeu que Sônia suspirou levemente, hesitando. Era como se estivesse decidindo se lhe contaria algo, ou não. Isso o deixou impaciente. Não podia aceitar que ela escondesse coisas desse tipo. Confiava, ou não nele? Sua respiração se acelerou conforme o tempo passava.

— Sim, hoje, depois que voltei da escola — disse ela por fim. Dave flexionou as mãos repetidamente, controlando a raiva que o tomou.

— E o que ele disse?

— Que eu o veria hoje. Nada mais.

— De verdade? — indagou surpreso. Pode ser a pista que eu precisava para encotrar seu rastro, pensou. — Quem você viu hoje? — perguntou, esperançoso. A imagem dele estragulando o infeliz

que ameaçava Sônia lhe divertia.

— Quem eu ví? — perguntou ela, curiosa. Depois, pareceu entender as intenções dele. — Ah, não! Você... Dave, por um acaso, está tentando encontrar... — Ela havia entendido suas reais intenções.

— Qual é a melhor maneira de livrar você desse sujeito?

— Sabendo quem ele é... Mas Dave, é perigoso. Eu não quero você se machucando por minha causa — implorou ela, sua respiração entrecortada.

— Eu sei me cuidar. Agora responda — disse ele, olhando-a fortemente.

Ela o encarou, seu semblante terno e preocupado ao mesmo tempo. Pôde ver que Dave não desistiria facilmente, o que não lhe dava escolha. Com um suspiro de desistência, Sônia finalmente falou.

— Na verdade, eu esperava encontrar aqui na festa. Seria um lugar mais óbvio, não acha? Um lugar público — ela suavemente arqueou a sobrancelha, esperando a aprovação de Dave quanto a sua suposição.

— Sim, seria — concordou ele, escondendo as duas mãos em punhos no bolso da calça jeans. — Mas mesmo assim, preciso saber.

— Eu ví o pessoal da escola... Mas isso foi antes de receber o aviso — percebeu. — Então, se resume basicamente a Kelly, Carrie, você e Karina. Nem minha mãe eu ví hoje...

— Droga — disse Dave olhando para o chão. — Mais ninguém?

— Eu acho que n... Espere! O novo vizinho... Mas ele só foi pedir um pouco de açúcar. Posso não ter ido muito com a cara dele, mas suspeitar de que o Desconhecido tenha se mudado só para ficar perto de mim é um pouco demais, não acha?

— Ele disse o nome dele? — Dave estava muito compenetrado na converça, como se sua vida dependesse dela.

E de certa forma, dependia.

— Sim, ele disse que se chama... Nicholas de La alguma coisa. Não lembro — deu de ombros.

— Isso já é o suficiente.

Dave estava decidido a encontrar o ser misterioso, e isso assustou Sônia.

A essa altura caminhavam um pouco mais afastados da concentração, perto das árvores. A noite estava linda demais, as estrelas pareciam pequenos diamantes presos naquele azul escuro e infinito do céu. A lua era um perfeito sorriso, como se felicitasse a ambos.

Uma brisa tocou o rosto de Sônia e Dave percebeu seu semblante caído. Ela tinha medo, mas por ele.

Tomou seu rosto entre as mãos e sorriu, mas de um jeito triste. Ele segurou as lágrimas, não podia deixá-las cairem na frente de Sônia. Não porque tivesse vergonha de chorar na frente dela, mas por que suas lágrimas não era aquela gotículas de água salgada como as dos humanos.

Eram gotas puras de sangue.

— Escute, não posso deixar que nada aconteça a você. Não entenderia o porquê agora, mas logo você saberá. Eu morreria se algo acontecesse a você... — disse ele, de maneira fervorosa, intenso.

— Dave... — as palavras ficaram presas na garganta de Sônia.

— Shii. Apenas me deixe cuidar de você. É tudo o que peço.

O abraço que deram um no outro foi o suficiente para Dave perceber o quanto valia a pena, o

quanto era importante tê-la junto de sí. Com uma de suas mãos na nuca de Sônia e a outra em suas costas, ele a manteve perto e levemente acariciou sua cabeça. Fechou os olhos com força e inalou o doce e suave cheiro que ela exalava. Uma energia poderosa percorreu seu corpo, dando-lhe uma sensação de conforto. Era exatamente alí que ele deveria ficar. Sônia era seu destino, assim como Blair também fora.

O que havia em comum entre elas que o atraía tanto? O que fazia com que ele as amasse tão desesperadamente?

A imortalidade da alma faz com que o amor dure uma eternidade.

Essa frase lhe veio a mente sem que ele entendesse o porquê. Ficou confuso por um momento, mas com Sônia em seus braços, ele não poderia pensar em mais nada. Talvez um dia, ele entendesse todas aquelas coisas estranhas que aconteciam com ele.

Mas por enquanto, não importava. Nesse momento, ele se sentia mais humano, sua alma vibrava de felicidade. Pois que humano ele fosse, enquanto estivesse com ela.

Capítulo 08

Proximidade

"O medo nos aliena, faz com que nos sintamos sozinhos,
desconectados, enquanto o amor, o amor faz o oposto,
o amor une."
Terra de sombras (Os Imortais) - Alyson Noël

Alysson estacionou o carro em frente a uma casa, de fachada branca simples, porém com ar superior, e dois andares. Era grande e aparentava uma luxuosidade humilde... — apenas para esconder os segredos guardados alí. Repentinamente, tudo parecia muito falso, até mesmo para Alysson. Máscaras que escondiam a verdadeira aparência.

Abriu a porta do carro e seus dois amigos, Joseph e Richard, a acompanharam até a entrada. Cada um prostado ao seu lado, deixando ela no meio dos dois, como se fossem guarda-costas prontos para protegê-la. Com um suspiro ao perceber isso, ela tocou a campanhia e esperou ser atendida.

Um senhor de mais ou menos quarenta e tantos anos abriu a porta. Usava óculos de lentes grossas que pareciam pesadas pela forma que a armação escorregava de seu nariz curvado e pontudo. Seu rosto era enrrugado e murcho, seco, e seu cabelo aparentemente saudável possuia alguns fios levemente prateados.

Ele vestia um roupão de tecido grosso amarrado na cintura e chinelos de dedo. Alysson não se surpreendeu de encontrá-lo naquele estado, já era tarde da noite, deveria estar se preparando para dormir, supôs. A rua estava deserta e as casas com as luzes apagadas. Apenas a lua ainda possuia algum brilho, uma chama de vida.

— Alysson? Hã... Meninos? O que fazem aqui? — perguntou ele surpreso.

— Precisamos de ajuda — respondeu ela, com os olhos implorativos e aos mesmo tempo trasparecendo seriedade.

O sr. Ruiz Alejandro fez menção para que eles entrassem, afastando-se e deixando a passagem livre. Fazia muito tempo que Alysson estivera alí, quando era criança e seus pais a levaram para lhe contarem o que ela era e a quem deveria servir. Não gostava de relembrar daqueles dias em que se revoltara e ficara contra tudo, duvidando das própias crenças e dos ensinamentos que haviam lhe dado. Ela não era uma serva, era dona da própia vida. Ela seria parte da Descendência Independente, não da União, fiel àquele deus que sequer se importava se estavam, ou não, vivos.

— O que aconteceu? — o sr. Ruiz puxou uma poltrona de estofado em cores claras, assim como a maioria das coisas na casa. A única cor vinha das flores em um jarro de vidro transparente na mesinha de centro. As pétalas violetas davam uma falsa sensação de lar. — O que fazem aqui a essas horas? — murmurou ao sentar-se.

— Estamos fugindo da Concentração — confessou Alysson, timidamente, mas firme de certo modo.

Sua respiração estava calma, diferentemente da tensão que sentia. E então, uma mão pousou em suas costas, transmitindo-lhe a força da qual ela precisava. Estremeceu por causa da corrente elétrica que atravessou seu corpo suavemente, pedindo-lhe um pouco mais de esperança.

— Tivemos sérios problemas, não podíamos mais ficar lá — completou Richard.

— Isso ainda não responde minha pergunta — disse o sr. Ruiz tranquilamente. Cruzou os desdos, os olhos fechados em fendas. — Pelo menos, não completamente. Quero motivos, razões... Que tal o porquê?

Alysson suspirou audivelmente, depois repreendeu-se internamente. Havia deixado trasparecer parte de seu nervosismo.

— Eles descobriram sobre nós. Sabem que temos... Corrigindo: eu tenho familiaridade com Sônia — reformulou ela ao ouvir o pigarro de Joseph que disse:

— E nós, como amigos fiéis, a seguimos.

— Muito bom, isso é realmente útil — ironizou Ruiz, coçando o queixo levemente, a barba por fazer.

— Desculpe se falhamos — pediu ela. — Meus amigos conseguiram o relicário, espero que isso ajude.

— Não vai ajudar do jeito que está, tenho certeza. É melhor melhorarmos isso.

O sr. Ruiz se levantou e andou até a parede, mechendo em algo que Alysson não pôde ver. Ela olhou para trás, para seus dois amigos, temerosa. Mas sabia que era a coisa certa a fazer. Precisava de ajuda para manter Sônia segura. Quem melhor do que o tio dela? Uma estante repleta de livros pareceu se mover automaticamente sob o toque de Ruiz, revelando uma escada escondida atrás de sí.

— Vamos descer crianças. Espero que tenham trazido seus anéis — disse ele, descendo as escadas e pedindo para que o acompanhassem.

O sr. Ruiz se referia aos anéis que cada um deles carregava no dedo anular da mão direita. Eram únicos, feitos sob medida para quem os usava. Nenhum feiticeiro conseguiria ministrar magia seguramente sem eles, a não ser que fosse extremamente poderoso e não tivesse medo das

consequências, como perder a própia vida por exemplo.

Estava escuro, então Alysson se guiou pelo corrimão áspero e frio em que se apoiava. Não conseguia nem mesmo ver o chão irregular em que pisava. Pôde ouvir Richard e Joseph atrás dela, seus passos ecoando no meio da escuridão. O sr. Ruiz acendeu a luz, revelando um lugar diferente do resto da casa.

As paredes tinham uma cor ocre e o teto era de vidro temperado com uma cobertura de metal inoxidável acima dele. Ruiz puxou uma alavanca grossa que parecia pesada pela forma como seu esquelético corpo se curvou para trás para movê-la. E então, aquela estrutura circular de metal se moveu, abrindo-se e deixando a luz da lua crescente penetrar no ambiente através do vidro.

No centro, havia uma pia branca de gesso para pássaros, cheia de uma límpida água cristalina e... azulada. Vários desenhos eremitas estavam gravados na lateral da pia e Alysson as reconheceu de seus livros sobre a história da feitiçaria e como ministrar os poderes. Uma mulher de joelhos olhando para o própio reflexo, ou um homem com as mãos nos bolsos... Aquilo nada revelaria para os humanos, mas um feiticeiro as reconheceria... Elas indicavam uma determinada fase da lua, para um determinado feitiço.

— O que acharam do Centro de Concentração do Sul? — perguntou Ruiz distraído, pegando alguns frascos em uma prateleira. Cada um com palavras em grego, ou hebráico.

— Terrível! — respondeu Joseph, completamente relaxado. — Aquilo parece um centro de treinamento militar. Sabe o que me veio à cabeça na primeira vez que pisei lá? Resident Evil 3.

Ruiz gargalhou, o que surpreendeu Alysson. Como homem de poucas palavras que era, e de olhar intenso, o sr. Alejandro intimidava as pessoas, não gargalhava por coisas ditas por elas. Talvez, fosse tudo uma questão de aparência.

— Pelo visto, essem meses foram...

— Um inferno — completou Joseph, rindo.

— Vamos ao trabalho — disse ele, encerrando o assunto. E Ruiz voltou a seriedade de sempre.

Pegou alguns pergamimhos, abrindo-os e vasculhando até que achou o que queria.

Eles já sabiam o que fazer. Fizeram um círculo ao redor da pia e Ruiz, murmurando em latim, invocou a imagem da proteção.

Alysson jogou o relicário na água que ganhou um tom de verde azulado brilhante. Sobre a água, a imagem de uma mulher abraçando o nada apareceu. Ela estava encurvada, envolvendo uma força mística invisível como se aquilo lhe valhesse a vida. Ruiz continuou murmurando em latim, de olhos fechados. Seus braços erguidos, com a palma das mãos voltadas para a imagem, tremiam tamanho era o poder que ele emanava. Alysson e seus amigos fizeram o mesmo, sem dizer nada, apenas pensando na imagem de quem deveriam proteger: Sônia.

A água começou a dançar conforme Ruiz mechia as mãos. Um vento vindo de parte alguma borrou a imagem da mulher, desfazendo-a como se fosse uma nuvem de fumaça que desaparecia sob sua força. A luz se apagou e eles ficaram a mercê da lua crescente — o ponto alto para um feitiço de defesa.

E então, tudo parou abruptamente, deixando Alysson com uma sensação de vazio. Boa parte de sua energia fora levada pelo vento e guardada no pequeno colar.

— Está feito. Entregue esse colar a Sônia e discretamente peça que ela não o tire. Ele vai disfarçar toda a aura dentro dela. Vai ser mais difícil para os feiticeiros perceberem quem ela

realmente é — assegurou Ruiz.

— Obrigada, sr. Ruiz — agradeceu Alysson fervorosamente.

— Vão logo. Ela não tem muito tempo.

O olhar flamejante do sr. Alejandro foi suficiente para fazer com eles disparacem porta a fora.

~•~♥~•~

— Eu soube que você é bom em francês — disse Sônia, sorrindo.

Ela e Dave estavam sentados sobre um grande e grosso tronco de madeira, próximos da fogueira e um do outro, de mãos dadas, se acariciando delicadamente. Os olhos de Sônia brilhavam em espectativa para esta noite. Que prováveis rumos eles tomariam? Um beijo talvez? Ou só amizade por enquanto? Eram tantas as perguntas que sua mente voou longe, imaginando infinitos momentos em que estariam juntos.

— Sim, sou. O francês é natural, já que é minha língua materna — disse ele, um pouco tímido ao revelar um pouco de seu passado tão distante. Um passado do qual ele preferia esquecer.

— Você nasceu na França? — Sônia disse, pega de surpresa. Não conseguiu deixar de gaguejar levemente.

— Sim. Morei boa parte da minha infância lá, mas não posso dizer que me lembro claramente. É como se eu fosse muito mais velhor do que aparento — comentou, rindo internamente.

Sônia se lembrou do sonho que tivera mais cedo e em como ele a deixou desconcertada. Será que aquele rapaz que ela vira era mesmo Dave? Ou uma peça pregada pelo seu subconciente? Bom, esta última parecia uma explicação mais plausível, levando em conta que ultimante, era ele quem ocupava seus pensamentos ao invés de Andy, como costumava ser. Tanto havia mudado em tão pouco tempo...

— Sabe, eu estou muito mal em francês. Seria muito atrevimento se eu lhe pedisse ajuda? — disse ela, tentando recuperar o sorriso que havia desaparecido do rosto dele por breves minutos e distrair a sí própia de sua psicose, ignorando a própia loucura.

— Na verdade, eu fico muito feliz em lhe ajudar — Dave voltou a sorrir, o que aqueceu o coração de Sônia. — Melhor eu do que outro garoto, certo?

— Hmm, certo...

As maçãs dos rosto de Sônia ganharam um tom magnífico de vermelho rosado, que parecia ainda mais gritante com a luz do fogo batendo em sua pele. Os fios de seu cabelo ganharam um tom mais amadeirado, ocre, deixando Dave surpreso e meio deslumbrado.

— Você é tão linda — comentou ele. Sônia sorriu abobalhadamente, baixando o olhar, envergonhada. Ele colocou dois dedos sob seu queixo, levantando-o. — Ei, não baixe a cabeça. Mantenha-a erguida — disse ele, lembrando-se de que já dissera aquela mesma frase antes, para uma outra pessoa... Hesitou, e então acrescentou: — Você é muito mais do que pensa ser.

E lá estava ele, confirmando tudo o que Sônia sempre teve certeza. De que ela não era apenas uma sombra de sua irmã perfeita, que ela era mais do que apenas isso.

Que ela também era especial.

E sendo Dave a confirmar isso fez parecer ainda mais importante. Mais verdadeiro.

— Eu detesto estragar o clima de vocês — começou Carrie, aparecendo de repente atrás de Sônia

— mas é que a Alysson acabou de me ligar, já que aparentemente uma de nós convenientemente esqueceu o telefone — olhou para Sônia sugestivamente — avisando que chega a tempo para o baile de inverno. Ou seja, daqui a dois dias mais ou menos.

— Você fala isso como se o baile fosse daqui a dois dias — riu Sônia. — Mal posso esperar para vê-la! Vamos encontrar a Emily, avisá-la. Afinal, a casa dela é o nosso ponto de reencontro aparentemente — comentou Sônia, levantando-se. — Dave...

— Não se preocupe, eu fico aqui com meu quase irmão mais velho, tomando conta. Qualquer garota que se aproximar, leva um belíssimo olhos roxo de presente — avisou Karina, chegando a abraçando Dave por trás.

Sônia corou novamente, colocando as mãos nos bolsos da calça e se afastando com Carrie ao seu lado. Não tinha certeza se Karina brincava para lhe deixava envergonhada, ou se falava seriamente.

— Desculpe se atrapalhei alguma coisa — pediu Carrie, fazendo uma careta super fofinha que derretia o coração de Sônia.

— Você não atrapalhou nada — assegurou.

— Ufa, que bom — teatralmente, ela colocou a mão sobre o peito, no lugar onde fica o coração. — Pois saiba que a Alysson me ligou justamente quando eu estava prester a dar uns beijinhos no lindinho do Maurício. Magoou... Por que você não trouxe o celular?

— Esquecí, algo completamente normal.

Carrie estreitou os olhos, procurando Emily no meio de tanta gente. Encontrou-a ao lado de Kevin, sentado em sua cadeira de rodas. Seu rosto murchou por um momento. Franziu a testa e olhou para o chão terroso sob seus pés.

— Até hoje eu não consigo olhar para o Kevin sem sentir pena — comentou ela.

— Por que? Por conta da cadeira? Ele é saudável e está bem. Aquilo é o de menos — falou Sônia simplesmente. — Sabe que ele é assim de nascença.

— O que é pior? Nascer sem possibilidade de andar, ou deixar de andar por algum acidente, sei lá?

Sônia pensou por um momento.

— Acho que parar de andar abruptamente. Como Kevin pode sentir falta de uma coisa que ele nunca teve? — suspirou. — De qualquer forma, eu não tenho pena dele.

— Parece tão insencível quando fala isso — observou ela, franzindo a testa.

— Não é insencibilidade, é respeito. Kevin não quer que tenhamos pena dele. Se essa é a vontade dele, eu posso fazer isso.

Elas se aproximavam de Emily e Kevin, sorrindo. Sônia abraçou os dois apertadamente, sentindo falta dos amigos ao seu lado o tempo todo. Carrie ocupava boa parte de seu tempo, assim, parecia que não os via a mais tempo do que realmente fazia.

— Oi gente! Nossa, parece que faz tempos que não nos vemos — comentou ela, ecoando osprópios pensamentos.

— Você está sempre com seu namorado, dá nisso — disse Emily com um sorriso maroto. — Acho que minha missão cupido nem um pouco secreta deu resultado.

— Ele não é meu namorado!

— Hmm. Ainda — acusou ela.

O cabelo loiro, cacheado e curto de Emily estava solto, emoldurando seu rosto. Ela parecia uma

boneca. Usava uma blusa branca de renda, com um casaquinho por cima. Se não fosse pela fogueira, estaria congelando agora.

Kevin estava vestindo seu casaco grosso, para épocas frias como esta. Apesar do fogo, ele ainda sentia frio por conta das brisas geladas. Ele era mais sensível à temperatura. A pele negra dele parecia mais sedosa, até mesmo radiante diante das chamas. O cabelo ralo, os olhos escuros, sua boca bem delineada... Ele era bonito, sim. Mas as meninas geralmente se afastavam dele, por preconceito, seja por sua cor ou sua deficiência. Por essa razão, Kevin foi o primeiro amigo que Sônia fez.

Em sua obssessão de fazer o inesperado, ela correu para fazer amizade com ele enquanto todos se afastavam. Ele não tinha nenhum amigo na época, mas graças a ela, agora as meninas mais legais e interessantes da escola falavam com ele. Isto é, no seu conceito de pessoas legais. Era um crítico nato, pois tudo em sua vida exigia que o fosse.

Formavam uma pequena família — Kevin, Sônia, Carrie, Alysson e Emily.

Dave e Karina bem que podiam se juntar ao time, pensou Sônia com um sorriso.

— A Alysson me ligou agora. Ela está voltando! — exclamou Carrie, cheia de felicidade.

— Sério? Ahh — Emily soltou um pequeno e agudo gritinho. — Temos que fazer uma comemoração.

— Ela não quer uma coisa muito grande — avisou Sônia. — Só nós.

— Certo. Quando ela chega? — Era só impressão, ou Sônia conseguia ouvir as engrenagens da cabeça de Emily funcionando?

— Em dois dias.

— Ok. Filmes, pipoca, jogos... Tudo em que pudermos pensar!

— Calma... — Sônia riu. — Ela vai se importar mais se estivermos juntos, não na comida, ou filme...

Emily se acalmou um pouco, mas ainda continuou eufórica por boa parte da noite. Sentados, planejaram como os eventos ocorreriam e também sobre um trabalho grande para a aula da srt. Margaret que seria para dois meses depois do baile de inverno — uma peça que eles mesmo teriam que escrever.

O tempo ia passando e as chamas diminuiam lentamente. Dave chegou por trás de Sônia, surpreendendo-a ao colocar a mão em sua cintura.

— Tenho que te levar para casa — disse ele.

Karina estava ao seu lado, olhando distraída para as chamas quando seus olhos pousaram em Kevin. Ela ofegou, e então ficou paralisada. Olhou-o sem nunca desviar do foco de seu assombro.

Não pode ser, pensou Karina.

— Está tudo bem? — perguntou Sônia preocupada.

— Ah... — Karina gaguejou levemente confusa, mas tentando disfarçar seu espanto e evitando a todo custo olhar para Kevin dessa vez, que estava distraído. — Sim, eu pensei ter visto... deixa pra lá.

— Tem certeza? — indagou Dave, intenso.

— Sim — confirmou ela com a voz normal, e depois mais baixo. — Depois explico.

Ele assentiu levemente.

Sônia chamou Carrie e juntas, se despediram de Emily e Kevin, indo para o carro de Dave.

A viagem de volta foi silenciosa, Sônia estava sonolenta e não havia percebido isso antes. Encostou a testa no vidro e sentiu a mão de Dave na sua, enquanto a outra estava segurando o volante firmemente. As pálpebras de Sônia caíram, e ela se permitiu ressonar um pouco, mas ainda estava alerta, vendo mentalmente o caminho que faziam, o verde cercando os dois lados da estrada, a lua a pino...

E extremamente ciente da mão de Dave acariciando a sua delicadamente.

Dave parou o carro, e ela abriu os olhos. Estavam em frente a sua casa, no meio-fio. Carrie disse um "tchau todo mundo" e entrou logo. Como Karina não fez menção de quem ia descer do carro, Sônia despediu-se dela, saindo do veículo e percebendo que Dave a acompanharia até a porta.

— Tenha uma boa noite — disse ele, sorrindo. — Amanhã, nós estudaremos francês. Esteja preparada.

— Você quer dizer que eu estudarei francês, você já sabe — murmurou ela.

— É, por aí — riu ele.

— Durma bem. Te vejo amanhã. Acho bom não me dar um bolo — sussurrou ela, passando pela soleira da porta.

— Nunca faria isso, garanto. Até depois. Tenha bons sonhos, querida.

Ela fechou a porta após sorrir novamente para ele, e vê-lo retribuir. Então encontrou a sala em um breu absoluto.

Subiu as escadas, tomando cuidado para não tropeçar nos degraus e entrou em seu quarto sem luz alguma, nem mesmo da lua, pois as cortinas estavam fechadas. Jogou-se na cama, se sentindo feliz e segura envolta da escuridão.

~•~♥~•~

Karina entrou em casa a passos firmes e decididos. Como estava nervosa! Seu coração, que a tempos só batia para bombear seu sangue, agora estava agitado por um motivo completamente diferente. Sentiu seus olhos marejados e as malditas lágrimas sangrentas caíram, manchando seu rosto. Ela as enchugou com as costas da mão e continuou andando de um lado para o outro, sem parar, como se seguisse uma linha reta invisível no piso impermeável.

— Mas o que é que você tem? — perguntou Dave aborrecido, entrando em casa e fechando a porta com força. Deveriam estar vasculhando a vizinhaça ao redor da casa de Sônia, procurando o tal Nicholas, mas Karina insistira em ir para casa. E insistira tanto que ele, muito a contra-gosto, aceitou.

Dave parou, pois nunca havia visto-a naquele estado. Descontrolada, confusa, nervosa... Karina jamais se portara daquela maneira. Era sempre superior e serena, como se soubesse de tudo e estivesse no meio de ignorantes.

Mas ela já esteve assim antes. Já esteve... desesperada.

Karina não queria lembrar, mas ela, pela primeira vez em muito tempo, não conseguia domar as própias reações, de forma que sua memória agia involuntáriamente.

VARSÓVIA - POLÔNIA, 1735

O cavalo galopava rapidamente, com velocidade, seguindo os comandos de Karina. Seu longo cabelo castanho estava solto, uma onda de fios escuros, flutuando ao vento. Usava um vestido de gala dourado claro com branco, que a essa altura já estava parcialmente destruído. Alguns rasgos, sujo de barro...

Ela estava desesperada, chorava ao mesmo tempo que uma fúria homicida a dominava. E esta raiva era tão grande, tão poderosa, que nem mesmo um exército poderia detê-la.

Ele estava morrendo, sua vida se extinguindo como se um simples sopro pudesse levá-lo embora. Giusep... seu querido e amado Giusep... Morria sem sequer saber quem o matara. Isso não era justo. O mundo não era justo. E naquele momento, parecia que jamais seria. A palavra justiça só existia para que seu oposto pudesse agir livremente e que a ilusão de se sentir compensado pudesse trazer algum conforto para os mortais.

Sentia-se culpada, afinal ele era humano e ela era o monstro terrível: uma vampira. E por culpa dela, um grupo de vampiros destruidores afetaram a vida de seu amado, machucando-o. Mas a troco de quê? Por que fizeram aquilo com Giusep?

Ah, como ela queria esmagá-los!

Mas não agora. Se aqueles eram seus últimos momentos com ele, que fossem os melhores, se é que isso ainda era possível. Talvez... ele já tivesse partido. Talvez... ela já estivesse sozinha.

Desceu do cavalo quando chegou a uma pequena cabana, largando o animal e correndo desesperadamente para dentro. Sua amiga carregava uma tigela de água limpa, indo para o quarto ao lado quando ela entrou.

— Como ele está? — perguntou angustiada. O pavor estava nítido em seu rosto de tal forma que a voz de sua amiga não passou de um sussurro cheio de pena.

— Não tem muito tempo.

Pegou a tigela e o pano das mãos dela e correu para o quarto, passando por um corredor estreito e de paredes e piso de madeira envelhecida. O chão rangia sob seus paços angustiados.

Parou em frente à porta. Respirou fundo para se acalmar e expirou o ar em seguida, lentamente. Precisava deixar Giusep relaxado e despreocupado — era o mais importante. Timidamente, abriu a porta. Uma ideia horrenda a ocorreu. Naquelas circunstâncias, o que ele estava pensando dela? Talvez, ele a rejeitasse agora que morria por sua culpa. Se isso acontessesse, ela não teria escolha a não ser fazer a única coisa que ele lhe pediria : afastar-se.

Giusep estava deitado na cama, sua respiração pesada e arrastada, como se o ato de puxar e soltar o ar repetidas vezes lhe fosse árduo. Sua pele negra parecia tão apagada, sem vida. Seus olhos fechados, como se ele já não possuísse forças para mantê-los minimamente abertos.

Karina se ajoelhou no chão, áspero pela pouca quantidade de terra alí deixada, imundo, ao lado da cama, tocando a testa dele suavemente. Estava tão gelado! Era sua vida, as chamas que iluminaram o rosto de Karina quado ela o viu pela primeira vez, que se esvaia. Ele abriu os olhos e sorriu ao vê-la. Era um sorriso triste.

— Oi, meu amor — sussurrou ele roucamente, de modo arrastado e incerto, com o sotaque inglês evidenciado, assim como Karina.

— Shii, não se esforce. Precisa descançar — pediu ela, fazendo um esforço sobre-humano para não chorar na frente dele. Era difícil, sua garganta se fechara, prevendo uma chuva de lágrimas

grossas e sangrentas por seu rosto.

Ele acariciou-lhe o rosto, a respiração de Karina ficou irregular quando a mão dele tocou-lhe a face.

— Eu vou morrer e eu sei que você sabe disso. Pelo menos quero ter certeza de que você saiba o quanto a amo.

— Eu... — engasgou-se ela.

— Amo você, Karina — sussurrou Giusep. — Nunca se esqueça, eu lhe peço.

Um soluço escapou da garganta de Karina, de uma fora melancólica, sorumbática.

— É tudo minha culpa — murmurou.

O rosto de Giusep se contorceu em assombro, cético.

— Não, não é. Foram ele os culpados, porque não podem ver a felicidade alheia sem sentir a necessidade de destruí-la.

— Eu vou fazê-los pagar por todo seu sofrimento, meu amor. Eu vou — jurou ela com um brilho assassino no olhar.

— Não Karina. Quero que os perdoe, não que se vingue.

— Mas... — Não fazia sentido. Karina não conseguia entender. Haviam-no machucado gravemente e ele queria que ela perdoasse os culpados? Parecia um absurdo.

— A vida deles já é ruim suficiente. Esta é a punição deles.

Karina piscou, perplexa.

— Como pode ter pena deles? Veja o que eles lhe fizeram!

Ela se referia o estado deplorável de Giusep. A sua jugular ferida, a sua camisa ensanguentada, a sua pele repleta de arranhões profundos que deveriam estar ardendo horrores. Mas ele estava alheio a tudo isso, pensando na única coisa que os vampiros desalmados não podiam ter, na razão de toda aquela brutalidade.

— Eles não possuem a mesma sorte que você — começou ele, com dificuldade para falar coerentemente. — Tens sua alma, pode sentir todo o amor que quiseres... Eles só tem ódio, raiva e mágoa em seus corações. Uma vida sem amor já é um castigo de dimensões extremas. Deixe eles com seus sofriementos, viva a paz de sua vida...

— Como vou viver em paz sem você? — perguntou ela tremendo dos pés a cabeça. — Que paz terei se lhe perder?

— Siga em frente, ache algo pelo que lutar... Um propósito — sugeriu tão calmo que nem parecia estar morrendo.

— Giusep...

Ele colocou dois dedos nos lábios de Karina, sem forçar. Mas o ato a fez calar-se. Se era o que ele queria, que ela ficasse em silêncio, ela assim o faria. Faria tudo, daria tudo. Mas se pelo menos ele tivesse chances de sobreviver...

Ela poderia sugerir transformá-lo naquele momento. Mas seria egoísta demais. Ele não gostaria, ela sabia. Havia sido difícil aceitar o que ela era! Jamais iria querer algo assim para sí. E por que haveria de desejar? Ser vampiro era uma eterna punição, cheia do sofrimento mais intenso e da angústia desesperadora de não poder amar sem que uma catástrofe acontecesse.

Naquele momento, simplesmente não podia decepcioná-lo. Nunca pediria algo assim à ele.

— Eu te amo — sussurrou Giusep. Seu coração falhadamente ainda batia. Não demoraria...

— Eu amo você — disse Karina fervorosamente. Que ele partisse tendo escutado essas palavras. Que ele se fosse tendo a certeza de que seus sentimentos por ele sempre foram os melhores.

Ele sorriu, e segundos depois, foi amolescendo, fechando o olhos, perdendo o foco, perdendo...

Perdendo a vida.

A amiga de Karina nem precisava entrar no quarto para confirmar a morte de Giusep, o grito doloroso que se seguiu já foi o suficiente.

— Dave... o Kevin... — ela mal consegui falar, voltando ao momento presente assim que seu Dave tocou-lhe as mãos. Andou mais lentamente pela sala, parando ao lado do sofá. Sentou-se vagarosamente, segurando a cabeça entre as mãos.

— Karina, o que houve? O que tem o amigo de Sônia? — perguntou ele assustado.

Karina levantou os olhos para olhar diretamente para Dave. As lágrimas caíam aos montes. Com a voz rouca, ela disse em voz alta a tão dolorosa dúvida que a atormentava.

— Eu acho... eu acho que o Kevin é... — engoliu o bolo na garganta e tentou novamente. — Eu acho que o Kevin é a reencarnação de Giusep.

~•~♥~•~

No dia seguinte, Sônia entrou na biblioteca e marchou para uma das mesas de madeira incrivelmente oleosa, segurando o livro de francês com firmeza em suas mãos. Era uma gloriosa tarde de quarta-feira. As aulas do dia já haviam terminado e logo o colégio estaria vazio de estudantes curiosos e ávidos por fofocas. Ela e Dave poderiam ficar sozinhos na biblioteca, sem ninguém para vigiá-los.

Realmente sozinhos.

A privacidade era uma coisa que Sônia só tinha quando estava em seu quarto e mesmo assim, não era muita coisa. As pessoas entravam e saiam na hora que bem entendessem, sem bater na porta, nem nada. Ela nunca se importara muito com isso, mas agora era uma situação inteiramente diferente.

A biblioteca era um lugar bastante reservado do resto da escola. O piso de arenito e paredes pintadas em tom branco contrastavam com o lustre de vidro polido no teto e as várias prateleiras de madeira repletas de livros grossos e conservados. Algumas mesas redondas foram distribuídas igualmente pelo centro e todas estavam vazias. O cheiro de guardado mobilizava o lugar, prendendo-se a cada objeto, não importava o tamanho. Por alguns segundos, Sônia prendeu a respiração. Decidiu abrir um dos janelões de vidro para que uma corrente de ar levasse a maior parte do cheiro desagradável embora.

Puxou um cadeira para se sentar, abrindo o livro em uma página qualquer para passar o tempo enquanto esperava Dave chegar.

A espera podia ser um momento tão calmo, quanto agustiante. Para que não tem pressa, cada segundo é desfrutado lentamente. Mas para quem estava ansioso como Sônia, cada segundo era surpreendentemente incômodo.

Alguns minutos se passaram até que ela sentiu. Aquela sensação incrível de paz, um perfume de rosas primaveris a dominou. Dave estava alí, com ela.

Os raios solares nunca pareceram tão aconchegantes quanto agora.

Ele puxou uma cadeira para se sentar ao lado dela, de modo que apenas centímetros os separavam.

Mechas finas do cabelo de Dave caíam sobre seus olhos, dando um ar charmoso a ele. Por Deus, ele faz isso de propósito?, indagou-se Sônia, seus batimentos cardíacos acelerados. O cabelo negro de Dave não era curto nem longo, brilhoso, de uma vivacidade invejável. Sônia não conseguiu disfarçar seu rosto corado.

— Oi — disse ele, sempre sorrindo docemente. — Pronta para a aula?

— Eu sinceramente espero que você seja melhor professor do que a srt. Albertina. Nunca consigo entender uma palavra do que ela fala.

— Você vai ver. No que você tem mais dificuldade? — Dave pegou o livro de francês colocando no sumário. — Pronúncia talvez?

Olharam-se então, e Sônia precisou de alguns segundos para pensar na resposta. Mordeu o lábio enquanto escolhia um ponto de partida.

— Que tal comerçarmos pela gramática? — perguntou ela, arqueando as sobrancelhas, subitamente animada.

— Ótima ideia — Dave concordou.

A aula transcorreu levemente, era quase como se o tempo passasse e eles não percebessem, envoltos na aura um do outro. Sônia estava ciente dos olhares que trocavam e sorria cada vez que seus olhos se encontravam. Estava feliz por ter esse tempo extra com ele, aprendendo com ele. Era definitivamente melhor do que estar em uma sala lotada de alunos conversando, impedindo-a de entender alguma coisa.

O silêncio só era quebrado pela voz de Dave, contínua, linear... E sempre com aquele toque de leveza, mais parecia estar cantando.

Em algumas vezes, Dave dizia algo engraçado que fazia Sônia rir. Foi o que aconteceu quando ele lhe deu a dica de fazer um biquinho com a boca, para ajudar na pronúncia.

— Do que está rindo? — perguntou ele, sempre sorrindo.

— Estou tentando imaginar os franceses do século XV falando com as damas da sociedade... fazendo esse bico... — Dave não riu a princípio. — Não, mas é engraçado — defendeu-se ela, entre risos.

Dave acabou acompanhando-a ao ver a espontaneidade de sua doce gargalhada.

— Eu só disse isso para ajudá-la, não era para você rir. Não esqueça, sou francês.

— Ah, são os melhores — brincou Sônia.

E o tempo, sem nunca parar, afetou-os novamente. A luz do sol que atravessava a janela de vidro ia diminuindo, indicando que já estava anoitecendo. Era hora de se despedirem.

— Ainda tem mais alguma pergunta, ou já posso levar você pra casa? — perguntou ele.

— Eu acho que... — o coração de Sônia estava disparado, ela pretendia fazer uma coisa, tomar uma atitude, sem saber ao certo como agir. Então teve uma ideia que a fez corar no mesmo instante. — Só uma... Quand vous me baiser*?

Dave pareceu surpreso, e então todo seu corpo ficou tenso diante da espectativa que crescia juntamente de sua ansiedade. Ele, delicadamente, inclinou o rosto em direção ao de Sônia. Seus narizes se rossaram levemente, fecharam os olhos no mesmo instante.

Estavam tão próximos que era possível sentir a respiração um do outro enquanto os cheiros se misturavam e a biblioteca ficava cada vez mais escura.

Quando o sol se pôs na linha do horizonte, foi quando sua bocas se tocaram pela primeira vez. Suave e docemente se beijaram e se afastaram. Sônia estava corada e feliz diante da pura alegria de Dave. E então, seus lábios se tocaram novamente.

(*) - Tradução: " Quando vai me beijar?" _N.A.

Capítulo 09

Convite Inesperado

Andavam de mãos dadas pela rua sem muito movimento. A noite estava linda. Uma magnífica lua brilhante no céu escuro, parcialmente caída para a direita, como o sorriso do gato de Cheshire. As estrelas, infelizmente, não estavam visíveis, apenas algumas poucas não haviam sumido do céu. Mesmo assim, a noite estava agradável.

Uma delicada brisa acariciou o rosto de Sônia, tão suave quanto a mão de Dave entrelaçada a dela. Ele mantinha seu braço direito nas costas dela, abraçando-a de lado e segurando sua mão. A cabeça de Sônia estava recostada em sua clavícula, enquando seu braço esquerdo estava nas costas de Dave.

Um abraço de carinho e cumplicidade que dividiam desde que Sônia compartilhara seus medos com ele. Mas agora, as coisas haviam mudado. Eles haviam se beijado no dia anterior.

Sônia não teve muitos namorados em sua vida. A verdade é que nunca teve namorados e ponto. Se antes, ela achava que sentia algo por Andy, agora, com Dave nublando sua razão, ela tinha certeza de que fora influenciada pela opnião de Emily sem que percebesse. Se no âmbito convencional, o amor era um conjunto de fatores externos como conta bancária, projetos futuros, status social e amizades no mundo empresárial que consistiam uma família perfeita, para Sônia, era a perda de tudo isso. Inclusive até, a perda da razão. Como ela mesma definia o sentimendo mais misterioso e indagador dos últimos séculos, era uma mistura de carinho, preocupação, zelo e derivados disso. E era tão seletivo que coisas como ambição, interesse e sagacidade não eram permitidos em tal conjunto.

Eles haviam acabado de sair do cinema e andavam pela calçada, olhando alguns letreiros para os próximos lançamentos. Era uma paixão que ambos tinham — filmes, além de livros, música... Nada de... anormal.

— O que acha deste aqui? Dark Shadows... É de vampiros, algo que nós dois amamos — murmurou Sônia, olhando para o cartaz. — O elenco é maravilhoso...

— Estréia próxima semana... — disse ele pensativo, em seguida olhou para o rosto esperançoso de Sônia e soriu. — Por mim, tudo bem.

— Então está combinado! Podemos chamar a Emily e o Kevin? Faz tempo que não saio com eles. Acho que estou negligenciando-os.

Dave ficou um tanto esquivo e Sônia não percebeu sua breve reação. Ele pensou melhor e disse:

— Nesse caso, chamarei Karina — falou ele decido.

Voltaram a caminhar. Em uma barraquinha de rua, cuja aparência era de um local higienizado, Dave comprou um sorvete para Sônia. Ela não pôde deixar de perceber que ele não comeu, sempre alegando que não estava com fome.

Mas era mentira. Dave estava faminto. Na escola, mais cedo, mal pôde suportar a luz do sol. Os raios UV ficavam insuportáveis quando não estava alimentado. Não chegava a queimar sua pele, mas incomodava. Por tanto, teve que passar o dia na sombra. Seus olhos arderam incalculavelmente. Sônia lhe perguntara o que ele tinha e Dave acabara respondendo que não se sentia bem. Mentira para a mulher que amava e se sentira ainda pior.

Até quando durariam aquelas mentiras? Um dia ela descobriria, não era uma coisa que poderia esconder da namorada por muito tempo.

E mesmo que ela não fosse sua, ainda saberia.

Porque ela era ela.

— Posso te fazer uma pergunta? — perguntou Sônia de repente.

— Já está fazendo — observou ele.

— Certo, outra pergunta então.

Olhando demoradamente, ele assentiu.

— Eu não sei se estou sendo muito intrometida, mas onde está sua família? — perguntou ela, temerosa.

Parecia que uma faca havia sido enfiada em seu coração no momento em que ela mencionou sua família. Havia tanto tempo que Dave não pensava neles, em sua mãe, seus irmãos... Em seu pai.

— Estão todos mortos — declarou ele.

FRANÇA, 1412

A noite estava mais sombria do que de costume. Uma névoa nebulosa tomava conta das ruas, mal dava para ver o chão ladrilhado. Já era tarde, as pessoas dormiam tranquilamente em suas camas, como se estivessem seguras. Como se o perigo não pudesse atravessar a soleira da porta de suas casas, ou abrir janelas.

Dave sorriu ao pensar no quanto elas estavam erradas.

Três anos depois, ele voltava para casa. Sua amada França estava do jeito que deixou. Era ele quem estava diferente.

Estava morto.

Parou em frente a uma casa humilde naquele bairro infeliz. Fez muita força para não chorar, afinal não era mais aquele garotinho fraco que o pai poderia manipular. Seu pai era uma pessoa

bruta que maltratara a sua mãe a vida inteira. Quando ela morrera, Dave fugira. Tentaria melhorar de vida e depois buscaria seus irmãos. Mas, infelizmente, o destino lhe dera uma rasteira.

Agora ele era um vampiro, considerado nobre entre a sociedade vampira, escolhido a dedo pelo própio Imperador.

Ele poderia dar uma vida melhor para seus irmãos, poderia salvá-los daquele tirano bêbado.

Entrou na casa sorrateiramente, sem fazer nenhum barulho. Apesar da falta de luz, enxergava perfeitamente. A casa parecia mal cuidada e sem vida. Um cheiro desagradável poluia o ar, como algo apodrecido. Os móveis cobertos de poeira estavam acabados. Muitos quebrados e prestes a se desfazer pela ação dos cupins. A parte de trás da porta estava cheia de arranhões e parcialmente lascada, faltando um pedaço do revestimento.

Ainda silenciosamente, Dave adentrou no corredor. Iria direto para o quarto dos irmãos e os tiraria de lá. Iriam embora, para um lugar longe do alcance de seu pai.

Abrindo a primeira porta a direita, Dave encontrou o quarto do primeiro irmão, o mais velho de todo, inclusive ele. Sua expressão congelou no minuto em que sentiu o cheiro. Sangue envelhecido e já seco deixava uma marca no formato de uma mão manchada no chão de madeira velha. Todos seus músculos travaram e sua respiração se tornou falha, irregular. Levantando os olhos, receosamente, ele olhou para o irmão estendido na cama, com a garganta cortada profundamentee de modo horizontal, o que sugeria uma ferramente muito afiada.

E foi a mesma cena no quarto de seus outros dois irmãos mais novos, sendo que o último tinha apenas quatro anos.

Ele estava chocado, desesperado. Já não raciocinava direito quando foi para a cozinha e pegou uma faca enferrujada, porém amolada em cima da pia. Caminhando para o quarto do pai a passos largos e rápidos, imaginando se havia sido ele quem fizera aquela atrocidade... Se fora outra pessoa, desejava ferozmente que tivesse deixado um vestígio, uma pista para identificá-lo e então procurá-lo feito um louco. Só assim poderia vingar a morte dos irmãos.

Mas se fora seu pai, o mataria com as própias mãos.

Encontrou o velho, gordo e barbudo fedendo a cachaça largado em cima da cama, estirado de qualquer jeito, como se tivesse desmaiado e caído alí. Usava uma roupa surrada, imunda e cheia de retalhos. A camiseta um dia fora branca. Agora, parecia um pano de chão. E o velho roncava audivelmente em seu sono pesado.

Mas que droga, pensou Dave.

O velho soluçou e acordou desorientado, assustando-se ao ver Dave alí, empunhando uma faca nas mãos.

— Dave? É... você? — resmungou ele.

— Olá, "papai".

— Fi... filho, mas o que... O que pretende fazer com isso? — gaguejou ele, apontando debilmente para o objeto que Dave segurava.

Dave sorriu sinistramente, largando a faca no chão.

— Com essa faca? Nada. Você matou meus irmãos da maneira mais brutal que eles nunca poderiam imaginar. Que tal eu retribuir o favor?

Os caninos de Dave cresceram, as veias de seus olhos se avermelharam e a borda rubra surgiu ao redor de sua íris. O pai dele jamais veria o sol novamente.

— Sinto muito — sussurrou Sônia, sem saber da verdade aterrorizante. E se ela soubesse, o que pensaria?

— Não gosto de pensar muito neles... foi uma morte horrível. Não estou pronto para lhe dizer agora. Mas quem sabe um dia? — perguntou ele, mais para sí mesmo do que para ela.

— Eu espero — assegurou ela.

Voltaram a caminhar. Dave estava distante, e fazia um esforço sobrenatural para apagar as imagens em sua mente. Nunca era bom rever o assassinato do pai, nem lembrar da fisionomia dos irmãos mortos.

Não, o que ele mais queria era esquecer. E Sônia proporcionava isso a ele.

~•~♥~•~

Nicholas estava sentado em um daqueles bancos verdes de praça, ainda vestindo uma roupa de alfaiataria com riscas, mas dessa vez a cor era de um cinza escuro. Carregava a sua fiel bengala do lado, objeto que lhe dava um chame de diplomata surpreendente. Fazia isso de propósito. Era interessante ver a reação das pessoas diante de seu ar antiquado incomum.

Finalmente havia escurecido e ele podia sair. O sol era seu castigo, seu ceifador, pronto para transformá-lo em um monte de cinzas. O sol e o veneno eram as formas mais comuns de se matar um vampiro sem alma e ele os evitava a todo custo.

Observava uma garota comum na loja de roupas de grife, aparentemente haveria um baile na escola de Sônia. Algo muito bom para seus planos, definitivamente trágico. Desde o dia em que a conhecera, imaginava as formas de retirar-lhe a vida. Qual delas seria mais impactante?, ele se perguntava.

A linda menina loira lhe ajudaria a executar o plano e o mais engraçado para sua mente perversa era que nem mesmo ela sabia disso. Daria um jeito de fazê-la lhe obedecer, talvez colocando uma ou duas imagens na mente dela... Sim. Nada como um plano articulado na sombra da noite para despertar-lhe o instindo homicida.

Brittany possuia um jeito de patricinha que chegava a ser ridículo, mas era fora do comum de alguma maneira. Seu cabelo era liso e um muito longo, com uma franja reta sobre os olhos marcantes. Ela parecia a egípcia mais americana que Nicholas jamais havia visto em parte alguma, apesar de todas suas viagens ao redor do mundo. Uma descendente talvez? E tinha um ar de prepotência admirável. Arrogante enquanto falava com as atendentes da loja. Sim, Nicholas gostava da futilidade dela.

A garota saiu desacompanhada da loja, carregando uma série de sacolas cor-de-rosa.

Típico, pensou Nicholas nem um pouco surpreso. Bom, hora de conhecer minha pequena auxiliar.

A palavra pequena não se referia a altura de Brittany, já que ela era alta, líder de torcida e essas coisas. A palavra pequena se referia ao fato dela ser humana, inferior e fraca se comparada com um vampiro.

Com sua velocidade, Nicholas entrou em um beco escuro, esperando pelo momento certo em que a menina passaria por alí. E quando ela o fez, puxou-a para a parte mais escura e fria daquele lugar

fétido e sujo. Tapou a boca dela com a mão para que não emitisse som algum.

Os olhos de Brittany estavam arregalados e assutados, cheio de lágrimas. Ela gemia como se implorasse pela vida. Provavelmente era o que estava fazendo.

— Querida, não vou lhe machucar, prometo. Mas para isso, quero que faça uma coisa para mim. Escute com atenção o que vou lhe dizer... — sussurrou ele, seus olhos intensos e a voz sedutora. Entrou na mente da menina e colocou a imagem do que ele queria que ela fizesse e quando fizesse. Colocou também a imagem do que a conteceria se ela o desobedecesse. Depois apagou seu encontro assustador de sua memória, seria como um sonho.

Mas quando chegasse a hora, ela faria, mesmo que estando inconciente dos atos.

~•~♥~•~

A ansiedade era quase paupável no ar de tão grande que era. Os olhares para o relógio eram constantes, com intervalos de poucos segundos. A única pessoa que permanecia sentada era Kevin por causa de suas condições físicas. Já Emily e Sônia andavam em círculos ao redor da mesa de centro da casa de Emily. Carrie estava na cozinha, procurando um pacote de fritas no armário.

— Pessoal, sentem-se. Logo eles chegam — falou Carrie, voltando para a sala e sentando-se ao lado de Kevin, entregando o pacote de fritas para ele, que se serviu de um punhado delas.

— Faz muito tempo que a turma não está reunida — reclamou Emily. — Eu quero dar um abraço bem grande na Alysson e depois uma bronca por ela não ter mantido contato.

Sônia finalmente se sentou, seus pés reclamaram de exaustão. Com um suspiro, pegou um pouco do conteúdo do pacote que estava nas mãos de Kevin e comeu rapidamente — tentativa inútil de focar sua mente em outras coisas que não fosse a chegada da amiga. Revirou os olhos ao perceber que provavelmente nada a distrairia naquele momento. Mas talvez...

Será que Dave viria se eu ligasse?, perguntou-se ela, animada, depois muchou ao perceber que não fazia sentido. Acabamos de nos ver...

Dave havia deixado ela alí e mais tarde viria buscá-la, para darem uma volta... Todo mundo junto. Diante disso, ligar para ele parecia ridículo. Desistiu da ideia quase no mesmo instante em que a campanhia tocou.

— São eles! — gritou Emily, correndo para a porta.

Sônia estava prestes a se levantar quando Carrie disse:

— Não se dê ao trabalho, não é a Alysson.

— Como você sabe? — perguntou Sônia intrigada. Ultimamente, Carrie parecia saber mais do que todo mundo. Se bem que, de todos eles, ela era a que mais estudava. Mesmo assim... ainda era estranho.

— Dois simples motivos. Primeiro: quando a Aly ligou, disse que ainda estava na estadual; segundo: eu fiz uma outra ligação a um tempinho pedindo...

— Pizza! — gritou Emily ainda na porta da frente, interrompendo Carrie.

Carrie sorriu para Sônia, levantando as sobrancelhas e se recostando ainda mais no sofá branco. Revirou os olhos teatralmente e continuou servindo-se das fritas no pacote cheio até a metade.

Emily voltou com a embalagem de palelão da pizza nas mãos, colocando-a na mesa de centro. O logotipo da pizzaria fez Sônia suspirar. Tinha mesmo que ser tão grande?, pensou ela, contendo um

"Ugh".

— Vou pegar os guardanapos... — avisou Emily, saltitando para a cozinha. — E o refrigerante também!

— Bom, acho que não vamos esperar eles chegarem para abocanhar essa belezinha aqui não, né? — perguntou Kevin, abrindo a tampa da embalagem levemente e sentindo o aroma que a pizza exalava. — Hmmm... Adoro calabresa. A propósito, por que vocês não me deixaram almoçar, mesmo? — perguntou, olhando para Sônia e Carrie.

— Porque... — tentou responder Emily, voltando com guardanapos, a garrafa de coca-cola nos braços e quase derrubando os copos em suas mãos. — Eu não sei porquê — percebeu ela.

A sala se encheu de risos.

E depois de silêncio quando uma buzina soou na rua.

— Agora são eles! — disse Carrie se levantando e correndo na frente de Emily.

— Vamos lá, dar um abraço de urso naquela maluca — falou Sônia, empurrando a cadeira de rodas de Kevin.

O burburinho de vozes foram aumentando a medida que se aproximaram da porta de entrada. O cabelo loiro mel foi a peimeira coisa que Sônia viu da amiga, em seguida a pele clara e por último os olhos castanhos. Seu sorriso se ampliou ao vê-la, seus olhos ficaram marejados de emoção.

— Amiga — sussurrou ela, correndo para abraçar Sônia com os braços estendidos, o salto martelando no chão.

— Aly... — Sônia mal conseguia falar, a saudade era tamanha.

Suspirou aliviada ao sentir a amiga em seus braços, como se ela estivesse muito tempo sem respirar. Enfiou o rosto na cascata loira de Alysson, sentindo aquele cheiro doce, sem ser enjoativo. Era fraquinho como uma fragância de jasmim.

— Você tem noção da vontade que eu tenho de te matar...?! — gritou Emily, fazendo com que elas se afastassem, mas permaneceram com um braço ao redor da outra. Riram juntas da careta de Emily. — Como você viaja para fazer um curso de sei lá o que e não liga nenhuma vez?

— Ah, eu já expliquei pra Sônia. Lá era muito rígido e celulares eram proibidos. Eles alegavam que prejudicava o aprendizado... — respondeu Alysson revirando os olhos.

— E olha que lugar pior que aquele... Eu nunca ví. Espero sinceramente não ver mais — disse um rapaz que Sônia não conhecia entrando pela porta ao lado de outro cara também desconhecido. O primeiro tinha o cabelo acobreado, um bronze claro. Tinha a pele pálida levemente rosada e olhos da cor azul petróleo. O segundo, mais baixo, era moreno de pele também clara e olhos de um incrível cinza azulado.

Alysson se afastou de Sônia, ficando entre os dois rapazes.

— Esse daqui é o Joseph — disse ela apontando para o de cabelos acobreados — e esse é o Richard — completou, apontando para o moreno.

— Uhh, carne nova na área! — comemorou Carrie, fazendo todos rirem.

Alysson fez questão de apresentar Sônia e seus amigos para Joseph e Richard, e por algum motivo, Sônia sentiu necessidade de corar ao ver que Joseph não tirava os olhos dela. Se Dave estivesse alí... Enfim, nada demais. Eles não se conheciam, não havia motivo para um alvoroço.

A tarde foi agradável. Eles conversaram mais sobre o que Alysson fez nesses sete meses em que esteve fora do que os acontecimentos recentes. Alysson respondia tudo o mais verdadeiramente

possível, mas escondia o que havia de pior... como a feitiçaria. Joseph e Richard também estavam tensos, preocupados com cada palavra que saía da boca de Alysson.

E havia algo mais.

Nenhum dos três conseguiam ficar confortáveis, algo os estava incomodando... Uma presença. Algo estremamente desconfortável como a bile subindo pela garganta, uma coceira irritante na nunca.

Richard não conseguia tirar os olhos de Carrie, seus instintos alertas. Ele girava o anel em seu dedo. Uma suspeita crescia exponencialmente.

Carrie também sentia. Foi necessário um esforço sobrenatural para manter seus caninos no lugar, seus olhos aparentemente humanos, seu instinto contido... Ela sentia a presença do inimigo. Seu corpo estava tenso, sua cabeça latejava... Estava prestes a descobrir o porquê quando Alysson ergueu um colar para Sônia.

— Isso é pra você. Seu tio mandou de presente — falou ela, sorrindo e disfarçanto a coceira na nuca.

— O que? — perguntou Sônia confusa.

— É um relicário. Você pode colocar uma foto da turma aí dentro, até duas... A decisão é sua.

— Obrigada... — agradeceu ela pegando o colar entre as mãos. Era leve, de uma cor metálica como algo parecido com cobre e com desenhos gravados em vinho... Simplesmente encantador.

— Ei, não agradeça a mim! Foi seu tio Ruiz quem o mandou, ligue pra ele!

— Mais tarde eu ligo — prometeu Sônia.

Emily abriu o pacote de guardanapos e disse:

— Pizza? Antes que ela esfrie?

— Oba! — disseram todos em unissono.

Horas depois, quando a pizza já tinha acabado e eles já haviam assistido uma maratona de The Vampire Diaries que Emily tinha em DVD, uma segunda buzina soou na rua. Esta, Sônia conhecia.

Ela se levantou rapidamente e foi para a porta antes que qualquer outra pessoa pudesse fazê-lo. Abriu-a e sorriu ao ver Dave enconstado na lataria do carro, com os braços cruzados que se abriram para recebê-la em um abraço cheio de carinho. Sônia se aconchegou mais, escondendo o rosto no peito de Dave. Eles não tinham nem três dias de namoro e já parecia que se conheciam há anos.

— Amor... — sussurrou Dave em seu ouvido, sua boca roçando no lóbulo de sua orelha.

— Saudade — falou Sônia, fazendo um bico de brincadeira quando se afastou para olhar para ele.

Com os olhos brilhantes, Dave inclinou-se para beijá-la. Suas respirações batiam uma contra a outra delicadamente e Sônia ficou acariciando a nuca de Dave enquando ele apertava sua cintura, trazendo-a para sí possessivamente.

— O baile de inverno está chegando — disse ele, com um sorriso lindo no rosto.

— Sim, e daí? — perguntou Sônia, distraída com os raios de sol batendo no cabelo escuro de Dave, ou nos fios caindo em sua testa.

— Não quer ir comigo?

O coração dela pareceu parar por um instante, completamente pega de surpresa. Piscou repetidas vezes, esforçando-se para falar sem gaguejar.

— O que? Sério? Eu?

— Sim! A não ser que você queira que eu arranje outra pessoa... — Dave se divertia ao irritar Sônia de brincadeira.

— Não! — emburrou-se ela. Depois desfez a careta quando percebeu que Dave queria irritá-la. — Eu vou.

Sônia ficou na ponta dos pés para depositar um beijo na boca de Dave quando foram interrompidos.

— Opa! Acho que ganhei o direito de me chamarem de intrometida — falou Carrie, chegando na varanda. — Estou sempre interrompendo alguma coisa.

Sônia e Dave riram da piadinha indiscreta de Carrie. Naquele momento, Alysson chegou na varanda e parou ao ver quem abraçava sua amiga. Assustada, deu dois passos para trás, sentindo que seu corpo tremia dos pés à cabeça. De alguma forma, ninguém pareceu perceber sua reação ao ver Dave.

Vampiro, pensou ela com assombro. Então voltou para dentro de casa e puxou Joseph e Richard para a janela enquanto Emily se ocupava com Kevin.

— Aquele cara com a Sônia é um vampiro. Eu posso sentir... — afirmou Alysson coçando a nuca. Sua testa estava franzida de confusão. — Mas como ele pode ficar perto dela? Aquele colar deveria afastar quem quisesse mal a ela.

— Nesse caso, talvez ele não queira mal algum a ela. Afinal... Você sabe quem ela é — disse Richard. — Eu consigo sentir essa energia que ele emana. Deve ser um vampiro muito antigo para ser tão evidente assim.

— Estou sentindo a presença de um vampiro a muito tempo, só não sabia quem era. Acha que esse Dave esteve aqui o tempo todo e não sabíamos? — indagou Joseph.

Eles não souberam responder.

Na cozinha, Emily e Kevin conversavam. Ele estava tímido. Desde a última reunião no Montinho, algo o impedia de agir normalmente. Uma força poderosa eletrizava cada terminação nervosa de seu corpo. Havia algo que mechia com Kevin profundamente, algo que seu coração já reconhecera, mas ele não.

— Lily, o que você acha da Karina? — perguntou ele, cheio de receio o que fez com que sua voz falhasse.

Emily virou-se, parando brevemente o que estava fazendo. Olhou para Kevin, sem nada ver realmente.

— Eu a acho... muito legal. Sei lá, mal falei com ela. Mas ainda assim, me parece uma boa pessoa — disse Emily distraída. Depois se deu conta do que Kevin perguntara. Virou-se para ele novamente, seus olhos brilhavam da suspeita que crescia e sua euforia já estava a mil. — Por que o interesse, sr. Slater?

— Nada demais, srta. Brooks — retorquiu ele, dando língua.

Então Carrie entrou na cozinha com uma tigela de sorvete inacabado que achara a mesa da sala.

— Por que estão se chamando pelos sobrenomes? — perguntou ela, curiosa e intrigada.

— Só um joguinho de intimidação, srta. Basset — respondeu Emily. — Aparentemente, eu tenho trabalho a fazer.

Emily piscou para Carrie. Kevin abaixou o olhar, evergonhado. Era muito difícil deixá-lo assim, corando. Carrie não entendeu o que a amiga quis dizer.

— É que o Kevin tá afim de uma pessoa aí... — explicou Emily, pacientemente. — Quer ajudar?

— Eu tô fora! Já tô me metendo demais na vida dos outros! Fui! — disse Carrie.

Ela saiu da cozinha apressadamente e acabou dando um encontrão com Joseph no corredor. Ajeitando-se, ela deu um passo em falso. Apoiou-se na parede e olhou para o rapaz. Aquela sensação de precaução a tomou novamente.

— Não acho que fomos devidamenre apresentados — disse ele. — Sou Joseph Grummel.

— Carrie Basset — retribuiu ela estendendo a mão, mas ainda esquiva. Seus instinto alertas.

— O Richard está lá fora com a Alysson, porque você não vai vê-los? — sugeriu com um sorriso amigável. Mas o lado direito de sua boca estava mais arqueada, assim como sua sobrancelha esquerda. Parecia muito intimidador...

— Quem?

— O Richard Shell, amigo da Aly — insistiu ele.

Carrie sorriu nervosamente e deixou a tigela de sorvete com ele, praticamente correndo para a porta que ele indicava com o dedo e um sorriso cínico. Atravessando a sala e indo na direção oposta a qual Sônia se encontrava com Dave, Carrie caminhou apressadamente. Seu objetivo era ficar o mais longe possível de Joseph Grummel.

Na portas dos fundos, Carrie foi agarrada por trás e uma mão com um pano encharcado de algo que parecia água umidecia seu nariz, seu rosto, ou onde quer que tocasse... Mas não seria uma água qualquer que a faria desmaiar como aconteceu minutos depois.

Tinha que ser água envenenada. Prepara com dias de antecedência, à luz do sol e com sangue envelhecido de vampiro. Quando aspirada, qualquer vampiro perdia os sentidos, pois ela emitia um cheiro forte, almiscarado. Não provocava a morte, apenas um período breve de inconsciência.

E isso indicava uma coisa;

Alguém conhecia seu segredo.

Ela apagou.

Capítulo 10

Sinais

"A vida nem sempre é o que você acha
que deveria ser."
If i die young - The Band Perry

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS

Quanta coisa!, pensou ele, surpreso. Pelo menos ela viveu com conforto, nada mais justo do que morrer brutalmente.

Nicholas caminhava pelo quarto de Sônia, observando tudo e deixando pequenos indícios de

como ela morreria. Fotos, bilhetes... Ela provavelmente não entenderia nada, mas seria bom deixá-la assustada. Era o que ele mais desejava, afinal, dera aproximadamente três semanas de folga para ela. Não ligara, escrevera, ou se comunicara com ela de qualquer forma. Era tempo de voltar a ativa.

Não é como se ele fosse perveço de nascença, pelo contrário. Costumava ser alguém bom, até mesmo inocente como toda criança. Mas então ele cresceu e virou uma pessoa mais fria por necessidade e não por escolha. A sociedade o obrigou a isso quando esta se mostrou cruel demais.

E tudo piorou quando ele morreu.

Nicholas sacudiu a cabeça, afastando tais pensamentos. Passado é algo para aquelas pessoas que não enchergam um palmo diante do nariz. Mas ele não conseguiu evitar pensar naquilo que vinha sendo sua frase favorita durante anos, naquele pensamento que ele criou e levou para sí. Aquele que dizia que por trás de cada torturador existe uma alma torturada.

Com um suspiro de puro remorço, ele pegou uma foto de Sônia na prateleira. Tentando se distrair, pensou em seu madante.

Saulo.

O que ele teria feito se tivesse a conhecido? Vacilaria quanto a morte dela no instante que visse os olhos azuis tranlúcidos de Anita? Quando sentisse a energia que ela emanava?

Ah, o amor... Quantos vampiros já não se entregaram a esse sentimento fatal? Idiotias são aqueles que se deixaram levar, pensou ele novamente. Nunca amaria ninguém. Decidira isso no momento em que acordara para a nova vida na morte. Cometera esse erro e agora estava alí, recebendo ordens, planejando mortes... Ansiando por sangue a cada maldito segundo.

Em breve, muito breve, a morte se abateria naquela casa. Sorriu diante da imagem dos amigos de Sônia e de Dave chorando diante de seu túmulo, lamentando sua morte misteriosa e trágica.

Largou a foto de qualquer jeito onde estava, sem se importar em disfarçar que alguém esteve alí. Ela saberia de qualquer jeito ao achar os pequenos indícios espelhados pelo quarto. Assustá-la era a parte mais divertida do trabalho inteiro.

Afastou um pouco a cortina rosa clara. Lá fora, a noite estava sombria e nebulosa, uma névoa densa cobria a calçada e atrapalhava a visão dos motoristas cautelosos. A lua era apenas um fino sorriso caído no céu, logo desapareceria e então uma nova fase surgiria.

— Lua nova — Nicholas enojou-se.

As noites de lua nova eram extremamente torturantes para os vampiros. Era a única noite do mês em que eles precisavam ficar confinados em casa, pois Anita estaria mais fraca e a deusa dos mortos surgia com toda sua glória. Qualquer vampiro que andasse pelas ruas, poderia ser pego pela Mortália e então desaparecer para sempre.

Mortália nunca aceitara os vampiros, pois eles estavam mortos e ainda assim vivos, como se tivessem escapado de suas mãos. A proteção de Anita se restringia aos subterrâneos nessas noites.

Era dalí que vinham as lendas sobre os caixões e os sugadores de sangue. Para enganar Mortália, cada vampiro possuía um caixão com seu nome, de modo que ele parecia um morto verídico. Então a deusa jamais poderia levá-lo para a morte definitiva uma vez que ele estava praticamente enterrado.

E amanhã seria o baile, a noite pré-lua nova. Haveria momento melhor para um ritual de transfusão?

Era hora de fazer uma ligação.

~•~♥~•~

Estava impaciente. Nervoso, olhou para seu copo de uísque. Aquela altura, nem mesmo um copo de bebida poderia fazê-lo se acalmar. Nada, nunca, fora tão pertubador quanto aquela espera sem fim. O sol tremia do lado de fora, todos os vampiros estavam em suas casas, preparando seus caixões. Os próximos três dias seriam de reclusão total.

Ele não se trancaria num caixão. Se Blair não acordasse, ele é que não dormiria.

Ficou alí, de frente para a luminosidade do dia que nasceria em poucas horas, que entrava pela janela da varanda do segundo andar do grande castelo europeu. Não havia construção mais bela do que o palácio da Muralha, nem mesmo o da Rainha da Inglaterra. Era todo de pedra. Vários e vários blocos de pedra perfeitamente encaixados uns nos outros a mais de oitocentos anos. A aura que cercava o castelo era tipicamente vampírica: sombria e nebulosa, de uma névoa densa e azulada. Combinava bem com as imensas colinas verde-água ao longe e as densas florestas que cercavam a Muralha pelo lado de fora.

A vegetação é muito variada. Porém, florestas boreais predominam nos terrenos próximos. Prinheiros altos, de folhas verdes e brilhosas, lisas. Grama também verde, rodeando grandes e profundos lagos de águas límpidas, cristalinas, refletoras dos raios solares, o que as deixam ainda mais magestosas. Ao sul, encontram-se florestas temperadas. Das árvores, as folhas amareladas caem no outono. Carvalhos, bétulas, bordos... Decíduas são muito comuns nessa região.

Uma variada flora, sem dúvida.

Dentro do imenso muro de pedra, um bosque fora preservado, mantendo a flora original. Os animais, percebendo o perigo de dividir o território com um predador mais forte, já haviam fugido a muito tempo. Os únicos que se aventuravam alí eram panteras, linces, corvos, morcegos... Todos eles se sentiam a vontade perto dos vampiros, como uma família. Alguns dos moradores do povoado até os criavam como animais domésticos.

O piso do castelo era todo de mármore branco, com excessão da masmorra que era de feito de madeira farpenta e coberto de palha. As luminárias eram tipicamente luxuosas, como o castelo dos grandes reis europeus dos séculos anteriores. Algumas até mesmo pertenciam aos impérios monárquicos, presentes dos soberanos ao grande Ferdinando.

A Muralha era um lugar cheio de artefatos históricos. Uma verdadeira relíquia.

A alma que Saulo possuia o protegia do sol. Era a única coisa boa que encontrara nela até então. Mas se ele pudesse escolher, ficaria sem alma, pois assim não amaria e não sofreria por amor. O achava um sentimento devastador. Viu-o destruir famílias, romper laços, arrebentar corações... Acreditava que os humanos, objetos de sua observação e estudo antigamente, exageravam quando tratavam desse tema tão delicado, pensava que era tudo uma ilusão na verdade. A facilidade com que as pessoas se apaixonavam violentamente e em seguida deixavam de amar era absurda.

E então, ele virou um alvo do cupido. A flecha de Eros marcara fundo em seu coração.

Qual o melhor remédio para tal doença do que perder a fonte do sentimento?, pensava ele.

Só que até mesmo desejando isso fervorosamente, seu coração lhe traía. Porque ela era tudo o que ele queria, e que nunca pensou possuir. Nunca desejara nenhuma mulher, pois a maioria era fútil e muito desesperada. Era rico sim, tinha tudo o que o dinheiro pudesse comprar.

Mas não o amor de Blair. Não o coração eterno de Anita.

O celular tocou, chamando-lhe a atenção. Saulo era um dos poucos vampiros que possuiam telefone dentro daquela Muralalha. E surpresa maior era que o sinal chegasse até alí.

— Ignoro falando — atendeu ele. No visor de chamada, ele leu Desconhecido. Já sabia quem era. — Nicholas?

— Bom dia, meu senhor. Tenho certeza que já está amanhecendo aí, não é mesmo? — perguntou Nicholas do outro lado da linha. Seu tom de voz sugeria que ele sorria. Seriam boas notícias?

— Sim, sim — respondeu Saulo. A impaciencia saturando sua voz. — O dia está nascendo. O que quer?

— Informar-lhe que o ritual acontecerá logo mais. Para não nos confundirmos com o fuso-horário, eu diria que dentro de um dia. No seu caso, amanhã de manhã. Bem cedo.

A satisfação inundou seu consciente. De repente, o amanhecer parecia mais bonito, cheio de significado.

— Ótimo. Que bom que será em breve — disse Saulo, mais contente.

— A lua nova só chegará depois de amanhã aqui. Temos esse prazo máximo — avisou Nicholas.

— Perfeito.

— Até logo, meu senhor.

Com um sorriso, Saulo desligou o celular, sem qualquer forma de despedida. Blair voltaria, ela seria dele, nada mais importava.

Era o que ele mais desejava naquele momento.

~•~♥~•~

Sônia deu um jeito de abrir a porta de casa para que as meninas e ela conseguissem entrar. Estavam com as mãos lotadas de sacolas das compras de última hora que foram fazer. Roupas, sapatos, bijuterias e várias novidades do mundo dos cosméticos. Aproveitando que iam sair, passaram no mercado e fizeram o mercantil do mês a pedido de Lídia.

Com o pé, Sônia conseguiu fechar a porta, que fez um som de estalo. Juntas, as três garotas foram para a cozinha e largaram as coisas em cima da bancada. Suspiraram aliviadas por se livrarem de boa parte do peso que vinham carregando.

— Até que enfim — sussurrou Emily, se sentando em um dos altos e estreitos bancos de madeira. Quem construiu esses bancos, pensou muito nas pessoas com obesidade, pensou Sônia, irônica.

— Vamos pegar nossas coisas e subir — disse Alysson animada. — Fizemos o favor de comprar os mantimentos! Quem quiser, que guarde.

— Alguém sabe onde a Carrie se meteu? Ela sumiu desde ontem! — perguntou Sônia preocupada, olhando para as amigas, o rosto de cada uma das duas.

Alysson se engasgou, mas disse:

— Ela me pediu para avisar que... vai passar um tempo na casa dos avós, na cidade vizinha, e que provavelmente volta a tempo para o baile. Mas não é certeza.

— Poxa, ela bem que podia me ligar.

— Relaxa, Sônia. Ela está bem. Sabe como a Carrie é... inconstante — insistiu, fazendo com que acreditassem nela.

Desistindo com um suspiro resignado, Sônia acompanhou as meninas escada acima, carregando as própias sacolas. Incomodada diante do desaparecimento de despedida da amiga, Carrie, e pela falta de aviso por parte dela, sentou-se na própia cama e observou Emily e Alysson prepararem o quarto para o ritual de embelezamento. As duas colocaram várias almofadas sobre o carpete felpudo e cinza do quarto de Sônia e pegaram boa parte do material que tinham trazido da loja de cosméticos.

A noite do ex-maldito baile de inverno estava muito próxima, menos de vinte e quatro horas as separavam do temido sonho feminino que ela nunca imaginara ter que vivenciar. Depois de semanas batendo perna nas lojas, Alysson e Emily finalmente encontraram os vestidos que procuravam. Sônia havia puxado o primeiro que vira, mas Emily sorrateiramente o trocou por outro que Sônia nem olhara. E pouco lhe importava também. Confiava nas amigas, elas conheciam seus gostos. Não lhe dariam uma roupa repleta de purpurina, muito menos de um rosa gritante.

— Por onde começamos? — perguntou ela, tentando entrar no clima.

— Pelas unhas — respondeu Emily. Abriu uma das sacolas e continuou. — Temos removedor, esmaltes de cores variadas, base e extra brilho... Ahn, temos também alguns adesivos para colar nas unhas. Embora eu não goste muito deles...

Alysson sorriu empolgada. Fazia muito tempo desde que tivera uma noite como aquela. Era normal e comum uma noite só de meninas nas vésperas do baile da escola. No Campo de Concentração, o máximo de contato que ela teve com uma garota foi quando ela quase foi morta por uma. O treinamento dos feiticeiros exige brutalidade, força e abilidade. Afinal, os feiticeiros não seriam os maiores inimigos dos vampiros a toa.

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO - GUIANA FRANCESA, SETE MESES ANTES

— Força! Vamos! Rápido, rápido, rápido! — disse uma mulher de porte másculo, músculos fortes e definidos. Estava provavelmente acima do peso, pois ela era muito grande para a altura. O queixo quadrado e a testa alta só revelaram o quanto feminina ela não era.

Essa definitivamente usa esteróides, pensou Alysson. Até mesmo em pensamento ela estava ofegante devido ao esforço que fazia. Ela lutava contra um saco de areia pesado, como fazem aqueles lutadores de boxe quando treinam. Suas mãos já reclamavam daquela luva desconfortável. Não estava acostumada àquilo. Não era uma praticante de esportes que exigiam mais do atleta, muito menos de um treinamento intensivo.

Uma gota de suor escorreu por sua testa e ela parou brevemente para secá-la.

— Já está cançada? — gritou a sargento em seu ouvido, assustando-a. Ela parecia ter a estranha mania de aparecer atrás das pessoas quando elas menos esperavam. — Os vampiros não vão lhe dar cinco minutos de descanço, então por que eu daria? Vamos, lute. Se fraquejar assim durante uma luta de verdade, vai acabar sem a cabeça, acredite! — A sargento Diná praticamente marchou para trás do saco de areia e o atirou na direção de Alysson. O impacto entre o saco e nariz dela foi tão grande que pôde-se ouvir um estalo e sentir cheiro de sangue.

— Ai! — gritou ela, parando definitivamente de tentar acertar o saco e segurando o própio nariz.

A sargento Diná agarrou o braço de Alysson com força, prendendo a circulação.

— Você gritaria muito mais se eu fosse um vampiro. E acredite, não é um saco de areia que a fará sentir dor. São os dentes o verdadeiro perigo. Eles dilacerariam sua garganta em segundos e então você estaria morta. Volte a lutar!

Praticamente todas as pessoas que também treinavam naquela departamento pararam para ver a confusão. A sargento gritou ordens para voltassem ao trabalho.

Já era a décima vez que Alysson entrava naquela mesma sala gigante para socar sacos de areia e ainda não havia conseguido melhorar sua técnica em batalha. A sala era grande e de paredes brancas, com refletores que pareciam cegar os olhos. Aqueles que treinavam eram tratados como prisioneiros e se vestiam com tal. Alysson evitou olhar para a blusa branca manchada de sangue, ou para a calça creme escuro. Seus tênis nem pareciam que um dia foram brancos e novos.

O Centro ficava no meio do nada, literalmente rodeado por terra. Um prédio grande e de paredes escuras com janelas de vidro blindadas, cercado por grades com cercas elétricas e cheio de câmeras. Não somente aquelas que gravavam tudo o que acontecia, mas também os olhos atentos das sargentos e pessoas de postos mais elevados. Até mesmo monitores pareciam importantes. Aquilo era — definitivamente — uma prisão de segurança máxima. E não era para manter os alunos do lado de dentro.

Era para evitar que quem estava do lado de fora entrasse também.

Horas depois, Alysson correu para a enfermaria. Alguém deveria saber sobre cuidados médicos naquele fim de mundo, certo?

Ela entrou marchando para dentro da pequena sala vazia e de paredes sempre brancas. Aquilo tudo era tão sem cor que ela se perguntou se algum dia eles já viram os tons derivados de verde, vermelho ou azul. Havia duas macas e um par de armários cheios de medicamentos rotulados. Um odor desagradável de desinfetante poluía o ar, como cheiro de hospital.

Uma pessoa parou atrás dela e ela se virou para olhá-lo.

— Quer alguma coisa? — perguntou um rapaz alto, com a voz educada. Seu cabelo era meio acobreado e os olhos de um azul petróleo incrível. Alysson perdeu a fala momentaneamente.

— Só alguma coisa que possa me ajudar com isso — disse ela apontando para o própio nariz, envergonhada.

O rapaz sorriu.

— Eu não sou médico, mas sei como lhe ajudar.

— Obrigada — agradeceu ela, aliviada.

O rapaz pegou um kit de primeiros socorros e pediu que ela se sentasse em uma das macas. Assim, obedientemente, ela o fez. Para quem não era médico, o rapaz sabia exatamente o que estava fazendo pela rapidez com que preparava o material hospitalar para estancar e limpar o sangue do rosto de Alysson. Ele delicadamente lhe segurou o queixo, deixando-o erguido e pedindo para que ela mantesse a posição.

— Sou Alysson — disse ela, tentando puxar assunto enquanto ele colocava as luvas. — Alysson Quirino.

— Joseph Grummel. Muito prazer.

Eles sorriam, e Alysson sem querer ficou envergonhada. Fazia muito tempo que não ficava sozinha com um garoto, mesmo que na situação embaraçosa que ela estava: com o nariz sangrando, provavelmente quebrado pelo tanto que doía.

Então houve um estrondo do lado de fora. Algumas pessoas passaram correndo pelo corredor.
Um garoto lindo e de cabelos escuros com olhos acinzentados entrou e parou ofegante.
— O que houve? — Joseph perguntou, tenso e preocupado.
O rapaz olhou para ele e para Alysson. Temeroso ele disse:
— Vampiro.

— Ei, Alysson! — chamou Sônia, praticamente gritando na cara da amiga. Era a segunda vez que a chamava e nada. Decidiu tentar mais uma vez. — Acorda! Aly!

— O quê? — Alysson disse, confusa e momentaneamente tonta, sua mente longe, recordando algumas lembranças.

— Você voou longe, ein, amiga! — comentou Emily, rindo.

— Desculpe — pediu, completamente envergonhada.

— Pensando no Grummel ou no Shell?

Alysson arregalou os olhos? Emily estava o quê? Adivinhando seus pensamentos, ou isso estava óbvio em seu rosto? Seja lá qual for, não era legal. Ela se remexeu, desconfortável. Emily deve ter uma bola de cristal, só pode!, pensou ela.

— Nenhum — negou firmemente.

— Hum, sei.

— No dia em que quiser desabafar, estaremos aqui, como suas melhores amigas — disse Sônia, com um sorriso de quem entendia.

— Amigas de infância... — Emily bem que tentou puxar o coro e Sônia olhou interrogativamente para Alysson. Ela sorriu e afirmou para Sônia.

— Inseparáveis e insubstituíveis — disseram todas em unissono. No final, riram copiosamente.

— Nós não vamos fazer as unhas nunca desse jeito. Temos fazer pés e mãos hoje, para que amanhã só reste a pele e o cabelo! — disse Emily. Aquela atituda era tão... Carrie. Sônia suspirou, já sentindo falta da amiga. Como ela estaria...?

~•~♥~•~

Era um barracão velho, empoeirado e abandonado. Parecia estar vazio a anos, esquecido no meio do bosque fechado. Era todo de tijolos expostos, cheio de luzes artificiais e com portas e janelas de madeira. Sem móveis, só uma mesa velha e duas cadeiras nem um pouco confiáveis.

Já havia feito o mesmo percurso várias vezes. Ia da mesa para a parede, voltava e fazia tudo novamente. Seus braços estavam cruzados, repletos de arranhões que cicatrizariam rápido se ela ingerisse sangue. Estava a tanto tempo sem se alimentar que sua capacidade acelerada de cura havia se tornado algo lento e doloroso.

Os arranhões haviam sido causados pelas inúmeras tentativas de fuga, jogando-se de encontro a porta para derrubá-la, forçando a janela para que ela abrisse e então pudesse escapar... Algumas lascas de madeira haviam entrado por debaixo das unhas, e devido ao longo período sem ingerir sangue, aquilo a deixava ainda mais fraca.

Sua aparência não podia mais ser evitada. Seus caninos estavam a mostra, a borda vermelha ao redor de seus olhos aparecera... Enchergava tudo em preto e vermelho, o que era um mal sinal.

Indicava que ela estava faminta demais e que se não se alimentasse logo, a ampulheta viraria e a contegem regressiva se iniciaria.

Contagem regressiva para sua auto-destruição.

Começaria a definhar até virar pó. Ela não conseguia imaginar nada disso. Tudo o que desejava era saber quem a prendera, assim poderia matá-lo se estivesse perto o suficiente. Poderia beber seu sangue. Poderia tomar-lhe a vida para manter a dela própia.

O mais forte sobrevive, pensou ela, sarcástica.

Seu tutor lhe ensinara tudo sobre os mistérios do mundo vampírico. Todos os poderes, abilidades, necessidades e fraquesas. Era tanta coisa que custava a ela, uma novata sem muita experiência, lembrar.

Mas com a inteligência que tinha, estava confiante de que daria um jeito.

Sempre há um jeito. Para tudo há uma saída. Estamos nos renovando... constantemente, pensou ela.

~•~♥~•~

— Ah, eu adorei essa cor. É tão difícil conseguir um bege que dê certo com o tom de pele da pessoa hoje em dia — comentou Emily, olhando as unhas de Sônia que estavam perfeitamente lichadas e pintadas com um bege um tom mais escuro do que sua pele.

Sentada em uma das almofadas no chão e cercada por tantas outras, Sônia estava inquieta internamente. Uma batalha estava sendo travada em sua mente — o subconsciente lutava contra a realidade. Vez ou outra, via uma sombra no canto do quarto e se assustava. Em seguida, percebia que não era nada além de uma peça pregada por sua psicose, querendo amedrontá-la. Seus assombros eram tão sutis que em nenhum momento, suas amigas lhe perguntaram nada sobre isso. Por outro lado, a falta de indagações não significava que não vissem.

Podiam ter ficado caladas por respeito, ou por falta de interesse. De qualquer forma, o silêncio era uma benção.

— Só falta tirar esse borrãozinho aqui do lado e vai estar perfeito — disse ela, tentando pelo menos fingir que estava tão animada quanto as amigas. — Volto já.

Sônia, em dois míseros e curtos passos, foi para o banheiro e acendeu a luz, iluminando o ambiente. Abriu o armário de remédios embutido na parede que ficava acima da altura da pia. Em segundos, encontrou o que procurava: um pacote de algodão e um tubo de removedor de esmalte.

Ao pegar o que queria, Sônia, sem querer, derrubou um pacotinho fino e do tamanho da palma de sua mão. Era um... envelope. Colocou as coisas em cima da pia e apanhou o papel entre as mãos. Era macio e pardo, menor do que os envelopes casuais usados nas correnpondências que vinham pelo correio. Perguntou-se o que aquilo fazia alí, já que, ultimamente, ela não recebia nada. E poucas eram as pessoas que ainda utilizavam os recursos que o correio oferecia. A internet era o meio mais utilizado pela facilidade que oferecia e a velocidade de entrega. Será que alguém trabalhava para que aqueles arquivos chegassem? O que aconteceria com os carteiros se, um dia, não houvessem mais correspondências a serem entregues?

E quem havia mandado aquilo para ela? Ou melhor, quem guardaria uma carta em um armário de remédios?

Só havia um modo de descobrir.

Abriu o lacre, tirando uma folha um pouco mais grossa do que o envelope, mas igualmente macia. Lendo o conteúdo, ela ofegou e com o susto, derrubou a embalagem de acetona no chão. Seu coração batia acelerado como se ela tivesse acabado de correr uma maratona.

— Sônia? Está tudo bem? — Alysson perguntou preocupada ao ouvir o barulho, ainda sentada no chão do quarto com um vidrinho de esmalte coral entre os dedos.

— Está... É... Quer dizer... Espera, eu já... já vou — gaguejou Sônia com a voz rouca. Pigarreou e tentou novamete. — Fica aí, eu já vou!

— Tem certeza?

— Si... Sim! — Não, corrigiu ela mentalmente.

Com os olhos marejedos e engolindo o choro, Sônia abaixou-se arfando. Apanhou o tubo de acetona, que por sorte era de plástico então não quebrou, e colocou-o de volta na pia. Respirando fundo e repetidas vezes, voltou a abrir o cartão com as mãos trêmulas.

MORTE

Ela gemeu baixinho, assustada. Haviam escrito "morte" no pequeno cartão. Um aviso silencioso, mas muito ameaçador. A mensagem era imprecisa sem contexto nenhum, porém, contraditoriamente, estava carregada de significado. Um significado pesado e intimidador. E o mais assustador era que quem quer que o tenha escrito, não havia usado lápis, sequer caneta para escrever a menssagem.

Havia usado sangue.

Só de pensar na palavra, Sônia se arrepiava. Aquilo a lembrava de seus psicóticos sonhos/pesadelos que ela tinha quando criança, e todos aqueles vampiros perseguindo-a. De repente, aqueles loucos sonhos já não pareciam mais tão loucos assim. Era impressionante a capacidade de uma única palavra mudar tudo em que acreditava. As crenças podem ser derrubadas por pequenas palavras, desde que o significado delas implique mais do que o que está escrito em um dicionário.

Seus sonhos se tornarão realidade.

— Sônia? — chamou Emily.

A voz da amiga a tirou dos devaneios. Respirando firme, Sônia guardou o cartão e o envelope no bolso de seu short, escondendo-o. Lavou o rosto rapidamente e se olhou no espelho. Estava aparentemente bem por fora, só seu nariz estava rosado. Os olhos estavam encolhidos, as mãos tremulas ainda. A hora de colocar em prática o que havia aprendido na aula de teatro havia chegado. Mas por dentro, estava apavorada.

Pegou as coisas na bancada e se obrigou a encarar as amigas normalmente, como se não tivesse acontecido nada. Claro que esconder algo de Emily, a interpretadora do comportamento humano, seria mais complicado. Sônia se confiou que a amiga estivesse muito distraída com os preparativos para o baile. Desde que ela nada perguntasse, era suficiente.

— Você está bem? — Alysson, preocupada, sondou.

— Aham — afirmou Sônia pouco convicente. Vamos, você pode fingir por uma noite, ela incentivou a sí mesma.

— Tem certeza? — insistiu Alysson.

— Tenho.

Voltaram então a suas atividades, mas Alysson continuou atenta a Sônia. Sentia que havia algo errado e que a amiga não queria admitir. Emily estava alheia, o que era de admirar. Sônia tinha razão, o baile era distração suficiente.

Ao terminarem, começaram a preparar o quarto. Alysson e Emily dormiriam alí esta noite, pois só assim estariam em tempo de se arrumarem para o baile no dia seguinte. Emily puxou a cama debaixo da de Sônia e Alysson colocou um outro colchão aos pés da cama. Esta noite, estou proibida de surtar, pensou desesperada. Sua fuga fora arrancada por uma força não intencional.

— Meu vestido é tão lindo! — comemorou Emily, ao pulos e batendo as mãos, alegremente. Seu cabelo loiro cacheado balançava de acordo com sua ansiedade.

— Quem convidou você, afinal? — perguntou Alysson, curiosa.

Emily corou, parecendo subitamente encabulada. Deixou as mãos seguramente fechadas uma na outra, em suas costas, deliberando. Baixando o olhar e mirando em nenhum ponto específico, disse:

— Se eu falar, vocês prometem que não vão rir?

— Claro — disseram Sônia e Alysson ao mesmo tempo. Emily não percebeu como a voz de Sônia falhava, nem em como estava distraída enquanto dobrava uma colcha dos lençóis de cama.

— O Todd — sussurrou Emily, como se fosse uma grande confissão.

— O que? — exclamou Alysson.

Sônia parou de ouvir a conversa quando encontrou outro envelope embaixo do travesseiro de sua cama. Com o coração disparado e as mãos suadas, ela o pegou. Disfarçando ao máximo que podia, ela foi até o armário de seu quarto, fingindo que ia pegar uma roupa de dormir quando na verdade ia esconder o envelope. Esconder, não só de suas amigas, mas de sí mesma. Naquele momento, ela não queria saber o que estava escrito naquele cartão. Mas na gaveta, havia outro daqueles papeis pardo.

Lentamente, com os dois papéis nãs mãos, voltou ao banheiro. Fechando a porta, seus ombros desabaram, como se ela viesse carregando muito peso por um longo tempo. Encostou-se na parede de azulejos, pequenos quadrados frios, e se deixou cair.

Assustada, ela abriu os papeis por fim.

O primeiro dizia;

SUA

Apenas isso. E como se ela precisasse de ainda mais para tremer nas bases, abriu o que achara no armário.

No segundo;

SE DARÁ DA SEGUINTE MANEIRA:

E ainda no segundo envelope, uma segunda mensagem no verso do cartão que dizia:

OLHE O SEU NOVO PAPEL DE PAREDE NO COMPUTADOR

Mesmo apavorada e com os sentidos parcialmente nublados, Sônia entendeu que separados,

aquelas mensagens não fariam sentido para qualquer outra pessoa. Era um recado cifrado, um quebra-cabeças muito fácil de ser montado. Era só encontrar todas as peças e juntá-las. Isso não significava que fosse uma terfa fácil.

Fazendo o que ele queria, ela levantou, segurou as lágrimas e marchou decididamente até seu birô. Olhando fixamente para o notebook, ela o abriu disfarçadamente para não alertar ou chamar a atenção das amigas. Havia sim, uma nova foto de entrada. Era uma representação em gif. Uma mulher com o rosto assustado, aparentemente, já que seu cabelo batia violentamente em sua face, parecia voar... ou cair.

Ela o fechou rapidamente. Sônia não demorou a montar, a juntar todas as peças. Estava tão explícito o que a mensagem realmente significava! Era só juntar os pedaços e colocá-los em ordem. No fim, o recado, ou melhor, o aviso ficou assim;

SUA MORTE SE DARÁ DA SEGUINTE MANEIRA: UMA QUEDA TERRIVEL.

Ela desejou que aquela noite passasse rápido para que pudesse reencontrar Dave e se sentir segura entre os braços dele. Era o único lugar em que queria estar. O único capaz de reconfortá-la.

~•~♥~•~

Karina andava distraída, sem olhar para onde ía, subindo uma colina qualquer. Cercada por árvores, pedras e animais, ela pensava em Giusep, seu único amor durante anos.

Fora ele quem lhe ensinara amar e a perdoar. Apesar de Karina ser uma vampira com alma, ela não fazia questão de demonstrar seus sentimentos mais nobres. Quando humana, sua mãe poderia ter se importado com ela, mas não o fez. O dinheiro vindo de um bom casamento era mais importante do que a felicidade da filha. E a felicidade para Karina naquela época significava viajar e conhecer os pintores que tanto a encantavam com suas obras magníficas. Tornar-se pupíla de um de seus ídolos, aprender com ele...

E foi então que sua vida mudou.

Um pretendente apareceu e a cortejou. Sua família mais do que apoiava o matrimônio, incentivava desesperadamente. Brigas se iniciaram a partir do momento em que ela recusou casar-se. E como de nada parecia valer sua vontade, fugiu. Na calada da noite, pulou a janela com o objetivo de nunca mais voltar.

Momentos depois, ela morreu.

Karina era naturalmente irritada desde sua morte. Mas as coisas mudaram quando ela conheceu Giusep. Ele lhe mostrara que existem pessoas boas no mundo, que se importam e valorizam os sentimentos. Que nem tudo é tão ruim quanto parece ser. Mas a vida continuava a lhe dar rasteiras. Dessa vez, ela levou Giusep para longe de seu alcance.

A dor não pode ser comparada, pois nenhuma dor é igual à outra. Sempre haverá algo que as diferencie. A perda pode ser algo sufocante e catalizador. A saudade pode levar à loucura e à reclusão. O abandono pode magoar e deixar ressentimentos. Talvez, a dor possa até mesmo levar à morte.

No caso de Karina, poderia ser a soma de tudo isso e mais um pouco. Ela havia morrido duas

vezes.

Um vento caloroso tocou-lhe a face, secando uma lágrima sangrenta que escorria por sua suave pele. E consigo, a brisa trouxe um cheiro que Karina conhecia desde a noite no Montinho. Era de Kevin.

Ele estava alí. Apressada, enchugou o própio rosto.

Sentado em sua cadeira de rodas, ele tocava gaita habilidosamente. Estava de frente para a lua, com uma enorme parede de pedra montanhosa logo atrás. A noite que o cercava não parecia incômoda, como se ela nã lhe trouxesse sensação de perigo.

Karina não pôde se afastar. Uma força a puxava para cada vez mais perto de Kevin, até que ela parou a seu lado.

— Olá! — disse ele ao vê-la. Seu sorriso era tão lindo!

— Kevin — cumprimentou ela, com um aceno tímido e escondendo as mãos nos bolsos da calça jeans em seguida. — Como vai?

— Bem. E você?

A pergunta a pegou desprevinida. Ela estava bem? Segundos atrás, a resposta para essa pergunta teria sido um sonoro não. Mas agora, ela simplesmente não sabia o que dizer.

Mas seu coração sim.

— Estou ótima agora — ela deixou escapar. Corou ao perceber que havia falado em voz alta.

— Senta aí!

Ainda bem, pensou ela ao perceber que Kevin não havia visto o segundo, e mais importante, significado em suas palavras. Sentou-se em uma pedra grande e lisa, achata, porém circular. Não era exatamente confortável, mas também não era ruim.

O importante era que estava perto de Kevin.

E estando perto dele, Giusep parecia mais próximo que nunca. Com um suspiro, percebeu que havia escalado um enorme penhasco durante todo esse tempo de luto e que só agora havia chegado no topo.

Ou talvez tenha sido Kevin quem jogara uma corda para reagatá-la.

O tempo passava rapidamente enquanto conversavam, mas para Karina, ele podia ter parado e não faria diferença alguma. Ela tinha tempo de sobra para ficar alí em sua companhia.

Capítulo 11

O Baile

"Então você invade meu sono e confundi meus sonhos.
Torna minhas noites incômodas e em claro."
Stuck on you - Paramore

Emily estava literalmente hiperventilando. Sônia se perguntou quanto tempo levaria até que ela desmaiasse, já que a palidez em sua pele era não natural. O dia havia se resumido a arrumar o cabelo

e fazer o make up, o que demorou bastante, pois foi feito em etapas. Uma garota por vez.

Alysson foi a primeira. Sônia ajudou com a pele, enquanto Emily fazia o cabelo. No fim, a maquiagem de Alysson estava forte, do jeito que ela gostava; bastante rimel e sombra escura que contornava seus olhos castanhos, com as bochechas levemente rosadas e a boca mais neutra. O cabelo loiro mel ficou solto e liso, com algumas mechas mais claras que ela havia feito recentemente, partido de lado e a franja comprida cobrindo parcialmente seu rosto.

— Obrigada meninas, eu amei — agradeceu ela, os olhos brilhando.

— Da nada — disseram Sônia e Emily ao mesmo tempo.

E então foi a vez de Emily. Como ela já tinha cachos lindos em seu cabelo loiro claro, o que Alysson fez foi pegar o baby lis para defini-los melhor e colocar um creme finalizador. Para o rosto, Emily pediu um azul claro, com um pouco de cinza para os olhos e delineador para realçar o contorno. As bochechas já eram rosadas, então um marrom claro tiraria um pouco da cor. Para a boca, um batom vermelho gritante.

Ao se olhar no espelho, ela mal se reconheceu. Alysson havia colocado alguns cristais no seu cabelo, preso com grampos, de modo que metade dos fios ficaram bem presos, enquanto a outra metade estava solta e delicadamente colocada sobre seu ombro esquerdo. Ela sorriu ao ver o resultado e bateu palmas, empolgada.

— Agora, é sua vez — disse Alysson olhando para Sônia com uma expressão indecifrável.

Com um suspiro, Sônia se sentou na cadeira e deixou que suas amigas cuidassem de tudo. Pra ela, pouco importava se estava bonita ou não. Ainda estava assustada e preocupada com os envelopes que encontrara na noite anterior. Tudo em que ela conseguia pensar se resumia ao fato de que o Desconhecido estivera em seu quarto, o único lugar em que ela se sentia segura, inatingível.

E agora, se tornara vunerável. E ela odiava isso com todas as forças.

Desde séculos atrás, a mulher é retratada como um ser frágil e que precisa de proteção. Isso veio mudar muito recentemente, e dado esse fato, Sônia ficava com raiva de sí mesma ao admitir que precisava de ajuda.

Uma batalha interna fora travada dentro de sí. Parte dela queria ser racional, contar a Dave e pedir o auxílio da polícia. Mesmo que isso envolvesse contar a sua mãe e ela ridicularizasse tudo, com suas piadinhas de adolescentes problemáticos e imaturos. O que mais afasta os pais dos filhos, o que cria um abismo, era a falta de diálogo e ideias preconcebidas.

Outra parte — que era talvez a maior — estava completamente contra. Não queria falar para ninguém, sequer pensar no assunto. Tentava se convencer de que tudo fora criação de sua mente, que não passara de um outro surto psicótico em que ela tão debilmente acreditara. Pode ser verdade, disse a sí mesma.

Mas isso parecia improvável porque os envelopes ainda estavam alí, bem escondidos em sua gaveta. Ainda com aquela mensagem silenciosa de morte escrita com sangue.

Seu estômago se revirou ao imaginar de quem poderia ser aquele sangue.

Algum tempo depois, Emily virou a cadeira de Sônia, colocando-a de frente para o espelho, porém cobrindo seus olhos. Desse modo, ela não via nada.

— Emily! — reclamou ela. Era desconfortável não conseguir ver nada, principalmente quando tinha alguém que a estava ameaçando de morte. Seu coração palpitava.

— Calminha aí — disse Emily. Era audível o sorriso em sua voz.

E então, lentamente, as mãos de Emily deixaram seu rosto e ela pôde se ver no espelho.

Aquela visão era suficiente para fazê-la deixar suas preocupações de lado, mesmo que por pouco tempo. Naquele instante em que viu a sí mesma refletida no espelho, flashs invadiram sua mente, como lembranças, sentiu-se outra pessoa, como se já não fosse mais Sônia Hussett. E por um momento, ela tornou a ver aquela mulher misteriosa de seus sonhos.

O rosto de Sônia permanecia levemente pálido, pois a cor de sua pele ficava perfeita em contraste com seu cabelo preto e de reflexos avermelhados que fora preso no alto com grampos, deixando alguns cachos caídos. A maquiagem não era forte, nem esbanjada. Seus olhos foram delineados e seus longos cílios realçados com rímel, o que deu destaque a seus incríveis olhos azuis translúcidos. Emily colocara uma sombra marrom mais clara na parte interna do olho e esfumaçara com um marrom escuro na parte mais externa, delicadamente. As bochechas estavam levemente rosadas e sua boca possuia um tom coral claro, quase imperceptível se não fosse pelo brilho que ele dava a seus lábios.

— Eu não tenho palavras para... — começou ela, mas estava tão impressionada com o que via que já não conseguiu terminar.

Era a primeira vez que se via daquela maneira. Na verdade, era o primeiro baile dela, pois Dave foi a primeira pessoa quem a convidou na vida. Deveria ser uma ocasião especial, perfeita. Não como uma novela adolescente, porém, Sônia deveria se divertir com seu namorado e amigos. Mas tudo fora diminuído, sedendo espaço para a angústia de ser perceguida.

Mas até mesmo um perseguidor tem limites, certo? Que mal ele poderia me fazer dentro de um ambiente escolar?

Sônia decidiu esquecer, fingir que nada havia acontecido. Só por uma noite, ela queria ser uma pessoa sem preocupações, sem medo. Queria ser uma adolescente normal e saudável, apenas isso.

E claro, curtir a noite com o namorado.

— Não fale nada! Sei que sou demais — disse Emily, sorrindo e olhando a sí mesma no espelho.

— Ei, o trabalho não foi só seu, tá! — reclamou Alysson, fingindo que estava magoada.

Sônia foi até ela e abraçou, instigando Emily a se juntar ao abraço coletivo. Afastando-se para olhar as amigas, ela sorriu segurando o choro.

— Valeu. Não sabem o bem que estão me fazendo — disse com a voz embargada. — São mesmo minhas amigas de verdade, sempre me ajudando...

— Aww, uma cena de amigas chorosas seria linda. Mas a maquiagem deve ser preservada, então... Aguenta — ordenou Emily fazendo cara de brava. Elas não resistiram à uma dose de risos.

— Tudo bem, já chega! — disse Alysson, disfarçando sua risada em tosse.

— Tem razão — falou Emily. — Vamos aos vestidos.

Sônia foi até o cabideiro atrás da porta de seu quarto, onde três sacolas pretas, daquelas de lavanderia, estavam lacradas com o vestido de cada uma. Tomando muito cuidado para não amaçà-los, Sônia tirou um por um e colocou em cima da cama.

Alysson abriu a primeira sacola e sorriu encantada ao ver o vestido que comprara. O mesmo aconteceu com Emily e Sônia. A empolgação estava estampada no rosto das três e aos poucos, Sônia se esquecia do Desconhecido e do medo que sentia até então.

Minutos depois, elas já estavam prontas.

O vestido de Alysson era preto, sem alças e liso. Havia um corte lateral que ia até a metade da

coxa. Permanecia justo na cintura e se abria levemente a partir do quadril. Caiu perfeitamente nela, realçando o que ela tinha de melhor. Fazia seu estilo, já que ela, assim como Carrie, adorava cores forte, mas amava preto.

Emily vestia um azul profundo, cheio de lantejoulas que brilhavam na luz artificial do quarto. As alças eram mais um enfeite do que um artigo de sustentação, emoldurando seu colo. Ao contrário do vestido de Alysson, este era justo ao máximo, mas não era acochado nas pernas, era mais solto. Mesmo assim, não era do mesmo modo que o de Alysson.

Sônia usava um vestido vermelho sangue, brilhoso e que apesar dos vários detalhes, ainda era simples. Se ajustava as curvas de seu corpo e a calda abria-se em forma de leque, rodeando-a. Havia ainda uma camada de seda transparende que cobria a saia que se fundia ao corpete. Era cheio de desenhos florais formados por lantejoulas, que davam a Sônia um ar de inocência, e o decote do corpete era delicado, como a parte de cima de um coração desenhado.

Naquele momento, ela se sentia mais linda do que nunca.

— Que inveja — disse Alysson, encarando Sônia sorridente. — Inveja branca, claro. Super normal... Pelo menos é o que eu acho.

— O que a Alysson quis dizer é que você está linda — corrigiu Emily, sempre amável. — São poucas as pessoas que ficam bem de vermelho e você tem a sorte de ser uma delas.

— O vermelho não combina comigo — suspirou Alysson. — É uma pena. Mas em você, fica divino. Sem falar no seu cabelo... Ele sempre teve esse... — parecia procura uma palavra — brilho avremelhado?

— Sempre teve — respondeu Sônia. — Chega de falar de mim, por favor. Estão me deixando sem graça... Vocês estão lindas, perfeitas...

— Eu sempre soube que éramos.

— Sônia! Emily! Alysson! — chamou Lídia do andar de baixo. — Tem vários garotos aqui em baixo chamando por vocês. Querem me esplicar isso?

As meninas se entreolharam e riram.Haviam se "esquecido" de avisar Lídia. Iam saindo pela porta quando Sônia parou.

— Esperem — pediu ela, dando meia volta no quarto e abrindo uma caixinha de veludo em cima da mesinha. — Falta um detalhe.

Pegou o colar que Alysson lhe entregara dizendo que era um presente de seu tio Ruiz que não via a muito tempo. Fechou-o no pescoço e assim, estava pronta para descer. O calor que o relicário emanava era cálido, aconchegante. O pingente cobre com desenhos em vinho ficou sob o decote do vestido.

Ainda rindo, se dirigiram para o corredor, apagando a luz do quarto ao saírem.

No andar de baixo, Sônia viu Dave encostado na parede, muito próximo do final da escada segurando uma rosa vermelha nas mãos, Joseph confortavelmente sentado no sofá e Todd um pouco afastado, perto da porta de saída. Pôde ver ainda sua mãe ao pé da escada, de braços cruzados e a cara fechada.

— Olá, mãe, Joseph, Todd... Dave — disse Sônia naturalmente, aproximando-se de Dave e sorrindo para ele ao segurar sua mão. Dave apertou-a gentilmente, como se estivesse cumprimentando-a.

— Querida, podemos conversar na cozinha? — pediu Lídia, disfarçando seu tom irritado em uma

voz falsamente doce.

— Claro.

Sônia seguiu sua mãe, enviando um pedido silencioso para que Dave permanecesse onde estava. A poucos passos, afastaram-se das pessoas da sala e de seus ouvidos.

— Quem são esses rapazes? — foi a primeira coisa que Lídia perguntou quando passaram pela soleira da cozinha. Sua expressão era indecifrável quando virou-se para encarar Sônia.

— Nossos acompanhantes — respondeu calma.

Lídia franziu a testa, como se estivesse procurando alguma pista que a informasse sobre o que Sônia falava exatamente.

— Acompanhantes.. — repetiu lentamente, analisando a palavra. — Pra quê?

— O baile.

— Que baile? Aonde? — disse Lídia mais agitada. Para quê essa cena?, perguntou-se Sônia.

— Na escola. Aquele em que Kelly vai acompanhanda por não sei quem, com o vestido que você comprou para a ocasião... — Sônia sentiu os olhos arderem. — Não finja que não sabe. Eu estudo na mesma escola que ela, temos as mesmas festas, só não os mesmos amigos.

— Você é... é jovem demais pra isso! — gaguejou Lídia.

Sônia arfou de choque diante da idiotice que a mãe dissera, e então confirmara o que vinha tentando negar a tanto tempo. Obrigou a sí mesma a engolir o choro.

— Você não liga mesmo pra mim, não é? — indagou com a voz fraca. Depois, falou mais dura e friamente. — Será que sabe a idade que tenho? Sou mais velha que a Kelly!

— Não pode ser... — sua mãe estava realmente confusa ou era só fingimento?

Lídia ficou dando voltas na cozinha, as duas mãos em suas temporas.

— Todo esse tempo que tenho vivido nessa casa... E você só teve olhos para Kelly, assistindo o crescimento dela... Mas sabe, mamãe, o tempo não para. Eu também cresci. Você pode ficar com sua filha perfeita. Aquela que não é doente, psicótica e que não acreditou em vampiros a maior parte da vida. Eu vou morar com o papai.

Lídia parou, em estado de choque, definitivamente. Era como se um balde de água gelada tivesse sido despejado em sua cabeça. Pestanejou repetidas vezes, engolindo qualquer reação que não queria que Sônia visse.

— Eu sempre amei você, querida, e sinto muito que tenha tirado conclusões tão erradas. Mas tudo o que faço é para proteger você, um dia vai entender. Mas, por favor, não vá a essa festa — pediu com os olhos implorativos.

— Não é só a Kelly que tem direito de brilhar. Eu sou especial também. É a minha vez! — gritou em seu sussurro angustiado.

Sônia saiu batendo o pé até a sala. O vinco na testa de Dave indicava que ele estava preocupado. Teria ele escutado? Alguém na sala teria? E foi então que ela percebeu que não tinha mais ninguém no ambiente, a não ser eles dois.

Vendo a dúvida em seu olhar indagador, Dave reapondeu a sua pergunta não verbalizada:

— Pedi para Alysson e Emily irem na frente, senti que precisava de mais privacidade do que poderia ter com elas aqui.

— Obrigada — agradeceu ela, com um sorriso triste no rosto.

— Eu te amo — respondeu ele, como se isso fosse o suficiente para deixar claro as razões de

seus atos. E com certeza era.

Com um beijo, Dave a levou até o carro, onda a acomodou confortávelmente no banco do carona e então partiram. Virando a esquina, Sônia ainda pôde ouvir a mãe gritar:

— Sônia!

~•~♥~•~

A fome ocupava sua cabeça de uma maneira que jamais imaginara ser possível. Era gritante, avassaladora e a tomava por inteiro. Cada célula de seu corpo tremia de desespero só de pensar no gosto daquele líquido vermelho quente descendo por sua garganta...

Arfou cada vez mais impaciente e sedenta. Não queria nem pensar na própia aparência. Pelo jeito que os fios de seu cabelo estavam secos, devia estar assanhada e com o rosto despencando.

Não fazia muito tempo, seu sequestrador estivera alí.

Essa era sua segunda preocupação. Ela precisava avisar Dave de que o inimigo estava próximo. Era seu dever proteger Sônia!

Joseph.

Quando ela imaginaria que o amigo da melhor amiga era um feiticeiro? E pior: será que a amiga também era? E Richard?

Eram tantas perguntas que sua cabeça rodou. Levantou do chão sujo onde se sentara. Sua roupa estava destruída, rasgada nas pontas e suja de barro e poeira. Não era naquele estado que ela imaginou chegar ao baile. Porque ela chegaria, de um jeito ou de outro.

Ela só tinha que conseguir derrubar a porta, mas sem sangue, ela mal tinha forças para andar.

Do lado de fora, um grunhido lhe chamou a atenção. Pelas frestas da janela, Carrie conseguiu ver um animal. Parecia um gato grande, de pelo escuro, camuflado nas sombras da floresta. Ela não conseguiria dizer com precisão qual era a cor do animal, pois sua visão estava resumida a preto e vermelho.

Ela teve uma ideia quase no mesmo instante em que a pantera saiu do meio da mata, ficando visível no meio da clareira.

Vem aqui..., pensou Carrie. Ela estava chamando o animal através de seus poderes mentais, controlando-o. Foi preciso mais força do que o necessessário para atrair a pantera, devido a seu estado debilitado. Mas depois de muita insistência, ela finalmente conseguiu fazer com que o animal a atendesse.

A pantera foi até a porta da frente e começou a arranhá-la com suas unhas grandes e fortes. Não seria o suficiente para derrubar a porta, mas sim para deixá-la mais fina. Apenas o bastante para que Carrie conseguisse pô-la ao chão.

E depois de inumeras tentativas, ela finalmente se viu livre.

Eu disse que ia sair, não disse?, pensou ela sarcástica. Olhou para a pantera, fez-lhe um carinho no topo de sua cabeça e sorriu dizendo:

— Muito obrigada.

E então, Carrie correu rapidamente. Primeiro encontraria alguém para morder, depois arrumaria uma roupa um pouco mais descente, afinal, tinha uma festa esperando-a.

~•~♥~•~

Dave e Sônia entraram no ginásio da escola que fora completamente mudada para este baile. A decoração fazia jus ao nome: Baile de Inverno.

Flocos de neve desenhados em papel laminado e perfeitamente cortados foram pendurados no teto alto, de modo que parecia mesmo que estava nevando. Uma malha gigante branca e brilhante a nuz negra cobria o piso do ginásio, várias mesas rodeavam o espaço repletas de petiscos variados de peixes e outros. Feixes de luz cortavam o ar, como uma discoteca improvisada que ficava mais evidente devido ao globo prateado de várias faces que fora colocado bem no centro do teto.

Dave se perguntou o que se passava na mente de Sônia. Se ela estava bem, ou sentida por causa da mãe. De qualquer forma, era função dele reconfortá-la e ele a cumpriria.

— Você está bem? — perguntou ele, colocando a mão em sua cintura e trazendo-a para sí.

— Não muito — murmurou ela, fechando os olhos e deixando Dave ampará-la.

— Vai melhorar...

— Eu sei — Sônia suspirou tristemente.

Dave puxou o queixo de Sônia, fazendo-a olhar pra ele diretamente. Os olhos escuros dele a sondaram com pesar. Então, inclinou-se e delicadamente, sempre doce e cheio de amor, beijou-a, deixando claro que ele estava alí, que ela nunca estaria sozinha. Isso aqueceu o coração de Sônia e só então se deu conta do quanto já o amava e o quanto grata estava por ele entendê-la e respeitar suas decisões.

— Eu te amo — disse ela com um sorriso, ainda triste, mas estava melhorando.

— E eu amo mais...

— Isso não é possível — brincou ela, o humor ascendo sobre sua tristeza. — Não creio.

Olhando nos olhos dela, Dave despejou sem querer as palavras que vinha guardando.

— É como se eu já a conhecesse a muito tempo.

Sônia ficou tensa, lembrando-se dos olhos vermelhos de seu sonho/pesadelo. Por um momento, ela considerou se seus sonhos não eram apenas isso: um monte de loucura. E se ela, de alguma forma, sonhasse com coisas reais que habitavam o ambiente ao seu redor?

Idiotice minha, pensou um momento depois. E mesmo admitindo isso, Sônia falou:

— Quando lhe ví, eu senti que o conhecia. Não faço ideia de onde. É como se eu tivesse sonhado que você viria... por mim. No meu sonho você dizia que estava sempre cuidando de mim — confessou.

O coração de Dave ficou mais quente e parecia ter dobrado de tamanho, repleto do amor que dedicava a ela. E não era somente o amor de um homem apaixonado, era a devoção que sempre sentiria. Sônia e Blair eram a mesma pessoa, porém tão intensamente diferentes!

Ele permanecia nessa linha tênue de seu raciocínio confuso quando outra coisa lhe ocorreu. Ela sonhou que eu viria? Preocupado e esforçando-se para manter a aparência serena, Dave percebeu que sim, Sônia havia sonhado que ele viria.

Será que ela está..., pensou ele com suspeita crescente.

— Então, quem sabe? Vai que nos conhecemos na maternindade? — Ele tentou fazer piada, afastá-la da verdade aterroradora. Não era a hora, não podia ser. Perto dela, sentia-se humano, não poderia perder isso tão cedo. Só mais um pouco, antes que tudo estivesse perdido. Antes que ela lhe

batesse a porta na cara...

Naquele momento, junto dela, ele não poderia ser outra coisa a não ser egoísta. Privá-la da verdade era errado, mas não podia contar a ela ainda. Não se sentia pronto e nem sabia se ela estava pronta. Era horrível demais e a vida dela já estava péssima o suficiente.

— É né? Quem sabe? O destino é tão imprevisível — disse Sônia depois um breve riso encantador. Dave ficou mais alegre ao ver que ela estava mais normal, ao ter certeza de que não desconfiava de nada.

— Dança comigo, mon amour? — pediu, mais seguro.

— Claro.

Dave tomou Sônia nos braços e juntos, giraram elegantemente, porém de modo simples, de acordo com a música lenta que tocava. Não era tão lindo quanto os bailes reais ingleses, ou franceses, aos quais estava acostumado, mas com Sônia ao seu lado, tudo ficava maravilhoso. Quem sabe um dia, depois que ela me perdoar, eu a leve à um baile de verdade?

A noite avançava rapidamente e eles continuavam dançando. Às vezes, músicas mais agitadas e modernas tocavam, mas sempre alternadas por outras lentas e romanticas.

Sônia estava impressionada com a abilidade de Dave na dança. Sabia que ele era ótimo em francês, falava inglês fluentemente, mas dança era uma coisa nova e inteiramente diferente.

Ou talvez não.

O flash veio nítido dessa vez. Aquela mesma mulher que vira antes em seus sonhos estava agora com um vestido vermelho puxando para o vinho, cheio de rendas pretas que esvoassava ao girar elegantemente na relva verde, a beira de um lago cristalino que refletia o brilho da lua. Ela sorria enquanto olhava para Dave e este, acariciava gentilmente seus delicados cabelos negros e arroxeados. O ato em sí significava que, de alguma forma, ele demonstrava seu afeto por ela. Mas era mais, muito mais do que isso e Sônia sabia. Ele a amava. Ele a queria. E aquela mulher não era ela. Era outra que nunca havia visto no mundo real, mas sentia conhecer. Teve raiva e expulsou aquela imagem de sua mente, o ciúme queimando dentro de sí. Sônia sentiu necessidade de bufar, mas não o fez. A imagem, porém, não foi embora.

— Eu te amo — sussurrou a mulher que Sônia já odiava, um antagonísmo nascendo de sua psicose. — Pode não acreditar na veracidade de minhas palvaras, afinal mal o conheço. Mas eu te amo — completou, como se dizer aquilo garantisse que ele fosse dela para sempre.

— Eu acredito se também crer em meu amor por você, Blair — sussurrou Dave, o que fez com que Sônia quisesse chorar.

— Sim! Sim, eu creio.

E a imagem se foi tão rápida quanto veio, deixando Sônia com uma sensação de vazio. Viu a sí mesmo de volta ao mundo real, ainda no mundo real. Olhando para o própio vestido, amaldiçoou a cor vermelha, pois era parecido com o que a garota, Blair, vestia em seu sonho/pesadelo.

— Está tudo bem, amor? — perguntou Dave, olhando-a com a testa franzida de preocupação.

— Sim. Sim, está — por um breve instante, Sônia cogitou a hipótese de perguntar a ele quem era Blair, mas isso soava estranho, mesmo sem palavras ditas. — Vou ao banheiro.

Dave sentiu Sônia apertar sua mão levemente antes de sair. Ele foi para um canto mais reservado do ginásio, para esperá-la longe das luzes. Estava com fome, queria poder sair e comer algo. Mas nunca a deixaria sozinha se pudesse. Nicholas estava por aí sim, cobrindo seus rastros, não deixando

pistas de onde morava, ou de onde esteve. Tinha que admitir, ele fazia bem o trabalho sujo.

Dave, uma voz chamou-o. Encontre-me do lado de fora, agora!

Olhou ao redor, procurando a origem do pensamento. Ficou tenso. Seguindo seus instintos e preparado para qualquer coisa, ele saiu do grande espaço enfeitado e lotado de gente. Abriu as porta de aço do ginásio, saindo no corredor secundário e mal iluminado. Algumas lâmpadas estavam quebradas e isso fora recentemente, pois cacos de vidro estavam espalhados pelo chão. Sob a sombra, mais afastada da luz fluorescente que ainda funcionava, uma pessoa o chamou com o dedo indicador. Chegando mais perto, Dave reconheceu o cabelo castanho cheio de mechas de...

— Carrie! — exclamou ele, aproximando-se de sua aliada rapidamente. — O que houve? Onde esteve? Achei que a encontraria na casa de Sônia... precisava falar com você. Você está bem?

Carrie sacodiu a cabeça, pedindo que ele parasse de falar e passasse a ouvir.

— Mais devagar. São muitas perguntas e todas desnecessárias. Escute: não deixe Sônia perto de Joseph de jeito nenhum! Ele é um feiticeiro, me manteve presa durante essas últimas horas. Eu consegui fugir, mas foi por um golpe de sorte. Quase morri de fome. — explicou ela rapidamente. — E temo que Richard e... Alysson... também sejam nossos inimigos.

Um soluço ficou preso na garganta de Dave e ele contorceu suas mãos violentamente, como se quisesse espancar a parede.

— Tem certeza?

— Joseph praticamente esfregou os poderes dele na minha cara, é claro que tenho certeza!

Dave fora pego de surpresa, descobrindo o perigo de onde menos esperava. Sônia tinha razão; o destino é imprevisível.

— Vamos procurá-la agora! — disse ele, saindo em disparada de volta para o ginásio que já não parecia mais tão belo.

— Não sabe onde ela está? — exclamou Carrie, correndo para seguir o rítimo com que Dave andava.

— Ela disse que ia ao vestiário, ou sei lá. Vamos, temos que ser rápidos!

— Não seria melhor irmos atrás de Alysson e os outros?

Dave pensou por um minuto.

— Quem encontramos primeiro.

~•~♥~•~

Secou as mãos com o papel toalha e depois jogou-o no cesto. Uma última olhada no espelho para conferir se estava mais apresentável e...

A mulher, a tal de Blair, estava atrás dela!

— Você me roubou — sussurrou Blair malignamente.

Sônia se virou rapidamente, mas não havia ninguém. Estava imaginando coisas novamente. E pela maneira brusca com que se virou, acabara melhando as mãos de sabão ao batê-las em um frasco, quebrando-o acidentalmente.

No automático, abrira a torneira e ficara olhando os própios olhos azuis e assustados no espelho, repetindo a sí mesma para ficar calma. Para quê tanto desespero? Não havia motivo, certo? Não estava tão segura quanto à isso.

Fechou a torneira e se assustou ainda mais ao ver as mãos sujas de sangue. A pia, que antes estava branca, agora estava repleta da substância grossa e vermelha. Reprimiu um grito e fechou os olhos com força.

— É só uma ilusão, uma ilusão — disse, repirando e tentanto acalmar seu coração disparado. Abriu os olhos lentamente e viu, com alívio que as coisas voltaram ao normal. Nem suas mãos, nem a pia estavam sujas de sangue.

Saiu do banheiro antes que algo mais acontecesse.

No ginásio, procurou por Dave no meio da multidão. Encontrou-o um pouco mais afastado do grande centro, no canto mais escuro atrás de uma pilastra grossa e branca, conversando com Alysson, Joseph, Richard e...

Carrie!

Sônia correu, louca para perguntar a amiga porque ela viajara sem se despedir ou dar satisfação. Passou espremida, entre um par de casais que dançavam loucamente ao som de Red Hot Chili Peppers. Quando chegou perto, foi obrigada a parar, estupefada, e se escondeu atrás de uma outra pilastra próxima por reflexo ao ouvir as palavras de Dave:

— Não vão chegar perto de Sônia, entenderam? — vosciferou Dave. Sônia percebeu que falavam dela. Seu namorado estava zangado... Por que? — Acertaremos as contas mais tarde, mas vocês nunca mais se aproximarão dela!

O tom de ameaça na voz de Dave deixou Sônia confusa. Por que ele falava assim com seus amigos?

— Não somos os inimigos. Somos diferentes — disse Alysson, com a voz pacificadora. — Não fazemos parte dessa rixa entra feiticeiros e vampiros, não temos nada contra Sônia. Pelo contrário, estamos tentando protegê-la. Ela é a minha amiga, quero cuidar dela!

A confusão de Sônia aumentou ainda mais. Haviam mesmo incluído vampiros e... feiticeiros na conversa? Que história louca era aquela? O que era aquilo? Uma brincadeira? Sabiam que ela estava escutando e depois a surpreenderia com um "pegadinha, Sônia!"?

Não parecia provável. Ela estava a beira de hiperventilar. E o pior foi que se recordou da essência de seus sonhos/pesadelos... Os vampiros, o sangue, o medo e o cheiro de morte.

— Se é assim, porque me sequestraram? — intrometeu-se Carrie. Essa fora a razão de seu sumiço? — Isso não parece uma atitude de quem quer ajudar.

— Sinto muito por isso. Mas eu não podia confiar. Nem mesmo os vampiros são honestos nisso, é complicado demais. Sabemos de Blair, só quero manter minha amiga viva — ressaltou Alysson.

Não existem palavras que possam descrever a confusão que Sônia sentia. Ela se bombardeava de perguntar das quais ela não tinha obrigação, nem meios de responder. Adrenalina lhe invadia sem pedir permissão, seu pulso acelerado latejando em seus ouvidos e uma estranha vontade de fugir a deixou ainda mais nervosa.

Era demais. Agora a garota de seus sonhos estava na vida real, era isso?

Vou fazer seus pesadelos se tornarem realidade.

Vampiros não existem, né?, perguntou-se, segurando o choro ao máximo que era capaz. Isso não pode estar acontecendo. Por que? Por que?

— Podia ter confiado em mim — assegurou Dave. — Eu a amo, Alysson. Eu amo Sônia. — Naquele momento, ainda fazia sentido que aquelas meras palavras fizessem Sônia suspirar?

— Eu não podia confiar, sequer ter certeza disso. Nem mesmo agora que estamos colocando tudo em pratos limpos. Você é um vampiro, Dave.

— E você, uma feiticeira. E mesmo assim, escolho confiar em você.

Ela não era namorada do monstro que assustava quando criança, não podia ser! Não era verdade! Negava isso com toda sua força. Mas eles não brincariam com isso... Sequer sabiam de sua psicose! E agora, psicose não parecia ser o que ela realmente tinha. Por que não escutara Lídia? Podia ter evitado ouvir tudo o que acabara de ser dito por seus... amigos.

Foi a gota d'água.

— Por favor, me digam que tudo isso é mentira — disse ela, saindo de trás da pilastra e surpreendendo a todos. Com os olhos marejados de lágrimas, Sônia olhou no rosto de cada um, parando em Dave. — Só digam — implorou.

— Sônia, meu amor... — sussurrou ele com o rosto triste.

Os segundos passaram lenta e torturosamente. Ele não desmentiu nada. Ninguém o fez.

— Digam! Isso é um absurdo! Digam que nada disso é verdade. Digam que não guardaram segredos de mim — pediu ela com raiva em seu sussurro contido, ainda estavam no ginásio lotado de estudantes alheios à conversa.

— Eu sinto muito — Dave deixou uma lágrima cair. Sônia a observou escorrer por seu rosto, espantada. Queria correr, escapar dalí. Estaria ela sonhando novamente? Não era uma lágrima transparente, muito menos normal.

Era feita de sangue.

— Que tipo de pessoa chora sangue? — perguntou descrente.

Ele ficou calado por um momento, como quem decide se fala algo ou não.

— Um... vampiro — respondeu Dave. Sônia não se comoveu com sua expressão assustada e preocupada no rosto de quem ela pensava que podia confiar.

— Pra mim, chega — Sônia saiu correndo do local, escutando aqueles em que ela achava que podia confiar gritando seu nome, chamando por ela.

Mas ela não os atendeu. Só continuou correndo para longe dalí. Ela não sabia para onde iá. E nem lhe importava. Que sumisse, evaporasse o mundo! Que ela desaparecesse! Ou melhor, que nunca tivesse nascido.

Só que devia importar os caminhos que tomava, pois há perigo em cada esquina, esperando a presa para dar o bote, como uma cobra venenosa.

Ou um vampiro assacino.

Capítulo 12

Perigoso

"Eu não posso lutar contra lágrimas que não virão,
ou o momento da verdade em suas mentiras."
Íris - Goo Goo Dolls

A lua já parecera tão sombria antes? Restara apenas uma fina borda prateada visível no céu — o sorriso desaparecia, combinando com o humor de Sônia. O resto de sua grandeza estava escondida, camuflada da mesma cor do céu escuro e sem estrelas. Naquele momento, ela se sentiu abandonada. Nem mesmo o brilho do luar existia para iluminar seu tortuoso caminho. A brisa leve e fina não secava suas lágrimas que caiam em cascatas por seu rosto, mas fazia a seda leve de seu vestido tremular atrás de sí, como se pudesse levar cada pedaço de sua tristeza embora. Mas não levava.

Com os braços cruzados, Sônia se recostou em uma árvore. Ofegou e o sopro quente que saiu de sua boca encontrou-se com o ar frio, formando uma nuvem fina de fumaça que desapareceu quase que instantaneamente. Estava no jardim em frente a escola, de modo que ainda se ouvia a música alta e animada, batidas de bateria e solos de guitarra, acompanhados pelo coro e gritos de adolescentes que curtiam suas vidas normais.

Sônia, que sempre quisera ser diferente, ser especial, agora só queria ser uma daqueles adolescentes, com problemas comuns e vidas absolutamente normais, sem segredos sobrenaturais. Quando ela desejara ser mais do que a sombra da irmã, ela não imaginara criaturas sombrias e ameaças de morte. Não queria que os vampiros que tanto a assustavam quando criança viessem a tona para puxar seu tornozelo, muito menos descobrir que seus melhores amigos e namorado faziam parte de um segredo surreal e esconderam tudo dela. Não confiaram nela, e isso a magoou.

Ela não tinha medo, ou nojo deles. Tudo o que queria era que tivessem sido honestos, só isso. Naquele momento, ela tinha certeza disso.

E como se não bastasse, ainda estavam escondendo mais, muito mais. Quem era Blair? E do que a estavam protegendo? Do Desconhecido, ou Sônia virara alvo livre para matar?

— Eu não entendo — sussurrou ela. — Como eles podem saber sobre o Desconhecido se a única pessoa para a qual eu falei disso foi... Dave. Claro, ele contou aos outros.

O choro subiu cortando sua garganta. Os soluços não pediram licença, invadindo-a brutalmente, fazendo com que todo seu corpo tremesse devido a intensidade. Era muito para seu coração, partido e magoado pela quebra de confiança. Insuportavelmente angustiante, sentiu-se a pessoa mais tola do mundo. E também a mais amaldiçoada.

E por mais desacreditada que estivesse, ela ainda amava Dave e queria estar com ele agora. Queria sentir seus braços ao seu redor, protegendo-a e a acalentando confortavelmente. Sentir sua respiração bater de encontro a seu rosto enquanto se beijavam e ver o amor dando aquele brilho maravilhoso a seus lindos e escuros olhos. Ela precisava de Dave.

— Droga — resmungou, deixando-se cair na grama verde e úmida de orvalho, rescostando-se na árvore.

O amor é algo que todos os seres humanos desejam. Podem até negar, mas desejam. E Sônia sempre se perguntou o porquê. Agora ela sabia. Ela mesma não desejava ser especial? O amor era o mais próximo da magia que as pessoas tinham, mas o que não percebem é que o amor é um sentimento como qualquer outro. Ele causa dor, faz sofrer, e às vezes, muito raramente, fazem delas, pessoas felizes.

E agora, a pergunta que martelava na mente de Sônia era se as pessoas buscavam a sensação de magia que o amor traz, ou a dor que ele causava. Não seria mais fácil viver sem isso?

Um farfalhar na grama desviou sua atenção. Assustada, ficou de pé. Em sua mente, duas opções: um de seus amigos viera procurá-la, ou o estranho misterioso estava próximo. De qualquer forma, nenhuma das opções parecia minimamente boa.

No fim, quem estava alí era Brittany, o que deixou Sônia muito mais confusa, de uma maneira menos dolorosa. Ou, talvez, — sua vida já estava louca, não precisava de um esforço enorme para ficar ainda mais — ela também fosse uma vampira. Quem sabe, uma feiticeira? Seja lá o que isso for.

Brittany estava ofegante e com a aparência cansada, como se tivesse corrido uma maratona. Vestia um vestido de baile rosa, parcialmente desfiado nas pontas e cheio de pequenas pérolas. Olhou Sônia, aliviada como se tivesse acabado de encontrar a luz, e se aproximou dela.

— Ainda bem que te achei! — disse Brittany, recuperando o fôlego. Apoioiu-se na árvore teatralmente, ofegante.

— O que houve? — perguntou Sônia com reservas.

— Kelly...

— O que tem a minha irmã? — Preocupada, ela aproximou-se mais de Brittany.

— Ela tá machucada, acho que quebrou a perna. Vem...

Brittany pegou a mão de Sônia, puxando-a, fazendo que com a seguisse. Sônia correu ao seu lado, os problemas postos de lado. Ela podia ter quantas desavenças quisesse, mas amava a irmã. Ela pelo menos era honesta quando dizia que não gostava muito de como ela se portava. E honestidade, Sônia presava e muito. A maioria das pessoas não eram sinceras e deixavam as coisas em pratos limpos. Isso, contudo, nunca havia ficado tão claro quanto agora. As pessoas mentiam porque era mais fácil do que dizer a verdade, ou porque era o único momento em que a imaginação podia voar livre, sem represálias? Talvez mentissem para proteger a sí mesmas, ou para proteger quem não queria ser protegido.

Sônia podia tentar entender isso. Mas era ainda mais difícil de aceitar.

Correram pelos longos e escuros corredores da escola, a parte mais mal iluminada e que quase sempre estava vazio. O que Kelly fazia alí? Subiram escadas que Sônia não conhecia, nunca usara, mas eram do meso estilo que as outras. Degraus de mármore e corrimãos grossos, recém pintados de branco. Depois de vários lances, ela chegaram no último andar. Acompanhou Brittany até o final do estreito corredor.

Viu ela abrir uma porta de aço azul, revelando uma outra escada de degraus lascados. O espaço era muito estreito e íngrime. Tanto, que os braços desnudos de Sônia ficaram arranhados pelas paredes recobertas com várias camadas de cimento. Subiram e Sônia, de repente, se viu no terraço em que nunca estivera antes, pois não conhecia essa parte da estrutura da escola. Era plano e todo de cimento, as borda eram baixas e sem nenhuma grade de proteção. Estavam a quatro andares do térreo.

Sua morte virá de uma queda, sussurrou o vento frio batendo em seus braços machucados.

— Onde está Kelly, Brittany? — perguntou Sônia, olhando-a cheia de suspeita. Algo lhe falava para correr, mas seu lado ignorante a deixou com os pés plantados no chão.

Brittany se virou com a expressão confusa, olhando para os lados, como se tivesse acordado de um sonho. Seus olhos não paravam em um lugar fixo. Quando olhou para Sônia, perguntou :

— Onde estou?

— Como assim onde estou? Você me trouxe aqui! — disse Sônia impaciente. — Onde está minha irmã?

Palmas soaram ao redor, vindas de algum lugar atrás de Sônia. Ela se virou rapidamente, uma dúvida invadindo-a e espalhando uma corrente elétrica por seu corpo. Uma corrente assustadora e tensa. Um homem familiar estava apoiando parte de seu peso em uma bengala de madeira escura. Vestia uma roupa de alfaiataria com riscas na cor preta e um chapéu parecido. O bigode e o sorriso sarcástico lhe revelaram um nome.

Nicholas de LaDuque.

O coração de Sônia batia tão rápido que parecia audível na noite escura e subitamente silenciosa. Ao lado de Nicholas, uma garota baixinha e de cabelos curtos, mal cortados, estava encolhida no chão. Sua blusa e short pareciam finos demais para protegê-la do vento frio, logo ela tremia. Mas cada parte de seu pequeno corpo exalava medo. Medo de Nicholas. Ela segurava um giz na mão e olhava para Sônia com ódio. Por que?

— Brittany, querida, já pode ir. Parabéns pelo seu trabalho — disse ele, sorrindo malignamente, os olhos não passavam de uma chama. — Esqueça tudo o que viu e o que pensa que viu. Isso é uma ordem.

Brittany saiu correndo dalí, sentindo o perigo, rapidamente desaparecendo escada abaixo. Assustada, Sônia deu dois passos para trás, em falso. Como um borrão e em uma velocidade de milésimos de segundo, Nicholas estava atrás dela, segurando-a pelos braços fortemente.

— Calminha, querida. Não quer cair agora, certo? — perguntou ele. Uma gargalhada sombria ecoou no vazio. Sônia engoliu o bolo em sua garganta que parecia ter diminuído de tamanho.

— Era você. O Desconhecido que me ameaçava — conjecturou Sônia, a voz não passava de um sussurro falho e cheio de suspeita.

— Nossa. Agora que você descobriu? — perguntou Nicholas humoradamente sarcático.

Nicholas a empurrou, jogando-a no chão que arranhava sua pele conforme ela engatinhava para loge dele. Suas forças se esvaíram. Pôde-se ouvir quando o concreto rasgou a seda do vestido de Sônia, um corte pequeno. Mas o som era como se destruissem toda e qualquer esperança de permanecer viva.

— Agora, vejamos... Eu te liguei, você ignorou. Devo dizer que isso me magoou muito — disse ele, falsamente ofendido.

Sônia bufou. Agora que ía morrer, não faria mal fazer perguntas retóricas nem ser mal educada.

— O que você queria que eu fizesse?

— Atendesse — ele sugestivamente respondeu. — Uma pessoa educada atenderia.

— Um psicopata assassino não estava na minha lista telefônica — mangou ela.

— Hum, você tem o gênio dela — comentou, pensativo.

— Dela quem?

Nicholas andou lentamente, torturando Sônia com seus passos curtos. Ele parou quando ficou próximo a ela, olhando-a de cima e divertindo-se com isso.

— Não importa. Você não estará aqui para conhecê-la mesmo.

Sônia abaixou os olhos, encarando cada coisa ao seu redor. Aos pés da garota, um pequeno círculo fora desenhado no chão, provavelmente com o giz nas mãos da menina. Vários desenhos estranhos e eremitas estavam nas estremidades de um X grande na parte central da circunferência. E

no encontro das duas retas que formavam o X, uma foto fora colocada, com pétalas de rosa a rodeando. E quem estava na foto era a garota dos sonhos/pesadelos. Era... Blair. Encarando a fisionomia dela, Sônia ficou insegura. Ela era tão mais linda, de cabelos arroxeados e pele pessegosa. Os olhos... Por que os olhos dela eram tão parecidos com os seus?

— Por que você quer me matar? — perguntou Sônia, encarando Nicholas diretamente. Subitamente, ela não tinha certeza se queria saber da resposta. Seria por isso que seus amigos omitiram tantas coisas dela? Não. Não importava o quão duro fosse, ela precisava saber.

Ele não hesitou, despejando tudo de uma vez, sem prepará-la. E por que faria isso? Não se importava com ela.

— Porque quando você morrer, ela volta — respondeu ele, apontando para a foto. — Você está com a alma dela. E ela a quer de volta.

Você me roubou.

Sônia ofegou. Ela... voltaria? A garota realmente existia? Oh, não... Dave a amava. Dave, pelo menos, um dia amou Blair. Descrente, ela disse:

— Isso é impossível! Ela não pode viver sem alma! Está mentindo!

— Ah, como você é ingênua, garota! — vosciferou ele, como se tivesse nojo. — Eu não tenho alma! Sou um morto-vivo, um... vampiro — Nicholas sussurrou a última palavra como uma carícia.

— Vampiros não tem alma? — choramingou ela.

— Seu namoradinho, sim. Eu não. Por que acha que estou aqui? Dave já deveria tê-la matado! Mas como ele é um boboca apaixonado... — Teatralmente, Nicholas levantou os braços, indicando o ambiente e o nada ao mesmo tempo.

— O que? — sussurrou ela, chocada. Dave faria isso? Não... Não pode ser verdade.

Sônia já não sabia o que pensar. Dave poderia ter escondido segredos dela, mas ela sinceramente acreditava que ele a amava. Isso também era uma mentira? Ele também queria a morte dela? Nesse caso, como estaria viva até agora? Ele tivera inúmeras oportunidades de tirar-lhe a vida enquanto estiveram sozinhos, e nunca fizera mal a ela. Sempre gentil, sempre doce.

Sempre dizendo que a amava.

— Não acredito em você! Isso não faz sentido! Dave me ama, jamais me causaria mal algum — disse ela, colocando toda sua raiva nas palavras ditas com ferocidade. Nicholas ficou desacreditado ao ver que ela tinha coragem de lhe enfrentar. Mas claro...

— Ele é um monstro, Sônia — falou ele muito calmo. — O de seus pesadelos. Lembra-se? Quando você era criança, tinha suas premonições... Um vampiro a matava. Não sabe mesmo quem era esse vampiro? — disse ele em tom sarcástico e muito nebuloso.

Naquele momento, todos os seus sonhos ficaram nítidos e afiados como uma adaga. E o rosto de Dave em todos eles. Machucando-a, assustando-a...

— Você previa sua própia morte, Sônia. Isso que você tem não são surtos psicóticos, são imagens, sejam do seu passado ou futuro — explicou ele.

— Ainda não faz sentido — Sônia disse com a voz embargada, a visão embaçada de lágrimas. Seu coração era como um vidro, que de repente estava aos pedaços. — Por que ele me mataria?

— Por um único motivo: a srta. Marshall. Só por ela.

— Quem? O que ela tem a ver comigo? — perguntou confusa.

Nicholas suspirou. Impacientemente, ele explicou.

— A garota da foto. Aquela cujo corpo está sem alma por sua causa. Ela só vai acordar do sono de Pandora quando eu devolver a alma que está em você para ela.

— O que Dave tem a ver com Blair? — Sônia se perguntou se era ridículo ter um momento de ciúme quando ela estava a minutos de morrer.

— Dave a ama, Sônia. Dave ama Blair. Sempre amou e sempre amará — as palavras ditas por Nicholas a atravessaram, levando-a a um estado de topor sem tamanho definido. Sônia só se sentiu encolher no chão áspero do terraço. — Está quase na hora de morrer, querida. Vai acabar rápido. Eu prometo.

~•~♥~•~

Ele a olhava cheio de felicidade, a esperança ultrapassava todos os limites. A quanto tempo a esperava? Pouco lhe importava agora, logo o tempo já não significaria nada. Ela abriria os olhos e aquele esferas azuiz que ele tanto amava o deixariam encantado novamente. Ela o enfeitiçaria com sua ingênuidade, assim como na primeira vez em que a viu. A beleza atemporal brilharia como nunca, só para ele dessa vez. Dave jamais voltaria a vê-la. Ele se asseguraria disso.

O ponteiro do relógio continuou com seu tic-tac incessante e assíduo. Cada hora, cada minuto, cada segundo marcado pela batida ritmada e tediosa. A impaciência faz com que as coisas saiam mal feitas, mas Saulo não conseguia controlar a ansiedade. O tempo de espera durou demais, ele só queria por um ponto final naquele capítulo de sua vida e seguir em frente ao lado dela.

Esquecer que seu amigo o traíra, esquecer quem era e as coisas terríveis que fizera. A partir do momento em que Blair abrisse os olhos, ele seria outro homem. Ele seria quem ela queria que ele fosse.

Mas até lá, continuaria do jeito que estava — escostado na parede de pedra do quarto iluminado por velas e com uma foto de Sônia, que Nicholas lhe enviara, na mesinha de cabeceira. Um vento furioso invadiu o quarto neste instante.

Estava acontecendo.

~•~♥~•~

Com um aperto no coração, Dave subiu as escadas para o terraço com os feiticeiros ao seu lado. Acabara de esbarrar em Brittany, que lhe contara onde Sônia estava.

Naquele momento, pouco ligava se ela o odiava ou não. Focou em resgatá-la — era só o que importava. Ele sabia que Sônia era teimosa, sabia que ela era independente, mas a inexperiência diante desses assuntos a tornaria uma presa fácil.

Não podia deixar que nada acontecesse a ela, ou se martirizaria pelo resto da vida na morte.

— Não devíamos ter deixado ela ir! — reclamou Carrie. — Se eu soubesse que isso aconteceria, nem teria vindo aqui!

— A culpa não é sua, amiga — reconfortou Alysson. — Estávamos do mesmo lado o tempo todo e não sabíamos.

— Não! Eu não devia ter desconfiado de você!

— A preocupação lhe deixou alienada, desorientada. Não foi sua culpa.

Dave bufou.

— Precisamos mesmo discutir isso agora? — ironizou ele, irritado.

Passando pelo último degrau, ele viu a cena a sua frente. Não conseguiu controlar o ódio que o tomou. A borda vermelha surgiu ao redor de sua íris negra, as veias em seu cristalino ficaram mais proeminentes e a pele ao redor de seus olhos escureceu, ficando levemente acinzentada. Somente seus dentes não cresceram, pois ele não queria assustá-la ainda mais.

Mesmo assim, Dave parecia mais morto do que nunca.

Viu uma menina, com certeza uma feiticeira, invocando a natureza, para que esta levasse a alma de Sônia para aquela que dormia — Blair. Dave também viu Sônia próximo a Nicholas, encolhida no chão. Seus olhos não focavam em nada, seu vestido estava amarrotado e sujo de terra nas bordas. Ela chorava baixinho. Nicholas riu ao ver os recém-chegados.

— Ora, ora, ora. Quem veio nos fazer uma visita! Veja Sônia, seu namorado! — exclamou Nicholas sorridente.

Os olhos de Sônia focaram em Dave, percebendo pela primeira vez que ele estava alí. A tristeza era tão grande que ela nem se importou com a aparência dele. Porque a única coisa em que conseguia pensar era que ele nunca havia a amado.

— Sônia — sussurrou Dave, sorumbaticamente. — Meu amor...

Lentamente, Sônia sentou-se, sem nunca tirar os olhos de Dave. Magoada, sua voz se tornou um sussurro, um choramingo arrastado.

— Você mentiu pra mim — murmurou ela, acusando-o, ferindo-o. Os sentimentos dele já não importavam. Não quando os dela foram rasgados e jogados ao fogo.

— Eu não podia contar — sussurrou ele. — Eu não sabia se você estava pronta pra saber... Eu fui egoísta porque não queria que me olhasse com medo do que eu sou... Sinto muito, Sônia.

— Você nunca me amou — acusou ela.

Dave ficou chocado. A descrença contornou suas feições, moldando seu rosto. Como ela podia dizer uma imbecilidade daquelas quando tudo o que Dave fazia era amá-la?

— Você pode dizer o que quiser de mim, mas nunca, nunca diga que não a amei! — exclamou Dave, surpreso com a conclusão a que Sônia chegara.

— Se isso é verdade, então me diga Dave; quem é Blair? — perguntou ela, calma demais, com a voz triste, quase sem som, os olhos mortos o olhavam fixamente.

Franzindo a testa, Dave olhou para Nicholas. Levando em conta os sonhos que Sônia afirmara ter, ele de repente percebeu que ela já conhecia a verdade. Já sabia porquê estava marcada para morrer. Já sabia que ela não era a única.

— Como sabe disso?

— Quem é Blair, Dave? — repetiu ela, mais firme, com raiva.

— A mulher que amei — Dave praticamente forçou as palavras a saírem. Abaixou os olhos, olhando para uma falha no chão. Sentiu Carrie ficar mais próxima, porém não tanto, reconfortando-o silenciosamente.

— Você ainda a ama, Dave? — Sônia indagou.

— Não sei — suspirou ele, caindo de joelhos, sem forças para ficar de pé. Alysson se ajoelhou ao seu lado e apertou seus ombros, encorajando-o.

— Precisamos salvá-la, Dave — disse Alysson em seu ouvido.

— Temos que agir e rápido. A meia-noite está chegando e a troca de almas será realizada — completou Richard.

— Temos que parar a garota — disse Carrie, olhando para a pequena feiticeira.

Dave olhou para Sônia e perguntou:

— Você confia em mim?

Ela pareceu pensar por um minuto e, contraditoriamente, ela assentiu. Pelo menos isso, ela ainda dava a ele — confiança.

Sônia se perguntou o quão estúpida podia estar sendo. Ora, ele viajou quilômetros para matá-la! E apesar dessa certeza, sabia que podia colocar sua vida em suas mãos. Era a melhor escolha que tinha, senão a única.

Olhando Nicholas mortalmente, Dave ficou de pé e se dirigiu a ele.

— Pare com isso imediatamente — ordenou com a voz fria.

— É tarde demais. Saulo e a feiticeira que ele contratou já começaram o ritual e a minha parte já está para ser cumprida — disse Nicholas com um sorriso.

— Eu vou derrotar você.

— Já deveria saber que uma pessoa como eu nunca está sozinho. — Nicholas deu as costas para Dave, o que era um erro enorme nas preliminares de uma luta. — Venham vampiros! Venham proteger sua deusa!

Vindo das sombras, um grupo de vampiros surgiu, cercando-os ameaçadoramente. Fizeram um círculo ao redor dos feiticeiros, deixando-os longe da batalha que Dave e Nicholas travariam. A mensagem que queriam passar era clara: quem ousasse interferir não sairia vivo. Eles eram cinco — todos homens grandes e fortes. Ficaram parados, mas atentos.

Joseph fez o primeiro movimento. Manipulando a magia, conseguiu fazer com que pedaços de madeira se desprendessem das árvores, lançando-os para seus inimigos recém-chegados. Os vampiros conseguiram se desviar da maior parte das lascas de madeira, porém alguns foram atingidos. Contudo permaneceram de pé, fechando o círculo ainda mais. Partiram para o contra-ataque.

Alysson construiu uma parede invisível, mantendo os vampiros do lado de fora. Mas ela não aguentaria por muito tempo.

— Vamos, Dave! Mate-o e tire Sônia daqui! Vou atrasá-los — gritou ela. — Depressa!

Dave sabia que Alysson estava certa. Então, fez menção de partir para cima de seu inimigo, mas o sorriso de satisfação no rosto de Nicholas o deteu. O que estaria tramando?

— Dave, seu eu fosse você, me ocuparia com outras coisas — gargalhou Nicholas. Ele olhou para Sônia e continuou: — Querida, sabe o que fazer!

Dave virou repentinamente, e viu Sônia na beirada do terraço, olhando para baixo. Não percebera quando ela se levantara e esse fora seu erro. Mais um para sua não estimada coleção. Ela iria pular. A guinada que o coração de Dave deu era mais rápida do que o galope de um corsel.

— Não! — gritou. — Nicholas, o que fez com ela?

— Só disse a ela o que fazer. Não que ela já não soubesse, pois eu a avisei que morreria de uma queda terrível.

— Colocou imagens na mente dela — conjecturou. Dave queria ser rápido e puxar Sônia da beirada, trazendo-a para a segurança de seus braços, mas temia que Nicholas fosse ainda mais

rápido e a ordenasse pular.

Tudo o que Nicholas fez foi dar de ombros e dizer

— Um vampiro tem armas para usá-las. Que graça teria se eu não fizesse uso delas.

Enfurecido, Dave disse:

— Sabe que vou salvá-la.

Nicholas riu alto. Sua gargalhada ecoou pela noite quase sem lua. Até mesmo ela teria ficado assustada pela sua pervecidade?

— É o que veremos, Dave, meu caro. Pule, Sônia!

— Não! — gritou Dave novamente.

Ele correu para salvá-la, mas Nicholas o prendeu com uma chave de braço, sufocando-o. Dave lutou, mas naquela posição, estava em desvantagem. Não podia ficar alí. Contorcendo-se, tentou girar para derrubar Nicholas, mas não adiantou. Seu pé estava sem apoio e vampiros não podiam voar.

— É tarde demais — murmurou Nicholas.

Não, choramingou ele internamente. Ela está bem. Tem que estar.

— Por que está fazendo isso? — sussurrou ele, cheio de ódio, ainda tentando se libertar e correr para ver como Sônia estava. De cabeça abaixada, pôde ver Carrie dando uma voadora em um dos vampiros inimigos. Richard lutava com um grandão e musculoso. Usando seus poderes, ele o derrubou e usou uma estaca estrategicamente guardada na parte de trás de sua calça, sob o paletó que vestira para o baile. Joseph também lutava, e muito teatralmente, como se estivesse fazendo a tarefa mais fácil do mundo. Não viu Sônia em parte alguma.

— Por trás de cada torturador, existem uma alma torturada — sussurrou Nicholas, perdido em pensamentos. Depois pareceu acordar. — Só que eu não tenho alma.

— Sua alma já está no inferno — disse Dave, aproveitando-se de sua distração para tacar o cotovelo no rosto de Nicholas, derrubando-o no chão e deixando-o desnorteado. Pisou na garganta dele, prendendo-o ao concreto. Pegou a bengala de madeira que estava caída próxima dele e quebrou-a ao meio. Enfiou-a no coração de Nicholas de uma vez, em seguida, puxou-o pela gola da blusa e o mordeu, envenenando seu corpo. — E agora seu corpo vai definhar, como a casca vazia que é.

Nicholas se contorceu, não acreditando que havia sido pego. E então, ficou imóvel com os olhos sem foco, esbranquiçados. Sua pele murchava e enrrugava rapidamente, seu cabelo perdera a negritude, ficando prateado e fino. Sua boca ficou mole, caída. Sem dentes, sem vida.

Dave soltou o corpo morto de Nicholas que lentamente se desfazia, virando pó e sendo levado pelo vento. Ele correu para a beirada, agarrando-se a esperança de que Sônia estava pendurada em um dos parapeitos da janela. Mas ela não estava pendurada.

Estava flutuando.

Sua expressão era confusa e assustada, exatamente como Dave. Então, em um surto de entedimento, ele olhou para trás.

Alysson estava de olhos fechados e caída no chão, a mão estendida como se segurasse alguma coisa. Carrie estava segurando uma balestra, seja lá de onde ela havia tirado isso, de modo que só um vampiro restava e este estava nas mãos de Richard enquanto Joseph lhe enfiava uma estaca no coração. Os inimigos morreram. E a menina feiticeira estava desmaiada. Algum dos feiticeiros,

provavelmente, era responsável pela inconsciência da garota.

— Alysson, acha que consegue jogá-la para cima para que eu possa pegá-la? — perguntou Dave, olhando desesperado para Sônia.

— Sim — respondeu ela, e começou a murmurar palavra em latim, desenhando algo impreciso no chão com sua mão, Com certeza, mais um dos desenhos de feitiços. — Tem certeza que pode pegá-la?

— Jamais a deixaria cair.

Lentamente, Sônia voou para cima, chegando na beirada do terraço, próxima o suficiente para que Dave pudesse pegá-la e envolvê-la com seu braços. Ela chorou em seu peito. Agarrando sua camisa, ela o trouxe para mais perto.

— Vai ficar tudo bem agora — disse ele, com o tom de voz definitivo.

Capítulo 13

Revelações

"Mas você não é inimigo e nem amigo,
embora eu não consiga te deixar ir."
Gravity - Sara Bareilles

O ódio encheu seu coração quando o relógio acusou que a hora já havia passado a muito tempo. Uma da manhã, e ele continuava sem dormir. Seus olhos estavam meio mortos, sem brilho, sem a chama de esperança que tivera momentos antes. Olhava para Blair com pesar e se perguntava quando deixaria de ser castigado.

Porque para ele, aquilo era um castigo. A maior de todas as punições. Perdera a única coisa que queria. A única que vinha buscando durante anos.

Deveria ter previsto que não seria tão fácil. Dave faria de tudo para impedir. Então, talvez devesse ter pensado em parar Dave primeiro. O mundo seria tão melhor para Saulo se ele morresse. Morresse para nunca mais voltar. Desse modo, não poderia reinvidar o coração de Blair, nem impedi-lo de fazer o que bem entendesse.

E Nicholas não atendia o celular para lhe dar explicações. Como o porquê de Blair não ter acordado. O que teria acontecido exatamente? Precisava saber da história, dos culpados e punir o incompetente do LaDuque. Bêbado, jogou a garrafa que segurava na parede do outro lado do quarto. Ela se espatifou e respingou no fogo da lareira que Saulo havia acendido.

Tanto que havia sonhado! Tanto que havia esperado! E agora, tudo estava acabado pelo egoísmo de seu ex-melhor amigo. Por que Dave não podia simplesmente deixar que Saulo encontrasse a felicidade pela qual ansiava a muito? Era tão errado assim lutar com todas as armas para que ele

encontrasse o que nunca possuiu?

Ergueu a mão, fazendo com que uma chama se desprendesse do fogaréu. Ela flutuou até suas mãos como se a gravidade nada significasse. Que maneira deprimente de se vingar... O fogo era igual a ele — destruidor e consumista excessivo, alimentando-se da vida dos outros. Tantas coisas em comum! O fogo, porém, não sofria por amor — era o que acreditava. Mal sabia ele que quando conhecesse Sônia em um futuro próximo, ela poderia fazer-lhe mudar de ideia.

O grito desesperado que ele deu não pertubou Blair nem um pouco. Ela dormia alheia a tudo. Saulo estava sozinho, abandonado, e nem podia sair para matar alguém.

Só por uma noite, pensou. Só por uma noite, e depois eu vou dar motivos à natureza para ela me castigar. Quantas pessoas precisarão morrer para isso? Quantas vidas valem o fato de que acabo de perdê-la novamente?

Ele sorriu ameaçadoramente, enquanto olhava a vila além da muralha, onde vários humanos viviam suas vidas chatas e tranquilas. Já sabia o quão ruim deveria ser.

~•~♥~•~

Sônia sentiu o solavanco do carro quando Dave parou em frente a casa dele. Teria vindo com seu Mustangue, mas dúvidava das própias condições de dirigir. Se morresse em um acidente, jamais saberia das explicações e esclarecimentos que seus... amigos... tinham para dar-lhe. Estava cheia de olheiras sob os olhos, não dormira bem noite passada. E como poderia depois de tudo o que acontecera? Nem mesmo disposição para sorrir ela tinha. Todo seu mundo havia desabado e os muros que construíra para proteger a sí mesma se mostraram tão úteis quanto uma porta aberta.

O dia estava se esvaindo, já passava das quatro da tarde. Mais a frente, o sol se punha, deixando um matiz de infinitas cores derivadas do vermelho no céu. Sem dúvida, um perfeito entardecer. Parecia tão lindo e romântico, mas o clima pesado dentro do carro contribuía para que Sônia sentisse o oposto. A mudança do dia para a noite parecia muito espledoroso para Sônia, quando criança, e agora, ganhara conotações diferentes. Os monstros saem a noite.

Dave desceu primeiro e deu a volta no carro, abrindo a porta para ela e lhe estendendo a mão. Ele abaixou os olhos para as própias mãos em seu colo. Com um suspiro, Sônia desceu, recusando a mão de Dave e passando a alça de sua bolsa sobre a cabeça, já andando rumo a porta de entrada.

O jardim se estendia uns cinco metros a sua frente, sendo dividido ao meio por uma passarela de concreto com degraus longos verticalmente. Ela subiu-os, com Dave seguindo-a, e parou na varanda da casa. O jardim era lindo e cheio de rosas, lírios e suas amadas orquídeas.

Ele morava em um bairro afastado, poucos vizinhos, já que as casas alí eram mais caras e a maior parte da população não tinha dinheiro suficiente para comprá-las. A fachada era de um verde água lindo, simples e discreto, o que era surpreendente. Dois andares e um terceiro para o sótão, com portas de madeira escura bem trabalhadas e janelas de vidro fumê. Não parecia grande por fora, mas agora Sônia sabia que as aparências enganavam melhor do que ela pensava.

Sem dizer uma palavra, Dave colocou a chave na porta, abrindo-a e dando espaço para que Sônia entrasse. Com os olhos baixos, ela assim o fez. O piso era linóleo, liso e bem colocado. A sala era ampla e clara devido as grande janelas de vidro no fundo, com as cortinas creme recolhidas. A parede era de um verde folha mais escuro, e combinava bem com o acabamento de gesso branco na

arestas do teto. Um lustre oval também iluminava a sala.

Havia dois sofás creme, um de frente para o outro onde Alysson estava sentada de um lado e Karina estava sentada com Carrie do outro. Joseph ocupava um das poltronas com estofado, enquanto Richard permanecia em pé, no fundo da sala, a expressão tranquila e neutra, olhando para o quintal de grama verde logo depois das janelas de vidro. Entre os dois sofás, uma mesinha de centro com tampo de vidro e um jarro de flores de cinco pétalas na cor roxa. Uma televisão grande de plasma na parede, com um pequeno rack a baixo dela com aparelho de som e dvd completava a mobília da sala, fora um pequena estante de livros ao fundo do lado direito.

Sônia ficou em pé onde estava, olhando cada uma das pessoas presentes e sentindo que Dave parou ao seu lado.

Para esse confronto, Sônia escolhera uma calça jeans skinny confotável, uma blusa rosa bebê e mais um de seus moletons escuros com capuz para o caso de precisar esconder seu rosto ao andar na rua. Prendera seu cabelo na nuca, deixando seus cachos de lado novamente. Mas não se importara de esconder a expressão decepcionada em seu rosto para seus "amigos". Ela estava magoada e entristecida por causa deles, pois então que soubessem disso.

— Onde estão Emily e Kevin? — perguntou ela com a voz rouca.

— Em casa — respondeu Karina, calma e serena, mas com o olhar muito sério. — Ele não sabem de nada disso.

— Hum! Pelo menos dois se salvaram — comentou ela, sarcástica.

— Por favor, Sônia, sente-se. Precisamos conversar — pediu Dave com delicadeza.

Sem olhar para ele, ela se sentou no extremo do sofá que ficava a sua direita, o mais longe possível de Alysson e do lado oposto a Carrie. Colocou as mãos no colo e já se preparava para dispejar um torrencial de perguntas.

Dave se sentou em uma poltrona, o mais longe possível dela, porque ele sabia que era assim que ela queria.

— Antes de explicarmos e antes de fazer suas perguntas, eu queria saber se está mesmo disposta a ouvir tudo agora e se pode manter sigilo sobre isso — disse ele, encarando-a fixamente com a testa franzida.

Sônia não precisava pensar para responder a esta pergunta, porque ela mesma já se indagara quanto a isso.

— Eu quero saber de tudo o que puderem me contar hoje, chega de segredos. Estou cansada de ficar no escuro o tempo todo enquanto vocês ficam falando a respeito de mim, sobre minha segurança e não me deixam saber de nada — disse ela. Seus olhos já possuiam lágrimas, mas estas não caíram e sua voz se manteve firme. — E... eu não vou contar a ninguém. Minha mãe já me acha meio louca, não preciso dar motivos para ela me internar.

Isso aliviou e murchou o coração dele ao mesmo tempo. Era agora, o momento que ele adiara enquanto possível e que tanto temia.

— Obrigado — Dave suspirou. Respirou profundamente para encorajar-se. — Por onde começamos?

— Que tal pelo começo? O que vocês são de verdade? — Sônia soltou o gatilho mentalmente, acertando o alvo que se expandiria formando ondas, como o som quando tocava a superfície da água. E cada uma das ondas seria um segredo revelado, uma pergunta respondida.

— Eu e Karina... Nós somos vampiros. Moramos na Europa. Eu nasci na França e Karina nasceu na Alemanha, o que hoje é a Polônia depois da Primeira Grande Guerra. A sua amiga, Carrie, também é uma vampira, mas só a conhecemos agora, muito recentemente para falar a verdade.

Sônia desviou os olhos de Dave e olhou para a melhor amiga. A pergunta estava tão evidente em seus olhos que ela nem precisou pronunciá-la.

— Eu venho de uma linhagem de vampiros. Eu era humana até sete meses atrás, quando completei dezessete anos. A partir daí, me corpo começou a mudar. Eu tive que partir para aprender mais sobre mim mesma. Eu só tinha a minha mãe, ela cuidou de mim até que a hora certa de me transformar chegou. Eu aprendi o que podia fazer, o que me limitava... E então eu morri, acordei e voltei pra cá — explicou Carrie. — Agora, eu espero ela voltar. Essa parte sobre ela estar viajando não é mentira.

— Pensei que tivesse ido fazer um estágio com meu pai — acusou Sônia.

— E de certa forma, eu fui.

— Então você aprendeu a ser... vampira... e cuidar dos negócios empresariais? É isso? — debochou.

— Não. Você não entende…

— Então porque não me explica? — Sônia fez um esforço tremendo para não soar impaciente. Não funcionou muito.

Carrie a encarou simplesmente, serena, porém trasparecendo seriedade. Sabia exatamente o que falar.

— Não posso falar nada quanto a seu pai e esses sete meses que estive longe. Essa parte não cabe a mim dizer — avisou Carrie calmamente. — Pergunte a seu pai.

Sônia suspirou irritada, mas aceitou o concelho de Carrie. Em seu pai, ela confiava. Procuraria um meio de conseguir falar com ele e então ele muito educadamente lhe responderia, dizendo a verdade que sabia que ela precisava ouvir — era o que esperava. Engolindo o bolo na garganta, ela olhou para Alysson que a observava com pesar e culpa.

— E você? É vampira também? — perguntou Sônia.

Alysson pareceu ligeiramente ofendida.

— Não. Sou uma feiticeira.

— E o que é isso exatamente? — Pronunciando as palavras muito lentamente, Sônia se acomodou no sofá, de modo a ficar de frenta para Alysson.

— Manipulo magia, dependendo das fases da lua ou do sol. É algo complexo e potencialmente complicado. São muitos os feitiços e muitas as maneiras e quebrá-los. Existem as consequências, os efeitos colaterias... As regras também são muitas — respondeu, enquanto uma de suas mãos faziam cachos em seu cabelo.

— Que tipo de feitiço?

— É possível fazer feitiços de proteção como o que está no seu colar, — falou Alysson apontando para o pescoço de Sônia — ou ter domínio de algumas coisas como os pedaços de madeira que Joseph lançou contra os vampiros noite passada. Existem de suspensão, levitação e sustentação como os que usei para evitar que você se estabacasse no chão — disse ela propositalmente. — As opções são infinitas.

Sônia tocou o própio colar, sentindo afeto pela sua amiga naquele momento, além da raiva

contida. Ela estava se gabando, ou mostrando que ela não tinha direito de ficar tão brava? Alysson sempre teve um meio estranho de fazer com que as pessoas enchergassem o que deveriam ver.

— Proteção?

— Sim — confirmou Alysson com um sorriso. — Este colar evita que as pessoas te machuquem. Se alguém atirasse contra você, a bala pararia a dois centrímetros da sua pele. Se tentassem te bater, sentiriam os própios ossos da mão serem esmagados... e por aí vai. É como se um muro invisível a cercasse.

Os muros que Sônia construíra deveriam proteger seu coração das dores que ela agora sentia. Mas ouvir que havia um muro de verdade ao redor dela, protegendo sua vida, podia ser bastante confuso.

— Não evitou que eu me... atirasse do terraço noite passada — comentou Sônia curiosa, e com um pouco de suspeita talvez.

Sua amiga pareceu estar procurando as palavras certas para, muito pacientemente, explicar a mecânica da mágica empregada no colar.

— Esse colar funciona como um casulo. Mantem todo o perigo do lado de fora, mas não evita que você se machuque sozinha. Ele também não evita que algum vampiro tente controlá-la, o que a deixou correndo sério risco. Nem mesmo a magia é perfeita. Tem que haver brechas para tudo — disse Alysson, tentando fazer com que Sônia compreendesse.

— O.k.. Também tenho que perguntar ao meu tio sobre o tempo que você esteve fora? — indagou Sônia, arqueando a sobrancelha.

— Eu mesma digo — Alysson sorriu. — Eu fui para um Centro de Concentração, um lugar onde feiticeiros treinam para lutar contra vampiros.

Sônia ofegou.

— Lutar?

— Sim. Existe uma rixa antiga entre nós e eles — disse Alysson apontando para os três vamliros presentes na sala.

— Se é assim... Então porque...

Dave não deixou Sônia terminar, porque já sabia a pergunta que se passava em sua mente. Por mais estranho que parecesse, ele a conhecia.

— Tudo se resume a você — disse ele. — Essa parte em especial, eu lhe explico depois. Envolve algo mais complexo e complicado. Há tanto a dizer...

— Tudo bem. — Podia aguardar mais alguns minutos para enfim, saber do grande segredo que escondiam dela. Sabia que tudo isso ía muito mais longe do que o fato de Dave, Karina e Carrie serem vampiros, assim como Alysson e seus amigos serem feiticeiros.

Sônia parou de perguntar por uns minutos, e Dave se levantou, desaparecendo na cozinha que ficava a esquerda da porta de entrada, antes de uma escada de madeira com detalhes em ferro. Ele voltou, trazendo um copo de água nas mãos e o entregou a Sônia.

Ela entendeu o que ele não quis dizer em voz alta — que não importava se ela ainda o amava ou não, ele sempre cuidaria dela.

O coração de Sônia se aqueceu no mesmo instante.

— Obrigada — agradeceu ela, sorrindo para Dave pela primeira vez desde que descobrira aquela confusão.

— De nada.

Ela tomou um longo gole de água, percebendo só então o quanto sua garganta estava seca. Dave voltou a se sentar em sua poltrona, mas Sônia já não sabia se o queria tão longe assim.

— Voltando aos... vampiros — ela não se sentia muito a vontade dizendo a palavra, agora que sabia da verdade. — O que vocês podem fazer?

Ela olhou para Dave e viu em seus olhos que ele estava parcialmente relutante.

— Temos força, agilidade e velocidade, o que é ótimo quando estamos em uma luta. São nossos mecanismos de defesa — disse Dave.

— Também possuímos sentidos mais apurados do que os de um humano. Isso serve quando estamos caçando, nos ajuda a enchegar se estivermos no escuro, ou ouvir melhor em um ambiente barulhento — completou Karina simplesmente, sem dirigir um único olhar para Sônia. Naquele momento, ela lembrava Kelly pela sua postura.

— Tem umas coisas bens legais — disse Carrie levemente distraída. — Quando eu estava presa — ela olhou Joseph mortalmente — eu consegui controlar uma pantera, para que ela enfraquecesse a madeira da porta e eu pudesse sair. Também se pode apagar a memória de um humano, caso ele veja algo que não deva. Isso acaba salvando a vida dele — riu ela. — Claro que isso só acontece se o vampiro tiver muita paciência.

Sônia sentiu o própio coração dispara a partir do momento em que a amiga começou a falar de assassinatos. Sua respiração saiu entrecortada. De repente, parecia muito difícil se manter parada.

— Vocês matam pessoas? — gaguejou ela.

— Temos que sobreviver de algum jeito — disse Karina, encarando Sônia seriamente.

Raiva cresceu dentro de sí. Não parecia justo que eles fizessem o que bem entendessem.

— Mas estão tirando a vida de alguém! Isso... não pode ser certo.

Sônia sentiu o choque no própio rosto, os olhos voltaram a se encher de lágrimas que ameaçaram seriamente a cair. Não! Não demonstraria fraqueza. Eram eles que estavam na berlinda, não ela.

— Não venha me dizer que não é certo. É a cadeia alimentar! Vocês achavam que estavam no topo, não é? Bom, agora sabe o que uma vaca sente quando vai ser abatida — retrucou Karina.

— Eu estou pensando seriamente em virar vegetariana — devolveu, com todo o choro contido e deixando a raiva aparente. Mostre a face certa, disse a sí mesma. Agora, ela mesma usava uma máscara. Odiou-se por isso.

— É por isso que alguns vampiros que tem alma não matam vegetarianos, um senço de justiça que sobreviveu — falou Dave, calmo.

— Quantas pessoas você já matou?

Essa pergunta tirou a serenide e imparcialidade de Dave.

— Quantos bifes você já comeu? — devolveu ele.

Sônia ofegou, desacreditada.

— Acho melhor mudarmos de assunto! — decidiu.

Alguém bufou.

— Nossa, nao era você quem queria saber de tudo?

— Menos, Karina! — repreendeu Dave.

Karina se calou, emburrada

— O que mais vocês podem fazer? — perguntou Sônia, colocando a questão alimentícia no topo

do tópico de assuntos a não serem discutidos naquele dia.

— Não muito, o mais básico é isso. Acho que somente o controle do fogo... Essa parte é meio estranha, mas é como se o fogo não pudesse nos ferir. Podemos segurar as chamas com as mãos. É tão legal! — exclamou Carrie. Karina revirou os olhos. Carrie continuou mais séria. — E então entra o departamento do que nos afeta.

— Expliquem.

Dave soltou uma gargalhada maravilhosa e disse:

— Esta é a parte dos mitos. As lendas dizem que somos queimados pelo sol, que alho, estacas de madeira e cruzes são prejudiciais. A parte da estaca e do sol é verdade, mas com uma excessão: os vampiros que possuem alma não podem ser queimados pelos raios UV, só um leve desconforto na retina, nada demais. — Dave deu de ombros.

— Então está dizendo que se um dia eu jogar um pedaço de alho em você, não vai acontecer nada? — brincou Sônia. A essa altura, ela estava quase aceitando tudo.

— Ei, eu nao disse isso! — falou Dave sério, mas havia um brilho brincalhão em seus olhos. — Eu vou jogar o alho de volta em você.

Todos riram, menos Karina, claro.

— Acho melhor eu não fazer isso, então.

— Água benta também não funciona, certo? — perguntou Alysson. — Somente água enfeitiçada com veneno de vampiro que nós, feiticeiros, fabricamos conseguem algum enfeito.

— Vejo que te ensinaram direitinho — disse Karina em tom de deboche.

Dave ficou sério, pensativo. Olhou Sônia com um misto de hesitação e medo nos olhos. Perguntou-se se ela estava entendendo, se estava aceitando tudo aquilo. Perguntou-se se ela ainda o amava, ou se ele deixara de significar algo na vida dela...

E também, como ficariam depois que tudo fosse esclarecido.

— Sônia — chamou ele. — Está na hora.

Ela respirou fundo e assentiu. Seu pulso estava acelerado quando se levantou, colocando o copo vazio que segurava na mesinha de centro e seguindo Dave para uma porta escondida atrás da escada. Seus amigos não a seguiram, pois aquela era uma conversa particular. Quando ela entrou, viu um escritório enome, repleto de livros por todos os lados em estantes muito altas. Aquela parte em particular do imóvel deveria se elevar até o segundo andar da casa, por conta do teto alto e da escada em espiral que levava para a parte de cima, como as bibliotecas antigas.

Uma mesa de madeira escura estava colocada perto da janela de vidro semi-trasparente, ainda com vista para o quintal. Um notebook em cima da mesa, fechado, cadernos, anotações, um telefone sem fio... e uma foto de Sônia com Dave que tiraram no cinema. Ela sorria abraçada a ele. Eram tempos melhores, como se toda uma vida tivesse passado em poucos dias.

Tanto havia mudado... Acontecera o mesmo com o amor que ela costumava sentir? Seus sentimentos agora eram outros? Não tinha certeza se a resposta para essa pergunta era um sim. Mas algo havia mudado, definitivamente.

Dave indicou um sofá preto de couro macio para que ela se sentasse, e ela assim o fez. Dave se contentou em ficar encostado na mesa.

Com um suspiro, ele disse decidido:

— É hora de falarmos sobre Blair.

Sônia suspirou, mas estava pronta para ouvir tudo o que Dave tinha a dizer. Assentiu, incentivando-o.

— Para você entender, terei que lhe contar desde o começo. Desde quando nasceu o primeiro vampiro. Terei que lhe contar sobre a primeira vida de Anita...

EM ALGUM LUGAR DA ITÁLIA - SÉC. XI

Anita caminhava pela trilha, no meio de um bosque maravilhoso. O sol fora barrado pela copa das altas árvores, deixando o ambiente luminoso e agradável. Os raios que penetravam pareciam querer tocar sua beleza. Os reflexo azulado de seu cabelo negro parecia brilhar, como uma aura que a envolvia. Vestia seda preta, reforçada com um molde de broze escuro acima da cintura, feito para sua proteção, semelhante a vestimenta dos gladiadores. Uma armadura.

Os botões de rosa desabrochavam sob seu toque cálido, a magia fluindo de suas mãos, fortalencendo e auxiliando a mãe natureza. Tudo estava em eu seu devido lugar.

Foi então que tudo mudou.

Um gemido chegou a seus ouvidos e a deixou alerta. A floresta estivera silenciosa até aquele momento, exceto pelos pássaros. Fazendo o máximo de silêncio possível, Anita seguiu os sons dolorosos e contínuos.

Eles pertenciam a um homem jovem, que estava ferido gravemente — provavelmente não sobreviveria, pelo modo como respirava com dificuldade. Um animal estranho e que Anita jamais havia visto, se alimentava do sangue que saia da ferida no pescoço do pobre homem. A criatura tinha pelo escuro, preto, e anatomia semelhante a de uma pantera ou jaguar.

Os olhos do animal eram de uma estranha mistura de vermelho coral e bordô, simplesmente deslumbrante, porém aterrorizador. Eles captaram a imagem da deusa — ouvira sua aproximação.

Anita reparou que havia uma estaca de madeira enfiada no pescoço do animal, e quando ele retesou os músculos e se preparou para correr, um filete de sangue caíra sem querer na boca do pobre homem. A criatura não atacaria Anita, sentia o poder que irradiava dela, sabia que ela era uma deusa. O respeito fez com que se afastasse.

Ela ajoelhou-se ao lado do rapaz ferido e suavemente acariciou-lhe a testa.

O tempo passou.

As feridas que o homem possuía começaram a se fechar lentamente. A criatura já havia fugido a muito tempo e Anita se sentara ao lado do moribundo. O sangue que caíra em sua boca o curava ao mesmo tempo que o matava. Ele estava infartando e sequer percebia, devido a sua inconsciência.

Anita ficou com ele até que ele morreu. Seu coração agora, só batia por bater e manter seu sangue circulando em suas veias. Eleabriu os olhos para sua nova vida na morte.

Ele era um vampiro.

— Então, foi assim que nasceu o primeiro vampiro? — perguntou Sônia, cheia de curiosidade e fascínio.

— Sim — confirmou Dave.

Sônia franziu a testa e tentou imaginar, mas não conseguiu ir muito além. Sua mente ainda processava as palavras de Dave.

— Mas não vejo o que isso tem a ver conosco, com Blair e com o fato de você ter pensado em me matar — disse ela, com certa dificuldade em finalizar a frase. Sua voz falhava levemente.

Dave suspirou, continuando a história como se Sônia não tivesse falado. Sabia que ela não gostava de ser ignorada, mas logo respoderia sua pergunta.

— Anita cuidou daquele homem, deu seu sangue a ele. Não percebeu, mas a medida que ele se alimentava do sangue da deusa, ele recuperava a humanidade que havia perdido durante a transformação. Tornou-se mais gentil e afetuoso. Com o passar do tempo, ganhou a capacidade de amar.

Ela suspirou.

— É assim que conseguem a alma?

Dave assentiu.

— Sim, é precisso beber o sangue da deusa Anita. Continuando... O homem, ganhando a capacidade de amar, acabou se apaixonando por uma moça jovem que conhecera em um povoado qualquer. Eles se encontravam as escondidas, sorrateiramente, e certo dia, ela descobriu o que ele era. Não reagiu bem quanto a isso... Fugiu apavorada, a coitadinha. E então, com as constantes visitas por parte do vampiro que tentava se explicar, ela se matou. Não aguentou as inúmeras tentativas que ele fazia para vê-la, e este não a escutou quando ela pedira para deixá-la em paz. Temia que ele a raptasse e obrigasse a viver com ele. Antes a morte definitiva do que se tornar um monstro... — Dave não conseguiu continuar, preso aos própios sentimentos. Odiava ser o que era. Odiava a sí mesmo por ser uma criatura sombria que ansiava pela morte alheia. Sônia tinha razão ao querer manter certa distância, percebeu ele.

— Que horrível! — exclamou Sônia horrorizada com a história contada. Não viu como os olhos de Dave perderam o foco momentaneamente. E então olhou para ele, esperando que continuasse.

Antes que Sônia estranhasse seu silêncio, Dave voltou a sí.

— Ele ficou furioso, matou vários inocentes para tentar estravasar a dor que o consumia tão furiosamente, esquecer a mulher que havia amado e perdido. Acabou ferido pelos aldeões. Estacas de madeira, fogo e tridentes foram jogados contra ele. A irmã da mulher que ele amava o ajudou a fugir, talvez ela fosse apaixonada por ele, ou era só pena mesmo... A história é antiga, muita coisa se perdeu... Ela bebeu o sangue que saía pelos ferimentos, o que deve ser muito nojento para um humano. Acho que ela era louca, se quer minha opnião — Dave riu para descontrair, deixar o ambiente mais leve. — Bom, existe a possibilidade de ter se sentido atraída pelo odor... Você não conseguiria imaginar o quão tentador pode ser o sangue de um vampiro para um humano. É como se entrassem em um estado de tranze. Como se a natureza os obrigasse a provar do líquido proibido. Ela teve uma ataque cardíaco na hora. Morreu e sobreviveu à morte. Foi assim que se descobriu como se transforma um ser humano em vampiro.

Sônia ofegou, surpresa. Era muita informação em período curto de tempo, mas ela conseguia assimilar lentamente, uma por uma. São tantas ondas... Olhou para Dave, pedindo silenciosamente que continuasse. Ele atendeu seu pedido.

— Começou uma epidemia em massa. Em meses, vários vampiros foram criados. Milhares, aos montes. Imagine um vampiro criando dois, e cada um deles criando mais dois... Eles se alimentavam desenfreadamente, sem pudor ou restrição. Os deuses resolveram interferir. Hugo, o irmão de Anita criou os feiticeiros, para dizimarem os vampiros. Sabe, feiticeiros são uma cópia mais fraca de um

deus, com habilidades semelhantes. Anita resolveu interferir nos planos de escravização dos "seres sugadores de vida". Construiu uma Muralha para que os vampiros se refugiassem e nomeou o homem que ela havia ajudado como Imperador que deveria controlar os vampiros que ele mesmo ajudou a criar. Agradecido, ele seguiu as ordens dela. Anita lutou contra o própio irmão para nos proteger, e ambos morreram em combate. Agora, de vez em quando ela volta, reencarnada no corpo de uma humana. A escolhida tem que ser especial de alguma forma, predestinada a algo que somente Anita conhece. Ela se tornou a deusa dos vampiros, protetora adorada. Todos a idolatram e a amam. Talvez aqueles vampiros desalmados possam pelo menos amar sua deusa, pois a maior parte deles a veneram. Outra, muito pequena, é simplesmente ignorante. Bando de mal agradecidos...

Sônia não sabia o que dizer. Encatada, admirou a força de Anita. Uma deusa que teve piedade das criaturas pervesas... Que enfrentou a própia família para salvar uma raça que aparentemente não merecia perdão por todas as atrocidades cometidas...

— É uma história admirável de um final triste. Não queria que ela morresse — disse Sônia com pesar.

Por algum motivo, Dave riu. Sônia estreitou os olhos, não vendo graça alguma.

— Dave — chamou Sônia. — Pode me contar agora sobre Blair e sobre nós? Por favor, pare de enrolar.

Dave ficou sério, mas não ficou tenso. Não havia motivo. Sônia faria o que tivesse que fazer e ele aceitaria sua decisão, seja lá qual fosse. Não adiantava temer o futuro, era melhor encará-lo de frente.

— Eu não estou enrolando, Sônia — começou ele. — Essa história que lhe contei tem tudo a ver conosco e com Blair.

— Não vejo como — discordou Sônia.

— É tudo muito simples, meu amor — Dave não pôde resistir. Estava evitando chamá-la assim, por medo de deixá-la com raiva, desde o dia anterior. Mas o amor era tamanho naquele momento, que não se conteve. — Blair é a reencarnação de Anita e você é a reencarnação de Blair.

O mundo poderia ter parado e ela não perceberia.

— Isso é ridículo! — exclamou Sônia, levantando-se brutalmente e recuando dois passos. Sua mente negava, regeitava aquela afirmação. Não tinha fundamento, não era real. — Blair ainda está viva, foi o que Nicholas disse!

— E é isso o que faz de você, um alvo — disse Dave, ainda calmo, sem se demover um centímetro de onde estava. — Blair está em segurança dentro da Muralha, você não.

— Não faz sentido, não entendo! E quanto aquela parte ridícula de ritual? — gritou Sônia.

Dave suspirou. Essa era a perte complicada.

— Blair caiu no Sono de Pandora. Uma das pragas que deveria ter caído sobre os humanos, mas que se voltou contra os deuses. A quinhentos anos, ela está dormindo. Eu tentei achar a cura durante todo esse tempo e nada consegui. Foi então que Karina retornou a Muralha com a notícia sobre você. Eu tinha que matá-la para trazer Blair de volta, devolver a alma que está em você a ela. Eu a amava, e talvez ainda ame... Não posso mentir e não vou — a voz de Dave começou a falhar e ele ficou nervoso ao ver as lágrimas no rosto de Sônia. — Só que eu me apaixonei por você! Eu amo você de verdade, Sônia! Eu posso duvidar de tudo, menos isso!

Sônia não impediu que uma lágrima escorresse por seu rosto. Ela balaçou a cabeça levemente, sinal de negação.

— Acontece, Dave que o importante não é se você acredita no seu amor, ou não — disse Sônia, pegando a bolsa no sofá de couro. — O importante é se eu acredito nele. Pra mim, chega por hoje.

O queixo de Dave tremia. Ele mordeu o lábio com força e virou a cara, como se não quisesse que ela visse toda a tristeza em seu olhar.

Sônia sabia o que viria a seguir. Recuou alguns passos, abrindo a porta e saindo do escritório através dela. Fugiria, ficando o mais longe possível dele, até que não pudesse ver seu rosto, ou sentir seu cheiro inebriante. E só então, ambos se entregariam ao choro, tentando aliviar a dor que invadia seus corações e mentes.

Capítulo 14

Tentativa e Erro

"Eu não consigo achar outro caminho.
E eu não quero ouvir aquele som de perder o que nunca achei."
Down - Jason Walker

EUROPA - VILAREJO DE DIOR, 1485

Ele andava parcialmente agachado por entre os muros de pedra do castelo, pois assim, nenhum dos guardas idiotas que faziam a vigília o veriam. Sua entrada era puramente estratégica. Ele tinha uma importante missão naquela noite — resgatar a deusa dos vampiros, que fora presa inocentemente por conta de uma falsa denúncia de feitiçaria. Para ele, isso parecia tão ridículo. Uma afronta contra os deuses.

Saulo, por outro lado, não podia culpar os humanos pela sua descrença. Já fazia muito tempo que os vampiros deixaram de ser uma ameaça, algo a ser temido, para virarem lendas, por conta da discrição que sua raça adquirira. Esse pequeno detalhe fez total diferença na absolvição dos crimes cometicos no início do nascimento da espécie vampira. Os feiticeiros, porém, não eram assim tão discretos. Faziam uso de seus poderes livremente, como os tolos que eram. Um dia, os humanos poderiam se rebelar e criar uma caça a bruxas... Saulo duvidava que qualquer vampiro se opusesse à ideia.

Ele deu ordem para que os vampiros que o acompanhavam matassem os guardas acima do muro rapidamente. Saulo só sentiu o vento quando os corpos cairam sem vida no chão a seus pés. Ele

pegou a armadura de um dos homens mortos e a vestiu, indicando para que seus escudeiros fizessem o mesmo. Prontos, eles subiram o muro e entraram no Palácio de Dior, que recebera esse nome por conta da filha do rei, que fora morta por um feiticeiro.

Os vampiros não encontraram problemas ao tranzitar livremente pelo castelo, já que estavam disfarçados de guardas reais. Alguns homens nobres os cumprimentavam educadamente e eles retribuiam, fazendo uma reverência. Era engraçado para Saulo reverenciar um humano, pois se soubessem o que eles eram, nem se dariam ao trabalho de cumprimentá-los. Fugiriam assustados, com medo dos monstros terríveis.

Saulo sabia exatamente para onde ir. Entrara na mente dos guardas, antes de matá-los, e pegara a informação que precisava — era bom não abusar do tempo que tinha, pois logo trasfeririam Anita para a cidade, onde ela seria estudada. Pegaram o caminho para as masmorras e lá encontrariam sua deusa.

Descendo uma escada de pedra em espiral, muito mal iluminada pelas tochas, os vampiros chegaram nos subterrâneos. Lugar imundo e fétido, cheio de ratos e animais gosmentos. Estava em péssimas condições propositalmente. Nenhum prisioneiro deveria ter hospedagem melhor do que a casa de um rato, ou seja, morar junto deles — esse era a lei que o rei de Dior criara. Saulo sentiu raiva por saber que sua deusa estava sendo mantida presa em um lugar como aquele.

Nem se deu ao trabalho de disfarçar, pegando o guarda que vigiava as masmorras e quebrando o pescoço dele rapidamente. Com a chaves entre as mãos, Saulo seguiu para o final do corredor cheio de pequenas portas de madeira grossa e pesadas. Seus passos ecoaram no espaço comprido e estreito. Gotas de água pingavam no chão, formando um som desagradável e repetidor que se expandia assim como os passos, ficando cada vez mais altos.

Na última porta, certamente mais reforçada do que as outras, olhou para dentro da cela através de uma pequena grade de ferro. Havia uma pessoa encolhida no canto mais extremo, escondida entre as sombras. Suas mãos estava presas em correntes de ferro enferrujadas. A jovem parecia muito abatida e magra.

Ele abriu a porta, e o som assustou-a. Sua voz falhava.

— Quem... Quem está aí? — perguntou ela, gaguejando.

Coitadinha, pensou ele. Apesar de rouca, a voz da jovem era linda, transbordando suavidade. Ele entrou na cela.

— Sou Saulo Ignoro, minha jovem dama. Responda-me: seu nome é Anita? — Mesmo no bréu, pôde ver que seus olhos se estreitaram. A jovem desconfiava dele.

— Por que quer saber?

— Porque sou um vampiro.

A jovem ofegou e então sorriu.

— É amigo de meu pai? — perguntou ela cheia de esperança.

— Infelizmente, não tive a honra de conhecer seu pai. Agora, por favor, me responda — tornou ele a pedir, calmo, para não tornar a assustá-la e fazer com que aquele sorriso permanece em seu rosto.

— Meu nome é Anita Blair Marshall, senhor.

Saulo sorriu, aliviado. A encontrara. Curvou-se, demonstrando respeito para com sua deusa. Seus dois escudeiros fizeram o mesmo.

— Eu vim lhe resgatar, minha deusa — explicou ele. Endireitou-se e se aproximou de Anita. Quebrou as correntes que a prendiam com as própias mãos. — Você sabe quem realmente é, certo?

— Meu pai disse que sou a reencarnação de Anita e que por isso recebi o nome dela. Minha mãe era uma vampira — disse ela, e Saulo percebeu o pesar quando ela colocou o verbo no passado. Sentiu pena e uma desconhecida necessidade de confortá-la, o que era estranho. Foi como se sua solidariedade tivesse acabado de nascer, alí, naquela cela.

— Vai ficar tudo bem agora.

Ele pegou-a no colo. Ela estava tão machucada, que certamente não seria capaz de andar. E também gelada. Todo seu corpo tremia em pequenas colvulsões. Como ela já não morrera de frio? Um dos vampiros que o acompanhava lhe entregou uma grossa manta. Saulo envolveu Anita com ela, aquecendo-a. Ela descançou a cabeça em seu peito e suspirou, mais tranquila.

— Obrigada... — sussurrou ela, sonolenta.

Saulo saiu da cela, sendo escoltado pelos dois vampiros. A coisa mais preciosa daquele castelo estava agora em seus braços.

E então, na luz, ele conseguiu ver seu rosto pela primeira vez.

O cabelo negro de reflexo violeta brilhava a luz das tochas e a pele, mesmo que repleta de arranhões, parecia sedosa. Saulo sentiu os dedos de Blair acariciarem-lhe a nuca por relfexo. Os olhos azuis trasnlúcidos o encaravam. Seus lábios formaram um sorriso inocente para ele. Blair era linda sob todos os aspectos.

E o coração de Saulo pareceu bater por um motivo diferente em anos.

Fogo, pensou Saulo satisfeito. Nada como fogo.

Ele estava olhando para o vilarejo de Dior, em chamas que ele mesmo provocara. Uma nuvem de fumaça crescia em direção ao céu, pessoas corriam desesperadas e ele se alimentava de todas que se aproximavam dele, deixando uma pilha de corpos aos seus pés. Ele sorria, cheio de euforía ao ver o medo em seus rostos. Apesar de todo o sangue que ingerira, não estava satisfeito. Queria mais, muito mais.

Ele era como fogo, destruidor e consumidor. Que sobrevivia a partir da vida dos outros.

Pois que, naquele momento, compartilhassem uma refeição juntos.

Saulo puxou uma mulher que corria desesperada, e cravou seus dentes em sua jugular, sugando a energia que fazia a mulher respirar.

Nada melhor do que o cheiro de morte.

~•~♥~•~

Alysson observava Richard, seu porte sério e superior. Admirava a mania que ele tinha de vestir cores escuras e sempre muito elegante. Não estava acostumada vê-lo assim, mas parecia que somente agora ele mostrava quem realmente era. Depois que fugiram da Concentração, não tiveram muito tempo para conversar sobre o que havia acontecido, sobre o beijo que trocaram.

Ela o amava? Não, pelo menos não ainda. Mas sentia um desconforto por ter deixado as coisas como estavam, sem explicação, ou cartas limpas na mesa. Perguntava-se o tempo todo se ele sentira alguma coisa, porque ela certamente sentiu. Seu pulso havia aumentado, seu sangue corria

velozmente por suas veias, as mãos suavam e tudo o que queria era se aproximar ainda mais dele. Um afeto crescia sem que ela percebesse.

Mas então a bomba estourou e de repente todo o departamento de seguraça estava atrás deles. Haviam encontrado uma foto de Sônia nas coisas de Alysson depois de receberem uma denúncia anônima. Quem sabia de seus segredos? Eles tiveram que fugir, não havia sequer espaço para tentarem entender o que acontecera. Em um minuto, estavam brigando — o motivo? Nem se lembrava! — no outro, seus lábios se tocaram e já não havia mais ressentimento. Talvez, brigassem tanto porque se amavam. Porém, era cedo para ter certeza.

Foi tudo muito rápido e muito confuso.

Richard, sem dizer nada, saiu da sala e provavelmente escapuliu pela porta dos fundos. Alysson o conhecia o suficiente para prever os passos dele, além do fato de que ele se sente desconfortável quando está perto de vampiros. Um antigo receio.

Ela se levantou e o seguiu. Poderia ser a única oportunidade para conversarem.

Ao passar próximo à porta do escritório, ela pôde ouvir os gritos abafados de Sônia. Preocupou-se, mas sabia que não devia interromper. Aquela era uma conversa que os dois teriam que ter, havia muito para entender. Ela resolveria tudo com Dave, enquanto Alysson se entendia com Richard.

No quintal, ela procurou por ele, mas não o viu em parte alguma.

Aquela parte da casa em especial era magnífica. Era onde havia mais vida, mais cor. A grama era verde e úmida, um cheiro de terra agradável flutuava no ar, o bosque a frente e uma colina azul índico logo depois... Fazia com que todo o ambiente fosse de uma aura calma, tranquila. Era a paz pura que Alysson sentia correr pelas veias.

Hipnotisada com o clima de serenide, Alysson caminhou pela grama macia. Havia tirado as sandálias, seus pés tocavam a relva que parecia acariciá-la. Como era bom sentir a natureza... Seu anel dourado fosco com pequenos cristais estava mais quente em seu dedo anular — era a magia encontrando com a paz do ambiente.

Seu cabelo castanho estava preso no alto, ainda liso por conta do baile na noite passada. Mal podia acreditar que fora Joseph quem a convidara, ao invés de Richard. Era tão estranho sair com uma pessoa enquanto sua mente sempra voava na direção de outra. E depois, Sônia apareceu, tendo escutado a tensa briga com Dave e Carrie, forçando-a a contar a verdade mais cedo.

A brisa não veio de parte alguma, simplesmente a tocou e ficou alí. Esse era um sinal que ela conhecia — havia um feiticeiro por perto.

Richard, pensou ela.

Se ela estava próxima a ele, o encontraria.

Seguindo sua intuição, ela foi para oeste. Havia uma rua que corria lateralmente à casa de Dave, asfaltada e bem cuidada como tudo parecia ser por alí. Não havia plantas crescendo indevidamente no meio fio, nem buracos no chão perfeitamente plano. Até mesmo as marcações de trânsito pintadas a tinta no piso pareciam nítidas, como se tivessem sido retocadas recentemente.

Andou alguns metros a frente. Na calçada de concreto, era desconfotável andar descalça, por tanto voltou a calçar a sandália, apoiando-se na cerca.

Não demorou muito, e ela ouviu vozes. Uma delas era facilmente reconhecível, tinha certeza que pertencia a Richard. A outra era completamente oposta, incluindo o fato de pertencer a uma mulher.

Virou na esquina da rua e parou, apoiando-se na cerca de arames que separava a rua do bosque ao

seu lado direito. Alysson aproveitou um galho longo e cheio de folhas que escapava por entre os buracos que o arame formava para se camuflar naquele fim de tarde. O céu começava a ficar cinzento e logo se tornaria azul escuro. A matiz que Sônia vira ao chegar se desfez completamente. O sol nem parecia estar mais no céu.

Um carro preto, estilo conversível, havia parado junto ao meio-fio. O motor estava ligado, mas não havia motorista dentro dele. Richard conversava com uma mulher que Alysson conhecia.

Quantas milhões de vezes ela não esbarrara nela, sempre jogando na cara de Alysson que era superior só porque era amiga de Brittany? E quantas vezes, Alysson não se imaginara transformando-a em um sapo?

Jennifer.

— Fiquei preocupado — falou Richard.

Alysson colocou sua franja atrás da orelha para ouvir melhor.

— Você ficou preocupado comigo? Por que? — perguntou Jennifer, prepotente. — Pensei que estava ocupado com sua nova família.

Richard riu sem humor.

— Ei! Eu gosto de você, o.k.? Então, sim, me preocupo. Além disso, eu não sabia como ele iria reagir.

Alysson viu Richard acariciar o cabelo de Jennifer e ela inclinar o rosto para a mão dele. Se olhavam com carinho. Seu nariz começou a coçar. Ela tinha isso às vezes, quando estava prestes a chorar.

Richard nunca fizera isso com ela.

— Não precisava. Estou bem, vê? Mas fico feliz que se importe comigo, Richard.

— Sempre vou me importar. Eu quero cuidar de você. Sempre.

Jennifer baixou o olhar. Desviou seus olhos dos de Richard, para ver o concreto do piso? Alysson estava desacreditada. Enfurecida, talvez... Mas com muita mágoa. Mágoa porque Richard não teve a decência de falar que amava outra, ao invés dela. O silêncio havia lhe dado esperanças... E agora, todas elas estavam no chão, juntos com as folhas mortas e secas.

— Nunca, ninguém se importou tanto assim comigo.

— Então deixe-me ser o primeiro — pediu ele.

Eles se abraçaram. Aquilo destruiu qualquer parte intácta do coração de Alysson.

A sensação que a tomou foi pertubadora. Era mágoa misturada com raiva, rancor, angústia, decepção, ciúmes... Não havia palavras suficientes para nomear o que a invadiu. Apenas o choro pôde, de certa forma, reconfortá-la.

Mas não era o suficiente.

— Eu odeio você, Richard Shell! — gritou ela, saindo de onde estava e ficando visível para eles.

— Aly, o que faz aqui? — perguntou Richard surpreso, afastando-se um pouco de Jennifer, mas sem tirar os olhos de Alysson.

— E o que isso importa agora? O que eu tinha para falar não é mais válido! Pode ficar com essa daí — disse Alysson, apontando Jennifer com o queixo e deixando clara sua posição diante disso. — Eu desisto de você!

Jennifer pareceu um tanto desconfortável diante da cena que se passava. Não era assim tão incomum. Ela deveria mesmo estar desconfortável. De onde conhecia Richard para começo de

conversa? Remexeu-se ao lado dele, soltando sua mão.

— Eu vou embora. Vocês precisam conversar em paz — disse ela, entrando no carro rapidamente e partindo, deixando Richard com a expressão confusa e, ao mesmo tempo, perplexa.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

— Nada, Rich. Não mais.

Alysson fez menção de se virar, mas Richard lhe segurou o pulso. A energia que se apossou do corpo dela foi estremamente melancólica, dolorosa.

— Quer me explicar? Não estou entendendo nada. Sobre o que você está falando? — indagou ele, a voz baixa e a testa franzida.

Ainda se faz de confuso!, irritou-se Alysson.

— Eu sei que você não me ama, Richard. Mas podia ter tido a decência de ter me falado que aquele beijo que tivemos não significou para você o que significou para mim — chorosamente, as palavras saíram. — Seu silêncio me deu esperanças... As últimas semanas foram agitadas, talvez você estivesse sem tempo, ou receoso de falar comigo. Foi nisso que acreditei. Mas agora, parece que você não falou nada porque não queria que eu soubesse que você estivera com Jennifer o tempo todo!

Puxando o braço, Alysson partiu segurando o choro como podia e Richard permaneceu estático e sem ação onde estava, como se, só agora, tivesse se dado conta do erro que cometera.

~•~♥~•~

Os dias se arrastaram sem que Sônia percebesse a passagem do tempo. Não voltara a falar com Dave, nem com Carrie, ou Alysson. Eles pelo menos respeitaram o espaço dela, precisava de um tempo sozinha. Mas principalmente, precisava de espaço.

Na escola, percebia que Dave a olhava de longe, sempre que podia, ainda cuidando dela. Era reconfortante saber que ele ainda se importava, que a protegia e que queria saber como estava. Emily sempre perguntava o que havia acontecido, afinal as coisas iam bem até a noite do baile. Sônia não respondera, porque sabia que se o fizesse, seria uma mentira e era impossível enganar Emily, pois a amiga era amante de teatro e adorava psicologia. Como consequência, sabia perfeitamente quando as pessoas estavam sendo honestas.

E um outro motivo que fez com que Sônia se calasse; sua vida já estava cheia de mentiras, repleta delas. Se criasse mais uma, aquilo se tornaria uma bola de neve ainda maior. Ela não estava disposta a ver onde aquilo ia parar.

Na quinta-feira, Sônia estava guardando as coisas em seu armário, o corredor da escola quase vazio — sinal de que estava atrasada — quando ele apareceu. Distraída, levou alguns poucos minutos para perceber sua presença. A quanto tempo ele estivera olhando-a?

O cabelo escuro e curto, a boca bem definida, os olhos verdes, lindos como uma esmeralda... Era difícil descrevê-lo pelo modo como ele parecia simplesmente indescritível. Sua postura tinha uma pinta de arrogante, o que lhe dava certo charme. Contudo, transparecia educação e respeito. Tudo isso costumava fazer o coração de Sônia disparar e deixava suas pernas bambas, além da palma das mãos suadas.

Costumava, mas tudo mudou depois de Dave.

E agora, Andy Duval estava alí, parado de frente para ela, com um sorriso lindo no rosto.

Mordendo o lábio inferior, Sônia fechou o armário e se virou para Andy.

— Faz tanto tempo que não a vejo — disse ele, a voz fluida como sempre. — Senti saudade.

Ela piscou algumas vezes, desacreditada.

— Estou na escola de segunda a sexta, Andy — observou Sônia simplesmente. Qualquer outro garoto teria se sentido um idiota depois daquele frase, mas não Andy.

— Mesmo assim... Você estava tão grudada no Thorton, não queria interferir — disse ele, educado.

— Não estamos mais juntos. — Doía dizer aquilo, mas não era uma mentira e não revelava o assombroso motivo por trás da separação. Mas mesmo assim, com todos sabendo sobre seu rompimento com Dave, não havia existido uma conversa específica sobre o namoro, ou seja, a palavra definitiva nunca havia sido dita.

E dizê-la agora, para outra pessoa que não o Dave, era ainda mais doloroso, como se um vazio preenchesse seu coração.

— Eu sei. Sinto muito — Andy estava sendo solidário e verdadeiro. Era visível, no fundo de seus olhos verdes, que ele realmente sentia por tudo o que estava acontecendo com Sônia. Uma das características mais gritantes em Andy era a transparência nas coisas que ele falava.

Sônia sorriu diante da sinceridade de Andy.

— Obrigada.

— Não gosto de vê-la assim — Andy acariciou o rosto de Sônia com as costas da mão, deixando-a tensa. — Que tal um passeio? Podemos ir ao cinema? Ou uma lanchonete, curtir algo mais light. Algo... diferente.

Sônia se surpreendeu por Andy ter notado a mania secreta de Sônia — a de fazer tudo diferente das outras pessoas. Não era comum alguem adivinhar sua tão sutil e secreta obssessão. E ele, certamente havia adivinhado. A piscadela que ele deu comprovava isso.

— Eu... — ela não sabia o que dizer. Dividida entre o fascínio e a culpa. Fascínio por ser Andy a tê-la desvendado, e culpa por ter sido mesmo Andy. — Aceito. Sim, aceito, obrigada — disse por fim, sentindo seu coração murchar... Era mesmo certo o que estava fazendo?

— Hmm, nesse caso vou ter que pensar muito... e rápido. Você deve ser bem difícil de agradar, certo? Tem um gosto muito apurado — sorriu ele, obviamente feliz.

— Agradeço o elogio.

— De nada. Pego você às sete — disse ele, desgrudando-se do armário e dando dois passos para trás, sem tirar os olhos de Sônia. — Esteja pronta.

Ele se virou e foi para a própia aula. Uma vez sozinha no corredor, Sônia disse:

— Vou estar.

E então, foi para a própia aula, que se passou indistinta. Foi a hora em que ela se desligou do mundo e dos problemas para pensar no que acabara de acontecer.

Não estava feliz, sequer estava bem. Mas talvez, só talvez, uma experiência de sair com outra pessoa pudesse dar a ela uma noção de como era ter uma vida comum, do jeito diferente que ela gostaria. Nada de anormal, ou sobrenatural. Sem vampiros, feiticeiros ou deusas reencarnadas. Simplesmente, uma prévia de seu futuro sem Dave Thorton. Será que lhe agradaria? Seria suficiente para acalentar seu coração em pedaços? E se gostasse, dividiria isso com Andy?

Nao podia ser tão errado, podia? Afinal, ela era uma mulher livre de compromissos. Dave a enganara e nunca lhe falara sobre a ex-namorada, não que Sônia tivesse perguntado. Então por que a sensação deixada era de que aquela situação era controvérsia? Como se não fosse sair algo de bom daquilo tudo...

Podia acontecer. Precisava admitir.

Andy era bonito, da idade dela e o mais importante: Sônia já tivera uma queda por ele. Poderia muito bem se interessar de novo. Talvez fosse fácil se apaixonar... As pessoas tem a estranha capacidade de fazer isso a uma velocidade admirável, ironizou Sônia. Não parecia combinar com seu estilo de vida. Existe uma grande diferença entre amor e paixão. Um abismo entre o que sentia por Dave e o que poderia chegar a sentir por Andy.

Aquela ideia lhe dava arrepios.

Dava-lhe arrepios porque Andy não era Dave, nunca seria. Parecia idiota desejar isso, mas ela o fazia agora. Ou melhor, ela desejava que Dave não fosse quem é: um vampiro. E sendo sincera consigo mesma, Sônia também não queria ser quem era. Por que a vida dos outros sempre parece tão mais simples? Os sentimentos nublavam a própia razão, fazendo assim, com que Sônia não encontrasse uma saída.

Descobrir que aquela psicose não era psicose fora uma parte complicada. Substituir uma coisa não tão comum, por outra sobrenatural era de fato aterrorizante. E ainda tinha o fato de que ela e Blair eram a mesma pessoa, sendo que eram tão diferentes. Gostaria de saber mais sobre o antigo amor de Dave... Porém, não parecia uma boa ideia. Desenterrar o passado trazia problemas a tona — ela não estava disposta a isso. E se Blair se provasse melhor do que ela? Se, um dia, ela voltasse para reconquistar Dave? Procurara não pensar nisso, mas não havia como evitar.

Porém, ela podia ignorar.

Quando alguém não gosta de algo e não pode mudá-lo, simplesmente ignora. Ela podia viver com isso, por enquanto, mesmo sabendo que algum dia ela teria que encarar de frente.

Mas não agora, e certamente não esta noite. Por hora, ela seria uma adolescente com um encontro marcado para logo mais, só isso. Apenas isso, suspirou ela.

Quando o sinal tocou, Sônia apanhou os livros e os colocou dentro da mochila. Estava pronta para sair quando chamaram seu nome.

— Sônia...

— Carrie — disse Sônia, olhando para ela na defensiva — O que quer?

Sua amiga não estava usando maquiagem e parecia desolada. Pior, estava soluçando pelo choro que prendia. Respirou profundamente, como que para acalmar-se. Funcionou a princípio.

— Conversar — Carrie murmurrou timidamente.

Sônia suspirou.

— Não quero falar agora.

— Preciso que seja agora, Sônia.

— Por que? — indagou ela, parecendo mais uma criança teimosa.

Sentindo suas palavras duras, Carrie ofegou. Estava exausta por noites mal dormidas. Desde a reunião na casa de Dave, semana passada, Sônia não lhe dirigia a palavra. Talvez, todo aquele afastamento tenha começado na noite do baile e a conversa no escritório tinha piorado o humor de sua amiga. Odiava guardar segredos, mas foi necessário.

— Porque eu... — a voz de Carrie começou a falhar e então saiu de uma vez — não aguento mais facar sem minha melhor amiga.

Era incrível a capacidade com a qual aquelas palavras podiam amolecer o coração de Sônia.

— Carrie...

— Por favor, Sônia, sei que errei em lhe esconder o que eu era, mas me perdoe! Por favor... Não aguento essa culpa... — Carrie começou a chorar, tremores invadindo seu corpo em intervalos pequenos e regulares.

— Carrie, aqui não é o local... Eh...

— Sônia, não posso perder sua amizade. Não posso! Como vou ficar sem minha melhor amiga?

O modo como Carrie falava lembrava as vezes em que elas brigaram quando eram pequenas — motivos fúteis como "quem comera a última fatia?". Era como devia ser, um pedido de desculpas e um "eu te perdoo". Amigas não se separam, não importa o quanto se machuquem. Sempre existe algo que rende a outra pessoa, levando-a a fazer o que fez.

E o que rendia Carrie era que ela acreditava fielmente que o que estava fazendo era o melhor para Sônia.

Ela podia ficar com raiva por isso?

— Vem cá — sussurrou ela, puxando Carrie para um abraço. Como sentira falta daquilo! — Está tudo bem. Tudo bem.

— Obrigada...

Elas ficaram assim, abraçadas, uma consolando a outra, sendo o pilar uma da outra, até que o sinal tocou pela segunda vez.

— Vamos Carrie, hora de ir embora. Ainda tenho que falar com Alysson.

— E então seremos quatro novamente! — comemorou Carrie, enchugando as lágrimas sob os cílios. Já estava se tornando mas normal, daquele jeito imperativo e animado de ser.

— Sempre — disse Sônia, lembrando-se do juramento e julgando a sí mesma por quase tê-lo quebrado.

Mais tarde, Sônia se arrumava para o encontro com Andy. Daria uma oportunidade a ele, mas seria difícil, pois estaria maltratando os própios sentimentos, pisoteando-os. Enfiou-os em uma caixinha imaginária e a enterrou miseravelmente, na esperança de que quanto mais fundo e fétido fosse o buraco, menos vontade teria de resgatá-los. É claro que nem sempre pode-se confiar apenas nisso...

— Quer mesmo fazer isso? — perguntou Alysson preocupada, encostada na parede perto da borta do banheiro de Sônia.

— Sim — falou decidida.

Ouviu-se um toque de campanhia.

— Já vou! — gritou ela, pegando o telefone e colocando no bolso de trás da calça. — Tchau Alysson.

— Boa sorte. Sinto que vai precisar — murmurou Alysson tristemente, observando Sônia sair do quarto e ouvindo-a descer as escadas apressadamente. Sabia que Sônia não corria para ver Andy o quanto antes, mas para fugir de sí mesma.

Abriu a porta e sorriu levemente ao ver Andy com um buquê de rosas na mão. Isso lembrou-a quando Dave viera buscá-la para o baile e a rosa que ele trouxera. A mesma rosa que ela guardara

entre as páginas de seu livro favorito — que por sinal, referia-se a vampiros.

— Oi — sorriu ele, entregando as rosas para Sônia. — Você está linda.

— Você é muito gentil. Obrigada pelas rosas, tem um cheiro maravilhoso — disse Sônia, tentando parecer o mais natural possível.

Andy arqueia uma sobrancelha.

— Vamos?

— Claro! — Sônia fechou a porta de casa e caminhou para o carro de Andy com ele a seu lado. — Onde vamos, aliás?

— Fazer um piquenique no Montinho. Já esteve lá sem a fogueira, à luz da lua e as estrelas... sem um bucado de gente bêbada falando bobagem?

— Não — Sônia nunca havia pensado em ir no Montinho quando ele estava vazio. Sorriu diante da ideia. — Gostei.

— É bom mesmo. Não consegui pensar em nada melhor. Entre — Andy abriu a porta do carro para Sônia, cavalheiro.

Fechando a porta, ele deu a volta no carro. Em instantes, pegavam a rodovia até o Monte. Quinze minutos depois, Sônia estendia uma toalha quadriculada na grama fria e macia, bem verde por conta da estação de chuvas. Andy abaixou-se a seu lado, colocando uma cesta de palha de tamanho médio em cima da toalha e abrindo-a.

A lua crescente estava deslumbrante no céu escuro. Por um momento, a palavra infinito invadiu-lhe a mente. Tanto tempo havia se passado desde a lua nova, — oito dias aproximadamente — uma lua negra que marcara grandes revelações em sua vida. E também, o início da obscuridade em sua alma.

Chega de pensar nisso, repreendeu-se ela. Por hoje, não!

Ela o ajudou a tirar as coisas da cesta, surpresa com o cuidado com que foram embaladas. Não era o tipo de comida que se pega já pronta no supermercado, ou fast food, era caseira. Surpreendida, arqueou as sobrancelhas sem perceber, os olhos um pouco maiores e intensos.

— Você fez tudo isso? — ofegou Sônia.

— Bom, eu quero avançar alguns degraus rumo ao seu coração. Pra isso, é preciso algum esforço. — Andy falou calmo e seguro, como quem comenta algo a alguem, sem que o assusnto seja preocupante, ou muito empolgante.

— Nossa.

Andy riu, sem olhar Sônia nos olhos, ainda tirando as coisas da cesta. Geléia, doce de goiaba, suco de limão... Tanta coisa e de cheiros maravilhosos... Sônia não tinha fome até aquele momento.

— Sônia, acredite, você vale o esforço. Sua personalidade é encantadora. Posso dizer que alcançou seu objetivo. — Agora, Andy olhava para Sônia diretamente, mas mantendo a simplicidade que fora o motivo inicial para ela se sentir atraída no passado. — Você é diferente, eu sinto isso.

Sônia franziu a testa.

— Como pode ter tanta certeza? — ela apenas sussurrou.

— Bom, pra começo de conversa... Você não está reclamando sobre o que estamos fazendo. — Sônia estreitou os olhos, o que incentivou Andy a continuar. — Qualquer outra garota estaria reclamando desse encontro natureba que estamos tendo. Qualquer outra garota reclamaria de

insetos, o chão desconfortável, frio... Mas não você. É isso o que a diferencia. Mas, devo admitir, isso me confunde. Eu nunca sei se você faz as coisas de modo diferente para se destacar, digamos assim, ou se esse é o seu jeito mesmo.

Andy pegou um pedaço de bolo mole e o mordeu, olhando para Sônia como se esperasse uma resposta.

— Eu... Na verdade, não sei. — Sônia podia sentir, a necessidade de desabafo subindo por sua garganta, causando aquela sensação de aperto sufocante. — No começo, acho que era mais por capricho meu. Eu posso ser a mais velha, mas é mnha irmã quem mais se destaca. Ela é a menininha perfeita, a mais bonita, popular... Acho que o que eu tinha era inveja. Mas agora, eu já não sei de mais nada. Eu simplesmente me acostumei a ser imprevisível. — Sua voz sussurrada trasparecia sua timidez e vergonha.

— Quer minha opnião? Isso tudo se tornou um mecanismo de defesa. Esse seu modo imprevisível a protege, é o seu escudo, a sua barreira contra o que te afeta. Você pode ter sido caprichosa, mas agora que... Me desculpe por dizer isso... Mas agora que as pessoas de quem você queria atenção continuaram a ignorá-la, você fez o mesmo. As afasta de você. Diga a verdade: quando foi a última vez que falou com sua mãe sem essa barreira?

Andy levara poucos minutos para descobrir o que ela nunca entendera. E agora, com a verdade posta sobre a mesa, Sônia podia ver que ele tinha razão. Mas ainda era difícil aceitar que a culpa entre o abismo entre sua família e ela era dela.

— Como você sabe de tudo isso, Andy?

— Sabe a sua amiga, a Emily? Ela tem me ajudado com a aula de teatro. — Andy gargalhou. — Ela tem razão; para se sair ileso da aula da srta. Margaret, é preciso estudar, nem que seja um pouquinho, a psicologia. Esta não é uma matéria que esteja na grade, então a biblioteca é bem útil.

Sônia sorriu, rindo em seguida.

— Você também não gosta muito dela.

— Quem gosta da srta. Margaret?

Sônia pensou por um minuto.

— A Brittany vive tentando impressioná-la — instigou ela.

— Aham. E é por isso que as notas dela estão baixas. Para se atuar, tem que vir de dentro e parecer verídico, por mais que não seja. A Brittany é como um... prato raso. É por isso que não gosto muito dela — disse Andy, dando mais informações do que o necessário.

— Não vamos começar a falar mal de ninguém — pediu Sônia com um sorriso doce.

Andy a olhou. Uma mistura de carinho e admiração brilhava em seus olhos.

— Não estou falando mal. Só declarando um fato. É como dizem... Matando dois coelhos com uma cajadada só.

— Desculpe... O quê?

— Estou tentando dar minha opnião e dar um aviso indireto de que não tenho nada com Brittany, nem com mais ninguém — Andy piscou para Sônia, fazendo-a sorrir. E se destruir internamente também.

Dave...

— Então somos dois — declarou ela, desviando o olhar choroso para que Andy não visse nada.

Horas mais tarde, Andy estacionou na frente da casa de Sônia. O encontro fora agradável e bom

para Sônia se livrar de parte do peso que a prendia. Jamais havia passado pela sua cabeça que algumas horas com Andy pudessem ser tão boas para sua mente.

Mas uma hora, sempre acaba.

Andy abriu a porta para que Sônia descesse. Ela subiu as escadas da varanda e se virou para despedir-se de Andy, percebendo, tarde demais, o quão perto ele estava. A repiração dele lhe batia no queixo, quente e continua. Engoliu em seco quando percebeu que os olhos de Andy vacilaram em direção a sua boca. Sem dizer nada, ele se inclinou em sua direção... lenta e silenciosamente.

Um suspiro.

E sem dizer nada, Sônia aceitou que Andy lhe depositasse um beijo nos lábios.

Era sem igual o quão diferente podia ser beijar outra pessoa. O beijo de Andy era envolvente e cálido ao mesmo tempo. Envolvente, terno... capaz de fazer com que qualquer menina se ajoelhasse a seus pés.

Mas não eram aqueles lábios que faziam Sônia tremer, muito menos suspirar. Não eram eles que lançavam choques em seu coração e faziam suas mãos suarem. Andy não era Dave. Não, ele não era. E assim, Sônia estava triste novamente.

Ele se afastou, sorrindo vitorioso e Sônia respirou com dificuldade, sentindo-se culpada.

— Boa noite — disse ele, mal cabendo dentro de sí, indo para seu carro tranquilamente e sumindo no fim da rua.

Sônia suspirou. Não era sua intenção beijá-lo, sequer aceitar o beijo, mas não havia visto uma maneira de recusar sem magoá-lo.

De magoada, bastava ela.

Porém, aquele beijo deixou claro o que ela lutava para negar: seu corpo e alma sentiam falta de Dave.

Ela se virou, ainda confusa e dividida, para entrar quando uma sensação conhecida a invadiu. A sensação de proximidade e apelo, de conforto e segurança.

Ela se virou para esquerda, com o medo e a culpa estampados em seu rosto subitamente pálido. Saindo das sombras da varanda, Dave surgiu, o rosto triste, cheio de pesar e atormentado pelos própios sentimentos.

— Dave — Sônia praticamente chorou seu nome.

Ele a olhou, e por mais absurdo que fosse, seus olhos indicavam compreenção.

— Eu entendo — sussurrou ele, com a voz tão embargada que se alguma parcela de Sônia ainda estiva inteira, já não estava mais. — De verdade, Sônia. Eu entendo. Foi demais pra você.

A respiração de Sônia acelerou. Já não conseguia falar coerentemente. Não sabia o que dizer.

— Dave, por favor...

— Não precisa dizer nada.

— Não é o que você... É que eu... — Sônia não se importava mais em chorar na frente de Dave, ambos estavam aos pedaços. Só queria explicar.... Fazê-lo ver...

Mas ver o quê? Que ela não podia ficar com ele? Não. Não podia ser isso...

— Você está tentando seguir em frente, eu posso aceitar isso. Mas não significa que eu queira ver... É melhor eu partir — Dave sussurrava com uma calma que não possuia, muito lentamente. Sônia não precisou que ele lhe explicasse nada, ela entendeu.

Ele não iria embora somente de sua casa, mas de sua vida.

— Estou confusa, Dave. Não espere nada de mim agora — disse ela, embargadamente. — Espere mais um pouco, por favor. É egoísta, eu sei. Mas eu ainda não decidi nada... Eu...

— Não foi o que pareceu. — Não foi uma acusação. Mas podia ter sido.

— As coisas não são o que parecem, lembra? — Sônia se aproximou, pegando as mãos de Dave nas suas. Sentira tanta falta daquilo. De seu toque, de seu amor sendo transmitido só pelo contato da pele... — É que tudo mudou tão repentinamente. Tudo o que eu acreditava serem mitos, lendas... É tudo verdade. Então você pode entender que eu não tenha certeza se meu amor por você mudou. É como se eu tivesse minhas asas cortadas. Eu era livre Dave, mesmo que com todos os meus problemas, eu realmente acreditava que nada era real. Agora estou aprisionada pelas sombras de meu própio quarto, com medo do escuro. E você não pode me salvar de mim mesma. — As lágrimas jorraram pelo rosto de Sônia, dolorosamente. — Mas você vai saber quando eu tiver me decidido.

Ele assentiu, um sorriso triste. Soltou suas mãos das de Sônia e foi se afastando lentamente.

— Só vim aqui pra dizer que não importa qual seja sua decisão. Sempre vou amá-la, por mais que me odeie — murmurou ele e depois sumiu, deixando um vazio em seu lugar. Em um minuto, ele estava alí, na varanda. No outro, já havia desaparecido sem deixar rastros.

Sônia precisou se apoiar no pilar de madeira que sustentava a varanda do andar de cima para não cair. Encostou-se alí e chorou, sentindo toda a dor pulsar por seu corpo. Tola, egoísta e indecisa — era o que repetia a sí mesma.

— O que mais me confunde é que não odeio você, Dave.

Capítulo 15

A Protegida

"Há uma garota que se importa atrás dessa parede
que você simplesmente atravessa."
Wish you were here - Avril Lavigne

Ele entrou no quarto, batendo a porta contra a parede violentamente, o que fez com que o estrondo decorrido do impacto ecoasse pelo cômodo de forma alarmante. Abriu a porta do armário e tirou uma mochila grande e grossa, com vários bolsos. Jogou-a na cama sem cuidado algum. Fez o mesmo com várias mudas de roupa mais comuns aos humanos. Calças jeans, blusas polo, moletons, jaquetas... Tudo tão diferente do que ele estava acostumado a usar — roupas mais refinadas, dignas do filho do Imperador.

Duas batidas leves na porta e Saulo não se incomodou em responder. A serviçal entrou timidamente no quarto, trazendo uma tigela com água e uma tolha limpa e branca consigo. Molhou a pequena toalha e aproximou-se de Saulo, temendo pertubá-lo.

— Saia daqui, Liliany! — vosciferou ele, jogando mais mudas de roupa sobre a cama e em

seguida, colocando-as na mochila de viagem, sem importar-se em arrumar adequadamente.

A serviçal suspirou baixinho e ergueu o queixo, decidida.

— Meu senhor, está todo sujo de sangue. Não pode sair assim — avisou Liliany, firmemente.

Saulo virou-se lentamente, olhando-a de forma ameaçadora. Liliany não se moveu, permanecendo onde estava.

— Qual parte de sair daqui você não entendeu? Quero ficar sozinho!

— São ordens de seu pai. Ele quer vê-lo. Deixe-me pelo menos limpar seu rosto — pediu ela, olhando-o com aqueles olhos castanhos, subitamente implorativos.

— Tudo bem — desistiu Saulo.

Ela passou a toalha, transferindo o sangue ao redor da boca de Saulo para o pano úmido. Seu toque era suave, para não estressá-lo ainda mais. Porém, seus pensamentos voavam em delírios como um tornado. Por um momento, ela se permitiu sonhar. Sonhar que Saulo não amava mais Blair, sonhar que ele finalmente vira quem sempre estivera alí, cuidando dele durante todo esse tempo...

— O que foi que você fez? — perguntou ela levemente assustada com a quantidade de sangue.

— A lista é longa. Por onde quer que eu comece? — zombou Saulo.

Liliany ficou mais séria. Não gostava quando o humor de Saulo ficava negro e zombateiro.

— Não brinque! Seu pai está uma fera. Devo avisá-lo: seja lá o que você fez, seu pai vai arrancar o seu couro — Liliany lavou a toalha, o que deixou a água da tigela vermelha e voltou a limpar o rosto de Saulo.

— Fiz uma matança. A segunda nesse mês — Saulo só estava arrependido por ter agido por impuso, nada mais.

Liliany suspirou.

— Quantas pessoas? — perguntou baixinho.

— Todo o vilarejo de Dior e a cidade vizinha também.

Ela ofegou.

— Não é a toa que se pai está assim!

Saulo se afastou e voltou a colocar as roupas sem cuidado nenhum na mochila. Odiava quando se preocupavam com ele pelo simples fato de que não importava quem fosse, essa pessoa não seria Blair. Nunca seria.

— Vai fugir, Saulo? — perguntou ela assustada. Não! Não posso deixá-lo partir. Não sem antes lhe dizer o que sinto... Mas...

— Não vou embora porque quero escapar da bronca de meu pai — Saulo colocou a mochila nas costas e partiu para a porta, mas virou-se quando Liliany perguntou:

— Então por que está indo?

— Porque quero matar uma pessoa. — Na mente de Saulo, só havia o rosto de uma pessoa. E essa pessoa, que ele só conhecera por foto, conquistara todo seu ódio.

Sônia Hussett.

Ele saiu pela porta, e Liliany afundou na cama com dóssel. Seu coração chorou as lágrimas que ela não derramou. Ele sequer a deixou falar! Maldito egoísta! Nem mesmo despediu-se.

E ela ficou alí, agarrada ao travesseiro de Saulo e segurando uma toalha suja de sangue.

~•~♥~•~

Sônia estava na lanchonete com seus amigos. Ela se esforçava para parecer normal, pelo menos para Kevin e Emily, já que eles não sabiam de seu drama. Mas Carrie sentada ao seu lado, afagou a mão dela por debaixo da mesa e a olhou com carinho. Sônia, sorrindo tristemente, agradeceu.

Fora um dia difícil. Ela passara a maior parte do tempo evitando se encontrar com Andy e Dave. Sabia que era inevitável, mas não havia passado por sua cabeça que o alvo de seus pensamentos estaria logo alí, na lanchonete, comendo com Karina — o que era estranho, pois ele era um vampiro e ela também.

E ainda tinha Carrie.

Sônia se inclinou para sussurrar no ouvido de Carrie de modo que só ela ouvisse — claro que não podia dizer o mesmo de Dave e Karina.

— Vampiros podem comer comida humana? — sussurrou.

— Bom, é mais para novatos como eu, porque meu organismo ainda está se adaptando a mudança. Mas quando eu ficar mais experiente, eu posso comer só para disfarçar. Não vai fazer diferença, não sacia a fome de qualquer maneira, nem aplaca a ansiedade — sussurrou Carrie de volta.

Sônia se perguntou o que Dave fazia alí então, e concluiu que ele não estava alí para cercá-la e pressioná-la a tomar uma decisão. Ele dissera que sempre cuidaria dela, Sônia podia acreditar que ele o fazia agora. E seria muito adorável se fosse realmente isso o que ele estava fazendo. Mas podia apostar, depois da noite anterior, que era muito difícil para ele ficar perto dela.

Por mais que ela se segurasse, seu coração ainda se inclinava para Dave. E provavelmente sempre o faria.

— Por que será que eu estou me sentindo escluída aqui? — resmungou Emily ganhando a atenção de Sônia.

— O que? — indagou Sônia sem entender.

— Não é só você, Ems. Estas três — disse Kevin apontando para Sônia, Carrie e Alysson — estão estranhas e não é de hoje.

Estão nos colocando na berlinda, pensou Sônia, quase um resmungo.

— O que você quer dizer? — perguntou Alysson irritada mais do que o normal. De uns tempos pra cá, ela agia assim e Sônia não sabia o porquê.

— Que algo está acontecendo e vocês não querem dividir — acusou Emily comendo um pedaço de batata frita calmamente. Sônia olhou para o própio prato cheio de alface, beterraba e coisas que os nutricionistas chamam de saudáveis. Não que ela não gostasse, mas naquele momento, precisava de algo a mais. Tipo um pote de sorvete.

— Não é nada disso — Carrie assegurou, mas estava nervosa, sequer olhou nos olhos de Emily.

— Mentira.

— É ve... verdade, ok?

— Não acredito. É difícil me enganar, então nem tente — pediu Emily intensamente. — Só fale, certo?

Alysson se pronunciou.

— A culpa é minha — disse ela, e os músculos de Sônia ficaram tensos. Pelo canto do olho, viu

Dave observando-os. Ele estava atento. — Eu pedi para que não falassem nada.

Alysson baixou o olhar, melancólica. Não era fingimento.

— Sobre o que? — sondou Emily. Kevin parecia neutro, mas encarava Alysson com preocupação.

— É... sobre Richard — Alysson suspirou decepcionada.

Sônia franziu a testa. Algo havia acontecido e Sônia, em seu estado deprimente, não enchergara e assim, não apoiara sua amiga? Sentiu a bile subir pela garganta. A culpa a devastava internamente. Como pudera ser tão egoísta?

— O que aconteceu? — perguntou Kevin. Ele direcionou a própia cadeira de rodas para ficar ao lado de Alysson e passar o braço pelos ombros dela.

— Quando estávamos no... curso, tivemos um rolo — admitiu Alysson.

— Shiii, já ví tudo — resmungou Emily, recostando-se em sua cadeira.

— Não é assim, do jeito que está pensando. Nós nos beijamos e depois não conversamos sobre isso.

— Isso é muito deprê pra mim — Carrie apoiou o queixo na mão.

— A alguns dias, eu fui tentar falar com ele, mas... — Alysson não conseguiu continuar.

Sônia não sabia se Alysson estava, ou não atuando. Mas as lágrimas nos olhos da amiga pareciam muito reais. Reais demais, até.

— Mas... — instigou Sônia.

— Mas eu o encontrei com a... Jennifer — Alysson disse o nome da garota com raiva contida e a mágoa saturando a voz.

— A ladra — disse Emily, insultando a dita cuja mentalmente. — Vai melhorar, Aly...

— Vocês viram o que aconteceu com a Jennifer no baile? — perguntou Kevin, franzindo a testa e mudando de assunto como podia. Deu privacidade aos problemas de Alysson porque deduziu que era isso o que queria.

— Ah, eu ví.

— Conta pra gente, Emily — pediu Carrie.

— A Brittany se vingou dela. Aparentemente ela andava saindo com o Andy. Que amiga fura-olho, Com a ajuda da Kelly, a Jennifer pagou o maior mico!

Sônia se desligou da conversa, não queria saber de mais nada. Não ligava para os problemas da escola. Pouco importava se Brittany havia, ou não, aprontado. O perigo já havia passado, os seus segredos não seriam expostos.

Ah, que ótimo!, resmungou ela para sí mesma. Agora os segredos são meus.

Sônia sentiu o celular vibrar em seu bolso, era uma menssagem de texto.

É melhor você vir pra casa. Agora.
Ass: Kelly H.

— Carrie, Alysson, é melhor nós irmos — falou ela suavemente, interrompendo Emily.

— Por que? O que houve? — perguntou Carrie, interessada.

O que responder quando não se tem a mínima ideia?

— É o que quero descobrir — respondeu Sônia ainda olhando o sms. — Tchau gente — acenou

ela.

Sônia andou para a porta, distraída. Esperaria pelas amigas no carro, era melhor. Não aguentava mais ficar naquele espaço minúsculo sabendo que seu ex-namorado estava alí. Era tão... desconfortável.

Uma mão puxou seu braço.

— Dave — sussurrou ela, surpresa.

Dave estava lindo em seu casaco azul marinho e blusa cinza. Seus olhos escuros e profundos a olhavam com um misto de afeto e preocupação.

— Está tudo bem? — sondou ele com a testa lindamente franzida.

— Sim, está. Problemas familiares. Absolutamente normal — sussurrou a última palavra com ênfase.

— Tudo bem.

Um vazio ficou no lugar do toque de Dave depois que ele a soltou e se afastou. Por que ele fez isso? Ela não se indomodou, durante o período de pele contra pele em que ele a tocou, que ficasse perto. Estaria com raiva? Mágoa? Por que o amor machucava tanto?

Sônia foi para o carro.

Minutos depois, ela desafivelava o cinto de segurança, saindo do carro e entrando em casa pela porta da garagem. Não pôde deixar de notar a 4x4 estacionada no meio fio. De quem era aquele carro? Parecia improvável que sua mãe tivesse trocado de carro, ou que Érick tivesse comprado outro.

No fim das contas, foi uma maravilhosa surpresa.

Sônia largou a mochila no chão e correu para os braços do homem que estava em pé no meio da sala, abraçando-o fortemente, e sentindo uma alegria encher seu semblante vazio.

— Pai — sussurrou ela. — O senhor voltou!

— Eu não ia dexar minha filhinha por tanto tempo sem mim — riu Marco, afagando o alto de sua cabeça.

Afastaram-se para olharem um ao outro. O cabelo castanho escuro, meio ruivo de seu pai estava um pouco curto e os olhos, também castanhos, a olhavam com felicidade e saudade. Como era bom vê-lo saudável!

— Como você cresceu! — exclamou ele.

— E o senhor ganhou alguns fiozinhos brancos — mangou ela, rindo.

— Ah, o charme de um quarentão! — gargalhou de volta.

— Com certeza!

Eles riram ainda mais.

Sônia olhou para as pessoas na sala. Sua mãe estava de pé, em frente a janela, afastando a cortina com a mão para que pudesse olhar para a rua. Kelly estava sentada na poltrona de estofado verde claro com desenhos bordados florais em verde mais escuro, de braços e pernas cruzadas, uma careta no rosto.

Elas pareciam séria demais.

— Sr. Hussett — cumprimentou Carrie, apriximando-se para abraçá-lo também.

— Olá, Carrie! Como está? — o espírito de seu pai sempre fora alegre, mas Sônia sentiu que havia algo que o incomodava.

Estava tudo estranho demais. Por reflexo, segurou seu colar nervosamente no pescoço, rodando o pingente entre os dedos.

— Muito bem, senhor.

— Sr. Hussett — disse Alysson, mas não se aproximou.

— Deve ser a aluna de meu irmão Ruiz — disse ele mais sério.

— Sim, senhor — admitiu, parcialmente surpresa.

O ambiente era de tensão. Sônia se surpreendeu quando a aura da sala a tocou. Forte demais, ácida demais. Remexeu-se nervosamente.

— Há algo errado? — perguntou ela.

— É melhor se sentar, querida — pediu Lídia, olhando-a... carinhosamente. Não! Certamente não era isso. Não podia ser isso.

— Sim, Sônia, se sente — disse Kelly sem olhá-la, desagradável e em tom de deboche.

Lídia a repreendeu.

— Kelly...

— Desculpe.

Era a primeira vez que Sônia via a irmã ser repreendida pela mãe. Nunca, em toda sua vida, lembrava-se de um único momento em que tivesse presenciado sua mãe olhar severamente para Kelly. Como filha perfeita, ela agia de acordo com o que a situação exigia. Naquele momento, sua irmã parecia desagradável, não animada em ver Marco.

— O que está acontecendo? — perguntou ela, confusa, sentando-se no sofá.

— Temos que falar com você — disse seu pai, sentando-se na poltrona, ao lado esquerdo de Sônia. Sua mãe permaneceu de pé.

Alysson e Carrie se sentaram no sofá junto com Sônia, uma de cada lado.

— Lembra que eu falei que eu não podia lhe explicar sobre o tempo que estive fora? — disse Carrie.

— Sim...

— E que essa parte cabia a uma outra pessoa? — continuou Carrie intensamente.

— Também — respondeu Sônia tensa.

— Bom... — Carrie olhou para Marco Hussett de forma sugestiva.

Uma grande suspeita começava a se formar na mente de Sônia — não era possível!

O silêncio nunca fora tão ensurdecedor e desconfortável. Era como se esperassem que ela se pronunciasse. Bom, não esperaram por muito tempo.

— Acho melhor alguém começar a falar — avisou ela. Estava controlando seu gênio como podia, mas era difícil. Não conseguia pensar coerentemente. Só tinha certeza que algo dentro de sí estava prestes a explodir e que era melhor alguem começar a explicar.

— Querida...

— Pai...

Marco suspirou.

— Precisamos conversar a respeito da sua... psicose.

— O que tem ela? Não vão querer me internar, né? — diante de tudo o que ela descobrira a respeito da sua "doença", o termo "internação" parecia absolutamente ridículo.

— Não, meu anjo. Não vamos internar você — disse sua mãe, usando um termo carinhoso que

Sônia nunca a ouvira falar. Por que ela agia assim agora?

Ela a olhava com tanto carinho... Sônia sentiu os olhos marejados. Sentia tanta falta do carinho que ela nunca lhe dera... Isso é possível?

— Então o que querem me dizer? — suavemente perguntou.

— Você não é psicótica, meu bem. — Marco parecia nervoso pelo modo como remexia as mãos sem parar, e pela gora de suor que escorreu por sua testa. Seus pés não conseguiam ficar parados, e ele a olhava temerosamente.

Kelly simplesmente continuava indiferente.

— Não? — Sônia se fez de confusa, como se não soubese que não era psicótica.

A única pergunta que ela tinha era em saber aonde eles queriam chegar com aquela conversa.

— Não. Seus sonhos são muito mais do que imaginação. Na verdade, eles são muito mais reais do que você acreditaria... — Marco a olhou com pesar.

Era como se um estalo tivesse explodido na mente de Sônia. Em alto e estridente som.

Eles sabem, pensou ela cheia de mágoa. Eles sabiam o tempo todo. Que droga! Há mais segredos!

— Eles sabem, não é? — sussurrou ela para Carrie. Lutou incansavelmente para não transparecer como se sentia.

Carrie assentiu. E isso, deixou o abismo mais fundo.

— Sempre souberam — confirmou.

Sônia sentiu o própio rosto virar uma carranca de choro e as lágrimas caírem. Sabia que seus olhos demonstravam acusação. Odiava o mundo, o universo. Odiava a qualquer coisa, até a sí mesma. Nada machucava tão fundo. Uma ferida exposta que rasgara sua pele e quebrara seus muros.

Aquela verdade a machucava mais ainda, porque foram seus pais quem esconderam segredos. Foram eles quem não confiaram nela, e isso era muito pior.

— Eu não acredito! — explodiu ela, levantando-se do sofá e andando por todo o perímetro da sala com raiva. — Vocês sempre tão... seguros de sí... cheios de pose e classe... — O rosto de Sônia era uma mistura de raiva e incredulidade.

— Querida... — disse Marco.

Ela o olhou furiosa.

— Por que esconderam segredos de mim?

— Como você... — seu pai parecia surpreso por ela ter entendido tão rápido, ou assustado por ela ter entendido errado. Dependia a quê Sônia se referia. — Carrie, o que você disse a ela?

— A verdade, menos sobre você — falou ela, preocupada com Sônia.

Kelly suspirou, indiferente e entedidada.

— Quanto drama! — reclamou ela.

— Kelly! O assunto é sério — repreendeu Lídia novamente.

Kelly bufou.

— Como pôde contar? Pedi para me esperar! — brigou Marco, olhando Carrie desacreditado.

— Vamos nos acalmar, sim? — pediu Alysson pacificadora. — Ambas as partes querem explicações, então sentemo-nos novamente e falemos com calma. Os gritos só vão assustar os vizinhos. Não precisamos de mais problemas agora.

Ela tinha razão. Sônia, muito relutantemente, sentou-se no sofá e esperou seu pai se entender

com Carrie.

Mentiras... Elas acabavam com famílias, destruíam sonhos e abalavam a fé. No que ela poderia acreditar agora? Haveria algo a que se agarrar? Algo que nunca fora falso em sua vida?

— Por que contou a ela? Minhas ordens não foram claras? — ele voltou a perguntar.

Carrie baixou o olhar.

— Desculpe, senhor. Mas ela descobriu sozinha. Achamos melhor dizer tudo a ela, do que deixá-la cheia de dúvidas.

— Achamos? — perguntou Marco, estranhando a pluralidade. — Como assim "Achamos"?

— Sim. Existem outros vampiros em Denver — respondeu tranquilamente.

Marco engoliu em seco, e olhou para Lídia.

— Você sabia disso?

— Não. Estou tão surpresa quanto você — assegurou a mãe de Sônia.

— Pois não parece.

— Já vamos começar a brigar? — disse Lídia em tom de zombaria.

— Hello gente! Já estamos brigando — observou Kelly.

Sônia não estava entendendo nada. E talvez, no fundo, não ligasse. Ela só sabia que seus pais haviam escondido tudo dela e a fizeram de idiota por anos. Era sem igual o tamanho de sua raiva.

— Sônia… — suspirou Marco, olhando toda a tristeza no rosto da filha.

— O que você é? — perguntou Sônia.

Carrie dissera que tinha um tutor o tempo inteiro, que realmente fora fazer um curso com seu pai, que aprendera como ser vampira durante esse sete meses em que esteve fora... Era demais para ela compreender sozinha. Precisava de uma explicação, por mais que sentisse que não queria uma afirmação para suas suspeitas.

— Pela sua expressão, acho que já sabe...

— Vampiro? — conjecturou intensa e relutante ao mesmo tempo.

— Sim.

Sônia se lembrou sobre a mãe de Carrie e o fato dela não ter escolha a não ser virar uma vampira também. Se Carrie vinha de uma linhagem de vampiros porque sua mãe era uma e não tinha escolha a não ser transforma-se por conta disso, e o pai de Sônia também era um sugador de sangue, então Sônia era...

— E eu sou... — ela não conseguiu terminar a pergunta.

— Não, não! — falou sua mãe, aproximando-se e se agachando na frente de Sônia, para segurar firmente suas mãos. — Você não vai virar uma vampira, meu bem. Fique calma. Não se preocupe. Você não é assim.

— Por que?

— Você sabe sobre Anita? — perguntou Marco. — Quero dizer... A Deusa Anita?

— Sei... — afirmou Sônia. Nem mesmo lágrimas ela possuia mais para derramar. — Sobre Blair também.

— Então você sabe quem é — Marco desviou o olhar, juntando as mãos com força no colo.

— Mas como? Ela está viva! — exclamou ela.

— Só o corpo ainda vive com alguma dificuldade. Você é a deusa dos vampiros. Você é a nova reencarnação de Anita — assegurou seu pai. — É isso o que você é!

Sônia não queria acreditar, eles mentiam o tempo todo. Podia muito bem fazê-lo naquele momento. Como ela podia ser alguem que ainda vivia?

— E Blair?

— Ela também é Anita — disse ele, confundindo Sônia. — É como se a alma tivesse sido dividida. Vocês duas são Anita, e ambas são alvo dos feiticeiros...

Marco engasgou-se, sem terminar a frase. Subitamente, um medo se apossou de Sônia. Uma intuição deixou todo seu corpo tenso.

— Mas a diferença é que Blair está na Muralha, em segurança, e eu não, certo? — completou ela.

— Exatamente — seu pai parecia desesperado.

— E por que escolheram esse momento para me contar?

— Você vai completar dezoito anos em alguns meses. Quando isso acontecer, Saulo não poderá mais fazer a transferência de alma. Você estará segura. Preciso que você saiba de tudo, assim, poderemos ter todos os recursos para mantê-la protegida. Até que você possa assumir o seu posto diante de todos os vampiros.

— O que? — perguntou ela sem entender.

— Você é a deusa dos vampiros, a protetora... Deve ocupar seu posto. Você deve ir para a Muralha — disse Marco com firmeza. — Existe um perigo maior do que os feiticeiros. Somente na Muralha você estará segura.

Sônia se levantou com um solavanco.

— Querida... — disse Lídia.

— Não! É minha vez de falar — Sônia falou firmemente, mas por dentro, não poderia estar pior. — Todos esse anos, eu estive cercada por "guardas". Durante toda a minha vida, eu me sentia livre, normal na medida do possível, ainda que diferente das pessoas. Agora, eu descubro que eu sempre estava sendo vigiada! Dentros de casa, minha própia mãe, minha irmã serviam de bode espiatório. Na escola, e tantos outros lugares, minha melhores amigas assumiam o papel de segurança particular! Eu sempre estive cercada por um segredo, presa por algo que eu nem sabia que existia! Poucos dias atrás, eu descubro que meu namorado tinha vindo pra cidade porque queria me matar, afinal ele é um vampiro! Carrie e Karina também são, e agora meu pai! Alysson, meu tio Ruiz e os amigos dela são feiticeiros! Tem um monte de gente atrás de mim, querendo minha cabeça, alma, sei lá! — Sônia chorava, sua voz tremia assim como seu corpo. — E eu sou a reencarnação de uma deusa! Olha só que legal — disse ela com ironia. Respirando fundo, ela começou a sussurrar em sua voz rouca pelo choro. — Eu não quero saber quem está atrás de mim, eu não ligo se sou Anita, ou não! Eu quero a desgraça da minha vida de volta! Não foi isso o que desejei, não foi isso o que eu queria que acontecesse quando meu pai voltasse! Não foi nada disso e ponto final!

Sônia saiu da sala e subiu as escadas correndo, seu corpo caindo no carpete felpudo e misericordiosamente quente. Ela se sentia fria e moribunda, como se ela mesma já não se sentisse mais viva. E talvez fosse isso, ela podia estar morrendo e não ligaria. Nada mais lhe importava.

Sabia que nao teria a vida de volta.

Sua mãe nunca a ignorara durante esses anos, ela a protegia. Seu pai sempre longe... um vampiro. Suas amigas, seguranças, vigilantes de sua vida. Nada mais fazia sentido.

E Dave? Ele realmente a amava?

Chorou fortemente, ignorou as vozes do lado de fora, dizendo que ele precisava assimilar,

entender, aceitar... Não os deixou entrar. A porta estava trancada, pois que assim ficasse, igual a seu coração. Os muros haviam sido demolidos e ela construiria outros no lugar, mais fortes e resistentes.

E então ela percebeu que a morte não viria rápido o suficiente, mas seus surtos, sim. Precisava deles loucamente agora. Tanto que seu corpo começou a se debater no chão, entrando em convulsão. Engasgou-se e o ar faltou. Mas logo, a escuridão a cercava, afastando toda a dor...

Voltou para aquela bola de fogo, no meio de um nada infinito. Ela se deixara ficar perdida na escuridão, para escapar do mundo, fugir da realidade. Não queria ser protegida, não queria ser Anita. Queria ser invisível, uma grande ninguém.

Queria que Dave estivesse alí com ela, por mais que ele fosse um vampiro. Queria seus braços em volta dela, a acalmando e dizendo que ficaria tudo bem, que ele estava alí...

— Eu te amo — sussurrou a voz de Dave. Estaria ela delirando? — Amo pra sempre.

Pois que fosse um delírio. Estava feliz alí, mesmo sem ver nada além do fogo, escutando... Sua voz penetrava em seus ouvidos como uma doce melodia de uma lira.

— Volta pra mim, meu amor — pediu Dave mais uma vez.

Capítulo 16

Mal Humor

"Confiança é fruto de um relacionamente em que
você sabe que é amado. Como não sabe que o amo,
não pode confiar em mim."
A cabana - Willian P. Young

Uma claridade invadiu o quarto de repente, incomodando Sônia que dormia. Mesmo com os olhos fechados, ela podia sentir o sol invadindo, preenchendo cada canto escuro com luz. Uma estranha e nova sensação a tomou. Uma complexa mistura de desconforto com insatisfação. Muito desagradável, certamente. Se antes, ela gostava de ficar no escuro de seu quarto, agora, ela amava. Simplesmente não podia aceitar que os raios fossem contra sua vontade.

Abriu os olhos e voltou a fechá-los quando a luminosidade a cegou. Precisou piscar várias vezes até que suas pupilas se ajustassem e ela pudesse ver normalmente. Tudo parecia mais triste, melancólico. Desde a janela até a porta, na parede oposta, uma névoa de topor flutuava, invisível. E graças a ela, Sônia ainda conseguia dormir, mesmo que só o suficiente. Viu Alysson em pé diante de sua cama, com os braços cruzados e o semblante sério. Um beicinho raivoso demonstrava sua indignação.

Ela vestia uma roupa comum, mas com o ocre e o preto predominando, seja na calça, ou na blusa com renda. Remexeu-se sobre seus pés quando Sônia arqueou uma sobrancelha. O cabelo castanho estava solto, e ela mais do que nunca, parecia alguém prestes a dar o bote.

— O que foi? — perguntou Sônia, irritada às seis da manhã. — O que faz aqui? Aliás, como

entrou se a porta estava trancada?

— Hoje, você vai a aula. — Alysson ignorou a maior parte de suas perguntas e se esforçou para ser autoritária, e estava conseguindo.

Antigamente, quando Sônia recebia uma ordem simples como essa, ela cumpria calada, sem reclamar, pois não havia motivo para desobedecer na maior parte das vezes. Agora, o que ela fez foi:

— Vai se ferrar — resmungou ela, se enfiando ainda mais no endredom.

Cindo dias já haviam se passado desde o confronto na sala de estar. Durante esse período, ela ficara no quarto, saindo só para assaltar a geladeira e voltar depressa para seu ambiente de depressão. Nada de telefonemas. Sabia que Emily e Kevin já haviam lhe ligado milhares de vezes — e ela ignorara todas. Carrie fora terminantemente proibida de entrar no quarto, embora ela estivesse com raiva de Sônia e tivesse deixado aquilo claro, evitando mais uma cena de choro.

Então elas se falavam nas breves vezes em que Sônia saía, mas nada mais que três palavras. Kelly e Sônia continuavam... na mesma. A irmã não se importava com ela, e, apesar do sentimento não ser recíproco, Sônia a ignorava também. Lídia, vez ou outra, tentava conversar, mas Sônia fingia que não ouvia. Com o tempo, Lídia foi desistindo. Marco a visitava todos os dias, mas poderia dizer o mesmo de ver alguém em coma no hospital. Sônia não falava, não sorria e olhava para o nada com a cara emburrada.

Alysson era uma história totalmente diferente.

— Vamos! Levanta! E não fale comigo assim — disse Alysson, puxando o endredom e jogando-o no chão. — Sei que está chateada e que não é comigo, por isso, posso muito bem dar uma de amiga mandona. Mas você não vai faltar aula de novo — Alysson apontou o dedo indicador para Sônia, ordenando-a a obedecer.

Alysson puxou a perna de Sônia, irritando-a ainda mais.

— Sai, Aly! — Sônia tentou acertar a amiga com um travesseiro, errando vergonhosamente.

— Boa tentativa. Agora saia dessa cama, se não eu vou jogar um balde d'água em você! — ameaçou.

— O tempo que você levar para descer, pegar um balde, encher e trazer aqui pra cima, eu já vou estar trancada no banheiro com o meu endredom — zobou, dando língua.

— Isso nunca daria certo.

Sônia olhou para a cara convencida de Alysson, e disse:

— E por que não?

— Porque sou uma feiticeira. Existe cada feitiço ridículo que você não seria capaz de imaginar. Além do que, é muito cançativo subir uma escada carregando um balde cheio de água. Principalmente com meu salto alto!

Alysson a encarou superior e repetindo a ordem de Sônia se levantar. Sônia revisou os olhos, bufando.

— Isso é trapaça — resmungou ela, levantando-se relutantemente para ir no banheiro tomar banho e se arrumar para escola. — Por que isso importa tanto? Que saco!

Alysson sorriu, vitoriosa. Estava dando pulinhos internamente. O importante era tirar Sônia daquele estado mórbido.

— Dois motivos: você é minha amiga, por tanto me importo com você. Além disso, estou de saco cheio do Dave me perguntar todo santo dia como você está, e quando volta, e o que aconteceu

de tão grave e... Ai, é tanto blá, blá blá...

Sônia se segurou para não jogar o tubo da pasta de dente em Alysson. Ela provavelmente tinha ótimos reflexos e ainda era uma feiticeira. Quem sabe o que ela poderia fazer? Talvez o tubo, de ricochete, retornasse e batesse no espelho, quebrando-o.

— Eu já entendi, Aly, obrigada — interrompeu ela.

Pelo espelho, Sônia viu Alysson dar de ombros.

— Não há de quê. A Carrie tá na porta querendo entrar, mas como você a proibiu, está perguntando se pode — disse Alysson, franzindo os lábios.

Como Sônia estava escovando os dentes, ela só fez um sinal positivo com a mão, levantando polegar.

— Pode, Carrie — disse Alysson alto o suficiente para que toda e qualquer pessoas em um raio de dez metros ouvisse. Sônia riu ao pensar na irmã dormindo no quarto ao lado.

Pelo reflexo, ela pôde ver Alysson e Carrie atrás de sí, sendo que Carrie sorria feliz. Não, mais do que isso. Estava radiante e aliviada. Era bom sentir as amigas perto dela, mesmo que sendo suas "seguranças". Estremeceu ao pensar na palavra. Até que ponto ela podia chegar para protegê-la? E quanto a isso, ela tinha uma pergunta para fazer.

Terminando de escovar os dentes e começando a tirar o pijama, ela perguntou:

— Vocês realmente gostam de mim, ou sempre ficaram por perto para cumprirem ordens de seus tutores?

Sônia entrou no box, fechando a porta de correr e ligando o chuveiro. A água desceu quente a princípio, mas logo tornou-se fria como o quarto durante a madrugada nebulosa e cheia de pesadelos. O som do encontro da água com o chão em nada afetava sua audição.

— Sempre amamos você. Já éramos suas amigas quando recebemos a ordem de protegê-la. Naquela época, quando recebi as ordens, eu não era uma vampira ainda, por tanto, eu andava com uma pulsera de prata que tinha um botão vermelho minúsculo que eu podia apertar sempre que eu achasse que você estava em perigo. Ele enviaria um sinal direto para o celular de seus pais, alertando-os. Contudo, eu nunca precisei usá-lo — falou Carrie, mais tranquila do que realmente estava.

— Sabe, — começou Alysson — humanos nascidos de vampiros e filhos de feiticeiros tem a tendência de mudar aos dezessete anos. Meus poderes afloraram agora, assim como a natureza de Carrie. Por isso fomos embora quase ao mesmo tempo, tendo em vista que você estava segura. Mas voltamos quando soubemos que a notícia sobre você se espalhou.

— E como vocês souberam disso? — perguntou Sônia.

— Nós, vampiros, temos infiltrados na Muralha a seu favor — respondeu Carrie, referindo-se a parte vampira da família. — Quando eles enviaram alguém para matá-la, voltei o mais rápido possível.

— Eu descobri por acaso. As notícias correm soltas no Centro de Concentração. Os feiticeiros ficaram sabendo que Anita havia retornado e que estava desprotegida. Era a oportunidade que precisavam. Não sei como, mas a sargento que me treinava desconfiou que eu tinha uma ligação com você. Encontraram uma foto sua nas minhas coisas também. E então, sabendo de sua aparência e provável localização, eu tomei as precauções necessárias para protegê-la eficientemente — disse Alysson. — Seu colar é um exemplo disso. Seu tio me ajudou.

Sônia se sentia agradecida pelas amigas cuidarem dela. Elas haviam escondido segredos porque seguiam ordens. Sônia só se sentia magoada com sua família, por não terem confiado nela. Não obstante, ainda havia questõs que martelavam em sua cabeça e que ela lutava muito para não pensar.

E quanto a Dave, não sabia o que fazer ao certo. Ele viera para essa cidade para matá-la porque não suportava a ideia de ficar sem Blair, e agora dizia que a amava. Sônia desejava desesperadamente que isso fosse verdade, mas não estava a vontade em ter que dividir o amor de Dave com outra mulher que também era reencarnação de Anita. E por quê ele a amava? Sônia vira Blair em seus sonhos/pesadelos e ela parecia tão mais perfeita... O que fizera Dave parar com seu plano? O que o impedira?

Aquilo era confuso demais. Optou por focar em um tema menos doloroso.

— Alysson, você não devia me odiar? — perguntou Sônia, enrolando-se na toalha. — Tecnicamente, você deveria ser leal a Hugo, irmão de Anita. E deveria odiar os vampiros e a... deusa deles — ainda era difícil pensar em sí mesma como deusa. Ela era isso mesmo? Apesar de tudo o que acontecera e o que sabia, realmente duvidava disso.

— É, eu deveria. Mas sou leal a seu tio e a minha melhor amiga. Não é porque eu deveria ser o inimigo que eu vá ser. Todo mundo tem escolha, eu fiz a minha — respondeu Alysson com firmeza, decidida. — Não vou deixar que uma rixa faça de mim, uma escrava das vontades dos outros. Eu tinha dois caminho e optei pelo que me pareceu mais correto, o que fazia mais sentido. Não me arrependo disso.

— Obrigada — Sônia sorriu carinhosamente para ela.

Seguiu para o armário, procurando uma roupa para vestir. Pegou o básico de sempre — jeans, camiseta e moletom — quando sentiu a mão de Alysson pará-la.

— Eu escolho — disse ela.

— Por que?

— Você já está deprê, roupas escuras vão piorar seu estado, te deixar mais azeda. Deixa que eu escolho — pediu Alysson.

Sônia sentiu os braços de Carrie rodeando-a em um abraço reconfortante. Ela se deixou ser abraçada pela melhor amiga. Era melhor tê-las ao seu lado, mal podia acreditar no quanto tinha sorte delas ainda se preocuparem com ela depois de tudo o que fizera, de todas as ofensas que falou. Culpada, ela encurvou os ombros.

Alysson escolheu uma blusa amarela que não era chamativa, com mangas rendadas e gola arredondada, junto com um jeans skinny azul claro.

Quando Sônia estava devidamente vestida, Carrie disse:

— Perfeito. Vamos?

— Espera — pediu Sônia. — Podemos tomar café na lanchonete? Eu não sei se... Quero ver minha mãe... agora.

Alysson e Carrie se entreolharam.

— Tudo bem — disseram juntas. Depois Alysson falou sozinha. — Só hoje.

— Valeu — suspirou Sônia.

A lanchonete estava quase vazia quando chegaram. Não era um lugar muito movimentado a essa hora da manhã. Um ambiente grande, espaçoso e com as mesas de tampo vermelho dispostas em um grande U mais aberto ao redor do balcão, como uma meia esfera. Os bancos eram estofados na cor

vermelha. A maior parte da parede era de vidro, inclusive as portas. O balcão fora revestido com quadrados pequenos de cerâmica branca, com outras amarelas e vermelhas intercaladas nas bordas e o tampo era feito de mármore. Era iluminado por fluorescentes brancas, agradavelmente ambientalizado por um ar-condicionado e com duas portas duplas brancas com pequenas janelas circulares ao fundo.

Elas se sentaram em uma das mesas e pediram o clássico do café da manhã. Não era um cardápio vasto, porém parecia apetitoso.

— Eu vou querer ovos com bacom — pediu Alysson.

— Pra mim, só o bacom. Detesto ovos. Ah, por favor, me traga uma maçã. Bem vermelha — disse Carrie.

— Só um capuccino — falou Sônia. — Pão integral com aquele patê que só vocês sabem fazer também.

A garçontete se afastou, com os pedidos anotatos em sua caderneta. Um cheiro maravilhoso saía através das portas duplas da cozinha. Pelo pouco que Sônia conseguia ver através da brecha, os cozinheiros já começavam a preparar o almoço para ser servido dalí a seis, ou sete horas.

O dia estava ensolorado e quente. Fazia um tempo que não chovia, o que desanimava Sônia. Era libertador e muito reconfortante ver que alguém chorava com ela e que tinha um humor cinza, nublando qualquer felicidade. Seu coração havia trancado a porta e plantado uma floresta de espinhos ao redor. Foi o único modo que encontrou para se proteger. Às vezes, ficar sozinho ajuda a pensar. Quando uma pessoa quer ler, procura um lugar silêncioso. É impossível chegar a qualquer conclusão cercada de opniões formadas. Ficar só e ser solitário eram duas coisas diferentes.

— Ah, não acredito — disse Alysson, escondendo o rosto retorcido em uma careta com a mão. — Cara de pau!

Sônia franziu a testa e procurou por algo que pudesse ter incomodado a amiga ao redor. Na porta, encontrou o nunca pensou que fosse ver. Sentiu o queixo cair diante da cena. Sua incredulidade alcançou o auge.

Jennifer entrou com Richard ao seu lado. Ela parecia abatida, o rosto sem maquiagem, o cabelo liso, sem os cachos artificiais que ela costumava fazer. Tudo tão incomum... Estava tão mal que Sônia teve pena dela. Viu também o que mais incomodara a amiga — Richard mantia as mãos bem firmes nos ombros de Jennifer.

Que cena mais... bizarra.

— Calma, Alysson — pediu Sônia, acariciando a mão da amiga sobre a mesa. Tentou reconfortá-la como pôde, mas não parecia estar tento sucesso.

— Estou calma. Acredite, você nunca me viu nervosa — os olhos de Alysson não paravam em um ponto fixo, mas permaneciam longe dos recém-chegados.

Olhando para a amiga, Sônia pôde ver que ela sofria de verdade. Uma dor tão diferente, mas de certa forma semelhante a dela. Ambas sofriam por garotos que amavam, mas que as havia magoado. Contudo, eram tipos diferentes de mágoa. Erros e erros... Um seguido o outro sucessivamente. As pessoas erravam para aprenderem o certo, porém, havia algo de extremamente irresistível no erro. O que seria? Ah... O desafio que ele lançava. Tentar concertá-lo era um desafio e tanto. Praticamente impossível, segundo o que Sônia acreditava. Mas o que ela gostaria era de que os efeitos colaterais não afetassem as pessoas ao redor.

— Não temos sorte mesmo, né? — perguntou tristemente.

Alysson negou com a cabeça, os ombros encurvados e segurando uma careta de choro. Carrie abraçou-a de lado e Sônia fez o mesmo. Suspirou profundamente, pensando em Dave e se perguntando porquê as coisas tinham que ser tão difíceis.

— Por que ele fez isso? — perguntou-se Alysson em voz alta.

— Homens são idiotas — chutou Carrie.

— Todos somos — discordou Sônia. — Sempre que pensamos estar fazendo o certo, alguma coisa dá errado. E depois somos teimosos para voltar atrás.

Carrie a olhou, franzindo a testa solidariamente.

— Está falando de você e do Dave — adivinhou ela.

— Sim. Por que eu não consigo ficar com ele? É o que eu quero mas... Parece tão injusto.

Alysson suspirou.

— Você tem medo de se ferir ainda mais. Por causa da Blair. Por causa de tudo.

— Uhum. E se depois de um tempo, ele descobrir que a ama mais do que a mim? Ele vai ter coragem de me apunhalar pelas costas e trazer ela de volta? Eu não sei! — gemeu Sônia. — E eu não consigo perdoar que ele tenha escondido coisas de mim, coisas que me envolviam! Vocês foram obrigadas, e ele? Ninguém deu ordens a ele.

Sônia apoiou a cabeça nas mãos do mesmo jeito que Alysson fizera segundos atrás. Desesperada por respostas, e sem saber onde procurá-las. E naquele momento, pensando em Blair e tudo o que Dave dissera sobre a história de Anita, Sônia indagou o porquê dele amá-la. Como alguém podia ser tão… instável?

E em nenhum momento, ela parara para pensar em Saulo.

~•~♥~•~

Alysson saiu mais cedo da lanchonete, não podia permanecer alí, no mesmo ambiente que Richard. Em sua mente, milhares de adjetivos dirigidos à ele.

Cretino, cafasjeste, sem ética nenhuma!, pensava ela com raiva enquanto descia a escada de cimento em frente ao estabelecimento, segurando no corrimão firmemente. Ele sabia que ela estava lá, mas não a olhou nenhuma vez! Mas no fim da escada, uma surpresa:

— Richard! — exclamou ela, vendo-o parado a sua frente, com toda sua austeridade evidenciada. — Mas o que você... Eu o ví lá dentro... Como chegou aqui tão... rápido? — disse ela incoerentemente. Toda sua raiva dissipada pelo susto que levou.

— Queria conversar — disse ele, calmo.

Sua calma foi o suficiente para reacender sua fúria anterior. Alysson tinha muita paciência, mas seu pavio fora encharcado de querosene.

— Agora, você quer... conversar? — zombou ela, olhando com os olhos flamejantes. Gargalhou ruidosamente. Era tão estúpido ver Richard alí, tentando falar com ela quando Jennifer estava a menos de dezoito metros de distância.

— Desculpe por não ter lhe procurado depois do beijo. Sinto muito se passei a impressão errada. Não quero que pense mal de mim — sussurrou ele capisbaixo.

— É um pouco tarde pra isso — assegurou Alysson.

Richard pareceu incomodado, até mesmo magoado. Então abaixou a guarda, aproximando-se dela com o semblante angustiado. Alysson tremeu internamente ao vê-lo assim, e quase sentiu vontade de reconfortá-lo. Quase.

Podia ser fingimento também.

— Não diga isso — pediu ele. — Não suportarei se você nunca mais falar comigo por causa de um mal entendido. Não foi assim que aconteceu. Eu juro.

Ela segurou as lágrimas possessivamente dentro de sí. Elas lhe perteciam. Richard não as veria enquanto ela fosse forte o suficiente para impedir.

— Não acredito em você. Eu o ví com a Jennifer. Depois de tudo o que eu lhe disse sobre as pessoas dessa cidade, depois de todas as recomendações sobre quem você podia confiar, ou não, você ainda sai com ela?! Não espere mais nada de mim.

Richard ofegou como se a acusação fosse um tremendo absurdo, como se lhe fosse repugnante e totalmente impossível.

Como se Jennifer não estivesse dentro da lanchonete esperando-o voltar.

A cara de pau de Richard a irritou ainda mais. Estava a ponto de sentir que faria uma tremenda besteira, que provavelmente se arrependeria depois, porém, naquele momento, não podia evitar colocar suas suspeitas para fora. Ele era o sacana que ela nunca pensara que fosse, não merecia seu respeito. Poderia ter sido esfaqueada e Alysson não se sentiria tão machucada.

— Você é um grande imbecíl! — vosciferou ela, cheia de um ciúme que não queria admitir. — O que? Você a ama, é isso? Por isso não se importa se ela é, ou não, uma vadia? Ela vai te trair na primeira oportunidade, com o primeiro que aparecer. Eu garanto!

Tudo o que Richard fez foi rir descaradamente. O que? Alysson estava chocada e de queixo caído. Uma fúria crescente subiu por sua garganta feito uma chama que ela manteve sob tenso controle. Austera, cruzou os braços e esperou Richard parar de rir.

— Ciúmes? — perguntou ele, sorrindo com um brilho humorístico no olhar. Parecia feliz, inclusive. O sorriso não deixou seu rosto.

— Não tenho ciúme de você. Não é nada meu — falou Alysson muito calma.

— Você me ama, né?

Ela ofegou e controlou-se ao máximo. Diante da petulância de Richard, o controle se esvaía rapidamente.

— Você se acha muito!

— Eu me tenho certeza, acredite — assegurou ele, piscando. Em seguida, riu.

Nesse momento, Alysson viu Joseph andando devagar até a lanchonete, aproximando-se dos dois sem saber o que estava acontecendo. Uma ideia lhe ocorreu e não parou para pensar em consequência alguma.

Perdoe-me Joseph, pensou ela com pesar.

— Eu acho que não, Rich — riu para o garoto que lhe partira o coração.

Alysson se apressou em alcançar seu foco, puxando Joseph pela gola da blusa e beijando-o apaixonadamente na frente da cara estupefada de Richard. Ela segurou-lhe o rosto com força de encontro ao seu. Seus dedos lhe acariciavam a nuca e ela sentiu braços a rodearem, mantendo-a alí. Nenhum dos três conseguiam acreditar no que estava acontecendo. Mesmo assim, Alysson se sentia suja e vitoriosa ao mesmo tempo.

~•~♥~•~

Sônia olhou Dave entrar no J5 no fim da aula. Saudosa, ela o viu ir embora. Seu coração chorava dentro do peito e seus olhos se encheram de lágrimas. Sua garganta doía. Queria sentir o abraço reconfortante que só ele podia lhe dar.

Mais cedo, ele a vira e dera um sorriso tão lindo que fora capaz de fazer seu coração deterreter. E então, o rosto dele murchara e se afastara dela a passos largos.

Não haviam palavras suficientes para descrever a sensação de tê-lo perto e longe ao mesmo tempo. Olhando nos olhos dele, era fácil acreditar que ele realmente a amava. Mas então, ele ia embora e as dúvidas voltavam. Blair, Anita, Dave e anos de acontecimentos, todos enclausurados dentro dela. Ela podia rever fatos passados, pôde inclusive, ver o amor nos olhos de Dave enquanto ele dançara com Blair.

Era tão difícil aceitar que ele amava outra também. Que escondera coisas dela, que pensara em matá-la só para ter Blair novamente. E era complicado crer que existiam duas Anitas agora, vivas, sendo que uma delas corria sério risco de morrer enquanto a outra... dormia. Patética essa minha vida, pensou ela.

Sônia não esperou Carrie sair da aula dela, foi sozinha para casa, a pé como costumava fazer. As coisas haviam mudado, dando uma guinada completamente oposta ao que ela esperava. Queria ser reconhecida por ser especial, ela sentia isso. Mas nunca imaginara que aquele sentimento tivesse a ver com anos e anos de reencarnações e uma deusa dos vampiros. E depois de ver tudo isso passando por ela, já não sabia o que queria de verdade.

Era bom continuar com os velhos costumes. Reconhecer o familiar caminho que a levava de volta para casa. Ver que tudo continuava igual enquanto só ela mudava. Não estava tentando ser diferente, não mais. Só queria ser ela mesma. Poder viver e se libertar.

Pegou a chave de casa na bolsa e abriu a porta, entrando e fechando-a em seguida. Olhou para os lados, o ambiente melancólico tocou-a, deixando-a no estado em que estava antes de sair de casa para ir a escola. Demoraria até que a ferida feita pelos própios pais se fechasse, o que permitiria que ela os perdoasse. Mas enquanto doesse, ainda estaria magoada. Seu semblamente murchou consideravelmente.

A casa não estava vazia como ela pensara. Sua mãe chegou na sala, vindo da cozinha. Seus passos foram tão silenciosos que tiraram de Sônia a oportunidade de correr escada acima e trancar-se em seu quarto.

— Filha! Que bom que chegou. Fiquei feliz em saber que você finalmente saiu do quarto e que foi para a escola — disse Lídia, sorrindo com expectativa e parecendo envergonhada. No mínimo, tímida diante de Sônia.

Ainda era estranho ver a mãe assim.

Kelly entrou pela porta, deslumbrante como sempre. O cabelo loiro perfeito e ondulado, emoldurando seu rosto de porcelana e os olhos perfeitamente azuis brilhavam. Ela se parecia com a mãe de um jeito que Sônia nunca seria. Mas então, o ambiente tocou Kelly e ela mesma parecia um pouco apagada agora.

Sônia não olhou a mãe nos olhos, mas, ao subir a escada, ela disse:

— Minha família inteira mentiu pra mim. Como você pode achar que eu vou acreditar que se importa de verdade? — Aquilo atingiu Lídia mais do que se tivessem batido em sua cara. Parecia que ao machucar sua mãe, Sônia machucava a sí mesma também.

Sônia não se importava. Ela estava ferida, todos estavam.

Como o sol pode brilhar em um dia como este?, resmungou ela internamente. O mal humor surgiu a partir do momento em passara pela soleira da porta. Até parece que gosta de me ultrajar.

Estava na porta do quarto, prestes a abrí-la e se afundar no endredom macio, quando percebeu Kelly atrás dela, seguindo-a e olhando-a com raiva.

— O que quer, Kelly? — perguntou Sônia entediada.

Sua irmã a olhou com ódio. Seus olhos queimavam, acusadores.

— Como pode fazer isso? — parecia até que era Kelly quem estava ofendida.

— Fazer o quê?

— Tudo isso. Ignorarar a mamãe, não falar mais com papai... Você não é a única que sente dor, sabia? — A voz de Kelly ficava cada vez mais alta e mais fina. Uma adaga afiada.

— Você não sabe o que é passar por isso — acusou Sônia.

Sua irmã riu descaradamente, como se soubesse mais do que Sônia jamais descobriria.

— Você pensa que é a única afetada por essa história! Não sabe o que nossos pais sofreram para lhe dar o mínino de conforto e segurança. Deixa de frescura! Age como uma adolescente cuja vida é dramática! Atitude infantil essa.

Respirando fundo e como humor azedo, Sônia resmungou:

— Se a vida tem que ser dramática, que seja no mundo ilusório das compensações. Eu não me sinto bem. E nada justifica o que me fizeram. Você não sabe de nada.

Kelly estremeceu, quase como se quisesse chorar. Fez cara de teimosa e soltou uma fúria contida em suas palavras sussurradas.

— O que eu sei é que mamãe lhe protegeu a vida inteira! Todas as vezes em que eu saia com ela, praticamente a arrastava. Ela não gostava de lhe deixar sozinha e desprotegida. E quanto às suas atitudes, toda essa sua mania de ser diferente e tal... Sabe por quê ela não gostava? Porque isso chamava a atenção, voltava os olhares para você. Podia ser perigoso se algum vampiro sentisse a Anita em você. Era sempre melhor tê-la no escuro. Enquanto você não soubesse de nada, a deusa dentro de você ficaria menos evidente. Era tudo pela sua segurança. Tudo o que importava era você estar protegida e o resto que se lasque! Inclusive sua irmã! — Kelly despejou tudo o que sentia de uma vez. Durante anos, Sônia achou que a irmã fosse a queridinha, a protegida de Lídia quando na verdade era o contrário. A situação estava invertida o tempo todo e ela não sabia. Culpada, abaixou o olhar.

— Não acho que eu tenha mudado muito depois que eu descobri.

— Você já se olhou no espelho? Para as coisas ao seu redor? Tudo parece reluzir quando você está presente. Hoje de manhã, na escola, eu podia jurar que uma série de flores do jardim desabrocharam quando você passou. E esse reflexo avermelhado em seu cabelo? Está mais para bordô agora — disse Kelly convencida do que falava.

Sônia arregalou os olhos.

— Não tenho culpa de nada disso. Eu não queria isso! — Sônia não ia chorar, não podia mais chorar... — E concerteza, não quero agora.

— Quer saber de algo em que você tem culpa? Pois eu digo a você! Mamãe e papai só estão separados por sua causa. Quem imagianaria que o homem com quem Lídia se casou seria um vampiro e que a primeira filha dela seria a reencarnação da deusa dos vampiros? — zombou Kelly, irônica e sarcástica. — Ora, uma situação completamente normal e compreensível!

— O que? — ofegou Sônia, chocada. Uma culpa muito mais forte crescia dentro de sí, mesmo sem saber se tudo o que Kelly dizia era verdade. Chocada, engoliu em seco.

Mas no fundo ela sabia, sentia que era verdade. Mas ainda não fazia sentido. Nada daquilo fazia.

— Por que fariam isso? — sondou temerosa, a voz falhava, rouca.

— E de novo: para lhe proteger — zombou Kelly. A irmã não se importava em ser gentil e aliviar para Sônia. Por que deveria? Por que era sua irmã? Foi-se o tempo em que as famílias era unidas. — É de se esperar que a deusa nasça na família perfeita, que estará junta até o fim, unidos para protegê-la. — Os olhos de Kelly se encheram de lágrimas, assim como Sônia. — É tudo para desviar a atenção de quem quer que seja. Deixar o inimigo longe de você. Eles sofreram para mantê-la segura, e você agradeceu como? Magoando-os, causando ainda mais dor a essa família. Já não é o suficiente?

Era uma acusação, definitivamente. Kelly se afastou, indo para longe de Sônia.

Seu rosto se contorceu. Tinha vontade de gritar até ficar rouca, de dizer que não acreditava, que não importava. Mas então seria uma mentira. Porque quem sente culpa se importa. E ela estava se sentindo culpada naquele momento.

Abriu a porta do quarto lentamente, como se a raiva tivesse abandonado-a, deixando-a fraca e solitária. Em cima de sua cama, Alysson estava encolhida, chorando.

— Aly — disse Sônia, esquecendo os própios problemas ao ver a amiga naquele estado. — O que houve? O que aconteceu?

Sônia correu em direção ao centro do quarto. Sentou-se na cama, ao lado de Alysson, afagando sua mão.

— Eu estraguei tudo — gemeu ela.

— O que você fez, Aly? Shii... Não chore. O qur aconteceu? — repetiu.

Alysson a olhou tristemente. Estava arrasada, abatida. Sônia a abraçou, como se pudesse protegê-la com o própio corpo do que a afetava. Suas mãos acariciaram o topo da cabeça de Alysson enquanto ela se desfazia em lágrimas em seu colo.

— Eu beijei o Joseph na frente do Richard de propósito e agora, ele me odeia — chorou a amiga. De repente, todo aquele sofrimento fez sentido.

Nem todos podem ter o amor facilmente, observou Sônia, pensando em Alysson e na mãe que chorava escondida na cozinha lá em baixo. Eu vou deixar mesmo o meu escapar porque estou atravessando um caminho duvidoso?

Para isso, não tinha a resposta ainda.

Capítulo 17

Destinados

"Eu só quero me sentir vivo
e poder ver ser rosto de novo, mais uma vez.
Só meu eco, minha sombra.
Você é minha única amiga."
Echo - Jason Walker

Sônia deixou o carro em ponto morto, tomando coragem. Respirou fundo algumas vezes e depois soltou o ar lentamente. Ela tinha medo de encará-lo e perceber que, talvez, tivesse chegado tarde de mais. E se fosse esse o caso... Bom, não sabia o que faria. Estremeceu diante da ideia. Ela tentaria, não importa o que custasse. Ela o amava, e em nome desse amor, o perdoaria.

Mas precisava conversar com ele antes de tomar qualquer atitude.

As coisas haviam mudado, sim, era verdade. Mas ela descobrira que estava piorando tudo. No dia anterior, percebera através da tristeza de Alysson e pelas palavras de Kelly, que não era somente ela quem estava machucada e que com as atitudes que estava tendo, magoava as pessoas que amava também.

Não precisava de ainda mais dor no meio dessa história.

Era hora de encarar de frente. Segurou o colar em seu pescoço, tirando forças dele. Ele não a protegeria da dor que sabia que viria, mas lhe dava esperança. Como Alysson disse, sempre há uma brecha. Sempra há uma saída. Quem sabe, hoje, ela não encontraria uma maneira de seguir em frente junta de Dave?

Desligou o carro e desceu. A rua não estava movimentada, de modo que apenas um casal estava passeando com seu golden retriver preso na coleira e uma babá levava o bebê recém-nascido para tomar um pouco de sol. Estava cedo. Cedo demais talvez. Será que Dave ainda dormia? O sol nascia no horizonte, lentamente, banhando toda e qualquer forma de vida. Olhando um pouco mais além do fim da rua, avistou algum movimento de carro na avenida. Nada anormal para a vida de humanos comuns.

A casa a sua frente parecia misteriosa, como se tivesse sido banhada por uma aura de enigmática. Subindo as escadas de concreto, Sônia perguntou a sí mesma se era o momento correto para aquilo e decidiu que já esperara tempo demais. Haviam muitos corações magoados. Era melhor terminar de uma vez por todas antes que as coisas piorassem. Dar um rumo para sua vida.

Tocou a campanhia e esperou. Minutos depois, Karina abriu a porta. Não era o que Sônia esperava, mas tudo bem. Pelo menos, haviam aberto a porta.

Karina a olhou, mas não estava exatamente surpresa em vê-la alí. Parecia... relutante. Resignada, talvez.

— O que veio fazer aqui? — perguntou ela. Sua voz dura e direta. Os olhos queimavam brandamente.

— Dave está? — disse Sônia, desviando o olhar, envergonhada. Naquele momento, viu o quão infantil vinha sendo.

— Por que veio? Para trucidar com o que restou do coração dele? — Não foi uma acusação, mas

podia ter sido e o efeito seria o mesmo.

O coração de Sônia se afogou em culpa e isso fez com que sua voz saísse fraca.

— Não. Eu vim terminar com toda essa angústia. Preciso falar com ele. Por favor... Karina.

Karina abriu passagem e Sônia entrou timidamente quando foi parada pela mão forte da vampira em seu braço. Não machucava, mas era desagradável.

— Eu vou sair. Dave está no escritório, acho que se lembra onde é. Quando eu voltar, se eu encontrar Dave pior do que já está... Não me importa quem você seja, nem o quanto ele vai me odiar... Mas eu mato você — avisou Karina.

Ela saiu, fechando a porta com um estrondo que assustou Sônia no ambiente vazio. Lutando para respirar normamente, se dirigiu para a porta atrás da escada. Hesitou, decidindo se devia bater, ou não. Mas considerando a audição de Dave, ele provavelmente já sabia que ela estava alí.

Abriu e lentamente entrou, encontrando Dave com a cabeça baixa e de costas para ela. Ele se virou quando o assoalho rangeu sob os pés de Sônia, surpreso em vê-la alí.

Tudo bem, ele não sabia que ela havia chegado. Sônia mexeu na alça da bolsa, nervosa.

— Oi — cumprimentou Sônia, envergonhada.

— Oi — retribuiu Dave, tenso, mas receptivo. Ele franziu a testa e deu a volta na mesa. Seus dedos deslizavam pela madeira enquanto ele, com uma exagerada lentidão, se aproximava.

— Como você está? — perguntou ela docemente. Estava tão preocupada com o bem-estar dele depois do nada sutil aviso de Karina.

— Estou indo... E você?

— Indo...

Gemendo pela impaciência, Sônia se aproximou rapidamente da mesa, largando a bolsa no sofá de couro preto. Olhando no fundo dos olhos de Dave, disse:

— Quero ouvir o resto da história. Daquela que você não pôde terminar de me contar porque... Porque eu não deixei. — Era bom finalmente poder assumir a culpa para outra pessoa além de sí mesma. — Se você puder e quiser, claro.

Dave sorriu.

— Acho que não precisamos ir à aula hoje. Sente-se — pediu, sorrindo. Era tão bom vê-lo assim. Sônia o obedeceu, indo para o mesmo sofá de couro que da outra vez. Dave se posicionou em uma poltrona próxima, também de couro macio. — Onde paramos?

— Anita e suas reencarnações — respondeu ansiosa.

— Pois bem. Hmm, vejamos... Houveram outras reencarnações antes de Blair, mas não cheguei a conhecer nenhuma delas. Segundo as datas, a primeira vez que ela voltou foi em 1343. Uma gerra complicada foi travada entre os vampiros e feiticeiros naquela época... E Anita morreu em seus vinte e quatro anos. A segunda vez que ela voltou foi em 1384 se não me falha a memória. Não sei o que aconteceu dessa vez, mas ela morreu vinte e um anos depois de nascer. Blair foi a primeira reencarnação de Anita que conheci. Isso foi muitos anos após minha morte... — Dave parou, seu semblante obscurecendo. — Não vou lhe contar a minha história hoje, porque o foco é você e Blair. Não pense que estou lhe escondendo nada, por favor... É que, mesmo depois de tanto tempo, ainda é difícil falar sobre isso.

Sônia assentiu, sorrindo, tentando compreender. Dave continuou:

— Na Muralha, existe uma monarquia bem clara. É um sistema que funciona, diferente de como

foi para os humanos. O Imperador pensa e age pelo bem da nação. Isso abrange todos os vampiros da face da terra, então, de um jeito, ou outro, ele é respeitado. Tem a responsabilidade de cuudar da segurança de Anita, dos vampiros que não conseguiram se encaixar na modernidade dos novos tempos e claro, manter nosso segredo em segredo... É um lugar pacífico, acredite. E maravilho. Uma enorme extensão de terras, toda cercada por um muro enorme todo de pedra e um vasto e maravilhoso jardim. Você adoraria conhecer. Há uma variedade enorme de árvores e flores... — Sônia pode ver que Dave estava maravilhado enquanto descrevia o lugar. Seus olhos brilhavam, tendo esquecido o verdadeiro propósito da conversa. Era tão admirável ver seu patriotismo. Era um amor seguro de que falar. Não feria, não machucava.

Sônia sorriu, encantada.

— Você ama esse lugar, certo?

— Claro! É minha casa, onde fui recebido e considerado e respeitado como um lorde, pois não perdi minha alma durante a transformação, o que foi muito estranho. Eu fui convidado para cuidar dos assunto reais e isso me deslumbrou. Por mais que exista hierarquia, não é o que aparenta. Pelo menos dentro do palácio. Fora, a brutalidade é inevitável. Não são todos os vampiros que podem ter uma alma.

Isso confundiu Sônia. Franzindo a testa, ela se perguntou o porquê. Não seria melhor se todos os vampiros tivessem alma e assim, adquirissem a capacidade de amar? Dave já lhe explicara as diferenças de se ter, ou não uma alma, mas essa era uma nova informação.

— Por que?

Dave pareceu lutar para encontar as palavras corretas e responder a pergunta de Sônia.

— Eles foram transformados de forma brutal, terrivelmente brutal. E isso lhes marcou a alma para sempre. Se eles a tiverem de volta, todos os sentimentos que sentiram ao morrer voltarão com mais força. Não sabe quantas catástrofes podem ocorrer se isso acontecer — disse Dave, lembrando-se da morte do pai. Sacudiu a cabeça, tentando expulsar as imagens de sua mente. Era melhor continuar do que relembrar aquele lado sombrio de sua história. — Blair nasceu 1467, mas só foi descoberta pelo Imperador em 1485. Saulo Ignoro, filho dele, foi designado para salvá-la, pois ela havia sido aprisionada no castelo do vilarejo de Dior, sob a acusação de feitiçaria. A mãe dela era uma vampira e o pai, humano. Foram mortos em uma fogueira em praça pública, pois uma vizinha os acusou de serem feiticeiros.

— Meu Deus! — exclamou Sônia, horrorizada.

Dave contorceu as mãos, como se precisasse bater em alguma coisa. Estava visivelmente irritado.

— Eles queriam estudar Blair, saber de onde vinha a magia. Mas Saulo conseguiu tirá-la de lá — nesse momento, a voz de Dave ficou estranha, quase mortal. — Ele a salvou.

Levantou-se com raiva, e Sônia entendeu o que se passava no coração de Dave: ciúme. Intrigada, perguntou:

— O que houve? Por que está assim?

— Eu era amigo de Saulo. Ele era meu melhor amigo, quase meu irmão. E eu odeio... — Sua voz saiu em um sussurro morto.

— Odeia ele? — suspeitou Sônia, interrompendo-o. — Por que? Ele se apaixonou pela garota que você gostava e você se sentiu traído?

Dave sorriu tristemente.

— Foi o contrário. Estávamos na festa de comemoração ao retorno da deusa, quando Saulo me contou que planejava pedir Blair em casamento, afinal, estava apaixonado por ela. Foi então que eu a ví, descendo a escadaria. Não vou mentir, Sônia — murmurou desolado. — Eu me apaixonei por Blair no instante em que pus meus olhos nela. E sabe o que é mais extraordinário? Ela sentiu o mesmo — disse desacreditado, ligeiramente perplexo. — Eu dancei com ela, a beijei naquela noite.

Sônia se lembrou de um dos sonhos que teve. A dor de ver Dave beijando outra era repugnante e enjoativa. Subitamente, sentiu-se mal.

— Foi a beira de um lago, não foi? — perguntou ela.

— Como sabe? — indagou Dave surpreso.

— Eu ví. Em um dos sonhos que tive.

Dave sorriu.

— Hmm. Seus poderes estão aflorando. Você é uma deusa quase completa agora. Só falta chegar aos dezoito e estará imune à troca de alma para sempre e então... — ele engasgou, não podendo continuar.

— E então... — instigou Sônia.

Dave olhou para além da janela, para o jardim, como se estivesse buscando forças da natureza, ou controlando os própios sentimentos.

— Blair morrerá. Definitivamente.

~•~♥~•~

Karina encontrou Kevin no topo da mesma colina em que o vira da outra vez, olhando a cidade logo abaixo, ou o nascer do sol adiante. Ele estava lindo na cadeira de rodas, vestindo um casaco grosso marrom terra claro e um boné azul de um time de futebol americano. Ela nunca esquecera como era a sensação de estar perto da pessoa que mais amava. Sentia isso agora. Um sentimento de paz pura e o aquecer de seu coração.

— Oi — cantaroulou ela, aproximando-se e sentando-se na pedra ao seu lado. Só em vê-lo, seu humor subitamente melhorava. Parecia uma adolescente apaixonada e se sentia como uma.

— E aí? — saudou Kevin. Seu sorriso era tão lindo.

Seus olhos brilhavam com o relfexo dos primeiros raios de sol. Aquela visão tirava o fôlego de Karina. A quanto tempo seu coração batia por amor?

— Estou bem. — Karina olhou ao redor. Estava vazio e muito quieto. A brisa era tão leve, quase inexistente, ao bater em seus rostos. O farfalhar da grama, o cantar dos pássaros... Tudo fez com que aquilo parecesse um sonho. — Por que sempre vem aqui?

O chão pedregoso da subida devia ser muito prejudicial para as rodas finas da cadeira de Kevin, até mesmo perigoso. O caminho para chegar alí era íngrime e acidentado, cheio de buracos. Uma vegetação rasteira cobria a maior parte do local plano onde estavam sentados. A área que não estava corbeta por mato era cheia de terra vermelha e parcialmente barrenta, contrastando com a parede de pedra onde o sol batia.

— É o único lugar em que fico em paz — disse ele suavemente.

— Como assim?

Kevin suspirou, sorumbático.

— Em qualquer canto que eu vá, seja a escola, o cinema, até mesmo a padaria... As pessoas me olham com pena! Como um pobre coitado que nunca andou na vida. Eu não gosto disso. Não quero isso — assegurou ele, firme. Seus olhos demontravam toda a tristeza contida.

Karina baixou o olhar.

— Eu entendo.

— Como pode entender, Karina? — ele não estava com raiva dela, mas melancólico quando falou. — Você está aí, toda linda, com suas pernas em perfeito estado. Você pode andar... Eu não.

Ele disse que sou linda?, encantou-se Karina.

— Mas mesmo assim, eu posso me solidarizar — sussurrou ela, seus olhos maiores que o normal.

— Eu nunca vou andar, Karina. Já aceitei isso. Mas eu não quero pena de ninguém. Sabe porque gosto tanto de você? De Sônia, Emily, Alysson e Carrie? Até do Dave? Eles não me olham com pena. Nunca olharam...

— Você gosta de mim? — o coração de Karina pulava de alegria. Engasgou se com a própia felicidade. Era sem igual o sentimento que a tomou.

— Claro! — sorriu ele. — Somos amigos.

— Então, nesse casso... — Karina escondia um sorriso. — Eu posso tentar uma coisa, sem que você se magoe? Eu preciso descobrir algo, e só tem um jeito de fazê-lo.

— No que eu puder ajudar... — disse Kevin prestativo.

Karina sorriu, e se inclinou para tocar os lábios dele som os seus.

~•~♥~•~

Dave voltou da cozinha com uma caneca grossa e amarela nas mãos. De longe, se percebia uma fumaça clarinha saindo de dentro do copo, indicando que o conteúdo estava morno. Entregou para Sônia e ela ofegou ao ver o que Dave tinha trazido para ela.

— Como você… Como você sabia de minha bebida preferida? — indagou ela, surpresa. Bebeu um pouco do chocolate quente, ainda olhando para Dave que andava pelo escritório, mechendo em seus livros antigos.

— Era a bebida preferida de Blair — reapondeu ele calmamente. — Mais do que qualquer outra coisa, ela amava chocolate quente.

De repente, o chocolate já não estava mais tão atrativo. Engoliu em seco, e assentiu para sí mesma, dizendo que isso se devia a ambas terem a mesma alma. Hmm... O que mais tinham em comum além da cor dos olhos e da bebida preferida? O amor por Dave.

— Dave? — chamou ela, indecisa se lhe fazia a pergunta, ou não. Pôde perceber que era um tema difícil para ele conversar, não queria magoá-lo.

— Sim? — Ele a olhou, sereno.

— O que aconteceu entre você e Saulo? Você o odeia?

Ele pareceu levemente incomodado por tocar naquele assunto em particular. Engoliu seco e andou pelo escritório nervosamente. Com as mãos nos bolsos da calça, ele olhou para uma pequena escultura grega em sua mesa.

— Não. Eu não odeio Saulo — Dave voltou a andar e se recostou na poltrona em que estava

sentado antes, abatido. — Eu odeio a mim mesmo. Fui eu quem o apunhalou pelas costas a partir do momento em que decidi que lutaria por Blair. Odeio-me por ter feito tudo o que fiz com ele. Ele me acusa de ter lhe roubado a chance de conquistá-la e é verdade.

Nada o incomodava mais do que a saudade que tinha de ter Saulo ao seu lado, o apoiando. Exceto, é claro, por Blair não acordar. E agora, nunca mais a veria. Saulo e ele eram amigos, e odiavam um ao outro tanto quanto a sí mesmos. Dave podia negar, mas odiava o filho do Imperador. Ambos se culpavam por Blair ter caído no sono de Pandora, assim como culpavam um ao outro.

Custava admitir para sí mesmo que estava traindo o amigo novamente, tirando-lhe a única chance que tinha de trazer Blair a vida novamente, tirando-a daquele estado entorpecido. Mas não deixaria nada machucar Sônia, nada.

— Você disse que ela caiu no... Sono de Pandora. O que é isso, exatamente? — perguntou Sônia, tentando trazer Dave de volta à conversa.

Ele a olhou. Levou alguns segundos para responder.

— É uma das pragas que estavam guardadas na caixa de Pandora. Semelhante a estar em coma. Porém, essa doença só se manifesta nos deuses. É como se o tempo parasse. Blair não envelheceu um segundo sequer. Mas também não se mecheu, só ficou deitada, dormindo... É preciso um estado de confusão mental desesperador para cair no Sono de Pandora. Às vezes, acho que os deuses se forçam a ficar doentes. É uma forma de se abster dos problemas, ou retardá-los. Mas também agoniante quando não se consegue voltar. E Blair não conseguiu.

Sônia sentiu pena da garota de cabelos arroxeados pela primeira vez desde que ouvira falar dela. Quem sabe o que ela não estaria sofrendo agora?

— O que aconteceu para ela ficar doente? Por favor, Dave, me diga... — implorou ela. Dave estremeceu por algo de que lembrou.

— No dia do casamento deles, eu estava desesperado. A mulher que eu amava se casaria com meu melhor amigo... Que jeito mais infeliz de se perder alguém — Sônia viu a tristeza no olhar da Dave e tentou conter o ciúme. — Eu não podia deixar! Eu a amava e ela me amava também. Blair não queria aquele casamento de jeito nenhum!

Sônia franziu a testa, confusa.

— Então, por que ela aceitou? Se não amava Saulo, era só ter dito não.

Dave se remexeu na cadeira, desconfortável com a pergunta de Sônia.

— Porque Saulo salvou a vida dela. Livrou-a das torturas que o pessoal de Dior poderia tê-la submetido. Era mais uma forma de agradecê-lo, do que qualquer outra coisa. Ela gostava dele, mas como amigo. Era só.

Sônia começou a rir sem humor, encarando a situação ao seu própio ver. Uma idiotice, pensou ela. Isso tudo poderia ter sido evitado. E então, se pôs no lugar de Blair — uma garota sozinha, orfã e com dois pretendentes na sua cola. Um salvara a vida dela, mas era o outro quem ela amava. Ela tinha direito de estar confusa e tomar decisões erradas. Sônia mesmo não fizera isso várias vezes? Parecia injusto julgá-la sem conhecer o caráter de Blair.

— Como era a Blair? — soltou a pergunta sem querer. Dave sorriu, olhando para Sônia com os olhos humorados.

— Ingênua, e assustada depois da morte dos pais. Acreditava em todo mundo, gostava de rir de qualquer besteira... Amava chocolate quente — disse Dave, rindo. — E era muito benevolente. Ela

era boa, não havia nada de ruim nela. O Imperador perguntou certa vez se deveria punir os humanos que mataram os pais dela. Sabe o que ela disse?

— Não.

— Que não importava — disse ele, dando de ombros.

Sônia ofegou, arregalando os olhos.

— Não importava? — ironizou ela. — Mas mataram os pais dela!

Estava chocada. Qualquer outra pessoa iria querer vingança no mínimo. Mas por que não Blair? O que a impediu de fazê-lo? Dave respondeu sua pergunta não dita.

— Sim. Mas ela disse que não importava mesmo assim. Matá-los não os traria de volta. Eles continuariam mortos e Blair jamais voltaria a vê-los. O que valeria o esforço, a dor de cabeça, ou a amargura? Ela não sentiria menos saudade, muito menos satisfação causando sofrimento à outros, mesmo que fossem culpados.

Sônia sentiu lágrimas encherem os própios olhos ao pensar nos pais e em tudo o que eles suportaram para protegê-la. Será que eles eram tão culpados assim? De qualquer modo, mesmo depois do que ela estava fazendo, eles ainda a amavam. Se ela estava disposta a perdoar e pedir perdão à Dave, poderia fazer o mesmo com os pais, certo?

— Você sabe de tudo agora. Deve ter muito em que pensar — comentou Dave.

— Nem tanto assim — discordou Sônia. — Algumas coisas me incomodam ainda... Vai levar um tempo para eu aceitá-las. Mas não é nada demais se comparada à outras.

Dave a encarou, sem nunca desviar o olhar.

— Como o quê, por exemplo? — perguntou.

— Ser quem sou. Ser... Anita.

Dave sorriu. Ela sempre soubera que era especial e agora que sabe o motivo, estranha? De repente, uma ideia surgiu em sua mente.

— Vem comigo — pediu ele, ansioso.

Sônia o olhou e cautelosamente aceitou a mão estendida de Dave. Ele a guiou para as escadas de mármore em espiral que parava na parte superior da biblioteca-escritório. Passando pelos livros, Sônia olhou as datas distraídamente. Alguns tinham mais de quinhentos anos, ainda em capas de couro. Outras raridades escritas a mão... Todos muito bem concervados, mas com cheiro de velharia como ela costumava chamar.

Dave parou de frente para mais uma portinha minúscula, que ficava entre duas estantes embutidas. Ao abri-la, uma escadinha de mármore branco igual a que acabaram de subir, porém mais estreita, foi revelada. Ele convidou-a a ir na frente, explorar por ela mesma.

— Para onde estamos indo? — perguntou Sônia enquanto subiam.

— Você vai ver.

No final da escada, um espaço amplo com piso de madeira encerado apareceu. Estava cheio de espelhos, como um estúdio de dança, e algumas caixas misteriosas, lacradas a muito tempo. Alguns objetos estavam cobertos por lençóis brancos. Havia uma poltrona facilmente indetificável por baixo dos panos, algumas telas antigas e mais livros. Tudo muito bem organizado e empilhado nos cantos mais extremos.

Dave andou até um toca discos velho, colocando uma música lenta e fluida, onde o piano prevalecia juntamente da bela voz que cantava. Era ritmada, nostalgica, mas uma encantadora

melodia. E de uma letra linda. Suave, como um bater de asas. Sônia olhou em dúvida para Dave.

Ele a tomou nos braços delicadamente, girando conforme a música. Um, dois, três... E começavam novamente.

— Não precisa ter medo de ser quem é — disse ele, olhando-a com carinho.

Sônia engoliu em seco. Seu coração palpitava. Era a primeira vez que estava assim, tão próxima a Dave, em dias. Sentira tanta falta... Mas só agora pôde ver a dimensão da saudade que ele deixara.

— Mas eu tenho — sussurrou. — Um mês atrás, eu era uma garota com problemas psicológicos, com pais ausentes e que vivia reclamando da mesmice. Agora eu sou uma... deusa, ou a reencarnação de uma, que está apaixonada por um vampiro e que tem medo de se deixar levar, porque ele também está apaixonado pela reencarnação anterior. Tenho uma amiga vampira e outra que é feiticeira. Meu pai é um sugador de sangue também e toda minha família me enganou durante anos — choramingou Sônia. — E eu posso ser a culpada de ter separado meus pais e que por conta disso tenho uma irmã que me odeia...

Dave a abraçou, confortando-a. Ela chorou descomunalmente, sentindo a infelicidade invadindo-a. Gentilmente, suas costas receberam o afago que Dave lhe dava. Nem por um momento, pararam de dançar.

— Sabe por que te trouxe aqui? — perguntou ele de repente.

— Não — gemeu ela, com a cabeça apoiada no peito dele.

— Por conta disso aqui.

Sônia girou para ver o que Dave apontava e ele manteve um braço em suas costas. Era um espelho, grande e curvo, o que ele queria mostrar. Sônia viu seu reflexo e percebeu o quanto parecia despresível, com Dave lindo ao seu lado. Viu o rosto banhado em lágrimas e seu cabelo preso na nuca. Kelly tinha razão. O reflexo já não era um simples avermelhado, mas um bordô deslumbrante. Mesmo assim, ela não achou grande coisa. Parecia desajeitada em seu moletom com mangas que ultrapassavam a linha do pulso, sua calça jeans azul marinho e sua blusa branca lisa e insignificante.

— Vê? — disse ela, indicando a sí mesma no espelho. — Como eu posso ser uma deusa?

Ela olhou para Dave, esperando uma resposta. Em troca, ele sorriu para ela docemente.

— Olhe novamente — pediu.

E ela olhou.

Estava totalmente diferente. O cabelo escuro já não possuia mais um reflexo avermelhado, sequer bordô. Era azul, um lindo e magnífico azul. A pele parecia mais corada, o reflexo parecia mais alto. No espelho, ela usava um vestido monocromático preto. A saia tinha várias camadas grossas que caíam suavemente uma sobre a outra, fundindo-se com um corpete na cintura e com mangas fofas, com pucos babados.

Apenas os olhos eram os mesmos. Aquele familiar tom azul translúcido.

— Há muitos anos, um feiticeiro colocou um feitiço nesse espelho. Quem se olha nele, não vê o própio reflexo, mas a verdadeira natureza, quem é na verdade. Sem máscaras, nem mentiras — explicou Dave. — Essa quem você vê é Anita. Nada de reencarnações, mas sim sua essência. Ainda duvida de que você seja ela?

Sônia sorriu, encantada. E cheia de curiosidade, olhou para o reflexo de Dave.

Ele vestia uma roupa de gala, explêndida em seu corpo esguio e escultural. O cabelo todo para trás, como os homens deviam usar naquela época em que ele nasceu. Mas seu rosto, o verdadeiro,

era totalmente diferente do que ela imaginou. Os olhos vermelhos estavam lá, mas não completamente. Apenas um contorno bordô ao redor das íris escuras. As veias estavam mais visíveis no cristalino, a parte branca do olho, e a pele ao redor dos grossos cílios estava levemente acinzentada. Os caninos não apareciam, mas sabia que estavam lá.

E mesmo assim, ele continuava lindo.

No espelho, o rosto se contorceu de angústia.

— Como nós ficamos? — perguntou Dave.

Sônia desviou os olhos do relfexo para olhá-lo de verdade.

— Sabe o que mais me incomodava em relação a isso? A nós? — indagou ela. Dave negou com a cabeça. — Era a incerteza do que você sentia por mim. Se você amava Blair tanto quanto disse, por que deixou de me matar se isso a salvaria? Eu preciso saber, Dave. Por favor, me diga: Por que você me ama? — os olhos de Sônia cintilavam na penumbra por causa das lágrimas não derramadas. Elas nublavam sua visão.

Dave a olhou, com os olhos também marejados. Marejado de sangue.

— Mais do que qualquer outra coisa, Sônia, mais do que qualquer pessoa... Você fez com que eu me sentisse vivo. Era como se eu pudesse esquecer minha natureza e quem eu sou quando estou com você. E foi por esse motivo que a deixei no escuro tanto tempo, foi por esse motivo que não a matei. Naquela primeira noite, na fogueira, ví seus olhos e foram eles que me pararam. Eu poderia tê-la matado, mas fui incapaz, pois sabia que se o fizesse, me arrependeria amargamente.

Sônia sorriu, feliz pela resposta e pela sinceridade nas palavraa de Dave. Ela queria, sentia que podia amá-lo. E o faria, sempre, pois seu destino sempre esteve ligado a ele e o dele estava ligado a ela. Por um tempo indefinido.

— Sabe quando uma pessoa está se afogando no mar e de repente aparece um helicóptero para salvá-las com uma rede? — indagou ela. Dave assentiu, embora confuso. — É assim pra mim, Dave. Você é a rede que me salva e que me prende ao mesmo tempo. Por mais que eu queira, não consigo ficar longe, não consigo esquecer. Como você faz isso?

Dave riu de alegria, abraçando Sônia possessivamente. Ela era dele e de mais ninguém.

— Eu não sei. Amando você demais, talvez.

— Pois então, me ame. Me ame para sempre. Salvemo-nos mutuamente dessa escuridão que nos cerca — disse Sônia.

A luz do sol invadiu o sótão através da pequena e quadrada janela de vidro, iluminado-os magestosamemte. Naquele momento, Sônia se sentiu livre daquele círculo de fogo em que estava presa em seus sonhos/pesadelos. Eles continuaram a dançar, sentindo o batimento dos própios corações.

— Eternamente — jurou Dave.

E eles se beijaram. Não importava quantos inimigos viessem, nem as barreiras que ameaçassem derrubá-los. Ficariam bem, desde que estivessem juntos.

Eternamente, repetiu Sônia em pensamento.

Epílogo

A Hora do Despertar

"Eu estive dormindo por mil anos.
Parece que tenho de abrir meus olhos para tudo.
Sem um pensamento, sem uma voz, sem uma alma...
Não me deixe morrer aqui, deve haver algo mais.
Traga-me para a vida."
Bring me to life - Evanescence

Rugindo assustadoramente, um vento furioso invadiu o quarto, fazendo com que as cortinas pesadas e escuras se balançassem, forçando a estrutura de metal que as sustentava. Na completa penumbra, as paredes de pedra em seu formato retangular ganharam um tom complexo de vinho que era tão sombria quanto a noite sem lua lá fora. Uma completa escuridão.

Móveis antigos de mogno estavam organizadamente distribuídos pelo quarto espaçoso, sempre trabalhados com algum tipo de metal ou pedraria que dava a eles um ar luxuoso, porém simples. Antiguidades que valiam fortunas estavam guardadas naquele quarto, já que grande parte daqueles móveis eram tão velhos quanto documentos históricos em museus.

Da sacada, com uma grade de proteção feita de ferro puro, podia-se ver as tochas que iluminavam as ruas da pequena aldeia. A modernidade não chegaria na Muralha tão cedo, muitos dos vampiros que alí viviam sequer sabiam o que era um telefone celular. Eram completamente alheios a eletrodomésticos ou automóveis. Muitos andavam a cavalo devido ao estábulo próximo, onde os corséis eram mantidos, salvos dos temporais constantes.

Um grupo de morcegos voou por alí, fazendo com que aquele som agudo e desmedido que lhes servia de radar soasse por toda a extenção da parede de pedra, assustando uma coruja que estava descançando em um galho de uma árvore qualquer.

No centro do quarto, uma cama de lençóis escuros estava prostada em cima de um tapete romano. Sob o dóssel, armação ornameltal forrada e franjada colocada sobre a cama, Blair ressonava. Quem a via desse jeito, acreditava que ela estava tendo um sono tranquilo, repleta na mais perfeita paz.

Mal sabia o quão terrivelmente enganado e longe da verdade estava.

Em seu sono, Blair estava em um lugar que não conseguiria descrever por conta da total escuridão. O que ela sabia é que era um cômodo pequeno, fechado, não havia janelas nem portas. Ela estava sentada no chão frio, tremendo por conta da baixíssima temperatura.

Havia muito que perdera a noção do tempo. Entorpecida em um estado de negligência absoluta. Já não falava, estava cada vez mais fraca, sucumbindo ao desespero de estar sozinha. Algo estava sendo arrancado à força de dentro de sí. Machucava, causava uma dor sem tamanho e ela não conseguia pedir que parassem, nem escapar das mãos invisíveis que a mantiam presa. E mesmo assim, sabia que estava sozinha.

Ela fazia companhia a sí mesma. No início, gritara e chorara ao berros, debadento-se de encontro à parede. Ninguém a escutara. Seu pedido de socorro fora ignorado completamente, deixando um vasto espaço para as dúvidas que a assoitavam a cada segundo.

Ele me esquecera?, fora a primeira coisa que se perguntou quando ficou óbvio que a haviam

abandonado. Não virá me buscar?

O tempo passava, e ela ficava cada vez menos apavorada, e cada vez mais enfurecida. Se convensera de que Dave a esquecera completamente, deixando-a a própia sorte. Até mesmo Saulo se tornara uma decepção.

Mas nas últimas semanas, as coisas mudaram para pior. Seus poderes de deusa a guiavam para o foco de suas perguntas, para ele. Conseguira uma forma de saber o que estava acontecendo. Procurava o rosto de Dave e então o encontrara na companhia de outra. Era Sônia.

Não existem palavras para descrever o que sentira. Foram cinco estágios até que finalmente percebera que fora trocada. Primeiro veio a negação, pois ela acreditava no amor de Dave e se iludira em pensar que ele estaria sempre alí por ela. Depois veio a confusão quando ficara evidente de que aquilo não era uma mentira, uma farça criada por sua mente, seguida da incredulidade, impotência e por fim...

Um ódio mortal.

Aquele ódio era tão forte! Era um fogo comsumidor, um terremoto demolidor que a destruía por dentro de forma desesperada. Não parava, não hesitava.

Por que deveria machucar a ela? Era para estar voltado para aqueles dois, principalmente pela usurpadora que roubara seu lugar.

Você me roubou, pensava ela sem parar.

Ela já sabia o que queria fazer, mas estava presa presa naquele estado sombrio de inconsciência.

Mais uma vez, a ventania voltou a rugir com ferocidade no quarto. Seu canto grosseiro e intimidador ressoou por todo o ambiente e Blair permanecia deitada na cama. Movimentos suaves de seu peito indicavam que ainda estava respirando. Isso era o suficiente para acalmar a pessoa que estava ao pé da cama, coberto por uma capa preta de couro sinistra e com capuz cobrindo seu rosto. Seus olhos penetrantes e verdes observavam a deusa, encarando-a com superiorodade e um sorriso cínico no rosto.

Em um movimento rápido, virou-se e ágil, pulou da sacada, deixando a deusa sozinha novamente.

O rosto de Blair ficava cada vez mais pálido, somente as maçãs do rosto possuiam alguma cor. Seus longo cabelo ondulado, sempre com aquele reflexo violeta estava mais cedoso, vívido. Pela primeira vez em séculos, seu coração batia desesperado. Doía. Uma dor alucinante em seu peito, uma pontada seguida da outra e que se espalhava por seus braços e pernas.

Estava infartando. De repente, seu coração parou e voltou a bater muito lentamente depois de uns minutos, calmo.

Foi então que suas pálpebras tremeram e se abriram, revelando seus olhos avermelhados e sua vontade súbita e irresistível por sangue. Sorriu mortalmente ao perceber o que havia acontecido e quem ela escolheria para primeira vítima.

É chegado a hora de conhecer Sônia Hussett.

Próximo volume da série Lost in the Darkness

"O coração de um Vampiro"

Agradecimentos

Meus mais sinceros agradecimentos para;

• Adelane, minha professora de língua portuguesa do fundamental II. Obrigada por despertar em mim, a paixão pela leitura. Não sei o que seria de mim sem os livros.

• Rebeca Xavier, autora de "Retalhos" e professora de literatura e gramática do Ensino Médio. Muito obrigada por apoiar e aceitar criticar meu manuscrito. É uma honra ser sua aluna.

• Walber Stefano, professor de filosofia e sociologia do Ensino Médio. Obrigada pelos concelhos e por me mostrar o quão vasto é o mundo das ideias. Tão bom quanto viver a vida, é vivê-la com sabedoria.

• Lu Piras, autora de "equinócio". O que dizer? Seu incentivo foi uma parte muito importante para mim. Agradeço sinceramente. E obrigada por divulgar meu livro!

• Karina Schiassinatti, Blog Walking In Bookland. Nossa, é realmente muito importante ter a opnião de uma blogueira literária. Obrigada por ter aceitado tão cordialmente, ler o meu original.

• Lininha, do blog Irmandade Robsten, Fernanda, do blog Amor Robsten e Mandy Porto, do blog My Little World Of Books. Honestamente, obrigada por divulgar O destino de um Vampiro em seus blogs. Essa ajuda é muito bem-vinda e podem contar comigo para o que precisarem.

• Dara Lima, Ana Luiza, Carla C., Eloisa Moura e Nathalie Lima — minhas Unnies! Obrigada pelo apoio. Se não fosse por vocês, este livro não estaria pronto até hoje! Então... Komaweo!

Obrigada também a Stephenie Meyer, a Evanescence, aos cantores cujas músicas fazem parte da trilha sonora de The Vampire Diaries e a muitos outros. Sem vocês, eu não teria tido inspiração suficiente para realizar esse sonho.

E, claro, a TODO mundo do twitter que vem me apoiando. Gente, vocês são demais, de verdade. Muito obrigada!

Agradeço também a minha família, por tudo o que fizeram e fazem por mim. Muito obrigada!

Autora

Ingryd Novaes nasceu em 1996 e sempre gostou de ler. Mas foi somente em uma dinâmica que ela se tornou uma amante da literatura. O primeiro livro que ela leu foi Paixão Mortal, da série Rua do Medo do autor internacional R. L. Stine. Quando a saga crepúsculo surgiu em sua vida por meio de conversas alheias, foi que finalmente se apaixonou pelo sobrenatural. Desde então, vive correndo atrás desse tipo de leitura.
E foi lendo Crepúsculo que surgiu a inspiração para escrever a série que ela carinhosamente abreviou para LD.

Entre em contato com a Autora

Blog: http://asquimerasdeapolo.blogspot.com.br/
Site da série: http://darknessanovel.blogspot.com.br/
Twitter: @Ingryd_loves
Facebook: Ingryd Queiroz
Email's: ingqueiroz@hotmail.com
asquimerasdeapolo@gmail.com
Ingrydcpa@gmail.com
Ingrydq@gmail.com